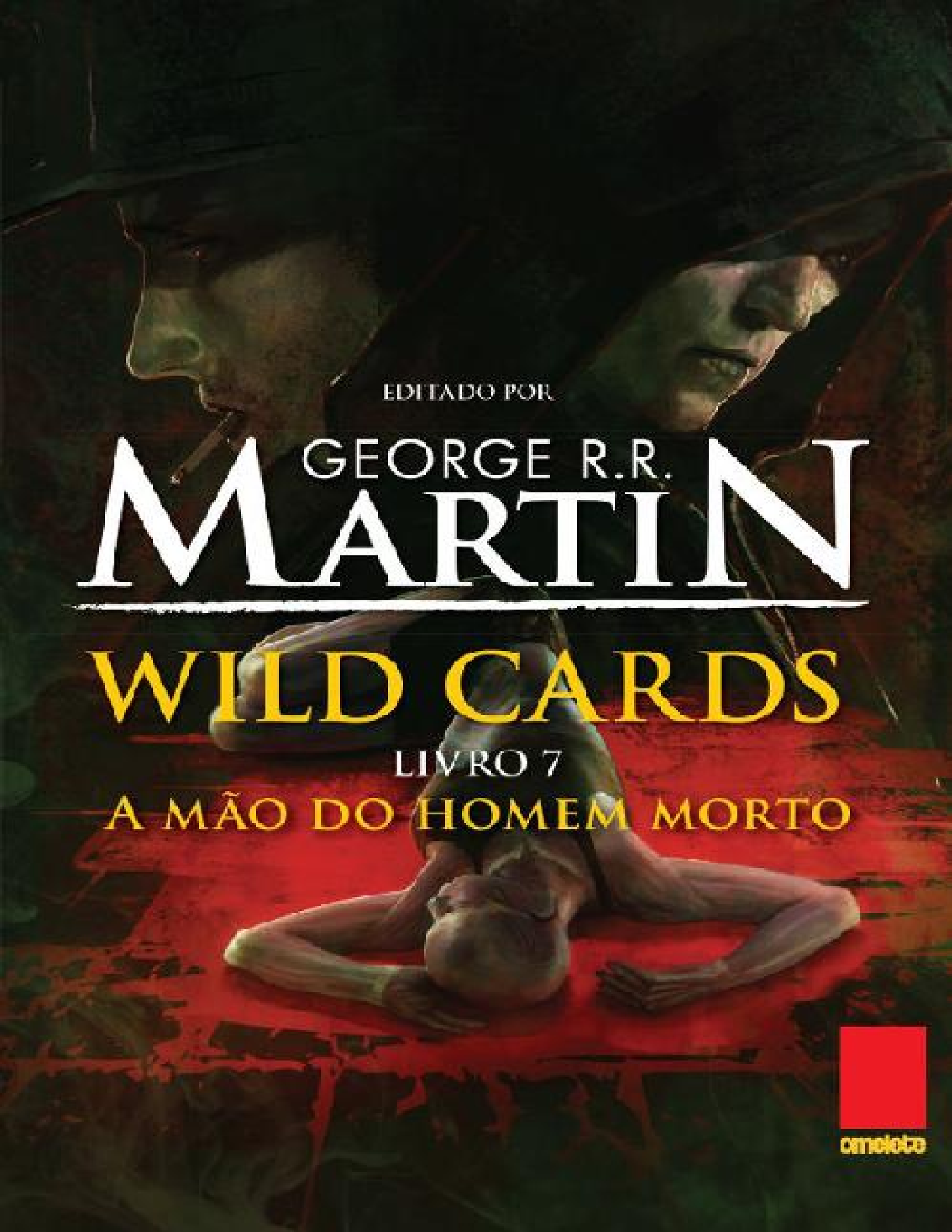

EDITADO POR
GEORGE R.R.
MARTIN
WILD CARDS
LIVRO 7
A MÃO DO HOMEM MORTO
aleph

ENQUANTO A ELEIÇÃO presidencial americana pega fogo, um assassinato brutal abala o Bairro dos Curingas. Crisálida, a charmosa e influente curinga de pele translúcida, é morta em sua própria residência, o Crystal Palace. Na cena do crime, uma singela carta de baralho jazia ao lado do corpo: o ás de espadas.

Quem encontra a mulher é o detetive particular Jay Ackroyd, o Popinjay, contratado pela vítima para ser seu guarda-costas. Crisálida teve a cabeça cruelmente esmagada. Intrigado com o homicídio, o detetive resolve investigar e encontrar o culpado.

O arqueiro Yeoman, que era muito próximo de Crisálida, também fica sabendo do assassinato, mas mal tem tempo de ficar triste pela perda, porque descobre que está sendo considerado o principal suspeito do crime. Junto com Jennifer, sua atual namorada, ele volta para o Bairro dos Curingas com a intenção de provar a sua inocência, e promete vingança contra o verdadeiro responsável.

Com uma trama repleta de suspeitos, personagens ambíguos e histórias entrelaçadas, *A mão do homem morto* se desenvolve paralelamente ao livro que o antecede na série – *Ás na manga* –, focando no homicídio de Crisálida e na busca do detetive e do arqueiro pelo assassino.

WILD CARDS

LIVRO 7

A MÃO DO HOMEM MORTO

EDITADO POR

GEORGE R.R. MARTIN

WILD CARDS

Editado por
George R.R. Martin

Escrito por
George R.R. Martin e John J. Miller

Tradução:
Camila Fernandes

LIVRO 7

A MÃO DO HOMEM MORTO

omeleto

Copyright © 1990 by George R.R. Martin and the Wild Cards Trust
Tradução para a Língua Portuguesa © 2017 Casa da Palavra/LeYa, Camila Fernandes
Título original: *Wild Cards VII: Dead Man's Hand*

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Preparação: João Pedro e Bruno Alves
Revisão: Pedro Staite
Projeto gráfico de capa e miolo: Rico Bacellar
Ilustração de capa: Marc Simonetti
Adaptação de capa: Leandro Dittz
Diagramação: Filigrana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB—8/7057

Martin, George R.R.

Wild Cards: A mão do homem morto / escrito e editado por George R.R. Martin e John J. Miller; tradução de Camila Fernandes. – Rio de Janeiro: LeYa, 2017.
336 p. (Wild Cards ; 7)

ISBN 978-85-441-0497-2
Título original: Wild Cards: Dead Man’s Hand

1. Ficção fantástica americana I. Título II. Martin, George R.R. III. Miller, John J. IV. Fernandes, Camila V. Série

CDD: 813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção fantástica americana

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 | sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br

para Mary Mertens

SUMÁRIO

Nota do editor

Segunda-feira, 18 de julho de 1988
5h00
7h00
8h00
12h00
15h00
16h00
19h00
20h00
21h00
22h00
23h00

Terça-feira, 19 de julho de 1988
2h00
9h00
11h00
13h00
14h00
20h00
21h00

22h00
23h00

Quarta-feira, 20 de julho de 1988
5h00
6h00
9h00
11h00
12h00
13h00
14h00
19h00
21h00
22h00

Quinta-feira, 21 de julho de 1988
1h00
3h00
4h00
6h00
8h00
17h00
18h00
19h00
22h00
23h00

Sexta-feira, 22 de julho de 1988
6h00
9h00
10h00
11h00
12h00
13h00

15h00
16h00
18h00
19h00
20h00

Sábado, 23 de julho de 1988

8h00
9h00
10h00
11h00
13h00
16h00
18h00
20h00
21h00
22h00
23h00

Domingo, 24 de julho de 1988

3h00
11h00
12h00
14h00
15h00
16h00
17h00
21h00
22h00

Segunda-feira, 25 de julho de 1988

4h00
7h00
9h00

10h00
12h00
13h00
22h00
23h00
0h00

Nota do editor

Wild Cards é uma obra de ficção ambientada num mundo completamente imaginário, cuja história corre paralelamente à nossa. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos retratados são fictícios ou usados de modo ficcional. Qualquer semelhança com fatos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência. As obras contidas nesta antologia são de ficção; e quaisquer livros ou textos mencionados também são fictícios. Não há intenção de retratar autores reais ou insinuar que possam realmente ter escrito ou publicado os ensaios ou outras obras mencionadas nesta antologia.

Segunda-feira

18 de julho de 1988

5h00

As árvores se mexiam, embora não houvesse vento.

Ele não sabia quanto tempo fazia que vinha andando, nem como tinha chegado àquele lugar, mas estava ali, sozinho e com medo. Era noite, uma noite mais longa e mais escura do que qualquer outra que ele já havia visto. O luar pintava a paisagem em tons de preto e cinza, mas a lua estava obscenamente cheia, com uma cor de carne apodrecida. Olhou-a uma vez, e, por um terrível momento, ela pareceu *pulsar*. Sabia que não deveria olhar de novo. O que quer que fizesse, não deveria olhar de novo.

Ele continuou a andar. A cada passo, a grama cinzenta e fina parecia agarrar em seus pés descalços, gavinhas gordurosas deslizando entre seus dedos. E as árvores se mexiam. Mesmo sem vento, elas se mexiam. Despidos de folhas, galhos longos e cruéis se torciam e retorciam conforme ele passava, sussurrando segredos que ele não queria saber. Se parasse por um instante sequer, ouviria claramente e compreenderia. E aí, com certeza, ficaria louco. Ele continuou andando.

Sob aquele luar doce e doentio, coisas impensáveis despertavam e se espreguiçavam. Enormes asas com textura de couro batiam no ar, enchendo a noite com o odor de decomposição. Formas esqueléticas e aracnoides, leprosas e apodrecidas, esgueiravam-se entre as árvores ao redor, suas pernas roçando de leve enquanto se moviam, jamais vistas, mas sempre logo atrás dele. Um gemido que começou longo e baixo estremeceu pela paisagem, ficando cada vez mais alto até as próprias árvores pararem de se mexer, quietas e assustadas.

E então, quando a sensação de pavor era tão palpável que poderia sufocá-lo, ele viu a entrada do metrô ao longe, à sua frente.

Estava no meio da floresta, banhada por aquele luar medonho, mas ele sabia que, de alguma forma, aquilo pertencia ao lugar. Começou a correr. Parecia estar se movendo muito devagar, como se cada passo levasse uma eternidade. Lentamente, a entrada da bilheteria aumentou. Os degraus que desciam rumo à escuridão, o corrimão desgastado, as placas familiares; tudo o chamava de volta ao lar.

Finalmente chegou ao topo da escada, bem quando sentiu que não conseguiria correr mais. Havia sons atrás dele, mas não se atreveu a olhar. Começou a descer, segurando o corrimão, enfraquecido de alívio. Tinha a impressão de que descia há bastante tempo. Trens ressoavam nos fossos escuros muito, muito abaixo. Ainda assim, ele descia. Agora sentia novamente o gosto do medo. Os degraus se retorciam, espiralando em direção ao subsolo.

Logo abaixo, ele avistou de relance outro passageiro descendo. Pôs-se a descer mais depressa, os pés descalços batendo na pedra fria, indo para baixo e virando, e o viu outra vez, um homem grande com um casaco preto e pesado. Tentou chamá-lo, mas ali, naquele lugar, a voz sumia. Correu ainda mais rápido, até os pés começarem a sangrar. Os degraus haviam se tornado muito apertados.

Eles se abriram de repente, e ele chegou a uma plataforma longa e estreita, suspensa sobre uma vasta escuridão que engolia toda a luz. O outro homem também estava ali. Havia algo de estranho em suas proporções, algo perturbador na forma como estava parado, curvado e silencioso. Então, quando o homem se virou, Jay viu o rosto: um cone branco sem feições que terminava num único tentáculo, vermelho e úmido. Ele levantou a cabeça e começou a uivar. Jay gritou…

…e acordou, trêmulo, num quarto escuro com cheiro de mijo.

— Mas que *diabo* — murmurou.

Seu coração estava acelerado como um baterista doidão de metanfetamina; a cueca, encharcada de suor. Ele havia molhado a cama.

Esse foi um dos ruins.

Jay tateou à procura da luminária de cabeceira, jogou as pernas para o lado e sentou, esperando o efeito do pesadelo passar.

Pareceu tão *real*. Mas sempre parecia. Ele tinha a mesma porcaria de pesadelo desde que era criança. Quando começou a acordar gritando duas vezes por semana, os pais baniram os livros de H.P. Lovecraft de sua estante e jogaram fora sua preciosa coleção de quadrinhos de terror da E.C. Comics. Não adiantou; o sonho permaneceu com ele. Às vezes, sumia por meses. Depois, bem quando Jay achava que havia se livrado para sempre, voltava com fúria e assombrava seu sono noite após noite. Estava para fazer 45 anos, e o sonho continuava tão vívido quanto da primeira vez.

Era sempre a mesma coisa: a longa caminhada pela floresta medonha, a velha entrada do metrô de Nova York, a descida interminável às profundezas e, finalmente, a coisa com cara de cone na plataforma. De vez em quando, logo depois de acordar, Jay pensava que havia algo mais no sonho, partes de que estava se esquecendo; mas, se fosse verdade, ele não queria saber.

Jay Ackroyd ganhava a vida como detetive particular. Tinha um respeito sadio pelo medo, que havia salvado sua vida uma ou duas vezes, porém não se assustava com facilidade. Pelo menos não quando estava acordado. Mas tinha um terror secreto: estar parado alguma noite naquela plataforma e a coisa com cara de cone se virar, erguer a cabeça, uivar… e ele *não acordar*.

— Nem fodendo — disse Jay em voz alta.

Olhou para o relógio. Cinco e pouca da madrugada. Não adiantava tentar voltar a dormir. Deveria estar no Crystal Palace em menos de duas horas. Além disso, depois desses sonhos, só uma parada cardíaca poderia fazê-lo fechar os olhos.

Jay tirou a roupa de cama, embolando os lençóis, os cobertores e a cueca no cesto de roupa suja para levar à lavanderia assim que pudesse. Dormiria nos lençóis do Crystal Palace por uma ou duas semanas, dependendo de quanto durasse seu negócio com Crisálida. Tinha esperança de que o pesadelo sumisse por um tempo. Achava que Crisálida não ficaria muito feliz em saber que seu novo guarda-costas tinha um sonho recorrente que o

deixava surtado a ponto de molhar a cama. Especialmente se estivessem dividindo esta. Jay dava em cima de Crisálida havia anos, mas ela nunca sucumbiu a seu charme. Esperava que aquela fosse sua grande chance. O corpo dela era tão cheio de *vida*. Por baixo da pele transparente, era possível ver o sangue percorrendo as veias, o movimento fantasmagórico dos músculos entrevistos, a forma como os pulmões operavam sob os ossos da caixa torácica. E tinha seios maravilhosos, ainda que quase invisíveis.

Abriu a janela para arejar o quarto, embora os odores que sopravam do duto de ar encardido até o terceiro andar do prédio sem elevador fossem quase tão ruins quanto os do quarto. Após um longo banho na banheira com pés, ele se secou numa toalha de praia estampada com uma figura um tanto gasta de Opus, o Pinguim.

Na primeira gaveta da cômoda, Jay pegou uma cueca boxer limpa. Meias pretas na gaveta de baixo. Então, foi até o armário e passou os olhos nos ternos. Tinha um conjunto bacana de linho branco, charmosamente amarrotado, um terno de três peças cinza-grafite da Brooks Brothers e um risca de giz de Hong Kong fabricado sob medida. Hiram Worchester lhe dera os três; estava sempre empenhado em fazer Jay se vestir melhor. Inspiraria mais respeito, segundo ele. Seria notado. Poderia até atrair mulheres. Esta última parte até que era tentadora, mas, de resto, Jay não estava interessado.

— Hiram, sou detetive particular — explicara. — Fico sentado em carros estacionados e lojas de donuts. Tiro fotos de janela de motel. Suborno porteiros e me escondo no mato. Não quero ser notado. Se fizessem um terno com o papel de parede do Holiday Inn, eu compraria logo uns seis.

Mas, todo Natal, Hiram lhe dava mais uma porcaria de terno.

Pelo jeito, faria calor. Jay pegou uma camisa branca de botão com mangas curtas, um par de calças sociais marrom-escuras no mesmo tom do cabelo e um blazer bege. Sem gravata. Detestava gravata.

7h00

Brennan acordou de um sono profundo e sem sonhos quando a luz do sol nascente entrou pela janela e tocou seu rosto. Jennifer Maloy se virou, resmungando, enquanto ele deslizava em silêncio de debaixo dos lençóis que cobriam o futon e caminhava sem fazer barulho até a cadeira onde estavam suas roupas. Vestiu short, camiseta, tênis de corrida e saiu pela porta dos fundos, que dava para a rua.

O sol tinha nascido, e a terra ia despertando, úmida de orvalho e avivada pelos cheiros de uma manhã limpa no campo. Brennan respirou fundo, enchendo os pulmões com ar fresco ao se alongar, preparando o corpo para a corrida diária.

Empreendeu um bom ritmo até a frente da casa triangular, diminuindo-o a um trote mais lento ao se aproximar da entrada da garagem, curva e coberta de cascalho. Virou à esquerda na saída, afugentando os coelhos que brincavam no gramado da frente, e passou pela placa que dizia ARQUEIRO PAISAGISMO E JARDINAGEM. Sentia-se vivo e limpo, em paz consigo mesmo e com o mundo no começo de mais um lindo dia.

♣

Depois de bater pela terceira vez sem ter resposta, Jay entrou no Crystal Palace.

A porta não estava trancada. Isso o surpreendeu. Crisálida estivera esperando por ele, sim, mas também esperava encrenca. Do contrário, por que se daria ao trabalho de contratar um guarda-costas? Quem está esperando encrenca tranca a porta. Jay enfiou a cabeça no bar escuro.

— Tem alguém aí? — perguntou em voz baixa. — Crisálida? Elmo?

Não houve resposta.

— Que ótimo — resmungou ele num sussurro.

Não lhe admirava que ela precisasse de um guarda-costas. Considerou acender as luzes, depois pensou melhor e esperou que os olhos se adaptassem. Lentamente, os contornos do recinto familiar começaram a

emergir da escuridão. Cadeiras de encosto alto apoiadas de cabeça para baixo em mesas pequenas e redondas. O balcão ao longo de uma parede, filas de garrafas empilhadas atrás dele e encostadas num longo espelho de prata. Cabines por toda a extensão. E nos fundos, um pouco afastada das outras, a mesa antiga no nicho particular onde a própria Crisálida ficava rodeada de pessoas e bebia licor.

Por um instante, à penumbra da manhã, Jay pensou tê-la visto sentada ali, envolta em sombras, a cigarrilha fina de marfim apoiada levemente entre os dedos esqueléticos, a fumaça espiralando preguiçosamente ao passar pela pele translúcida da garganta enquanto ela jogava a cabeça para trás e sorria.

— Crisálida? — chamou, caminhando devagar pelo bar. Mas a cadeira dela estava vazia quando ele se aproximou.

Um estranho arrepio o percorreu.

Foi quando Jay Ackroyd entendeu.

Ficou de pé em silêncio ao lado da mesa, com os ouvidos atentos, lembrando o que sabia sobre o Crystal Palace. Crisálida morava no terceiro andar, em aposentos apinhados de mobília vitoriana cara.

Elmo, o leão de chácara anão, morava no segundo andar. Todos os recintos públicos ficavam no primeiro, assim como o escritório dela. Jay decidiu começar por ali.

O aposento ficava nos fundos do edifício, debaixo da escada. Tinha uma porta de madeira com ornamentos esculpidos e maçaneta de cristal. Jay tirou um lenço amarrotado do bolso e girou cuidadosamente a maçaneta com dois dedos. A porta se abriu.

O recinto não tinha janelas e estava na mais completa escuridão, mas Jay não precisava de olhos para saber o que encontraria lá dentro. A morte tem um cheiro todo particular. O aroma acobreado e áspero do sangue, o odor suarento do medo, o fedor da merda. Já o sentira antes. O miasma conhecido estava ali, à sua espera, e por baixo de tudo havia o perfume dela.

— Vai se danar — sussurrou Jay, para ninguém em especial.

Estendeu a mão, ainda segurando o lenço, e encontrou o interruptor.

O cômodo já tivera charme. Piso de tábuas de madeira polida, um belo tapete oriental, estantes de livros que iam do chão ao teto, cheias de primeiras edições encadernadas em couro, uma mesa maciça de carvalho mais velha do que ele e grandes poltronas de couro que pareciam ter vindo do clube masculino mais antigo do mundo.

As poltronas estavam despedaçadas, as pernas de madeira, rachadas e estilhaçadas, o estofamento de couro macio, rasgado e destruído. Três das altas estantes de madeira haviam tombado; uma se partira ao meio. Lascas longas e pálidas como adagas espalhavam-se no ponto onde as duas metades se ligavam. Havia livros jogados por toda parte.

Crisálida estava estatelada de costas por cima dos restos de uma poltrona, as almofadas de couro e as pernas quebradas, embaralhadas embaixo dela. A imensa mesa de carvalho fora derrubada sobre a parte superior de seu corpo, ocultando o rosto. Estava usando jeans azul e blusa branca simples. A frente da blusa estava salpicada de gotículas de sangue. O joelho esquerdo estava dobrado para o lado errado, e um pedaço pontudo e vermelho da tíbia atravessava o jeans. Jay se agachou ao lado da mão esquerda dela. Pôde ver os ossos dos dedos através dos contornos fantasmagóricos dos tendões e da pele lisa e transparente. Os cinco dedos estavam despedaçados; o anular estava quebrado em dois pontos. A carne cristalina tinha sido inundada pelo fulgor rosado dos vasos sanguíneos estourados. Jay tomou nas mãos os dedos quebrados. Um leve calor ainda emanava do corpo, mas foi esfriando enquanto ele a segurava.

Depois de um momento, soltou a mão e tentou erguer a mesa. Era pesada. Fez uma careta, empurrou com mais força e a endireitou com um grunhido. Só quando a mesa voltou a se encostar à parede ele olhou de novo para Crisálida.

O rosto dela havia sumido.

Seu crânio não fora exatamente esmagado: fora obliterado. A almofada do encosto da poltrona estava grudenta com sangue seco. Pedaços do crânio amassado vazavam por entre os fragmentos de ossos. Tudo estava vermelho e molhado. Uma pequena poça de sangue se acumulava debaixo do que restava da poltrona, empapando o tapete oriental. Jay ergueu o olhar e viu mais sangue, um filete ao longo da parte dianteira da mesa e na parte mais baixa da parede, ao redor do bocal da lâmpada. O papel de parede estampado e antigo tinha um tom escuro de púrpura, muito vitoriano; era difícil ver as manchas de sangue, mas elas estavam lá.

Jay se levantou e tentou não sentir nada. Já vira corpos antes, mais do que gostava de lembrar, e Crisálida vinha se envolvendo em situações perigosas já fazia muito, muito tempo. Conhecia um grande número de segredos. Mais cedo ou mais tarde, algo assim acabaria acontecendo.

Ele analisou a posição do corpo, memorizando-a. Não era mais Crisálida; era só carne morta, vestígios. Depois de ver tudo o que tinha para ver, Jay voltou a atenção para o restante do escritório. Foi quando notou pela primeira vez o pequeno retângulo de papel ao lado da coxa esquerda da mulher.

Contornou-a e se agachou para olhar melhor. Não tocou em nada. Não precisava. Não havia nem uma gota de sangue no objeto, que estava virado para cima. Uma carta de baralho.

O ás de espadas.

— Filho da puta — disse ele.

Estava fechando a porta do escritório ao sair quando ouviu passos na escada. Encostou-se a uma parede e esperou. Um instante depois, um homem esbelto com um bigode fino como a ponta de um lápis entrou no salão. Usava chinelos e um roupão de seda, e havia um trecho ininterrupto de pele pálida onde deveriam estar os olhos. A cabeça se virou lentamente até olhar para Jay nas sombras.

— Posso ver sua mente, Popinjay — disse.

Jay se aproximou.

— Chame a polícia, Sascha — respondeu. — E não me chame de Popinjay, droga.

8h00

Brennan rumou para a colina, agitando os braços, a respiração fluindo com facilidade, subindo a ladeira íngreme após ter corrido por montes arborizados e campos encharcados de orvalho. Sua rota variava, mas sempre terminava numa estrada de terra que o levava, suado e agradavelmente ofegante, de volta à pista de cascalho com a placa ARQUEIRO PAISAGISMO E JARDINAGEM na entrada.

A pista seguia em curvas ao redor de uma série de jardins que eram propagandas vivas de suas habilidades como horticultor. O primeiro era uma miniatura de jardim japonês na colina no estilo *tsukiyama*, o segundo era um arranjo inglês de arbustos, e o terceiro, um canteiro tradicional de flores viçosas, com uma dezena de espécies diferentes de uma dezena de cores diferentes. A pista contornava o canteiro e passava por duas estufas — uma de plantas tropicais, a outra com espécies desérticas — e pela casa triangular.

Brennan terminou a corrida com um ritmo extenuante, que o embalou ao redor da casa em triângulo. Passou alguns minutos recuperando a energia e o fôlego, depois se dobrou confortavelmente numa postura meditativa e olhou para o *karesansui*, o canteiro de areia rastelada que ondulava como água congelada à brisa da manhã. Aninhadas na areia, havia três tríades de rocha. Brennan passou um tempo indizível mergulhado na prática do *zazen*, sem prestar atenção às rochas, às suas sombras ou aos padrões do musgo que crescia sobre elas, e em seguida levantou-se suavemente, relaxado, revigorado e pronto para o dia.

Voltou ao quarto de mobília escassa, que tinha um futon no piso de madeira, uma cadeira confortável com uma luminária de leitura e uma mesa de cabeceira lotada de livros, além de um enorme cesto de vime para roupas. Jennifer havia levantado da cama. Ele ouviu a água do chuveiro no banheiro. Tirou a camiseta encharcada de suor e a jogou no cesto quando passou para o cômodo que servia como uma combinação de sala de estar e escritório. Ligou a televisão para assistir ao noticiário da manhã, depois se sentou à mesa e ligou o computador para verificar sua agenda. Manteve os olhos na televisão enquanto o computador iniciava. A maior parte das notícias era sobre a

Convenção Nacional do Partido Democrata, que estava ocorrendo naquele dia em Atlanta. Nada de importante tinha acontecido até o momento, mas as análises e previsões já pareciam exageradas e requentadas.

Gregg Hartmann era o favorito, mas a nomeação oficial seria uma batalha, principalmente com o homem que se opunha diretamente a ele na filosofia e nas crenças políticas — o Reverendo Leo Barnett.

Brennan não confiava em político nenhum, mas, se pudesse votar, escolheria Hartmann. O homem parecia honesto e preocupado, especialmente em comparação com o demagogo do Barnett.

Muitos curingas apoiavam Hartmann. As câmeras do noticiário faziam panorâmicas pelos parques públicos de Atlanta onde eles haviam se reunido aos milhares para mostrar ruidosamente à nação o quanto confiavam no senador.

Brennan viu algumas entrevistas com os curingas nas ruas, depois baixou o volume do aparelho e voltou a atenção à tela do computador. Desejava o melhor a Hartmann e seus adeptos, mas o dia era curto e ele tinha suas próprias preocupações.

Sua agenda surgira na tela; o dia prometia ser cheio. A Arqueiro Paisagismo estava executando dois trabalhos. Brennan estava construindo um jardim de colina com uma *tsutai-ochi* — uma cachoeira em miniatura caindo sobre um leito de rochas — para um banqueiro nipo-americano que havia acabado de se mudar para a região e, ao mesmo tempo, estava trabalhando num bosque de arbustos com vários socalcos e um tanque de peixes para um médico que morava na mesma rua. Joachim Ortiz, o contramestre de Brennan, chefiaria a equipe na obra do médico enquanto ele cuidava do outro trabalho pessoalmente. Jardins japoneses eram sua especialidade.

Encostou-se na cadeira, ainda vagamente surpreso com a satisfação que sentia ao contemplar o restante do dia. Abandonar a morte e a destruição e voltar ao campo para cultivar a vida fora a melhor coisa que já havia feito. Sentia-se purificado, contente e em paz pela primeira vez em anos. Às vezes, a culpa por deixar de lado sua vendeta contra Kien e a Sociedade do Punho Sombrio voltava para lhe importunar, mas nos últimos meses o sentimento vinha aparecendo com menor frequência e em menor intensidade.

Pegou da prateleira de referências seu exemplar do *Sakuteiki*, o tratado clássico de Tachibana Toshisuna sobre design de jardins, mas, antes que pudesse folheá-lo a fim de buscar algumas ideias para o novo trabalho, parou

para olhar a imagem de uma mulher muito conhecida que tomou a tela da televisão. Aumentou o volume.

— …mulher misteriosa conhecida apenas como Crisálida foi encontrada morta esta manhã no escritório da sua casa noturna, o Crystal Palace. Até o momento, a polícia se recusou a comentar o caso, mas um ás de espadas encontrado com o corpo vinculou o assassinato ao misterioso vigilante arqueiro conhecido como Yeoman, responsável por pelo menos cinquenta mortes em 1986 e no início de 1987.

Brennan ainda estava olhando para a tela quando Jennifer Maloy atravessou a parede, molhada do banho, trazendo duas xícaras de chá.

— Que foi? — perguntou ela, ao ver a expressão dele. — O que aconteceu? Brennan se virou para Jennifer, a frieza de volta aos olhos, a dureza no rosto.

— Crisálida morreu.

— Morreu? — repetiu ela, incrédula.

— Foi assassinada.

— Como? Por quem? — perguntou Jennifer ao afundar na cadeira diante dele.

Entregou-lhe uma das xícaras. Ele a pegou mecanicamente e a deixou de lado.

— A reportagem não disse. Mas o assassino tentou me incriminar; deixou um ás de espadas com o corpo.

— Incriminar você? Por quê?

Ele olhou para ela pela primeira vez.

— Não sei. Mas vou descobrir.

— A polícia…

— A polícia acha que fui eu.

— Isso é loucura — disse Jennifer. — Faz mais de um ano que não saímos daqui.

Tinham estado tão ocupados que não parecia fazer tanto tempo desde que Brennan desistira de sua vingança contra o líder dos Punhos Sombrios, Kien, e saíra de Nova York com Jennifer. Passaram algum tempo viajando, descansando, curando-se e aprendendo a amar um ao outro; depois, se estabeleceram perto de Goshen, uma cidadezinha ao norte de Nova York. Jennifer tinha começado a escrever o que esperava ser uma biografia definitiva de Robert Tomlin. Cansado de trabalhar com a morte e querendo

construir em vez de destruir, Brennan havia aberto o negócio de paisagismo. Descobrira que tinha um verdadeiro talento para a horticultura, e Jennifer estava feliz em pesquisar e escrever seu livro. A existência tranquila, pacífica e isolada os contentava.

— Alguém armou para mim — disse Brennan em voz baixa.

— Quem?

Ele olhou para Jennifer.

— Kien.

Ela apoiou as costas na cadeira.

— Por quê?

Brennan encolheu os ombros.

— Talvez ele tenha descoberto que Crisálida sabia que ele era o líder dos Punhos Sombrios. Talvez pensasse que podia se livrar dela e de mim ao mesmo tempo.

— A polícia nunca vai encontrar você se ficarmos aqui.

— Talvez — concordou ele. — Mas talvez também nunca encontrem o verdadeiro assassino de Crisálida.

— Estamos construindo uma vida aqui — argumentou Jennifer. — Não podemos largar tudo.

Largar tudo. Brennan pensou que seria fácil deixar o passado, viver para o presente e para o futuro. Mas não podia fazer isso. Alguém tinha matado sua ex-amante. Não podia esquecer isso. E ainda por cima o assassino o havia incriminado. Não podia perdoar isso.

Levantou-se.

— Não vou largar nada. Não posso.

Jennifer apenas olhou para ele. Após um momento, ele se virou, foi para os fundos da casa e destrancou a cabana onde guardava seus arcos e armas. Carregou a van e se sentou dentro do veículo, esperando por vários minutos, perguntando-se se Jennifer se juntaria a ele.

Depois de um tempo, ligou o motor e partiu, sozinho.

12h00

Maseryk bancava o policial bom, Kant bancava o policial mau, e ambos eram eficientes nisso. Mas Jay Ackroyd já conhecia aquele teatrinho. Maseryk era esbelto e moreno, com olhos intensos e violeta. Kant era um curinga careca e escamoso com membranas pestanejantes e dentes pontudos. Enquanto Jay contava a história pela sétima vez, começou a imaginar se eles trocavam os papéis quando o suspeito era um curinga. Deu uma olhada em Kant e decidiu não perguntar.

Quando chegou a hora do almoço, até os policiais já tinham se cansado de dar voltas em torno do caso.

— Se estiver enrolando a gente, vai se arrepender — ameaçou Kant, mostrando os incisivos.

Jay lançou-lhe um olhar de "quem, eu?".

— Tenho certeza de que o Sr. Ackroyd nos contou tudo o que sabe, Harv — disse Maseryk. — Caso o senhor acabe se lembrando de mais alguma coisa que possa ser útil, ligue para nós.

O investigador entregou a ele seu cartão de visitas, Kant o mandou não sair da cidade, e os dois o acompanharam até a sala principal para assinar uma cópia do depoimento.

A delegacia estava cheia de rostos conhecidos. O porteiro do Crystal Palace prestava depoimento a um policial de uniforme enquanto uma garçonete que Crisálida havia demitido no mês anterior soluçava alto no canto. Outros funcionários do estabelecimento esperavam em longos bancos de madeira junto à janela. Ele reconheceu três garçons, um lavador de pratos e o sujeito que tocava o piano vertical da Sala Verde nas quintas-feiras à noite. Contudo, os rostos mais importantes eram aqueles que ele não via.

Lupo, o barman, estava sentado sozinho ao lado de uma mesa desocupada. Depois de assinar o documento, Jay se aproximou.

— Dá pra acreditar? — perguntou o curinga. — O que vai acontecer com a gente?

Lupo tinha olhos profundos e vermelhos, além de rosto de lobo. Estava em fase de muda; Jay podia ver pelos espalhados nos ombros da camisa jeans

do sujeito. Então os espanou. Lupo nem pareceu notar.

— Ouvi dizer que foi você que achou o corpo — disse ele. — Foi mesmo o cara do ás de espadas?

— Tinha uma carta ao lado do corpo — respondeu Jay.

— Yeoman — resmungou Lupo, com raiva. — Filho da puta. Pensei que ele tinha sumido pra sempre. Costumava beber Tullamore Dew. Eu o servi uma ou duas vezes.

— Já o viu sem máscara?

Lupo balançou a cabeça, negando.

— Não. Espero que peguem esse merda. — A língua longa e vermelha pendeu do canto da boca.

Jay olhou para o resto da sala mais uma vez.

— Onde está Elmo?

— Ninguém viu. Ouvi dizer que a polícia fez um, como é o nome, mandado de prisão pra ele.

Kant apareceu atrás dele.

— Sua vez, Lupo — disse ele, indicando uma sala de interrogatório. Olhou para Jay. — Você ainda não foi embora.

— Estou indo, estou indo — respondeu Jay. — Assim que eu usar o banheiro.

Kant disse a ele onde ficava. Quando Jay voltou, os policiais e Lupo tinham ido cuidar dos próprios assuntos. Jay foi até o cubículo da capitã e entrou sem bater na porta.

A Capitã Angela Ellis estava sentada à mesa, fumando um cigarro atrás do outro enquanto examinava um arquivo, folheando as páginas como se fizesse leitura dinâmica. Era uma mulher pequena, asiática, de olhos verdes, cabelo preto e o trabalho mais difícil do Departamento de Polícia de Nova York. Seu antecessor fora encontrado morto naquele mesmo escritório, supostamente de ataque cardíaco, mas ainda havia gente que não acreditava nisso. E o capitão anterior a ele também tinha sido assassinado.

— E aí, já tem alguma pista de Elmo? — perguntou ele.

Ellis tragou o cigarro e olhou para Jay. Levou um momento para lembrar quem ele era.

— Ackroyd — disse finalmente, enojada. — Estava lendo o seu depoimento. Sua história tem cada buraco que daria pra eu passar de caminhão por eles.

— Não posso fazer nada, é o único depoimento que eu tenho. Que tipo de história você ouviu do Sascha?

— Uma história curta. — Ellis se levantou e começou a caminhar. — Ele acordou, sentiu uma mente estranha no prédio, desceu e encontrou você saindo de fininho do escritório de Crisálida.

— Não saí de fininho — respondeu Jay. — Sou muito bom em sair de fininho, me formei em sair de fininho na escola de detetives, mas nessa ocasião específica eu não estava saindo de fininho. E não tem nada de estranho na minha mente, obrigado. Então, vocês ainda não descobriram nada sobre Elmo?

— O que você sabe sobre ele? — perguntou Ellis.

— É baixinho — disse Jay.

— É forte — comentou Ellis. — Forte o bastante para esmagar o crânio de uma mulher até virar pudim de sangue, talvez.

— Muito bom, mas errou. Elmo era dedicado à patroa. Completamente. Ele nunca a machucaria.

A risada dela foi áspera e sem humor.

— Ackroyd, você pode ser a maior autoridade mundial em maridos mulherengos, mas não sabe muito sobre assassinos. Eles não desperdiçam as verdadeiras atrocidades com estranhos; guardam essas coisas para a família e os amigos. — Ela voltou a caminhar. Cinzas caíram da ponta do cigarro. — Talvez seu amigo Elmo fosse um pouco dedicado demais. Ouvi dizer que Crisálida trepava muito por aí. Talvez ele tenha cansado de ver o desfile de gente entrando e saindo do quarto dela, quem sabe tenha arriscado uma cantada, e ela, rido da cara dele.

— Está armando para Elmo levar a culpa? — perguntou ele.

Ellis parou junto à mesa por tempo suficiente só para deixar o cigarro num cinzeiro transbordando de bitucas.

— Não se arma para ninguém nesta delegacia.

— Desde quando?

— Desde que eu assumi como capitã — respondeu ela. Sacou um maço de Camel da jaqueta, tirou um, acendeu e voltou a andar. — Você supostamente é detetive. Veja bem os fatos. — Ela parou diante de uma parede só para endireitar um diploma emoldurado e em seguida virou, ficando de frente para ele: — A cabeça dela parecia um melão atropelado por uma carreta. As duas pernas quebradas, todos os dedos da mão esquerda

partidos, a pelve fraturada em seis pontos, hemorragia interna. — Apontou para ele com o cigarro, enfatizando o que dizia. — Tive um caso uma vez, no meu tempo de patrulha, em que uns mafiosos do Gambione espancaram um cara com uma chave de roda. Quebraram todos os ossos do corpo dele. Também já vi o que sobrou de uma prostituta arregaçada por um cafetão chapado de pó de anjo. Ele usou um taco de beisebol. Esses dois estavam bem feios, mas muito melhores do que Crisálida. Aqueles golpes não foram normais. Ninguém é tão forte assim. Ninguém a não ser um ás, ou um curinga com força sobre-humana.

— Muitas pessoas se encaixam nessa descrição — argumentou Jay.

— Só uma delas morava no Crystal Palace — rebateu Ellis. Ela foi para trás da mesa, sentou e abriu uma pasta de arquivo. — Elmo era forte o bastante…

— Talvez — disse Jay.

Elmo era muito mais forte do que um limpo, isso era bem verdade, mas havia outros que o fariam parecer um fracote de quarenta quilos. O Martelo do Harlem, Troll, Carnifex, a Estranheza, até aquele babaca dourado do Jack Braun. Se Elmo tinha mesmo a força bruta para fazer o que fizeram com Crisálida, Jay não sabia responder.

A capitã ignorou sua objeção.

— Ele também tinha oportunidade; era só escolher a hora.

Ela começou a reorganizar uma pilha de arquivos na sua caixa de saída, derrubando cinzas sobre eles no processo.

— Pra mim não cola — disse Jay.

— Se Elmo é assim tão inocente, cadê ele? — perguntou Ellis, brincando com o grampeador. — Demos uma olhada no quarto dele. Ninguém tinha dormido na cama. Ele não voltou para o Crystal Palace. Aonde foi?

Jay encolheu os ombros.

— Deve ter saído. — Ela o pegara nessa, mas de jeito nenhum ele pretendia admitir. — Pra mim, parece que você tem outro candidato muito melhor do que Elmo.

Capitã Angela Ellis esmurrou o grampeador e soprou uma longa nuvem de fumaça pela sala.

— Ah. Claro. O assassino do ás de espadas. — Não parecia impressionada. — Nós vamos achar Elmo — prometeu, apagando o cigarro. — E, quando isso acontecer, aposto que vai ter sido o seu amigo anão quem

deixou aquela carta. Qualquer um compra um baralho numa loja de bugigangas. Era para você ser um garoto esperto, Ackroyd. Descubra sozinho.

— Talvez eu faça isso mesmo — respondeu Jay.

Angela Ellis não gostou nem um pouco do que ouviu. Os olhos verdes se estreitaram quando ela levantou.

— Vou deixar uma coisa bem clara. Não gosto de detetive particular. E não gosto de ás. Então, deve dar para você adivinhar o que eu acho de um ás que é detetive particular. Se começar a me atrapalhar nesse caso, pode dar adeus à sua licença.

— Você fica linda quando está brava — disse Jay.

Ellis o ignorou.

— Também não gosto de gente apinhando minha delegacia.

— Você deve passar muito tempo infeliz — respondeu Jay ao se dirigir à saída. Parou à porta para avaliar o cubículo com paredes de vidro. — Foi aqui mesmo que mataram Capitão Black? — perguntou com inocência.

— Foi — rosnou ela, irritada. Jay percebeu que havia pisado num calo. Conhecendo aquele departamento, provavelmente nem tinham arranjado uma cadeira nova desde então. — Que diabo você está fazendo?

— Gravando uma boa imagem mental do lugar — respondeu ele. Armou um sorriso torto e posicionou a mão direita na forma de uma arma, três dedos dobrados, o polegar levantado como um cão, o indicador apontado para Angela Ellis. — Sou um bom menino, capitã. Se eu topar com o seu assassino, vou querer mandá-lo para cá, direto para você.

Ela pareceu intrigada por um momento, depois ruborizou ao lembrar o que ele podia fazer.

— Ases — resmungou. — Dá o fora daqui.

Ele obedeceu. Kant e Maseryk estavam de volta à sala principal.

— A capitã está naqueles dias? — perguntou Jay ao passar. Eles se entreolharam e o viram partir. Jay saiu pela porta da frente, virou a esquina, entrou de novo e desceu a escada até o porão. Os arquivos da delegacia eram guardados numa sala mal iluminada, de teto baixo, perto da caldeira. Parte do aposento já havia sido um depósito de carvão muito tempo antes. Agora, tinha dois computadores, uma fotocopiadora, uma parede de armários de aço lotados de arquivos e um policial muito pálido, muito baixo e muito míope.

— Oi, Joe — disse Jay.

Joe Mo se virou e farejou o ar estagnado. Tinha pouco menos que um metro e meio, era corcunda e barrigudo, com um rosto cor de cogumelo. Olhos diminutos e rosados espiavam por trás do maior e mais grosso par de óculos com lentes coloridas que Jay já tinha visto. Mãos brancas e sem pelos se esfregaram nervosamente. Mo havia sido o primeiro curinga a entrar para a polícia e, por mais de uma década, o único. Sua nomeação, feita à força sob a bandeira da ação afirmativa durante a administração do prefeito Hartmann no começo dos anos 1970, fora alvo de tantas críticas que o departamento o escondeu prontamente no arquivo para mantê-lo longe do olhar público. Joe não tinha se importado. Gostava daquele arquivo quase tanto quanto gostava de porões. Era chamado de Sargento Toupeira.

— Popinjay — disse Mo, endireitando os óculos. A pele branca como leite contrastava de modo chocante com o azul-marinho do uniforme, e ele sempre usava o quepe, dia e noite, mesmo em ambientes fechados. — É verdade?

— É, é verdade — respondeu Jay.

Mo havia sido um pária quando entrara para a polícia, mesmo no Forte das Aberrações. Ninguém quisera ser parceiro dele, e ele tinha se tornado malquisto nos bares frequentados pelos policiais. Nos dias de folga, bebia no Crystal Palace, fazia isso desde que o lugar abrira as portas, pagando cada drinque numa demonstração um tanto pomposa de integridade e ganhando dez vezes o que gastava para ser os olhos e ouvidos de Crisálida na delegacia.

— Ouvi dizer que foi você quem achou o corpo — disse Joe Mo. — Coisa horrorosa, não? Faz a gente pensar no que o Bairro dos Curingas vai se transformar. A gente pensaria que pelo menos *ela* estava segura. — Piscou por trás das lentes grossas e escuras. — O que posso fazer por você, querido?

— Preciso ver o arquivo do assassino do ás de espadas.

— Yeoman — disse Joe Mo.

— Yeoman — repetiu Jay Ackroyd, pensativo. Vinha-lhe à mente agora. *Yeoman, não estou gostando disso,* Crisálida havia dito numa voz gelada, naquela noite, fazia um ano e meio, quando tinham se enfrentado no salão escuro do Palácio. Ela sempre fora uma mestra do eufemismo. — Eu lembro — disse ele.

— Ora, não temos um assassinato com arco e flecha há mais de um ano — declarou Mo. — Acha mesmo que foi ele?

— Espero que não — respondeu Jay.

Yeoman havia entrado no salão, silencioso como fumaça, e, antes que alguém o notasse, já tinha uma flecha de caça encaixada e pronta para ser disparada. Mas Hiram Worchester havia se colocado no caminho com uma indignação justificada, e Jay conseguira levar vantagem sobre o cara. De repente, Yeoman se fora num piscar de olhos. Jay Ackroyd era um teletransportador projecional. Quando fazia uma arma com a mão direita, podia jogar seus alvos em qualquer lugar que conhecesse bem o bastante para visualizar.

Só que tinha mandado o merda do Yeoman para o lugar errado.

— Eu tinha o filho da puta nas minhas mãos, Joe — disse ele. — Poderia ter mandado o cara direto para o Tombs. Em vez disso, mandei para o meio do Holland Tunnel, só Deus sabe por quê.

Alguma coisa no tom de voz dele quando respondera para Crisálida, talvez, ou o nojo na expressão do sujeito quando olhara para Vermis, ou talvez o fato de que ele tivera a decência de hesitar quando Hiram se adiantara e bloqueara o disparo. Ou podia ter sido a garota que o acompanhava, a loira mascarada de fio dental aparentemente tão jovem e inocente.

Não tinha sido o que poderia ser chamado de uma atitude consciente e decidida; na maior parte do tempo, Jay agia por puro instinto. Mas, se o erro fora seu naquela noite, então Crisálida havia pagado por ele com a vida.

— Eu preciso mesmo ver aquele arquivo — disse.

Joe Mo deu uma risadinha triste.

— Ora, aquele arquivo está lá em cima, na mesa da capitã, Jay. Ela mandou buscar na mesma hora, assim que soube do crime. É claro que eu tirei uma cópia antes de entregar. Sempre compensa tirar uma. Às vezes, as coisas vão parar no lugar errado, e a gente não quer perder nenhum documento valioso. — Ele piscou devagar, olhando ao redor. — Agora, onde é que eu pus? Com estes olhos, é um milagre eu encontrar alguma coisa.

As cópias estavam em cima da máquina. Jay folheou a pasta, enrolou as páginas e as guardou debaixo do blazer, deixando no lugar duas notas de vinte.

— Tenho certeza de que você vai farejá-las — respondeu.

— Se não — disse Joe, com um sorriso largo e rosado —, sempre posso esperar até a capitã devolver os originais, aí faço mais uma cópia. — Ele se ocupou com alguns arquivos, mas, quando Jay abriu a porta para sair,

chamou em voz baixa: — Popinjay.

Jay olhou para trás.

— Quê?

— Encontre o desgraçado — disse Joe Mo. Tirou os óculos escuros, e seus olhos pálidos e rosados estavam suplicantes. — Todos nós vamos ajudar — prometeu, e Jay sabia que não estava falando da polícia.

♦

Ao passar sozinho de carro pela Rota 17, Brennan já sentia falta de Jennifer. Não podia culpá-la por não ir com ele numa missão em busca do assassino de Crisálida, e não ajudava em nada o fato de ela estar certa. Tinham uma vida bonita e tranquila. Por que ele estava tão disposto a voltar para a morte que o esperava na cidade?

Brennan sabia que não era por gostar de matança e violência. Preferia plantar um jardim a se desviar de balas num beco fedorento e lotado de lixo. Tinha a ver com o que Jennifer dissera sobre largar tudo. Ele simplesmente não conseguia tirar Crisálida da cabeça. Não pensava nela com frequência. Estava satisfeito demais com a vida que tinha com Jennifer para insistir morbidamente em pensar no que poderia ter tido com outra mulher.

Mas, às vezes, à noite, deitava-se com Jennifer já adormecida a seu lado e recordava a dama de cristal. Lembrava-se da pele invisível irrigada por um delicado cor-de-rosa quando faziam amor, lembrava-se dos gritos e movimentos na escuridão. Lembrava e imaginava como teria sido se ela tivesse aceitado sua oferta de proteção e amor. Olhava para Jennifer, adormecida ao lado, e sabia que estava feliz e contente, mas ainda assim imaginava. A memória era uma dor latejante que não o abandonava.

Deixou a van no estacionamento do Aeroporto Internacional Tomlin e pegou um táxi para Manhattan, onde alugou um quarto num hotel barato e sujo às margens do Bairro dos Curingas. Decidiu que a primeira coisa a fazer era visitar o Crystal Palace. Vestiu a máscara pela primeira vez em mais de um ano e saiu do hotel carregando o estojo do arco.

15h00

ASSASSINO DO ÁS DE ESPADAS MATA DONA DE BAR NO BAIRRO DOS CURINGAS, bradava o *Post*.

O *Grito do Bairro dos Curingas* foi mais genérico. CRISÁLIDA ASSASSINADA, dizia ao lado de uma foto que ocupava duas colunas. O *Grito* era o único jornal na cidade que publicava fotos de curingas regularmente.

CURINGAS OCUPAM ATLANTA DURANTE CONVENÇÃO DOS DEMOCRATAS, dizia a primeira página do *Times*. Milhares deles haviam se dirigido ao sul para apoiar o Senador Gregg Hartmann, o principal candidato à Presidência. Mas este ano, no lotado colégio eleitoral dos democratas, ninguém estava nem perto de obter a maioria dos votos, e previa-se uma convenção dissidente. Espalhava-se o medo generalizado de reações violentas caso Hartmann não fosse nomeado. Já havia relatos de confrontos graves entre os curingas de Hartmann e os apoiadores fundamentalistas do Reverendo Leo Barnett.

Jay normalmente colocava os políticos no mesmo saco dos vendedores de carros usados, dos cafetões e do cara que tinha inventado os banheiros pagos, mas Hartmann parecia mesmo ser de uma espécie à parte. Ele encontrara o candidato algumas vezes nos eventos para arrecadação de fundos que Hiram tinha organizado no Aces High. Hiram era um grande apoiador de Hartmann, e Jay nunca conseguia resistir à oferta de comida e bebida grátis. O senador parecera inteligente, eficaz e bondoso. Se alguém devia ser presidente, podia muito bem ser ele. Provavelmente não tinha a menor chance de sequer chegar perto da nomeação.

O besteirol político ocupava a primeira página inteira; ele não conseguiu encontrar nenhuma menção a Crisálida. Conhecendo o *Times*, Jay imaginou que a edição do dia seguinte teria uma breve nota de falecimento e pronto. Assassinatos brutais de curingas não eram o tipo certo de notícia a publicar. Isso era o que mais irritava Jay.

— Como é que a gente sabe quando um curinga está morto há três dias? — perguntou o vendedor de jornais. Sua voz era monótona e desanimada,

como a de um homem que passava amargamente por um ritual sem sentido.

Jay ergueu o rosto e o encarou.

Jube Benson era parte do cenário nas esquinas da Hester Street e da Bowery desde o início da existência do Bairro dos Curingas. Era chamado de Morsa. Era um curinga também; 135 quilos de carne azul-escura e oleosa, presas grandes e curvas nos cantos da boca, crânio largo em forma de cúpula coberto por tufos de cabelo vermelho e duro. O guarda-roupa de Jube parecia consistir exclusivamente de camisas havaianas. Essa tarde ele estava usando uma peça magenta com uma bela estampa de abacaxis e bananas. Jay imaginou o que Hiram diria.

Jube sabia mais piadas de curinga do que qualquer outra pessoa no bairro, mas desta vez Jay conhecia o final.

— O cheiro dele fica muito melhor — respondeu, entediado. — Essa é mais velha que o seu chapéu, Morsa.

Jube tirou da cabeça o chapéu gasto estilo *pork pie* e o girou com ar importante em três dedos grossos da mão.

— Eu nunca a fiz rir — comentou. — Em todos esses anos, fui ao Crystal Palace toda noite, sempre com uma piada nova. Nunca consegui tirar nem uma risadinha dela.

— Ela não achava muito engraçado ser curinga — respondeu Jay.

— Rir é fundamental. O que mais tem lá? — Ele recolocou o chapéu. — Ouvi dizer que foi você quem a encontrou.

— As notícias correm rápido — disse Jay.

— Correm mesmo — concordou Jube.

— Ela me telefonou ontem à noite. Queria me contratar como guarda-costas. Perguntei por quanto tempo e ela não soube responder. Talvez não quisesse responder. Quando perguntei do que tinha medo, ela riu e disse que eu tinha sacado tudo, que era só um pretexto, que ela estava era a fim de mim. Foi aí que percebi como ela estava nervosa. Fez o melhor que podia para parecer irônica e tranquila, bem ao estilo inglês, como se não houvesse nada de errado, mas ficava escorregando no sotaque. Alguma coisa a assustou pra valer. Eu quero saber o que foi, Jube.

— Só sei o que li nos jornais — respondeu Jube.

Jay apenas o olhou. Desde que Crisálida começara a negociar informações, Morsa fora um dos seus principais informantes. Passava o dia todo em sua banca, observando e ouvindo, fazendo piada e fofoca com todo

mundo que parava para comprar um jornal.

— Anda, vai — disse Jay, impaciente.

Jube olhou nervosamente para os dois lados da rua. Não havia ninguém perto deles.

— Aqui, não — respondeu o curinga gordo. — Deixa eu fechar a banca. Vamos para minha casa.

♠

Brennan observou com irônica satisfação enquanto o curinga sem braço furtava os curiosos reunidos ao redor do Crystal Palace. O batedor de carteiras usava roupas surradas, mas cuidadosamente remendadas. As calças haviam sido feitas especialmente para encaixar a terceira perna, centralizada, que terminava num pé de formação estranha, com dedos mais habilidosos que os das mãos da maioria das pessoas. Com esse membro, ele esvaziava os bolsos das vítimas desavisadas.

Uma fita amarela isolava a cena do crime na entrada coberta do Crystal Palace. A multidão reunida à frente tagarelava — a maioria de forma louca e inexata — sobre o local e sua misteriosa proprietária. Fofoqueiros e vendedores ambulantes percorriam a aglomeração ao lado do batedor de carteiras, que de repente se virou, com o sexto sentido daqueles que são caçados com frequência, e olhou diretamente para Brennan, que o cumprimentou com um meneio de cabeça. O curinga de três pernas atravessou a multidão, indo até ele, gingando num passo peculiar e bamboleante, às vezes colocando o terceiro "pé" no chão para se equilibrar.

— Olá, Sr. Y — murmurou ele.

Brennan balançou a cabeça outra vez. O curinga se chamava Tripé. Era um malandro, um vigarista insignificante à margem da lei. Na última estadia de Brennan na cidade, fora também uma de suas melhores fontes de informação. Era um delator confiável. Não tinha o hábito de usar drogas e era leal. Quando pago, o retorno era garantido.

— Que horror o que aconteceu, Sr. Y — comentou à sua maneira tranquila, diferenciada. Se estava curioso quanto ao reaparecimento súbito de Brennan após um ano de ausência, não disse nada.

Brennan assentiu.

— Ouviu dizer que a polícia acha que eu a matei?

Tripé encolheu os ombros. Era um gesto peculiar para um homem sem braços.

— Talvez, Sr. Y, mas não é o seu estilo.

— Como sabe de que modo ela foi morta?

— Aquele cara ali — disse Tripé, indicando um mendigo sentado no meio-fio ao lado de um carrinho de cachorro-quente — disse que viu o corpo dela quando o trouxeram para fora e colocaram no rabecão.

Brennan olhou para o carrinho, que tinha SAM CHUCRUTE, O REI DO CACHORRO-QUENTE escrito na lateral. O encarregado era um curinga que continuamente distribuía cachorros-quentes, contava o troco e punha mostarda, ketchup, chucrute e molho nos pães com seus pares extras de braços. O sem-teto sentado no meio-fio estava inchado e alcoolizado, mas parecia ser um limpo. Tinha se postado perto do carrinho para mendigar moedas enquanto repetia a quem quisesse ouvir infinitas vezes a história que havia contado a Tripé. Brennan balançou a cabeça para seu informante, e os dois se juntaram aos curiosos que comiam cachorro-quente e davam ouvidos ao velho.

— Eu estava lá atrás quando a trouxeram para fora. Estava lá, sim. Tenho um lugar bom para dormir bem do lado da caçamba de lixo, e a ambulância me acordou. Fiquei com medo. Não sabia por que aquele barulho todo, mas logo a trouxeram para fora. Eu consegui ver que era Crisálida. Vi várias vezes; era ela. Estava morta, sim. — Ele baixou a voz e se inclinou para a frente para sussurrar em tom conspiratório aos mais de vinte espectadores: — A cabeça dela estava esmagada. Esmagada, mesmo. Se não fosse a pele invisível, não daria para ver quem era. Esmagada feito uma melancia jogada de um prédio de dez andares. — Balançou a cabeça com certa satisfação no sorriso. — Eu estava lá, sim. Vi quando a trouxeram para fora…

Com a raiva impotente dando nós no estômago, Brennan deu as costas ao carrinho quando um policial surgiu e exigiu ver a licença do vendedor. Sam Chucrute reclamou em voz alta, gesticulando raivosamente com todos os braços, mas isso pareceu não adiantar nada.

Brennan e Tripé ficaram em silêncio por um momento, vendo o policial expulsar o vendedor de cachorro-quente, que empurrava o carrinho com quatro braços e ainda gesticulava, irado, com os outros braços.

Crisálida fora morta por alguém — um ás — forte o bastante para esmagá-la completamente. Isso pelo menos era um ponto de partida para a

investigação. Mas Brennan sabia que precisava de mais informações. Muito mais.

— Você viu Elmo ou Sascha por aí? — perguntou a Tripé, depois que a multidão que comia cachorro-quente e ouvia o mendigo se dispersou.

O curinga negou, balançando a cabeça.

— Eles sumiram, Sr. Y. Não vi nem ouvi nada deles o dia todo.

Brennan suspirou. Desde o começo, soube que não seria fácil. Tirou duas notas de vinte do bolso e as deixou cair discretamente na calçada. O pé nu de Tripé se fechou sobre elas, e seus dedos ágeis as guardaram num dos bolsos que ele havia costurado nos fundilhos da calça.

— Fique de olho neles, caso apareçam. E em qualquer coisa sobre o assassinato. Pode entrar em contato comigo no Victoria. Estou registrado como Arqueiro.

— Sim, senhor. — Tripé encarou Brennan por um instante. — Bom vê-lo de novo, Sr. Y.

— Queria poder dizer que é bom estar de volta.

Tripé assentiu, depois seguiu para o outro lado da rua com seu peculiar passo gingado. Brennan o observou partir, depois voltou-se para o Crystal Palace. A multidão de curiosos ainda estava lá. Ele queria dar uma boa olhada na cena do crime, mas aquele momento obviamente não era o mais apropriado. Voltaria quando estivesse tudo tranquilo e escuro.

Agora, tinha outros caminhos a explorar. Não estava convencido de que Kien estivesse mesmo por trás da morte de Crisálida, mas era um ponto de partida tão bom quanto qualquer outro para investigar. Evidentemente não teria cometido o assassinato em pessoa, mas os Punhos Sombrios tinham muitos capangas capazes de fazer o serviço. Como por exemplo Vermis, o guarda-costas extraordinariamente forte de Kien, que Brennan vira ameaçar Crisálida dois Dias do Carta Selvagem antes.

É claro, ele estava bastante desatualizado. As coisas provavelmente tinham mudado, mas havia pessoas com quem podia falar e que estariam dispostas a passar as informações mais recentes. Brennan sentiu o peso do estojo do arco e seguiu pela rua.

O caçador havia voltado à cidade.

16h00

Jube vivia no porão de uma pensão na Eldridge, num apartamento com paredes de tijolos à vista e um persistente cheiro de carne podre. A sala exibia muita mobília de segunda mão e um tipo de escultura moderna esquisita, uma construção imponente do piso ao teto com ângulos que lembravam Escher e uma bola de boliche no centro. De vez em quando, a bola parecia brilhar.

— Eu chamo de *Luxúria do Curinga* — explicou Jube. — Se você achou esquisita, devia conhecer a garota que serviu de modelo para ela. Não olhe por muito tempo ou vai te dar dor de cabeça. Quer um drinque?

Fogo de santelmo cintilava de modo perturbador na superfície da escultura. Jay se sentou na beira do sofá.

— Aceito um uísque com soda — respondeu ele. — Pega leve na soda.

— Só tenho rum — disse Jube, gingando pela cozinha.

— Delícia — respondeu Jay, inexpressivo. — Claro.

Jube trouxe para ele um copo de vidro de rum escuro cheio até a metade e um único cubo de gelo flutuando na superfície.

— Os jornais dizem que foi o assassino do ás de espadas — disse ele enquanto relaxava o corpo volumoso numa poltrona reclinável, também com um copo de rum na mão. O seu estava decorado com uma sombrinha de papel. — Tanto o *Post* quanto o *Grito*.

— Havia um ás de espadas ao lado do corpo — concordou Jay, bebericando seu drinque. — A polícia não acredita.

— E você?

Ele encolheu os ombros.

— Não sei. — Passara as últimas horas lendo o arquivo policial sobre o brutamontes que assinava como “Yeoman”. Agora, não sabia direito o que pensar. — O modo como ele geralmente age é todo diferente. Nosso amigo gosta de espalhar cadáveres pela paisagem, mas a maior parte deles tem flechas enfiadas em partes sensíveis da anatomia.

— Lembro que os jornais costumavam chamar o cara de assassino do arco e flecha, também — comentou Jube.

Jay concordou.

— Não que ele não seja eclético. Se não conseguir varar seu olho com uma flecha pontuda, ele te estrangula com uma corda de arco ou usa uma flecha explosiva para te detonar pelos ares. A polícia acha que ele matou uma vez com uma faca e duas com as próprias mãos, mas esses casos têm um ponto de interrogação do lado. Geralmente, o negócio dele é assassinato temático. Parece que também não gosta de orientais, a julgar pelo número que ele matou. Mas não é espalhafatoso; só mata se precisar. — Jay suspirou. — O único problema é que Crisálida foi espancada até a morte por alguém com força sobre-humana, e nosso amigo com o fetiche de baralho é um limpo.

— Como é que você sabe? — perguntou Jube.

— Já experimentei arco e flecha antes — respondeu Jay. — É difícil. Tem que praticar por anos para ficar bom, e esse doido está muito além de ser apenas bom. Para que fazer isso se você já for um ás?

Jube cutucou uma das presas, pensativo.

— É, só que… — hesitou o curinga pequeno e gordo.

— Quê? — incentivou Jay.

— Bom — continuou Jube, relutante —, acho que talvez Crisálida estivesse com medo do cara.

— Continue.

— O último assassinato com ás de espadas foi mais ou menos um ano atrás. Depois disso, parou. Foi na mesma época em que Crisálida mudou. Tenho certeza.

— Mudou como?

— É difícil explicar. Ela tentou ser a mesma de sempre, mas, se você a visse toda noite, como eu via, perceberia que não era. Estava… *interessada* demais, se é que você me entende. Antes, quando alguém chegava com alguma informação para vender, ela sempre agia como se estivesse meio entediada, como se não ligasse a mínima se o cara contava ou não, mas, no último ano, foi como se ela quisesse saber de absolutamente tudo, não importava o quanto a informação fosse trivial. E estava desesperada para saber qualquer notícia de Yeoman. Ofereceu pagamento extra.

— Merda. — Isso levava Jay de volta à estaca zero.

— Não dava para saber direito se ela estava apavorada, não em se tratando de Crisálida — continuou Jube. — Você sabe como ela era. Sempre tinha que estar no controle. Mas Digger ficava nervoso pelos dois.

— Digger?

— Thomas Downs — explicou Jube. — Aquele repórter da revista *Ases*. Todo mundo o chama de Digger. Vem frequentando o Crystal Palace desde que ele e Crisálida voltaram daquela turnê mundial, no ano passado. Duas ou três vezes por semana. Ele entrava, ela o via e os dois subiam.

— Eles estavam se pegando? — perguntou Jay.

— Ele sempre ficava até depois do bar fechar. Talvez Elmo ou Sascha saibam dizer se ele ainda estava lá de manhã. — Jube coçou um dos tufos de cabelo vermelho e desgrenhado do lado da cabeça. — Pelo menos Elmo.

Jay estranhou o comentário.

— Por que não Sascha? Ele é telepata. Se alguém sabia com quem ela trepava, era ele.

— Sascha não passava mais tanto tempo quanto antes no Crystal Palace. Andava visitando uma mulher. Uma haitiana, pelo que ouvi dizer, que mora perto do rio East. Dizem que ela é prostituta. Um dos inquilinos aqui, o Reginald, que é segurança noturno de um depósito lá perto, comentou que Sascha entra e sai o tempo todo. Às vezes, só vai embora de manhã.

— Isso não é bom — disse Jay.

Estava começando a ter uma suspeita sobre o motivo de Crisálida precisar de um guarda-costas. Sascha nunca tinha sido um telepata de primeira, só um pescador colhendo pensamentos aleatórios na superfície da mente, mas, durante anos, suas habilidades tinham bastado para dar a Crisálida um aviso prévio dos problemas que se aproximavam. No entanto, se Sascha andava passando muitas noites fora…

— Tem mais uma coisa — continuou Jube. Os dedos grossos, azul-escuros, cutucaram novamente uma presa. — Uns dez ou onze meses atrás, Crisálida mandou instalar um sistema todo novo de segurança. Custou uma fortuna, tudo coisa de última geração. Conheço um cara que trabalha para a empresa que fez o serviço. Pelo que fiquei sabendo, Crisálida queria que eles projetassem, veja só, um tipo de defesa para matar qualquer pessoa que tentasse *atravessar as paredes da casa*!

Jay remexeu o copo. O cubo de gelo havia derretido. Não gostava mesmo do sabor do rum. Matou a bebida num único gole longo, sentindo-se cada vez mais zangado consigo mesmo.

Naquela noite, Yeoman tinha entrado no Crystal Palace pela porta da frente. Ninguém o ouvira entrar, mas, quando olharam, ele estava lá. Já sua namorada, a loirinha ingênua e sexy de fio dental preto… *Ela* atravessara

uma parede, saindo do espelho atrás do bar e recuando da mesma forma depois que Jay mandara Yeoman ir para o inferno.

— Qual é o problema? — perguntou Jube.

— Nada além da porcaria dos meus instintos — respondeu Jay, amargurado. — Os caras armaram a emboscada que ela pediu?

— Disseram para ela que isso não existia.

— Que pena. Que pena.

♥

A Igreja de Nossa Senhora das Dores Perpétuas estava quase vazia. Uns poucos penitentes estavam espalhados, de joelho nos bancos arranhados de madeira, curvando a cabeça — ou as cabeças — em prece silenciosa ao deus que era mais real para eles do que o Jesus de feições limpas da velha bíblia. O corcunda chamado Quasim se ocupava de suas tarefas perto do altar, cantarolando com os lábios fechados enquanto tirava o pó do tabernáculo. Vestindo uma camisa xadrez muito bem passada e jeans limpos, ele se deslocava de modo rígido, aos arrancos, arrastando a perna esquerda. O vírus carta selvagem havia retorcido seu corpo, mas também dado a ele uma força física extraordinária e a habilidade de se teleportar. Ele baixou o tabernáculo e viu Brennan se aproximar do altar.

— Olá — cumprimentou Brennan. — Estou aqui para ver Padre Lula.

— Olá. — Os olhos de Quasim eram escuros e expressivos, e a voz, suave e profunda. — Ele está no escritório.

— Obrigado… — disse Brennan, parando ao perceber que Quasim o fitava com um olhar sem foco. O maxilar do curinga estava frouxo, e uma linha de baba escorria pelo queixo. Era óbvio que sua mente estava vagando. Brennan apenas balançou a cabeça e passou pela porta que ele ainda indicava.

O padre estava sentado atrás da sua mesa gasta de madeira, lendo um livro. Ergueu o olhar e sorriu quando Brennan bateu na porta aberta. Pareceu sorrir, pelo menos.

Padre Lula era um homem enorme e achatado com uma batina simples que lhe cobria o tronco imenso, parecendo uma tenda. A pele era cinzenta, grossa e sem pelos. Os olhos eram grandes, brilhosos e cintilavam úmidos atrás das membranas que piscavam. A boca era ocultada por uma cascata de

tentáculos curtos que pendiam como um bigode em constante movimento. As mãos, fechando o livro e colocando-o sobre a mesa diante dele, eram grandes, com dedos longos, finos e tênues. Filas de círculos almofadados — ventosas vestigiais — percorriam sua palma. Ele tinha um cheiro leve e agradável de mar.

— Entre, sente-se. — Olhou Brennan com a bondosa afeição que normalmente usava para encarar o mundo. — Aqui estou eu lendo as palavras de um velho amigo — apontou para o livro *Um ano na vida de um homem: o diário de Xavier Desmond* —, e outro velho amigo aparece. Se bem que — acrescentou, agitando os longos dedos num gesto de reprovação — teria sido simpático se tivesse vindo me ver antes de desaparecer. Fiquei um tanto preocupado com você.

Brennan sorriu sem muito humor.

— Sinto muito, padre. Contei meus planos a Tachyon, confiando que ele repassaria a notícia para os que se importavam. Tinha pensado em jamais voltar à cidade, mas os eventos recentes me fizeram mudar de ideia.

Padre Lula pareceu inquieto.

— Posso imaginar. A morte de Crisálida. Sei que vocês dois já foram… íntimos.

— A polícia diz que eu a matei.

— Sim, ouvi dizer.

— E não acreditou?

O padre balançou a cabeça.

— Não, meu filho. Você nunca mataria Crisálida. Embora eu não possa dizer que aprovo algumas das coisas que fez, somente aquele que nunca pecou poderia jogar a primeira pedra. Receio que as excentricidades de um jovem longe de ser inocente tenham me tornado incapaz de declarar pureza espiritual. — Ele suspirou. — Crisálida, a pobre moça, era uma alma triste à procura de salvação. Espero que agora tenha pelo menos encontrado a paz.

— Também espero — concordou Brennan. — E eu vou encontrar o assassino.

— A polícia… — começou o padre.

— Acha que fui eu.

O curinga encolheu os ombros enormes.

— Talvez. Talvez por enquanto estejam desesperados para apontar um culpado, mas acabarão encontrando o caminho certo. Não vou negar ajuda a

você, caso esteja decidido a prosseguir por conta própria. Isto é, se eu tiver alguma informação que lhe seja valiosa. — Esfregou a área onde os tentáculos nasais de juntavam. — Embora não possa imaginar quais de meus conhecimentos seriam úteis na busca pelo assassino.

— Talvez o senhor possa me ajudar a encontrar alguém que saiba alguma coisa.

— Quem?

— Sascha. Ele pertence à sua congregação, não é?

— Sascha Starfin é um frequentador fiel da igreja — respondeu o padre. — Ainda que, pensando bem, já faça algum tempo que ele não vem fazer a comunhão.

— Ele desapareceu — contou Brennan, mais preocupado em descobrir o paradeiro do corpo de Sascha do que com o estado de sua alma. — O senhor sabe que ele morava no Crystal Palace. Acho que ele se escondeu porque testemunhou o assassinato.

Padre Lula assentiu.

— É possível. Já foi ao apartamento da mãe dele?

— Não. Onde fica?

— Na área russa de Brighton Beach — respondeu o padre, passando-lhe o endereço.

— Obrigado. O senhor foi de grande ajuda. — Brennan se levantou para partir, mas hesitou e virou-se outra vez para o padre. — Mais uma coisa. Sabe onde Quasim estava hoje de manhã?

O curinga olhou de modo solene para ele.

— Não suspeita dele, não é? Tem a mais gentil das almas.

— E mãos muito fortes.

— Isso é verdade. Mas pode tirar o nome dele da sua lista de suspeitos. Como deve saber, virou uma espécie de mania dos limpos adquirir restos de curingas. Corpos, esqueletos, o que for… como objetos de decoração. Quasim estava vigiando nosso cemitério ontem à noite. Pelo menos, assim espero. Ele esquece as coisas, sabe?

— Ouvi dizer. Ele ficou lá a noite toda?

— A noite toda.

— Sozinho?

Após hesitar por um instante, Padre Lula respondeu:

— Bem, sim.

Brennan assentiu.

— Obrigado mais uma vez.

O padre ergueu a mão numa bênção.

— Vá com Deus. Rezarei por você. E pelo assassino de Crisálida — acrescentou rapidamente enquanto Brennan saía. — Com você à caça dele, o sujeito certamente precisará que alguém reze pela paz de sua alma.

19h00

Uma pequena multidão havia se reunido nas calçadas do Crystal Palace, e quatro viaturas da polícia estavam estacionadas na frente, além de uma quinta no beco dos fundos.

Ao sair do táxi, Jay reconheceu Maseryk parado ao lado de uma delas, falando pelo rádio. O edifício estava lacrado. Os degraus que levavam à entrada principal haviam sido bloqueados com cavaletes, e uma faixa amarela indicando a cena do crime estava pendurada na porta. Havia luzes acesas nas janelas do terceiro andar. Ele imaginou que estivessem dando uma bela olhada nos aposentos particulares de Crisálida. Alguns policiais uniformizados vagavam pelo terreno cheio de entulho ao lado, apontando lanternas para buracos, procurando sabe Deus o quê.

Os curiosos observavam tudo com interesse, cochichando entre si sem parar. Era o povo habitual das ruas do bairro, a maioria curinga, com um ou dois limpos infiltrados, parados ansiosos às margens da multidão. Prostitutas passeavam pela calçada oposta, oferecendo-se bem debaixo do nariz da polícia. Ao longe, de um lado, quatro Lobisomens vestindo cores da gangue e máscaras de Mae West curtiam o momento fazendo piadas uns com os outros. Alguns frequentadores do Crystal Palace estavam parados ali perto, só olhando.

Maseryk desligou o rádio. Jay se aproximou.

— E aí — perguntou —, o assassino já voltou à cena do crime?

— Você está aqui — respondeu Maseryk.

— Engraçadinho. Achou alguma impressão digital?

— Várias. Até agora temos as suas, as dela, as do Elmo, as do Sascha, as do Lupo, por aí vai. O que não estamos achando são os arquivos.

— Ah… — respondeu Jay, evasivo.

— Já ouviu falar de uma coisa chamada “saber demais para o seu próprio bem”? Kant acha que o motivo do crime está escondido em algum lugar naqueles arquivos secretos.

— Muito bom — disse Jay, dando uma boa olhada num belo traseiro de minissaia de couro apertada que passava rebolando. — Para um lagarto. —

Voltava a olhar para Maseryk quando notou uma silhueta encapuzada junto à entrada de um beco a meia quadra de distância.

— Vou avisar a ele que você disse isso — afirmou Maseryk com o vago começo de um sorriso.

— A questão aí é que, se Kant encontrar essas informações, pode acabar encontrando mais do que queria. Motivo é que nem impressão digital: quando existem muitos, são tão ruins quanto nenhum.

Olhou de relance para o beco. O homem encapuzado estava nas sombras, observando o Crystal Palace. A cabeça virou, e Jay teve uma breve visão de algo metálico quando a luz se refletiu na máscara de esgrima, feita de malha de aço, debaixo do capuz.

— Tenho certeza de que ele vai agradecer pela dica. Tem mais algum conselho que você queira passar?

— Tenho. Diga a ele que não foi Elmo. — Jay olhou novamente para Maseryk. — Sascha está em casa?

— Ele vai ficar com a mãe até a gente terminar de examinar o prédio. Não que isso seja da sua conta. Ellis não te disse para ficar de fora disso?

— Estou ficando. — Jay captou um sinal de movimento com a visão periférica e olhou de lado bem a tempo de ver o homem encapuzado voltar a se mesclar às sombras do beco. — As pistas boas estão todas lá dentro — continuou, sem se abalar. — Você me viu entrando lá? — Jay ergueu as mãos espalmadas. — Mas olha, sou bonzinho. Na verdade, estou indo embora. Viu? Tchau.

Maseryk franziu o cenho enquanto ele se afastava, depois encolheu os ombros, virou-se e voltou a entrar no Crystal Palace. Quando ele se foi, Jay girou e abriu caminho na multidão até o beco a cotoveladas. Tarde demais. O homem com a máscara de esgrima e o capuz preto havia sumido. Só que “homem” não era bem o termo certo. Debaixo daquele tecido negro e sombrio, diziam por aí, o corpo imenso da Estranheza era tanto macho quanto fêmea.

Mas, o que quer que fosse aquele curinga, uma coisa era certa: tinha força.

20h00

Uma velhinha, pequenina como um pardal idoso, abriu uma fresta na porta quando Brennan bateu.

— Sascha está? — perguntou ele.

— Não.

Brennan pôs o pé na porta, mantendo-a aberta, quando a mulher a empurrou para fechá-la. Ele havia visto um sinal de movimento na sala atrás da porta e sabia quem era.

— Sascha, não quero machucar você — disse em voz alta. — Só quero conversar.

A velha lutou para fechar a porta, empurrando-a corajosamente, mas, contra o peso de Brennan, aquilo era inútil. Então, uma voz cansada gritou:

— Está tudo bem, mãe. Deixe-o entrar. — Houve um longo suspiro, e Sascha acrescentou: — De qualquer jeito, eu não conseguiria me esconder dele por muito tempo.

A mãe de Sascha recuou e deixou Brennan entrar. Tinha uma expressão aflita no rosto enrugado ao olhar para o filho, que havia desabado no sofá da sala de estar, e em seguida para o sujeito em sua casa.

— Está tudo bem, mãe. Por que não vai fazer um chá?

Ela assentiu e saiu para a cozinha às pressas enquanto Brennan olhava para Sascha com preocupação. O barman sempre fora magro, mas agora não passava de pele e osso. Parecia mortalmente cansado; seu rosto, vincado e pálido.

— O que está havendo? — perguntou Brennan.

— Nada de nada. — Sascha balançou a cabeça, fatigado. Havia dor e perda em sua voz, além de uma amargura indisfarçada que Brennan nunca tinha ouvido.

— Por que está se escondendo? Você reconheceu o assassino de Crisálida telepaticamente?

Sascha apenas ficou sentado ali. Por um momento, Brennan pensou que não diria nada, mas então confirmou, assentindo com a cabeça.

— Ouvi alguém — revelou, finalmente.

— Quem?

— Aquele detetive particular. Popinjay.

Jay Ackroyd, pensou Brennan. Já tivera uma desavença com o ás, mas não conseguia imaginá-lo como um assassino.

— O que ele estava fazendo no Crystal Palace?

Sascha não disse nada, só encolheu os ombros.

— E quanto a Elmo? — perguntou Brennan.

O barman balançou a cabeça.

— Ela o havia mandado sair tarde da noite para fazer algum tipo de tarefa secreta. Não me contou nada a respeito do quê. — A amargura voltou, dessa vez envolta em medo. — Ele nunca voltou ao Crystal Palace. Ouvi dizer que a polícia está procurando por ele.

— Acham que foi ele?

Sascha riu.

— Talvez. Que piada. Acha que o anão a machucaria? Ele a amava. É quase tão engraçado quanto achar que você a matou.

— Você não sabe mais nada? Nada específico sobre o assassinato?

Nervoso, Sascha se mexeu e cutucou uma feia casca de ferida na lateral do pescoço.

— Que tal sobre o culpado? — perguntou, num jorro frenético de palavras. — Eu estava tomando um drinque no Freakers hoje à tarde e todo mundo estava falando a respeito.

— A respeito do quê?

— Do Pancada! Foi ele! Ele matou Crisálida. Ele anda se gabando disso.

— Por que Pancada mataria Crisálida?

Sascha deu de ombros.

— Quem é que sabe por que ele faz alguma coisa? Ele é perverso. Mas ouvi dizer que está tentando voltar a fazer parte dos Punhos. Acho que ficou na pior depois de a Máfia ter sido esmagada.

Brennan concordou sombriamente. Fazia sentido. Pancada não passava de músculo. Era forte, mas idiota, e provara ser brutal demais até para os Punhos Sombrios, que o haviam dispensado alguns anos antes. Ele tinha se associado então à Máfia, mas a organização fora destruída numa feroz guerra de gangues com os Punhos no ano anterior. Se Kien e os Punhos tivessem encomendado o assassinato de Crisálida, Pancada certamente seria capaz de espancá-la até a morte para cair nas graças deles.

A mãe de Sascha voltou da cozinha com uma bandeja de chá. Brennan observou o sujeito erguer uma xícara fumegante com as mãos trêmulas.

— Tenho que ir — disse ele. — Cuide-se, Sascha.

Cumprimentou a velha com um aceno de cabeça ao sair do apartamento. Se o boato de fato estava percorrendo a cidade como Sascha havia dito, Tripé seguiria a partir dele e encontraria Pancada. De todo modo, Pancada representava apenas a força bruta. Podia ter cometido o assassinato — e, se assim fosse, Brennan o pegaria —, mas ele ainda queria pôr as mãos sobretudo em quem havia ordenado a morte.

Tinha uma trégua com Kien. Havia cancelado sua vingança contra o antigo inimigo, mas se ele — ou qualquer um na organização — estivesse envolvido no que aconteceu com Crisálida, os Punhos iriam sangrar.

21h00

O apartamento era um loft em cima de uma gráfica falida, num edifício antigo de ferro fundido a um quarteirão do rio. Sobre a porta havia uma placa, desbotada até se tornar quase ilegível, com a inscrição GRÁFICA BLACKWELL. Jay espiou pelo vidro de uma janela, mas a sujeira a cobria como uma camada de tinta cinza, e ele não conseguiu ver nada do interior.

Enfiou as mãos nos bolsos do blazer e andou para lá e para cá pela calçada, devagar. Até onde podia ver, havia dois jeitos de entrar no loft. Uma escada de emergência feita de ferro pendia nos fundos da estrutura. Ele provavelmente podia puxá-la para baixo, subir e entrar por uma janela. Ou podia só apertar a campainha.

Via luzes nas janelas do loft. *Pro inferno com isso*, pensou. Contornou o prédio até a porta de aço no beco. Não havia nome na campainha. Jay a apertou com o polegar. Depois de um momento, houve um som áspero e metálico, e a tranca da porta de aço se abriu. *Essa foi fácil*, pensou ele, ao empurrar a porta e entrar. Encontrou-se ao pé de um lance de escadas estreito num corredorzinho medonho que fedia a mofo e tinta de impressora. Havia uma lâmpada pendurada no teto, balançando levemente enquanto mariposas voavam ao redor. A lâmpada estava quente e acesa — numa voltagem provavelmente alta demais para a fiação velha da espelunca —, mas servia para iluminar o lugar. Uma das mariposas encostou nela e caiu, fumegante, aos pés de Jay. As asas queimadas batiam frenéticas no piso de madeira, uma tatuagem em movimento no chão de madeira. Ele pisou no bicho e o sentiu ser triturado quando o esmagou com o calcanhar. Imaginou que diabo Sascha via num lugar daqueles.

Uma porta se abriu na plataforma acima dele.

— Não vai subir? — perguntou uma voz feminina lá em cima.

Jay não tinha ideia de quem ela estava esperando, mas imaginou que não fosse ele.

— Estou procurando Sascha — disse, começando a subir os degraus. Eram tão estreitos e íngremes que a subida foi difícil.

— Sascha não está aqui. — A mulher saiu do loft e ficou de pé no último

degrau, sorrindo para ele. — Estou sozinha.

Jay ergueu o olhar. Parou bem onde estava. E fitou.

A mulher passou a ponta da língua pelos lábios carnudos, fartos. Usava um baby doll curto e vermelho que mal chegava aos quadris. Sem calcinha. Os pelos pubianos eram negros e grossos, e, quando ficava daquele jeito, com as pernas abertas, ele pôde ver muito mais. Sua pele era de um tom castanho-claro, do tipo que Hiram chamaria de *café au lait*. Um emaranhado de cabelos negros revoltos caía sobre os ombros e as costas, mais longo que o baby doll. Sob o tecido mínimo aparecia o mais magnífico par de seios que Jay Ackroyd já vira.

— Vem — disse ela. O sotaque era tão provocante quanto o resto. — Vem — repetiu, mais insistente.

Jay resistiu ao impulso de olhar para trás e ver se havia mais alguém além dele na escada. De qualquer forma, não conseguia tirar os olhos dela. Quando Jube dissera que Sascha andava visitando uma prostituta haitiana, ele havia esperado uma garota magricela e cheia de acne com olhos famintos e marcas de agulhas pelos braços. Pigarreou e tentou falar num tom descontraído, como se topasse com mulheres seminuas o tempo todo.

— É… — conseguiu dizer —, o Sascha, é…

— Sascha é entediante — disse ela. — Meu nome é Ezili. Vem. — Ela sorriu de novo e estendeu a mão.

— Sou Jay Ackroyd — respondeu ele. — Sou amigo de Crisálida — acrescentou. — Sascha também — continuou. — Preciso falar com ele de novo — explicou. — Sobre ela — esclareceu. — Isto é, Crisálida. — Ia subindo as escadas enquanto falava. Ezili apenas ouvia, meneando a cabeça e sorrindo. Jay estava a dois degraus de onde ela estava quando viu que os olhos da haitiana combinavam com a lingerie, duas pequenas íris negras cercadas por um mar de líquido vermelho.

— Seus olhos — disse ele, parando de repente.

Ezili se abaixou, pegou na mão dele e a colocou entre as próprias pernas.

Seu calor era como uma coisa viva. Escorreu umidade entre os dedos e pela parte interna das coxas cor de café.

Ela roçou nele, arfando quando os dedos deslizaram para dentro dela, mexendo-se quase que por vontade própria. Ela teve o primeiro orgasmo bem ali, nos degraus, esfregando os quadris furiosamente na mão dele. Depois, lambeu os dedos de Jay como se estivesse faminta, chupando os fluidos de

um por um, e o levou em silêncio para o apartamento.

A esta altura, Jay já havia se esquecido daqueles olhos.

22h00

Nunca havia um Lobisomem por perto quando se precisava de um. Os Garças também eram raros. Brennan sondou as ruas por duas horas antes de avistar um dos membros da gangue, um Lobisomem, saindo aos tropeços do Freakers.

O Lobisomem era grande, cabeludo e musculoso. Usava jeans desbotados e rasgados, e correntes, tiras de couro e cordões suficientes para encher o guarda-roupa de Michael Jackson. A máscara plástica de Mae West que lhe cobria o rosto acrescentava mais que um toque de incongruência ao seu aspecto. Ele parou na rua diante do Freakers para extorquir alguns dólares de uns turistas limpos desorientados que tentavam decidir se entravam ou não no bar, depois passou por eles cambaleando e entrou num beco a meia quadra dali. Brennan o seguiu.

O beco era adequadamente escuro e isolado. O curinga estava urinando numa parede de tijolos e cantando “I’m So Lonesome I Could Die”, em voz baixa e muito mal. Estava fechando o zíper quando Brennan encostou o fio da faca em sua garganta e disse, em tom casual:

— Acho que sua voz ficaria muito melhor se eu fizesse um corte bem aqui. O que você acha?

O curinga ficou paralisado até Brennan se afastar; então, virou-se devagar, erguendo as mãos com cuidado e as afastando do corpo.

— Você é algum limpo pirado? — perguntou o curinga finalmente.

— Só estou visitando a metrópole malvada para ver como vão meus velhos amigos. — Brennan pôs a mão esquerda no bolso da jaqueta jeans. — Meu cartão — disse, tirando um ás de espadas.

O enorme curinga pareceu se encolher e voltar a si.

— É você mesmo, cara?

— Quer descobrir? — ofereceu Brennan, mas o curinga balançou a cabeça, recusando. — Não quero confusão — continuou. — Só bater um papo. Estou procurando um dos grandões. Feiticeiro. Dragão Preguiçoso. Talvez Transluz. Viu algum deles hoje?

— Vi Dragão hoje cedo. Ele disse que ia passar a noite no Chickadee’s,

mas não estava muito feliz com isso. Ia trabalhar de guarda-costas de algum figurão dos Punhos, então não ia poder curtir.

Brennan assentiu. Dragão Preguiçoso era um ás independente que trabalhava meio período para os Punhos, às vezes diretamente para um tenente muito importante dentro da organização chamado Philip Cunningham. Cunningham, que também era chamado de Transluz por sua habilidade de se tornar invisível, saberia se Kien tinha encomendado a morte de Crisálida. O próprio Brennan já trabalhara uma vez para o sujeito quando se disfarçara para se infiltrar nos Punhos, numa tentativa de derrotá-los por dentro. Na verdade, acabara salvando a vida de Transluz quando a Máfia atacara seu quartel-general. Talvez os dois pudessem chegar a algum tipo de acordo.

— Tudo bem — disse Brennan, então gesticulou com a faca. — É esse o modelo que os Lobisomens estão usando esta semana?

— Hein?

— Sua máscara.

— Claro.

— Passa isso pra cá.

Brennan observou cuidadosamente o Lobisomem. A máscara comum que a gangue usava era seu símbolo, seu distintivo de identidade. Alguns Lobisomens fanáticos eram capazes de matar antes de cedê-la. Aquele ali ficou visivelmente tenso, depois suspirou e relaxou. Obviamente conhecia a reputação de Brennan e, apesar do tamanho e da aparência feroz, não tinha nenhuma vontade de se atracar com o homem que havia dizimado as fileiras dos Punhos Sombrios no ano anterior.

Ele tirou a máscara e a entregou, baixando e virando o rosto. Brennan pegou a máscara, olhou para o rosto do homem e nada disse. Já vira piores, muito piores, embora pudesse entender por que o Lobisomem de aparência sinistra tivesse vergonha do próprio semblante. Parecia ter parado de crescer no primeiro ano de vida do homem. Era um rosto de bebê, belo e macio, pousado de forma grotesca no meio da cabeça colossal. Fazia um contraste estranho com o aspecto selvagem do curinga, todo de metal e couro.

Brennan abriu espaço, e o Lobisomem o contornou e recuou, ainda evitando mostrar o rosto. Afastou-se pelo beco.

— Seu zíper ainda está aberto — gritou Brennan para ele.

♣

— Durma — sussurrou Ezili para ele, depois de tudo.

Estava mesmo sonolento. Sentia como se pudesse simplesmente se entregar, afundar lentamente no tapete fundo e macio debaixo dele, fechar os olhos e flutuar em paz. Não havia percebido como estava exausto.

Ezili sorria para ele, o peso suave dos seios apoiado em seu braço. Nem haviam se dado ao trabalho de acender uma luz, mas ele podia vê-la de modo parcial com a iluminação do poste de rua que se filtrava pelas cortinas levemente agitadas ao vento. Os mamilos dela eram grandes e escuros, da cor de chocolate meio amargo. Lembrava-se do gosto deles. Estendeu a mão e acariciou a pele macia na parte inferior dos seios, mas desta vez os dedos dela seguraram-lhe o pulso e afastaram gentilmente sua mão.

— Não — sussurrou ela. — Só durma. Feche os olhos, menininho. Sonhe. — Ela beijou sua testa. — Sonhe com Ezili-je-rouge.

Uma parte de Jay percebia que loucura era isso, mas o restante dele não se importava. Imaginou se Ezili tentaria exigir dinheiro. Afinal, supostamente, era prostituta. Ele não ligava. Qualquer que fosse o preço, teria valido a pena.

— Quanto custa a noite toda? — sussurrou, sonolento.

Ezili pareceu achar graça com a pergunta. Riu um riso leve, musical, e começou a acariciar a cabeça dele com dedos lânguidos e hábeis. Aquilo era incrivelmente relaxante. O recinto estava quente e escuro. Jay fechou os olhos e deixou o mundo começar a desvanecer. Os dedos de Ezili tocavam e domavam. Ao longe, ele a ouviu falando sozinha, murmurando “a noite toda, a noite toda”, como se fosse a coisa mais engraçada que alguém já tivesse dito. Havia outros sons também, mais distantes, uma porta se abrindo em algum lugar, um roçar de roupas, como se houvesse mais alguém ali com eles, mas Jay estava cansado demais para se importar. Estava flutuando, afundando num mar quente de sono, ciente de que, essa noite, não teria o pesadelo.

Então, a porta da rua se abriu de supetão, com um estrondo, e alguém gritou:

— Cadê ele?

A luz forte do corredor foi direto ao rosto de Jay, acordando-o com um

susto. Zonzo, ele se sentou e protegeu os olhos com a mão. Por entre os dedos, viu a silhueta de um homem à porta, indistinto contra o clarão.

— Merda — reclamou, antes de lembrar exatamente onde estava.

Ezili estava de pé, gritando em francês com o intruso. Jay não falava uma palavra do idioma, mas podia perceber pelo tom que não encontraria muitos *daqueles* termos num dicionário básico de francês-inglês. Ouviu uma voz abafada atrás de si e se virou bem a tempo de avistar um vulto desaparecendo por uma porta. *Uma criança*, pensou, com algum tipo de corcunda ou coluna torta, mas era difícil ter certeza à meia-luz. Quem quer que fosse, bateu a porta ao sair.

— Não pude evitar — disse o homem no corredor. A voz era áspera e trêmula. Ezili cuspiu contra ele mais veneno em francês. — Eu não sabia — continuou, suplicante. — Por favor, não posso esperar. Ezili, eu preciso do beijo, preciso muito. Me escute.

Jay conhecia a voz. Ficou de joelhos, colidiu com a beira do sofá, tateou em busca de uma lâmpada e acendeu uma luz.

— Você não entende o que eu passei — disse Sascha.

— Cale a boca, idiota — mandou Ezili em inglês. — Você tem visita.

A cabeça de Sascha se virou lentamente até encarar Jay.

— Você.

De repente, Jay lembrou que estava nu. Suas roupas estavam espalhadas por todo o quarto, as calças no encosto do sofá, a cueca boxer pendurada no abajur, as meias e os sapatos sabe-se lá onde. Ezili estava igualmente nua.

Claro, Sascha não tinha olhos. De certa forma, Jay achava que isso não era importante.

— Eu — admitiu, um tanto acanhado. Pegou a cueca do abajur, vestiu-a e tentou pensar em algo mais para dizer. *Me perdoe, Sascha, vim aqui falar com você, mas acabei trepando com a sua namorada no tapete da sala, e, a propósito, ela tem uma bunda maravilhosa…* Não, não podia dizer aquilo. Mas havia acabado de *pensar* aquilo, e Sascha era um telepata, o que significava que já havia…

— Covarde — rosnou Ezili para Sascha. — Fracote. Por que você deveria receber o beijo? Você não merece.

Jay olhou para ela, um tanto chocado. Era um lado totalmente diferente de Ezili, e agora ela com certeza não parecia uma prostituta falando com um freguês endinheirado. Estava de pé com os punhos fechados e apoiados nos

quadris, nua e furiosa, e Jay percebeu pela primeira vez que ela tinha uma ferida grande, saliente e marrom de um lado do pescoço. Pensou em diversas doenças venéreas, depois em AIDS, lembrando que ela era haitiana, e se sentiu um completo idiota por terem transado.

— Cadê a porra da minha camisa? — disse com raiva, mais alto do que pretendia.

Ezili e Sascha olharam para ele. Ezili resmungou alguma coisa em francês, girou sobre os calcanhares descalços e saiu na direção do quarto. Bateu a porta após entrar. Jay a ouviu trancá-la.

Sascha parecia prestes a chorar, embora Jay não soubesse se alguém *podia* chorar sem olhos. Desabou numa poltrona e ergueu a cabeça para lançar ao detetive seu olhar cego.

— E então? — disse Sascha, amargo. — O que você quer?

Vestindo as calças, Jay sentiu que estava em certa desvantagem, mas tentou não admitir.

— Estou procurando Elmo — respondeu ele, fechando o zíper.

— Todo mundo está procurando Elmo — lamentou Sascha. Jay percebeu que ele estava com uma cara de merda, embora nunca tivesse visto merda tão pálida e suada e trêmula como Sascha estava naquele momento. — Bom, não sei onde ele está. Saiu para fazer um trabalho e não voltou. — Sascha deu uma risadinha. Foi um som fraco, agudo e assustador, à beira do pânico. — O anão que nunca voltou, esse é o Elmo. Bom para ele. Vão enforcá-lo por isso, sabe. Espere para ver. Ele é só um curinga.

Jay não conseguia encontrar uma das meias. Enfiou a outra num bolso e se sentou na beirada do sofá para amarrar os sapatos. O móvel era novo, caro, estofado em veludo macio cor de vinho. Jay deu uma boa olhada no apartamento, vendo-o realmente pela primeira vez. O chão era coberto por um carpete alto de parede a parede, branco como a neve. Do outro lado da passagem havia uma cozinha moderna onde uma fila de panelas com fundo de cobre pendia entre uma enorme geladeira com freezer, cor de bronze, e um micro-ondas tão grande que poderia servir como hangar para pequenos aviões. A sala estava cheia de obras de arte estranhas e primitivas, mas de aparência cara, que Jay imaginou serem haitianas. Símbolos complexos cobriam as paredes. À esquerda, o loft fora dividido num labirinto de cômodos menores; parecia haver cinco ou seis quartos nos fundos.

— Que lugar é este? — perguntou Jay, um pouco confuso.

— Um lugar que não é para você — respondeu Sascha. — Por que não me deixa em paz?

— Vou deixar. Assim que você tiver respondido a algumas perguntas.

Sascha ficou enfurecido.

— Não! — gritou ele. — Agora. Eu já disse, não posso esperar, maldição, dá o fora daqui, eu preciso do beijo, não quero você aqui, não quero você me azucrinando.

Jay nunca o vira daquele jeito.

— Que diabo há de errado com você? Sascha, você está viciado em alguma droga?

A raiva dele se transformou de repente em risadinhas.

— Ah, sim — respondeu. — Beijos, ah, beijos mais doces que vinho.

Jay se levantou, franzindo o cenho.

— Beijos — repetiu em tom azedo. Ezili era *muito* boa de cama, mas, se era isso que um relacionamento longo com ela fazia com alguém, ele preferia parar por ali. — Sascha, não dou a mínima para sua vida amorosa, só preciso encontrar Elmo. Ele me conhece bem o bastante para saber que não vou entregá-lo. Só quero conversar. Talvez ele saiba alguma coisa que me ajude a descobrir quem matou Crisálida.

Sascha acariciou o bigodinho fino num movimento quase furtivo.

— Mas nós sabemos quem a matou, não sabemos? Ele deixou um cartão de visitas, não deixou? Sim, vejo que você lembra; posso ver a imagem na sua cabeça agora mesmo.

A perspectiva de ter a mente vasculhada por Sascha lhe causou arrepios.

— Alguém deixou um ás de espadas ao lado do corpo — concordou Jay —, mas não estou convencido de que foi Yeoman, ele…

— Foi ele! — interrompeu Sascha, levantando-se com raiva. — Yeoman! Foi ele quem fez isso! Eis o seu assassino, Popinjay, ah, sim. Ele voltou à cidade. Acabei de vê-lo.

Jay estava em dúvida.

— Você o viu?

Sascha balançou a cabeça rapidamente.

— Lá em Brighton Beach. Na casa da minha mãe. Ele veio me procurar. Também está atrás de Elmo.

— Por quê? Por que ele mataria Crisálida?

Sascha olhou ao redor, como se para ter certeza de que ninguém mais

estava ouvindo, então se inclinou para a frente e sussurrou:

— Ela sabia o nome verdadeiro dele. — Deu uma risadinha. — Você quer saber qual é? Se eu contar, você vai embora e me deixa em paz?

— Você também sabe?

Sascha confirmou ansiosamente.

— Ela nunca disse em voz alta, mas às vezes pensava no nome. Um dia, eu o li direto da mente dela. Se Yeoman soubesse, me mataria também. Você quer saber?

— Conta — pediu Jay.

— Promete que vai embora? Não vai mais me incomodar? Não vai mais se meter nos meus assuntos?

— Prometo — respondeu Jay, impaciente.

— Daniel Brennan — disse Sascha. — Agora, dê o fora.

Ao sair, Jay olhou para trás uma vez enquanto puxava a porta do apartamento, fechando-a. Sascha estava ajoelhado junto à porta do quarto, apertando o rosto sem olhos na madeira, implorando por um beijo.

23h00

O Chickadee’s ficava no coração da Bowery. O exterior era simples, quase austero, de pedra cinzenta, sem placa, toldo nem porteiro para anunciar sua existência. O lugar não precisava de propaganda: o boca a boca já bastava.

Brennan subiu os degraus de mãos vazias, tendo deixado o estojo do arco num guarda-volumes alugado, e foi recebido na antessala do bordel por um curinga com o tamanho e a musculatura de um gorila macho. O curinga o revistou de cima a baixo e o farejou, um tanto enojado com o cheiro do jeans e da camiseta de Brennan. Ainda assim, abriu a porta interna da antecâmara que, segundo os milhares de clientes satisfeitos do Chickadee’s, levava ao paraíso.

Jake Doze-Dedos estava tocando o piano no canto do salão de visitas, martelando os acordes complicados da música supersincopada que ele chamava de “jazz-c” — jazz curinga — e que exigia todos os seus doze dedos para ser tocada corretamente. Os fregueses, em sua maioria usando ternos de três peças de aparência cara, estavam sentados nas poltronas e nos sofás confortáveis do salão, bebendo e conversando com as garotas. As mulheres da casa eram de diversas raças e cores. Todas eram lindas, mas, como estavam no Bairro dos Curingas, algumas delas tinham atributos decididamente incomuns.

Uma recepcionista limpa recebeu Brennan à porta. Parecia uma limpa, pelo menos. A cinta-liga, as meias e os saltos altos que usava não teriam conseguido esconder deformidades. Era verdade, porém, que algumas das moças do Chickadee’s eram diferentes de maneiras muito sutis.

— Oi, gato — disse ela. — Meu nome é Lori. Quer curtir?

Brennan sorriu.

— Estou procurando um homem — começou ele.

— Lugar errado, gato. Temos todo tipo de garotas: branca, negra, parda, e umas que você nunca viu antes, mas, se quer um homem…

— Eu quis dizer um amigo — acrescentou Brennan, depressa. — Dragão Preguiçoso…

— Ah — assentiu Lori. Ela passou o braço pelo de Brennan e o trouxe

para perto de si. O quadril macio se apertou contra o dele, a coxa longa, esbelta e coberta de seda roçando-o enquanto andavam.

— Eu deveria ter adivinhado, com a máscara e tal. Marilyn Monroe, né? É uma das minhas favoritas. Pode deixar que eu levo você lá para cima pessoalmente. Estou querendo mesmo outra dose.

— Claro.

Brennan a acompanhou, um tanto aturdido, mas satisfeito por seu disfarce improvisado estar funcionando. Cruzaram a ruidosa área do salão com o jazz-c que fluía dos dedos hábeis de Jake Doze-Dedos e a tagarelice de trinta garotas e cinquenta potenciais clientes, subiram uma escada e entraram num corredor que terminava em portas duplas, fechadas, vigiadas por um par de Lobisomens com máscaras de Mae West idênticas à de Brennan.

— Qual é a sua? — perguntou um deles quando Brennan e a garota se aproximaram.

Brennan assentiu.

— Troca de turno. Me deixe ver Dragão.

— Só você? E quem é que vai sair?

Brennan deu de ombros.

— Não sou eu quem escolhe.

O Lobisomem grunhiu e abriu passagem. Brennan e Lori entraram pelas portas.

O interior era uma sala ampla decorada com o gosto prodigamente exuberante que se esperaria de um estabelecimento como o Chickadee’s. Metade das paredes era coberta por um papel de estampa paisley dourada e prateada, a outra metade por espelhos, fazendo o recinto parecer muito maior do que de fato era. Os sofás muito macios e os pufes gorduchos espalhados pela sala estavam todos ocupados por garotas da casa e homens com ternos tão requintados quanto o papel de parede.

Uma garota nua estava deitada de maneira lânguida num dos sofás com carreiras espalhadas pelo corpo que pareciam ser de cocaína: estavam entre os seios fartos, ao longo das pernas macias e convergindo na junção das coxas. Três homens se revezavam inalando o pó que levava às suas partes preferidas do corpo. Outras garotas, usando apenas maquiagem, circulavam com bandejas de drinques e pequenas vasilhas de prata cheias de pós ou pílulas de diversos tipos.

— Te vejo depois, querido — disse Lori, e então se misturou à multidão.

Dragão Preguiçoso estava sentado num canto da sala, bebericando um drinque numa taça de haste longa. Enquanto Brennan o observava, ele virtuosamente recusou uma tigela de pó branco oferecida a ele por uma elegante mulher negra cujo corpo estava coberto de plumas fofas.

— O que você quer? — perguntou Dragão quando Brennan se aproximou.

Era um homem jovem, asiático, pequeno e de aparência asseada. Era também um ás poderoso, capaz de animar e possuir estatuetas de animais que ele esculpia ou dobrava em papel. Neste momento, não parecia estar de bom humor.

— Para os ímpios não há paz, hein?

Dragão se retesou ao som da voz de Brennan, fez menção de se levantar e em seguida se deixou afundar na poltrona.

— Que diabo você está fazendo aqui, Caubói? — disse ele, usando o nome que Brennan adotara ao se infiltrar nos Punhos.

Brennan encolheu os ombros.

— Parece uma festa divertida. Eu detestaria que algo a estragasse. — Olhou com firmeza para Dragão. — Então, o que está acontecendo?

Dragão olhou para ele por um longo tempo antes de responder.

— Aquele cara ali — disse, indicando um homem alto, magro e aparentemente bêbado, de calças, paletó e camisa de linho branco — é Quinn, o Esquimó. Você já ouviu falar dele.

Brennan confirmou. Quinn, o Esquimó — seu nome verdadeiro era Thomas Quincey —, era o chefe do departamento científico dos Punhos Sombrios. Especializara-se no desenvolvimento de drogas sintéticas com efeitos especiais extraordinários.

— Está experimentando um novo produto? — perguntou Brennan.

Enquanto ele olhava, Lori se aproximou de Quinn e disse algo. O Esquimó sorriu e deu a ela um frasco de pó azul. A mulher inalou uma parte e esfregou outra nos mamilos e nos seios, deixando-os da mesma cor azul viva do pó. Quinn e os homens de pé ao redor dele riram. Ao chamado de Quinn, um deles começou a lamber os seios de Lori. Ela fechou os olhos, se apoiou numa parede próxima e, enquanto o homem lhe sugava os mamilos, chegou a um orgasmo óbvio e poderoso.

— Que diabo foi isso? — perguntou Brennan.

Dragão encolheu os ombros.

— O produto novo. Demonstração para os distribuidores. O que você quer, afinal?

Brennan voltou a olhar para Dragão.

— Uma amiga minha foi assassinada, Dragão. Você soube.

— Crisálida?

Brennan assentiu.

— E ouvi dizer que alguém anda se gabando por toda a cidade de ter feito isso para cair nas graças dos Punhos.

Dragão balançou a cabeça.

— Eu não sabia que os Punhos queriam Crisálida morta.

— Você não se envolve com política. Quero falar com alguém que se envolva. Transluz.

— Ele não está feliz com você, Caubói. Você fodeu mesmo com a gente.

Brennan deu de ombros.

— É a vida — disse ele. — Transluz vai falar comigo, ou os Punhos vão sangrar.

Dragão se levantou devagar, com cuidado.

— Você não quer começar nada aqui, Caubói. Sou chefe da segurança desta festa…

Brennan assentiu, sorrindo sob a máscara de Mae West, e recuou.

— E eu não ia querer que você ficasse com uma mancha no currículo. Só avise a Transluz que quero conversar.

Os dois se encararam até Brennan sair da sala.

— E aí? — perguntou um dos guardas Lobisomens no corredor.

— E aí o quê?

— Quem é que vai tirar folga?

— Ah. — Brennan tirou a máscara de Mae West e a jogou para o Lobisomem atônito, que a pegou junto do peito. — Eu.

— Como assim? — rosnou o outro, zangado. — Não é justo.

— A vida é dura — respondeu Brennan. — Daí, você morre.

Os Lobisomens reconheceram o perigo em sua voz. Olharam-no enquanto ele seguia pelo corredor, perguntando-se quem era ele e concluindo que provavelmente seria melhor se nunca descobrissem.

♣♦♠♥

Terça-feira

19 de julho de 1988

2h00

O ar rançoso preso no interior da rede de esgoto desativada que Crisálida havia convertido numa entrada secreta para o Crystal Palace fedia a mofo e a podridão. Tudo estava escuro, a não ser pelo facho de luz da lanterna de Brennan. E silencioso, a não ser pelos ruídos esparsos que ele fazia ao rastejar naquela direção. Ao passar por um túnel lateral sobre o qual Crisálida não lhe contara, pensou ter ouvido alguma coisa se mexendo ali, mas decidiu que não era hora de satisfazer curiosidades banais.

A rede de esgoto levava a um túnel de construção mais recente, que por sua vez levava a um porão escuro usado como despensa. O recinto estava tomado por pilhas de caixas de bebida, barris de alumínio com cerveja e caixas de papelão cheias de batatas chips, pretzels, torresmo e outros salgadinhos.

Brennan atravessou a despensa em silêncio e subiu o lance de escada até o primeiro andar. Esperou por um momento, mas não viu, ouviu nem farejou nada que indicasse a presença de mais alguém no Crystal Palace. Imaginara

mesmo que não haveria ninguém. Andou pelo corredor até o escritório de Crisálida e parou à porta, estranhamente relutante em abri-la.

Percebeu que, depois que visse o sangue dela espirrado nas paredes, saberia sem dúvida que Crisálida estava morta. Ela fora reservada e distante demais para que ele a conseguisse amar, mas havia compartilhado sua cama e alguns dos seus segredos. Ele tinha percebido a mulher solitária sob o exterior inabalável. Não a amara, mas poderia ter amado. Não conseguia esquecer isso. A ideia o atormentava como a dor de uma ferida aberta, exposta e ainda sangrando.

Lembrava-se do escritório de Crisálida como um recinto escuro, silencioso e encantador. Tinha um fabuloso tapete oriental no chão, imensas estantes de livros cheias de volumes encadernados em couro que Crisálida tinha realmente lido, sólida mobília de carvalho e couro, além do papel de parede com estampa vitoriana em tom púrpura. O lugar tinha até o cheiro de Crisálida, o exótico perfume de jasmim-manga que ela usava e do licor que bebia. Havia sido um recanto de paz, e ele não queria vê-lo transformado numa cena de morte e destruição. Mas precisava. Respirou fundo, removeu a fita que selava a porta e entrou no escritório.

Era pior do que havia suspeitado. O cômodo fora completamente devastado. A enorme mesa de carvalho estava tombada de lado, fora do lugar onde costumava ficar. A poltrona de couro negro estava estilhaçada. As estantes tinham sido arrancadas das paredes, e os livros, espalhados pelo chão. Os assentos para visitantes estavam reduzidos a gravetos. Os armários de arquivos, feitos de madeira, foram virados, e seu conteúdo foi jogado por todo o chão e por cima dos móveis quebrados. O pior de tudo era um jorro desbotado de sangue, quase invisível no papel de parede estampado, espalhado na parte inferior, atrás de onde a mesa e a poltrona normalmente estariam.

Brennan já vira muita destruição, mas essa o encheu de ira. Esperou o sentimento passar, empurrando-o para as profundezas do seu ser até se tornar um ponto luminoso no fundo do estômago. Não era hora de se entregar à emoção. Talvez, mais tarde, pudesse se dar ao luxo de extravasá-lo, mas agora precisava de um raciocínio frio e imparcial. Sem saber ainda o que poderia se tornar uma pista importante, memorizou a cena pavorosa com todos os detalhes possíveis para ser capaz de reconstruí-la mentalmente depois.

Saiu então do escritório com a imagem gravada na memória. Não conseguiria encarar o ambiente apertado dos túneis debaixo das ruas. Queria ar puro e limpo — pelo menos, tão puro e limpo quanto podia haver na cidade. Foi até a escada que levava às saídas no andar superior e ouviu uma voz, a última voz que esperava ouvir de novo, sussurrando na escada escura acima dele.

— Yeoman — dizia ela, fazendo arrepios percorrerem suas costas —, estou esperando você. Venha para o meu quarto. Estarei esperando, meu arqueiro.

Era a voz dela. Crisálida, falando com seu sotaque quase inglês. Brennan ficou parado por um momento, mas não ouviu mais ninguém nem nada se mexer na escuridão.

Não acreditava em fantasmas, mas o carta selvagem tornava quase tudo possível. Talvez Crisálida nem tivesse sido morta; talvez fosse só uma peça elaborada, quem sabe um boato espalhado por ela própria por alguma razão insondável qualquer. O que quer que fosse, ele não podia simplesmente ir embora. Sacou sua Browning Hi-Power do coldre no quadril e se esgueirou escada acima, silencioso como um gato à espreita.

A porta do quarto de Crisálida estava aberta e, enquanto espiava pelo canto do batente, ele pôde ver que outra pessoa havia estado ali. O intruso estivera procurando alguma coisa e não se importara em ser discreto. A cama de dossel fora desmontada, e o colchão, desmanchado. Todos os retratos vitorianos e espelhos antigos de moldura elegante tinham sido retirados das paredes e jaziam em cacos prateados no chão. A garrafa de cristal que normalmente ficava na mesa de cabeceira estava estilhaçada no piso. Em seu lugar, uma máscara de esgrima.

Brennan entrou no quarto e olhou ao redor, desconcertado. Assim que chegou à cama desmantelada, uma silhueta volumosa apareceu à porta do closet onde Crisálida guardava seu amplo vestuário. O rosto era feminino e belo, porém marcado pelo que parecia ser uma dor crônica. O corpo era grotesco, enorme e atarracado sob a capa preta que ia até o chão. Alguma coisa se movia debaixo da capa. Algo retorcido e disforme que cobria o peito e o abdômen, como um saco cheio de cobras. A intrusa parou de supetão e fitou Brennan, que a encarou e apontou sua arma para ela.

— Você é a Estranheza — disse ele, finalmente.

— Quem é você?

— Ninguém que você conheça. Me chame de Yeoman.

Houve outro silêncio. Depois, a Estranheza disse:

— Entendemos. O que está fazendo aqui?

— Essa é a minha pergunta.

— Estamos procurando uma coisa.

Os lábios de Brennan se curvaram numa careta.

— Não vamos prolongar isso.

— Senão, o quê? Haveria alguma ameaça aí em algum lugar?

A voz de Brennan saiu fria como gelo glacial, a mão que segurava a pistola estava firme como a de uma estátua:

— Eu não faço ameaças. Não faço jogos. Encontrei você no quarto da minha amiga e estou inclinado a acreditar que você teve algo a ver com a morte dela. Se não quer me contar nada, tudo bem. Não vou te entregar à polícia. Vou te matar.

— Nós acreditamos que você tentaria — respondeu suavemente a Estranheza.

Brennan não respondeu.

— Tudo bem. — Ela suspirou. — Não tivemos nada a ver com a morte de Crisálida. Quando soubemos o que aconteceu, viemos procurar por uma coisa… Uma informação que Crisálida estava usando para nos chantagear. Só queríamos recuperá-la antes que a polícia a encontrasse.

Brennan franziu o cenho.

— Chantageando você? Por dinheiro?

A Estranheza assentiu, retorcendo em seguida o rosto numa expressão de dor intensa. Ela arfou e caiu de joelhos, os braços cruzados sobre o estômago. Jogou a cabeça para trás, um esgar de agonia no rosto.

— Meu Deus — murmurou Brennan.

Aquilo não era fingimento. A Estranheza estava sentindo uma dor intensa, incontrolável, e ele não sabia o que fazer nem como ajudá-la. Começou a se aproximar da curinga desamparada, mas ela estendeu a mão para mantê-lo afastado. Ele observou enquanto as feições dela escapavam do rosto e deslizavam pelo lado do pescoço. Outro conjunto de feições, morenas e masculinas, surgiu da parte de trás da cabeça.

Os novos olhos espiaram Brennan com desconfiança. Mesmo antes de estarem exatamente no lugar, mesmo antes de a Estranheza deixar de gemer, ele — como Brennan agora imaginava o curinga — se levantou, pegou a

perna de uma mesinha perto da cama e a jogou contra o arqueiro com um giro do punho. Brennan se abaixou e disparou a arma. Nunca soube se o projétil acertou o alvo, pois a Estranheza avançou para ele como uma bala de canhão, e, quando colidiram, foi como se Brennan tivesse sido atingido por um saco cheio de tijolos.

Ele se desvencilhou e deu um chute lateral poderoso na massa retorcida que era o tronco da Estranheza. Uma mão feminina o agarrou, e era muito, muito mais forte que a dele. Ela o puxou, e ele a seguiu sem resistência ao ser girado e jogado contra a parede com força suficiente para fazer seus dentes rangerem e as costas doerem.

A arma caiu. Brennan foi ao chão, rolou e pegou uma pilastra móvel ornamentada de carvalho maciço. Girou-a com toda a força e atingiu o flanco da Estranheza. A pilastra se despedaçou. O braço tremeu com o choque, e ele sacudiu as mãos, tentando, sem sucesso, livrar-se da dormência. A Estranheza nem se mexeu.

Ela tentou golpeá-lo, mas Brennan se esquivou, se esquivou e se esquivou outra vez, balançando as mãos dos lados do corpo, tentando recuperar a sensibilidade. Recuou até que sentiu uma parede às costas; a Estranheza assomou diante dele, com uma feroz carranca de raiva.

Quando ela golpeou de novo, Brennan se abaixou, escorregando pela parede no momento em que o punho da Estranheza a atravessou, o braço entrando na cavidade até o ombro.

Brennan escapou para o lado e pegou uma das colunas que haviam sustentado o dossel da cama demolida de Crisálida. Girou-o como se fosse um taco gigantesco de beisebol e acertou em cheio as costas do outro, bem acima dos rins.

O curinga uivou mais de raiva que de dor. Brennan golpeou outra vez, partindo a coluna em pedacinhos.

— Meu Deus — resmungou enquanto a Estranheza xingava e tentava soltar o braço preso na parede.

Brennan percebeu que não havia sentido em tentar lutar. Saltou para fora do quarto quando a Estranheza se libertou e saiu correndo, rangendo os dentes com a dor nas costas.

— Vamos te pegar, seu desgraçado! — gritou a Estranheza. A voz era atrapalhada, como se talvez duas pessoas estivessem lutando pelo controle. — Vamos te pegar!

Brennan respirou fundo enquanto corria. Nenhum osso se quebrara, mas toda a área das costas parecia ferida. Não havia tempo para se lamentar. A polícia poderia chegar a qualquer momento para investigar a confusão. Ele subiu os degraus e chegou ao telhado, reprisando mentalmente a história da Estranheza.

Talvez Crisálida extorquisse favores ou informações dela como parte do jogo que gostava de jogar, mas nunca chantagearia ninguém por dinheiro. Brennan sabia que não era do feitio dela.

Então, por que a Estranheza mentiu? E o que ela — ou eles, tanto faz — procurava realmente no closet do quarto de Crisálida?

9h00

— Vocês têm um repórter chamado Thomas Downs — disse Jay.

A recepcionista o olhou, em dúvida. Fazia o tipinho chique que parecia ter sido criado especialmente para ficar sentado atrás de uma mesa high-tech de vidro e estrutura cromada numa recepção. Os escritórios da revista *Ases* eram muito mais elegantes do que Jay havia esperado. Se soubesse que ocupavam dois andares inteiros no número 666 da Quinta Avenida, talvez tivesse parado naquele engraxate no metrô. Obviamente, ganhava-se muito dinheiro divulgando histórias sobre a vida amorosa de Peregrina.

— Digger não veio trabalhar hoje — disse a recepcionista.

Na parede atrás dela, a logo da revista fora gravada a fogo num painel de aço cromado por Jumpin' Jack Flash. Em outras partes da recepção, vários ases que eram visitantes distintos haviam transmutado um cinzeiro cromado em algum tipo de vidro púrpura esquisito, transformado barras de aço em formas novas e caprichosas ou ainda construído uma máquina de moto-perpétuo que zumbia alegremente já fazia quatro anos. Pequenas placas de bronze comemoravam cada um daqueles feitos.

— Onde posso encontrá-lo? — perguntou Jay. — É importante.

— Sinto muito — respondeu a recepcionista. — Não damos esse tipo de informação.

— Tem mais alguém com quem eu possa falar?

— Sem hora marcada, não.

— Sou um ás — contou Jay.

Ela tentou reprimir um sorriso, mas falhou.

— Tenho certeza de que é.

Jay olhou para o resto da área da recepção, fez o formato de arma com os dedos e apontou para um longo sofá de couro e cromo. Ele desapareceu com um estalo. Estava mesmo precisando de um sofá novo em casa.

— Vou ganhar uma plaquinha de latão? — perguntou ele à recepcionista.

— Talvez o Sr. Lowboy possa ajudá-lo — respondeu ela, pegando o telefone.

O andar do departamento editorial fora dividido num labirinto de

cubículos. Escritórios particulares maiores, com paredes e portas de verdade, tomavam os lados do edifício, deixando o grande espaço central sem janelas. Havia muitas cores vivas e vasos de plantas, e uma musiquinha animada de elevador mantinha a equipe bem-vestida ocupada em seus terminais de computador. Tudo era muito limpo e organizado. Jay detestou.

Localizado num canto do andar, o escritório do Sr. Lowboy não tinha computador nem cores vivas nem música de elevador. Só um monte de madeira e couro, e duas janelas enormes de vidro escuro com vista para o horizonte de Manhattan. O Sr. Lowboy não estava lá quando eles chegaram, então Jay vagou pela sala olhando para as fotografias em molduras nas paredes. Estava analisando uma foto gasta em preto e branco do Jetboy cumprimentando um homenzinho encarquilhado que parecia um gnomo anêmico quando Lowboy finalmente fez sua entrada.

— Esse é o meu avô — disse. — Ele e o Jetboy eram assim. — Lowboy cruzou os dedos médio e indicador. Era muitos centímetros mais baixo que Jay e usava um terno branco de três peças com uma camisa em tom pastel e uma gravata preta de tricô.

— Por que ele está dando um cheque para o Jetboy? — perguntou Jay.

— Ah, bem, na verdade, ele emprestava dinheiro para o garoto o tempo todo. O Jetboy nunca soube como administrar as próprias finanças. Assim como vários desses ases modernos. — Estendeu a mão. — Sou Bob Lowboy. Soube que você está procurando Digger. — Não esperou resposta. — Receio não poder ajudá-lo — avisou enquanto se cumprimentavam. — Digger é um repórter de alto escalão, sem dúvida, mas não é o homem mais confiável que temos na equipe. Ele saiu ontem durante o intervalo para o café e não temos notícia dele desde então.

— Não está preocupado com isso?

— Não há com que me preocupar — garantiu Lowboy. — Ele já fez isso antes. Da última vez, apareceu uma semana depois com todo tipo de informação sobre o filho secreto do Uivador. Reportagem de capa.

— Aposto que sim.

— Se quiser deixar um cartão com minha assistente, garantimos que Digger o receberá — prometeu Lowboy.

Jay deixou um cartão com a assistente do Sr. Lowboy e disse que não precisava ser acompanhado até a porta. Estava traçando um caminho pelo labirinto quando uma mulher o chamou.

— Sr. Ackroyd?

Ela era jovem, talvez com uns 20 e poucos, e usava uma camisa branca simples com o colarinho aberto, jeans e um colete cinza em risca de giz. O cabelo era muito curto, e argolas de metal emolduravam o rosto.

— Mandy contou para todo mundo sobre o sofá — disse ela. — Você é o Popinjay. — Estendeu a mão timidamente. As unhas eram cortadas bem rente aos dedos.

— Detesto esse nome.

Ela pareceu se sentir culpada.

— Ah, meu Deus, é verdade. Estava no seu arquivo. Sinto muito, esqueci. Espero não ter ofendido. Sou Judy Scheffel. Às vezes me chamam de Colisão.

— Colisão? — disse Jay, hesitante.

— Nem pergunte. Sou a assistente de pesquisa do Digger. Podemos conversar? — Ela tirou uma chave do bolso do colete. — É a chave do escritório dele. Vem.

Downs podia ser apenas um repórter, mas claramente a *Ases* valorizava o trabalho dele. A sala do sujeito tinha um terço do tamanho da de Lowboy, mas era um escritório de verdade, com paredes, uma porta com fechadura e até uma única janela estreita. As estantes de livros na parede à esquerda estavam atulhadas até muito além da sua capacidade e pareciam prestes a desabar. Uma mesa com computador ocupava o canto junto à janela. Perto dela havia um quadro de avisos lotado de fotos feitas em delegacia de pessoas que Jay não reconhecia.

— Quem são? — perguntou ele.

Colisão trancou cuidadosamente a porta.

— Ases ainda não assumidos — respondeu ela. — Para referência futura. Você ficaria surpreso com quantas vezes Digger foi o primeiro a contar a história de um novo ás. Ninguém chega perto.

— Se eles ainda não se mostraram em público, como ele sabe que são ases? — questionou Jay, observando as fotos.

— Acho que Digger tem uma fonte lá na Clínica do Bairro dos Curingas que dá a dica sempre que um novo ás é diagnosticado. — Ela empurrou uns papéis para o lado e se sentou na beira da mesa. — Ele está encrencado, né?

— Me diga você — respondeu Jay.

— Está, sim. Ele sempre foi meio nervoso, mas ontem *surtou*.

— Fale mais. — Jay tirou uma caixa de calendários de pin-ups de Peregrina da cadeira giratória e sentou.

— Estávamos trabalhando numa reportagem ontem de manhã. Sobre a convenção… Um perfil dos ases da delegação. Digger tinha deixado uma dessas tevezinhas Sony Watchman ligada com o volume baixo, caso chegassem novidades da convenção. Quando deram a notícia sobre Crisálida, ele ficou branco feito papel.

— Os dois eram íntimos — disse Jay. — Talvez até amantes.

— Não foi só tristeza — argumentou Colisão. — Foi medo. Digger ficou apavorado. "Tenho que ir", ele disse. Perguntei quando voltaria, mas foi como se não tivesse me ouvido. Praticamente saiu correndo do escritório. E a Mandy, lá da recepção, me contou que ele nem esperou o elevador. Desceu pela escada.

Jay precisava admitir que esse não parecia o caso de um homem agindo discretamente para escrever uma reportagem; parecia um homem fugindo para salvar a própria vida.

— Downs já escreveu alguma reportagem sobre o assassino do arco e flecha?

— Não. A *Ases* não publica muitas notícias de crimes.

— Ele já mencionou se Crisálida estava com medo de alguém?

Ela negou, balançando a cabeça.

— Alguma das reportagens dele deve ter irritado alguém. Tinha alguém em particular que quisesse prejudicá-lo? — perguntou Jay.

— Peregrina — respondeu Colisão rapidamente. — Ela e Dr. Tachyon estavam furiosos com Digger por causa de uma história que ele publicou durante a turnê. Ele só relatou o que Tachyon contou pra ele.

Dr. Tachyon era uma das seis pessoas que Jay tinha razoável certeza de que poderia vencer numa queda de braço. Sobre Peri ele não estava tão certo, mas, de todo modo, os dois estavam em Atlanta.

— Tem certeza de que ele não escreveu nada sobre Yeoman?

Quando Colisão confirmou, ele continuou:

— E que tal a Estranheza?

Ela pensou por um momento.

— Digger fez uma matéria sobre a Estranheza alguns anos atrás, quando se juntou à equipe. Mostrou para mim uma vez. Estava muito bem escrita. Ele disse que teria ganhado um Pulitzer, mas Lowboy a rejeitou, e ela nunca

foi publicada.

— Por quê?

Colisão pareceu encabulada.

— Foi antes de eu entrar aqui, mas acho que foi porque a Estranheza é um curinga. Lowboy sempre diz que nossos leitores não querem ler sobre os curingas.

— A Estranheza ficou chateada porque a reportagem não foi publicada?

— Não tanto quanto Digger — respondeu.

Jay franziu o cenho.

— Você tem alguma ideia de aonde ele pode ter ido?

Ela negou.

— Só sei que ele não está em casa. Telefonei meia dúzia de vezes, mas só cai na secretária eletrônica.

— Isso só significa que ele não está atendendo o telefone. Pelo que a gente sabe, pode muito bem estar escondido debaixo da cama. — *Também poderia estar morto*, pensou, *deitado no chão numa poça do próprio sangue, os miolos vazando no tapete*. Pensou, mas não disse. — Melhor eu verificar. — Jay olhou para ela, pensativo. — Você tinha dito alguma coisa sobre o meu arquivo.

— Claro. Temos arquivos sobre todos os ases.

Ele pôs a mão sobre o computador.

— Dá para acessá-los com esta coisa?

— Você pode acessar nosso banco de dados de qualquer estação de trabalho, se tiver a senha — explicou ela. — Mas eu posso ser mandada embora por dar acesso não autorizado aos nossos arquivos.

— Sem problema. Tenho certeza de que Digger vai entender. Se ainda estiver vivo.

Colisão olhou para ele por um momento, depois levantou e tirou a capa do computador. Jay espiou por cima do ombro dela. A secretária ligou a máquina e digitou a senha de Digger.

— *Nariz?* — perguntou Jay.

Colisão encolheu os ombros.

— É a senha dele, não a minha. Que arquivo você quer ver?

— Crisálida foi morta por alguém com força sobre-humana. Tem uma boa chance de Digger estar se escondendo do mesmo cara. Quero saber quem poderia ser.

— Posso puxar uma lista de todos os ases do arquivo que têm esse poder, mas vai ser absurdamente longa. Força física superior é o terceiro poder mais comum do carta selvagem, depois de telepatia e telecinese.

— Manda ver — pediu Jay.

Os dedos de Colisão se moveram com habilidade no teclado do computador.

— Você quer só ases ou curingas também?

— Pensei que a *Ases* não falasse sobre os curingas.

— Não falamos, mas o banco de dados vem de todo tipo de fontes. Relatórios da CRISE-A, artigos científicos, recortes de jornal. O departamento de pesquisa é muito detalhista.

— Se é forte o bastante para esmagar um crânio humano, não ligo se é um ás, um curinga ou um nabo.

— Ainda não temos os dados sobre nabos — disse ela, digitando uma série de comandos. Pareceu levar uma eternidade até o computador completar a busca. — Trezentos e dezenove casos — leu Colisão, animada. — Menos do que eu pensei. Aqui está todo mundo que nós sabemos que já demonstrou força física além do alcance humano normal. Quer que eu imprima a lista?

— Pode ser meio difícil lidar com 319 suspeitos — disse Jay. — Tem algum jeito de reduzir a lista?

— Claro. É só acrescentar outros parâmetros. Algumas dessas pessoas estão mortas. Podemos eliminá-las.

— Pessoas mortas são péssimos suspeitos — concordou ele.

Colisão digitou um comando.

— Trezentos e dois — informou. — Não melhorou muito. E se eu restringir a moradores da cidade?

Jay pensou nisso por um momento.

— Não — respondeu, relutante.

— Por que não? Cortaria uns setenta ou oitenta nomes da lista, pelo menos. Os computadores estão contando ases do país inteiro… Aço de Detroit, Mãezona em Chicago, Trator em Kansas City. Você não acha que foi algum desses, acha?

— Não. Acho mais provável que nosso assassino seja alguém que conhecia Crisálida. Normalmente é assim em casos de assassinato. O problema é que tem gente de fora da cidade que se enquadra. Billy Ray e Jack Braun, por exemplo.

— Não pode ter sido Golden Boy — argumentou Colisão. — Ele está em Atlanta. Além disso, Digger sempre dizia que ele era um medroso.

— Com certeza, a simples menção do nome de Braun deixava Digger num estado de terror abjeto — comentou Jay. Pôs a mão no ombro dela, que não pareceu incomodada com o gesto. — Escuta, essa coisa consegue cruzar vários dados ao mesmo tempo?

— Sem problema — respondeu Colisão.

— Ótimo. Quero todo mundo com uma ficha criminal ou um histórico de doença mental. Droga, me dê logo todo mundo que tenha sido *preso* por um crime, não importa se acabou condenado ou não. E também qualquer um que esteja ligado a Crisálida ou ao Crystal Palace. Qualquer um que more no Bairro dos Curingas. Ou *perto* do bairro… em Lower East Side, Little Italy, Chinatown, East Village, qualquer lugar nessa área. Consegue fazer isso?

— Acho que sim.

Jay apertou de leve o ombro dela e a observou trabalhar. Quando terminou, Colisão se reclinou na cadeira, se espreguiçou e disse:

— Ou vai ou racha. — E apertou a tecla Enter.

A máquina começou a zumbir e a pesquisar.

— O computador está trabalhando com os 302 candidatos, nome por nome, pegando cada suspeito e vasculhando os bancos de dados para ver se algum dos nossos critérios se encaixa — explicou ela. — Você me deu quatro parâmetros: prisão, doença mental, conexão com Crisálida e localização. Eu o programei para marcar cada nome com estrelas indicando o número de ocorrências.

— Muito bom — respondeu Jay, que não havia pensado nisso.

Pegou o papel que saía da impressora a laser, ainda quente ao toque. Havia dezenove finalistas.

BRAUN, JACK	GOLDEN BOY *
CRENSON, CROYD	O DORMINHOCO ****
DARLINGFOOT, JOHN	DEVIL JOHN ***
DEMARCO, ERNEST	ERNIE LAGARTO **
DOE, JOHN	DOUGHBOY ***
JONES, MORDECAI	O MARTELO DO HARLEM **
LOCKWOOD, WILLIAM	HOMELECA ****

MODULAR	S/A *
MORKLE, DOUG	S/A **
MUELLER, HOWARD	TROLL ***
O’REILLY, RADHA	GAROTA ELEFANTE *
RAY, WILLIAM	CARNIFEX *
SCHAEFFER, ELMO	S/A ***
SEIVERS, ROBERT	PANCADA ***
NOME DESCONHECIDO	SOMBRA **
NOMES DESCONHECIDOS	A ESTRANHEZA **
NOME DESCONHECIDO	ESTELAR *
NOME DESCONHECIDO	QUASIM ***
NOME DESCONHECIDO	VERMIS ****

— O que acha? — perguntou Colisão.

— É um começo — respondeu ele, mostrando a lista a ela. — Alguma dessas pessoas já ameaçou remodelar a cara de Digger?

Ela leu os nomes cuidadosamente.

— Bom, Billy Ray ficou bem chateado com ele uma vez. Digger escreveu uma matéria sobre o homem mais forte do mundo e disse que Billy Ray não era lá essas coisas comparado a Golden Boy e ao Martelo do Harlem. Ray levou para o lado pessoal. — Ela desligou o computador. — Mas ele também está em Atlanta, né?

— É melhor que esteja; ele é o guarda-costas do Senador Hartmann. — Jay dobrou a lista e a guardou no bolso do peito. — Mais duas coisas: o endereço de Digger — ele sorriu — e o seu telefone.

Bom, pensou ele mais tarde*, só um dos dois já está bom o bastante*.

♣

Brennan acordou com o som estridente do telefone que estava sobre a mesa de cabeceira ao lado da cama encaroçada e flácida. Ele se sentou e estremeceu quando a dor percorreu o ombro rígido e as costas doloridas, no local onde a Estranheza o golpeara contra a parede.

— Alô.

— Bom dia, Sr. Y. — Era Tripé. — Encontrei alguém com quem talvez o

senhor queira dar uma palavrinha. O nome é Pancada.

— Tem razão — respondeu Brennan em tom austero. — Onde você está?

— No Bar de Mariscos do Tio Caldeirada.

— Certo. — Brennan desligou.

Sentou-se por um momento na beira da cama. Ainda estava cansado e dolorido da surra da noite anterior. Pior, sentia mais falta de Jennifer do que jamais sentira de alguém ou de algo. Imaginou que talvez tivesse perdido amigos e amantes demais ao longo dos anos e estivesse ficando muito velho e exausto para suportar novas perdas.

Levantou-se com cuidado, alongando as costas e o ombro cautelosamente.

Para o inferno com isso, disse a si mesmo. Nunca tinha se entregado. Não começaria agora. Precisava descansar, mas não havia tempo. Precisava de comida, mas isso era fácil de resolver. Precisava de Jennifer acima de tudo, mas quanto a isso não havia nada que pudesse fazer.

Enquanto se vestia, decidiu sair sem o arco. Do jeito que o ombro doía, não havia como usá-lo corretamente. A outra arma, a Browning, tinha perdido na noite anterior, durante o conflito com a Estranheza.

Ótimo, pensou Brennan, *simplesmente ótimo*. Teria que encarar Pancada de mãos vazias. Que jeito de começar o dia.

Tripé estava encostado a um prédio cuja fachada de tijolos encardidos precisava desesperadamente de uma limpeza com jato de areia. Um letreiro piscante em neon anunciava o restaurante BAR DE MARISCOS DO TIO CALDEIRADA no térreo, enquanto um molusco de cartola, bengala e sorriso de neon cor-de-rosa dançava agitado sobre as perninhas finas. Uma cerca de barras de ferro enferrujadas separava uma escadaria que levava ao porão. A placa gasta pregada à cerca tinha a pintura de uma mão com seis dedos, sinal claro de que estavam no Bairro dos Curingas.

— Porão do Vazante — leu Brennan. — Encantador. — Virou-se para Tripé. — Tem certeza de que Pancada ainda está lá dentro?

— Fiquei vigiando, ele não saiu.

Brennan assentiu e tirou um maço de notas do bolso do jeans. Separou duas de vinte e entregou a Tripé.

— Não gostam muito de limpos no Porão — informou o curinga.

Brennan sorriu sob a máscara.

— Obrigado pelo aviso. — E desceu a escada.

O local já estava lotado de curingas com uma compulsão por beber no café da manhã. O lugar fedia a corpos raramente lavados, cerveja derramada e vômito seco e deixado no lugar. A luz era fraca, mas Brennan pôde ver os clientes virando a cabeça para fitá-lo quando entrou. As conversas paravam quando ele se aproximava e recomeçavam enquanto passava. Tripé falara a verdade: aquele era um ponto de encontro exclusivo para curingas, e eles pareciam gostar que assim fosse.

Atrás do balcão, acima das prateleiras de garrafas, estava o maior aquário que Brennan já vira. Alguma coisa que flutuava na água escura e gordurosa de repente surgiu junto do vidro e espichou a cabeça pelo lado, espirrando água por um buraco no topo do crânio. Olhou para Brennan com olhos frios e impassíveis.

— Não vêm muitos da sua raça aqui — disse o curinga finalmente. O rosto medonho ficava numa cabeça calva e redonda, e a boca de peixe era cheia de fileiras de dentes pontudos. — Limpos, eu quero dizer. Você é limpo, certo?

— Tenho assuntos a tratar com um dos seus clientes.

Vazante o mirou com olhos de peixe morto.

— Que tipo de assunto?

— Do tipo que não é seu.

Brennan ouviu os curingas sentados ao balcão murmurarem entre si.

— Este lugar é meu — respondeu Vazante. — Tudo o que acontece aqui é assunto meu. — Olhou para dentro da água e esticou um braço longo e desossado, pegando alguma coisa. Brennan viu escamas alaranjadas brilharem quando Vazante pôs um peixinho na boca e o engoliu em dois tempos, voltando a olhar para ele.

Brennan tirou um ás de espadas do bolso traseiro e o estendeu em direção ao curinga.

O dono do porão estreitou os olhos, depois esticou o braço longo e sinuoso, que terminava numa coleção de tentáculos agitados, e pegou a carta. Levou o papel até o rosto, olhou dele para Brennan e silenciosamente imergiu na água do aquário.

Brennan se virou para encarar os clientes no salão, que de repente estavam muito interessados nos próprios drinques, e avistou Pancada sentado sozinho a uma mesa num canto escuro e distante.

Reconheceu o curinga na mesma hora. Só o vira uma vez, durante uma

luta louca e confusa na Times Square, quase dois anos antes, mas aquele não era o tipo de rosto fácil de esquecer.

Pancada era 2,15 metros de pura feiura, com a cara franzida e marcada por cicatrizes e a mão direita na forma de uma clava retorcida de músculos e ossos. Estava mais magro que da primeira vez que Brennan o vira, tão magro que as roupas imundas estavam folgadas no corpo. A pele estava manchada, e o cabelo, longo e seboso. Estava sozinho, olhando para o nada e resmungando consigo mesmo quando Brennan se aproximou. O branco dos olhos estava anuviado em amarelo e raiado de veias escarlates. Brennan o fitou sem saber se sentia pena ou nojo.

— Que é que você quer, porra? — perguntou Pancada depois de um longo momento.

— Dizem por aí que você matou Crisálida — respondeu Brennan em voz baixa.

Uma faísca de animação se acendeu nos olhos doentios de Pancada.

— É — rosnou ele. — Fui eu. Acabei com a piranha boqueteira. Me paga um trago e eu te conto tudo.

— Primeiro, conte como a matou.

Pancada ergueu a mão direita em forma de clava.

— Esmaguei a porra da cabeça daquela vagabunda com a mão. Nunca precisei de mais nada. Nunca precisei de uma porra de revólver, nem de uma porcaria de faca. Só da minha mão.

Para o curinga bêbado, o espasmo de repulsa no rosto de Brennan e a aversão em seu olhar passaram despercebidos.

— Onde? — perguntou suavemente.

— Onde o quê?

— Onde você a matou?

— Naquela merda de bar dela, cara — resmungou Pancada. — Joguei ela no balcão e meti o pau nela e fodi até ela cair morta. — Ele riu, e uma luz enlouquecida brilhou nos olhos doentios. — Então, só para ter certeza, esmaguei a porra da cabeça dela. Só para garantir.

— Seu lixo — disse Brennan entre os dentes cerrados. — Lixo inútil. Eu o mataria agora mesmo se não soubesse que está mentindo.

Pancada piscou, os olhos suínos encarando Brennan sem entender. Levantou-se quando as palavras finalmente entraram em sua mente anuviada e gritou uma torrente de obscenidades. Empurrou a mesa contra Brennan,

mas ela só raspou devagar no chão, e Brennan se desviou com facilidade.

Pancada uivou e ergueu o braço em formato de clava. Brennan evitou o golpe lento e, agarrando o pulso e o ombro de Pancada, jogou-o em direção ao balcão, espalhando curingas por toda parte.

Vazante se ergueu com agitação das profundezas do aquário quando Brennan pegou uma cadeira.

— Meu tanque! — gritou o curinga. — Não quebre o vidro!

Prensado no balcão e respirando com dificuldade, Pancada olhou para Brennan com medo e dor no olhar. Brennan brandiu a cadeira, atingindo-o no estômago, e Pancada arfou como um peixe fora d'água. Brennan golpeou de novo, acertando o curinga no flanco e derrubando-o por cima de três bancos. Pancada fez uma débil tentativa de se levantar, mas os músculos frouxos não reagiram. Ele suspirou, uma espuma sangrenta brotando dos lábios, e tentou uns golpes fracos com os braços.

Brennan conteve o terceiro golpe ao ver que Pancada não tinha mais forças. Largou a cadeira, o encosto e as pernas tubulares retorcidas na forma de uma escultura abstrata.

— Você não matou Crisálida — disse ele em voz baixa. — Por que reivindicar a morte dela?

— Preciso de um emprego, porra — ofegou Pancada. — Ninguém chega perto. Ninguém me dá uma chance. Eu achei… achei que o Transluz ou alguém dos Punhos me daria uma chance, sabe, só uma porra de uma chance…

— Seu verme mentiroso e patético — falou Brennan em voz baixa. Sabia que não seria tão fácil. Em parte pela frustração, em parte porque queria que o assassino de Crisálida soubesse que estava à sua procura, virou-se para encarar a todos e disse: — Eu era amigo de Crisálida e vou encontrar o assassino dela. Podem apostar.

Jogou um ás de espadas em Pancada e saiu do bar. Antes que chegasse à porta, um dos clientes mais atrevidos estava tirando a jaqueta de couro das costas de Pancada e dando-lhe um tapa no rosto enquanto ele protestava num gemido triste e trêmulo.

11h00

O apartamento de Digger ficava no quinto andar de um prédio sem elevador na Horatio, em West Village. Na praça do outro lado da rua, adolescentes jogavam basquete, o time de camisa contra o time sem camisa. Jay parou e ficou olhando por alguns minutos. Havia duas garotas jogando, mas infelizmente estavam no time de camisa.

Um homem corpulento de cabeça raspada estava sentado nos degraus do prédio de Digger, bebendo uma lata de cerveja Rheingold. Quando Jay se aproximou, ele levantou e bloqueou a entrada.

— O que você quer aqui?

O homem tinha uns dez centímetros e vinte quilos a mais que ele, sem falar na águia tatuada no bíceps direito e na argola de ouro numa orelha.

— Estou procurando Digger Downs — respondeu Jay.

— Ele não tá em casa.

— Vou verificar eu mesmo, obrigado.

— Vai porra nenhuma. Já tem muito maluco passando aqui para olhar de graça.

Jay não gostou do que aquilo sugeria.

— Vocês tiveram algum problema aqui?

O homem amassou a lata de cerveja com o punho.

— Você é que vai arranjar problema.

Ponderou a ideia de mandar esse babaca para dentro de uma estação de metrô abandonada, mas decidiu tentar do jeito fácil primeiro.

— Quero saber o que aconteceu aqui — disse. Tirou um maço de dinheiro do bolso. — Assim como o Presidente Jackson.

— Não conheço nenhum Jackson — respondeu o homem —, mas bota dez na minha mão e pode entrar.

Jay concluiu que a sutileza era mesmo uma arte perdida. Por outro lado, acabara de poupar dez dólares, já que Jackson estava na nota de vinte, então, melhor não reclamar. Desdobrou uma nota de dez e a colocou na mão grossa e calejada do homem.

— Bora — disse ele. — Não tenho o dia todo.

Entraram. A passagem era pequena e escura, com interfones instalados ao lado das caixas de correio. Enquanto o grandalhão procurava uma chave, Jay achou o nome de Downs e apertou o botão. Não houve resposta.

— Tá procurando Digger mesmo? — perguntou o anfitrião, novamente num resmungo, ao abrir a porta interna de segurança. — Como eu disse, ele não tá aqui.

Passaram pela porta, e ele apontou para a escada.

— Se quiser ver as manchas de sangue, estão no quarto e no quinto. Tô subindo e descendo o dia todo, de saco cheio dessa porra de escada.

— Vai me contar o que aconteceu aqui ou vamos brincar de adivinhação?

— Porra, achei que a cidade inteira já soubesse, do jeito que a polícia passou o dia inteiro aqui ontem. Cê devia ler o *Post*, moço. Duplo homicídio.

— Ah, merda — disse Jay, sentindo um peso no estômago. Supôs que essa fosse a cereja do bolo, mas tinha um gosto horrível. — Downs?

— Não. A Sra. Rosenstein, que mora no apartamento do outro lado do corredor de Digger, e Jonesy, o zelador.

— Deixa eu adivinhar. Espancados até a morte.

— Porra, não.

Fazia muito tempo que Jay não ficava tão surpreso.

— Não?

— Não. Foram feitos em pedaços por algum doido com uma serra elétrica. Fui eu que achei os dois. Meu Deus, cê devia ter visto. Saí cedo ontem, tava com uma ressaca filha da puta, e, quando cheguei em casa, tinha essa merda bem na frente da minha porta. Eu moro no terceiro. Porra, quase pisei. Tava tudo ensanguentado, tipo o lixo nos fundos de um açougue, um pedaço de carne que ninguém quis, sabe? Eu cutuquei com o pé e vi que tinha um olho. Sabe o que era? — Inclinou-se para a frente, e Jay sentiu o cheiro da cerveja no bafo do homem. — A cara de Jonesy! Não a cara inteira, só metade. Deve ter caído pela escada. O resto dele tava na plataforma do quarto andar. Não sei como ele chegou tão longe, porra; a barriga tava toda arregaçada, as tripas vazando no capacho daquela bicha do Cooper. As mãos tavam meladas de tanto tentar botar as coisas de volta, mas um daqueles, como é o nome, *intestinhos* tava espalhado pela escada subindo até o quinto andar. Foi lá que eu achei a Sra. Rosenstein. Aposto que cê nem sabia que os *intestinhos* eram tão compridos, né? — Deu de ombros. — Bom, a polícia levou os corpos, mas ainda tem sangue pra todo lado nas paredes. Agora o

desgraçado do proprietário do prédio vai *ter* que trocar o papel de parede. Mas aposto que vai levar uns seis meses pra isso.

— E o Downs? — perguntou Jay.

— E eu sei lá! Ele não voltou pra casa. A polícia deu uma olhada na porta dele, mas ainda tava trancada. Ele deve tá fora escrevendo alguma coisa praquela porra de revista. Vai ficar puto da vida quando souber o que perdeu. Que irônico.

— Que bagunça — comentou Jay, que não achava que Digger ficaria nem um pouco chateado. — Ei, você já esteve na cadeia de Newark?

— Porra, não — respondeu o homem, franzindo o cenho.

— Ah, que bom. Passei a noite lá uma vez. É uma merda total.

Apontou. O ar preencheu o espaço repentinamente vazio com um estalo que soou quase como um soluço, e Jay ficou sozinho no corredor. Subiu as escadas com um sorriso. Aquilo tinha sido inútil e mesquinho, e, se continuasse fazendo esse tipo de coisa, acabaria sendo processado. Mas, às vezes, era muito bom.

Avistou rastros castanho-avermelhados na plataforma do terceiro andar e gotas no corrimão de madeira entre o terceiro e o quarto, mas as maiores manchas começavam no piso do quarto andar. O papel de parede gasto exibia faixas escuras em dois pontos, onde o zelador devia ter cambaleado e batido na parede ao tentar fugir, mutilado e sangrando, segurando-se com as duas mãos.

Estava bem feio, mas o quinto andar estava ainda pior. Havia manchas secas e amarronzadas onde um corpo, ou um pedaço dele, atingira a parede. O carpete da escada tinha absorvido tanto sangue que em alguns pontos ficara preto. O jorro se espalhara por toda parte. As paredes estavam respingadas, como se o corredor tivesse contraído sarampo. No forro havia um alçapão que levava ao terraço do prédio, e até ali havia algumas gotas perdidas.

Jay olhou ao redor e tentou conciliar o que via com o que encontrara na manhã do dia anterior, no Crystal Palace. Não combinava. Uma serra, o babaca do andar de baixo tinha dito. Realmente parecia ter sido isso. O Massacre da Serra Elétrica em West Village — não admirava que o *Post* tivesse se esbaldado. Em comparação, Crisálida mal havia sangrado. Umas gotinhas na blusa, uns espirros na parede, mas nada daquele naipe.

Analisou a teoria de que era tudo coincidência, de que este pequeno exercício de atrocidade não tinha nada a ver com o que acontecera com

Crisálida, mas cada um dos seus instintos dizia que isso era baboseira. Que diabo estava acontecendo?

Enojado, Jay se virou para a porta de Digger. Estava trancada, como o homem dissera. Abriu o fecho facilmente com um cartão de crédito, mas havia uma tranca também. Para isso, precisou de uma gazua e uns dez minutos de trabalho. Jay tinha mãos hábeis e experientes e um belo jogo de gazuas, mas esta tranca era muito boa. Finalmente, ouviu as tranquetas estalarem, e a porta se abriu. Ao entrar, descobriu que havia uma corrente por dentro, mas não fora trancada. Nem a barra, o que significava que o apartamento tinha sido trancado pelo lado de fora. Jay olhou ao redor e disse:

— Ah, mas que merda.

O lugar fora revirado. Completa e selvagemente. Ele percorreu com cuidado os cômodos pequenos e abarrotados. As coisas haviam sido jogadas, esmagadas e pisoteadas. A cada esquina, esperava encontrar um corpo ou o que restasse de um. O chão da sala estava soterrado por uma avalanche de papel. Um velho e gigantesco aparelho de TV Zenith fora reduzido a vidro moído e lascas de madeira, e o que poderia ter sido uma coleção impressionante de discos antigos rangeu quando Jay pisou nos cacos. No quarto, a cama estava em pedaços, os lençóis, em frangalhos, o estofamento, arrancado do colchão e espalhado, livros rasgados bem no meio da lombada. A cozinha estava coberta de junk food podre, os pedaços mais velhos já tomados por baratas. Todos os armários estilhaçados, o conteúdo espalhado por toda parte. Uma geladeira enorme e velha estava tombada de frente no piso de linóleo. Quando Jay se abaixou para examiná-la, encontrou um talho irregular no metal denso da porta.

— Jesus Cristo — disse ele, levantando-se.

De volta à sala, notou as barras na janela. Percorreu todo o apartamento mais uma vez para verificar.

Havia barras grossas de ferro em *todas* as janelas, até nas ruínas de porcelana do banheiro. As barras pareciam novas. Ele apostaria que tinham sido instaladas havia menos de um ano. Parecia que Digger andava tão preocupado com segurança quanto Crisálida. Não que houvesse adiantado muito. Quem quer que tivesse feito aquilo havia entrado da mesma forma que Jay: pela porta da frente.

A não ser, talvez, que tivesse atravessado a parede.

Jay olhou à sua volta procurando um ás de espadas, mas sem esperar

realmente encontrá-lo. Yeoman podia ser um psicopata, mas seus assassinatos eram sempre executados com certa eficiência, de maneira fria e profissional. Tanto a cena que via agora e quanto a carnificina no corredor pareciam obra de um animal descontrolado. Jay conseguia facilmente imaginar o assassino espumando pela boca enquanto ia de cômodo em cômodo, destruindo tudo.

Fazia uma última varredura metódica pelo apartamento quando percebeu os cadernos no chão do quarto, amontoados junto a biografias recentes de celebridades, alguns livros de referência e uma ampla seleção de romances de autores anônimos com imagens desfocadas de mulheres em roupas íntimas do período vitoriano na capa. Só um a cada cinco estava intacto. A ponta de um caderno espiral sobressaía debaixo de uma avalanche de papéis soltos, e a capa simples de papelão chamou sua atenção. Cavou entre os papéis e encontrou mais três cadernos, além de partes de um quarto. Eram anotações de reportagens, cheias de rabiscos apressados e não muito legíveis. Faltava uma longa faixa diagonal num deles, mas ainda era possível ler a maior parte.

Cada caderno tinha uma data. Jay se sentou cuidadosamente no que restava do colchão de Digger e abriu o mais recente. A última matéria que o jornalista havia escrito chamava-se “A fazendeira da Park Avenue”, sobre uma menina de 8 anos cuja fazenda em miniatura ocupava todo um andar da casa do pai na avenida do título. O local tinha casas em miniatura, rios pintados, grama de feltro, carros e caminhões de brinquedo e um trem elétrico que contornava a propriedade. Os animais eram de verdade. Vacas com dez centímetros de comprimento, cães pastores minúsculos, leitões do tamanho de baratas, todos encolhidos até esse tamanho diminuto pela pequena fazendeira de rosto sardento, que simplesmente adorava animais.

De alguma forma, Jay não achava que a jovem Jessica von der Stadt era uma suspeita provável. Folheou os cadernos mais velhos, procurando alguma menção a Crisálida, ameaças de morte ou maníacos homicidas, com ou sem serras elétricas. Encontrou o endereço de um fotógrafo que fizera umas fotos picantes de Peregrina amamentando, biografias dos ases designados para proteger os candidatos à Presidência, a receita de torta de manga com chocolate de Hiram, citações de Mister Magnético para uma matéria de capa e as recordações carinhosas de Mistral do dia em que seu pai a tinha ensinado a voar.

Contrariado, Jay jogou o caderno de lado e viu-se tomado por uma

vontade avassaladora de dar o fora daquele lugar.

♦

Brennan estava sentado num reservado do Hairy's Kitchen, bebericando seu chá de vez em quando e ignorando os olhares irritados da garçonete por ele se recusar a pedir mais alguma coisa. Estava cercado por uma série de jornais que lera procurando notícias sobre o assassinato. A morte de Crisálida já tinha sido relegada às últimas páginas, retirada dos holofotes pela loucura política de Atlanta, onde uma enorme luta entre plataformas sobre a agenda dos direitos dos curingas começava a ser travada. Barnett estava organizando suas forças arrogantes, e o grande choque entre ele e Hartmann assomava no horizonte.

A morte de Crisálida já era notícia velha. Só o *Grito do Bairro dos Curingas* ainda considerava o crime um assunto de primeira página, incluindo uma foto da equipe de detetives que liderava a investigação: Harvey Kant, do próprio bairro, e seu parceiro, Thomas Jan Maseryk.

Brennan deixou o copo de lado, alheio a outro olhar zangado da garçonete, e examinou atentamente, no jornal, a foto granulada dos dois homens diante do Crystal Palace. Kant era o curinga da esquerda. Um reptiloide alto e escamoso, lembrava a Brennan seu próprio inimigo nos Punhos Sombrios, Vermis. O outro era Maseryk. Brennan balançou a cabeça. Saiu do reservado, foi até o telefone público nos fundos do restaurante e discou o número da delegacia do Bairro dos Curingas. Levou um momento para a ligação completar, e então ele ouviu uma voz grave, áspera e cansada do outro lado.

— Maseryk.

Com certeza era ele. Brennan não ouvia essa voz já fazia quase quinze anos, mas ainda a reconhecia. Havia uma sombra nela, um tom pensativo e sepulcral sugerindo a escuridão que seguira Maseryk por toda parte quando Brennan o conhecera no Vietnã.

— Há quanto tempo — disse Brennan em voz baixa.

Houve um silêncio breve. Brennan quase pôde ouvir as engrenagens girando na mente do detetive.

— Quem é?

— Brennan. Daniel Brennan.

— Brennan?

— Sou eu.

— Meu Deus. Acho que faz tempo mesmo. Este é um telefonema de cortesia para renovar um velho contato?

— De certa forma — respondeu Brennan. — Eu gostaria de falar com você.

— Sobre o quê, depois de todos esses anos?

— Sobre o assassinato de Crisálida.

— Qual o seu interesse nisso?

— Pessoal. Ela era minha amiga.

— Humm. Você sempre levou tudo para o lado pessoal. Tudo bem. Onde vamos conversar?

Brennan pensou no assunto. Queria extrair informações de Maseryk, mas o sujeito sempre fora de poucas palavras. Não faria mal encontrá-lo num lugar que pudesse atenuar sua disposição quase sempre irritadiça, onde o policial também não ficasse inclinado a explodir se a conversa azedasse.

— Que tal almoçar no Aces High?

— Meio caro para o salário de um policial.

— Eu pago.

— Como posso resistir?

13h00

— Mais café, Jay? — perguntou Flo.

— Sim, por favor — respondeu ele, empurrando a xícara sobre o balcão de fórmica. Era a quarta que tomava. Flo removera da mesa os restos do seu hambúrguer com fritas vinte minutos antes.

— Desvendando um enigma? — perguntou ela enquanto enchia a xícara. Caiu um pouco de café no pires.

— Mais ou menos — admitiu Jay.

A lista estava aberta no balcão. Estivera passando nome a nome enquanto comia. Uma mancha translúcida no papel marcava o ponto em que um pedaço de cebola caíra do hambúrguer.

— Bom, me chame se precisar de ajuda — disse Flo. — Faço as palavras cruzadas do *TV Guide* toda semana.

Saiu com o bule de café para uma cabine nos fundos, onde um militarista com terno de linho branco tentava recrutar um garoto loiro que acabara de descer de um ônibus de St. Paul. A cafeteria ficava na 42nd Street, entre a Times Square e o Port Authority Bus Terminal, espremida entre um cinema pornô e uma livraria para adultos. A comida não era como a do Aces High, mas Jay gostava dos preços. Além disso, ficava a um quarteirão do escritório.

Mastigou o lápis que afanara de Flo e olhou de novo para a lista. Os dezenove suspeitos originais já tinham caído para onze. Homeleca estava na cadeia no momento; foi o primeiro a ser descartado. Todos os candidatos marcados com um único asterisco seguiram o mesmo caminho rapidamente. O escritório de Crisálida não era grande o bastante para um elefante, o que eliminava Radha O'Reilly. Modular e Estelar só haviam entrado na lista por questões geográficas; nenhum dos dois tinha nenhum motivo em especial para querer Crisálida morta. Carnifex estava em Atlanta, assim como Jack Braun. Jay sabia que não tinha sido Elmo, não importava quantos asteriscos o computador lhe desse. Isso deixava a lista com a seguinte aparência:

~~BRAUN, JACK~~	~~GOLDEN BOY *~~
CRENSON, CROYD	O DORMINHOCO ****
DARLINGFOOT, JOHN	DEVIL JOHN ***
DEMARCO, ERNEST	ERNIE LAGARTO **
DOE, JOHN	DOUGHBOY ***
JONES, MORDECAI	O MARTELO DO HARLEM **
~~LOCKWOOD, WILLIAM~~	~~HOMELECA ****~~
~~MODULAR~~	~~S/A *~~
MORKLE, DOUG	S/A **
MUELLER, HOWARD	TROLL ***
~~O'REILLY, RADHA~~	~~GAROTA ELEFANTE *~~
~~RAY, WILLIAM~~	~~CARNIFEX *~~
~~SCHAEFFER, ELMO~~	~~S/A ***~~
SEIVERS, ROBERT	PANCADA ***
NOME DESCONHECIDO	SOMBRA **
NOMES DESCONHECIDOS	A ESTRANHEZA **
~~NOME DESCONHECIDO~~	~~ESTELAR *~~
NOME DESCONHECIDO	QUASIM ***
NOME DESCONHECIDO	VERMIS ****

Jay ponderou a respeito dos nomes que restavam. Ernie Lagarto DeMarco tinha um bar no Bairro dos Curingas, mas era um comércio frequentado estritamente pela vizinhança, logo não concorria com o Crystal Palace. Eliminou-o da lista. Devil John Darlingfoot era um capanga de aluguel com um histórico mais longo que pau de curinga, mas toda a força dele estava numa perna deformada. Talvez ele pudesse ter chutado o rosto de Crisálida? De alguma forma, não parecia certo. Além do mais, Jay tinha a vaga impressão de que Devil John não era de cometer um assassinato. Riscou esse nome também. Doughboy tinha uma força tremenda e a mente de uma criança. Aquilo havia se tornado uma espécie de causa quando a polícia o tinha prendido por assassinato, alguns anos antes. Mas não cometera o crime pelo qual fora acusado, e Jay achava pouco provável que tivesse cometido o atual. Foi cortado. Mordecai Jones morava no Harlem, do outro lado da cidade. Tirando a tal turnê mundial no ano anterior, ele não frequentava os mesmos círculos sociais que Crisálida. Cortado também.

Jay hesitou por alguns minutos diante de Howard Mueller, mais conhecido como Troll, o chefe de segurança da clínica do Dr. Tachyon. Era um frequentador do Crystal Palace e, com seus 2,75 metros, estava pau a pau com Golden Boy e o Martelo do Harlem quando o assunto era força, mas,

pelo que Jay sabia, era um dos mocinhos. Talvez não fosse tão bom quanto parecia. Talvez Crisálida tivesse descoberto algum podre do sujeito, um segredo do passado, e tentado usar isso para influenciá-lo. Era possível.

É claro que não passava de mera especulação. A mesma teoria poderia ser usada para Ernie Lagarto, o Martelo do Harlem, Estelar; diabos, para qualquer um. Que bela teoria aquela, servindo para todos. Não: aquele era um caminho que rapidinho o levaria de volta aos 319 nomes. Levou o lápis ao papel e riscou Troll com determinação.

Agora restavam sete indiozinhos. Sete indiozinhos bem fortes: Vermis, Quasim, a Estranheza, Sombra, Pancada, o Dorminhoco e Doug Morkle, seja lá quem diabo fosse *este*.

Vermis era casca grossa, um dos maiorais da Sociedade do Punho Sombrio. Jay esbarrara com ele uma vez; na verdade, ouvira-o ameaçar Crisálida. Isso tinha sido quase dois anos antes, mas Vermis lhe parecera o tipo de cara que guardava rancor. O único problema era o *modus operandi*. Apesar de ser forte, Vermis matava com uma mordida que enchia as vítimas de veneno. Jay não se lembrava de nenhuma marca do tipo em Crisálida, mas valia a pena verificar. A autópsia com certeza revelaria a presença de veneno no organismo.

Quasim era o zelador na Nossa Senhora das Dores Perpétuas. Muito mais forte que Vermis, o corcunda também era um teleportador. Poderia ter entrado e saído do palácio sem ser visto. Supostamente estava do lado do bem, mas de vez em quando parte de sua mente escapava para outra dimensão ou coisa do tipo, e aí não dava para saber do que ele seria capaz. Um suspeito improvável, mas, mesmo assim…

Da Estranheza, Jay já suspeitava.

Sombra era outro vigilante lunático. Odiava o crime e gostava de matar criminosos; talvez só quebrar os braços e as pernas, se estivesse de bom humor. Talvez Som tivesse descoberto o envolvimento de Crisálida em algum tipo de atividade criminosa. Talvez ela tivesse descoberto a verdadeira identidade dele e ameaçado expor. Talvez, talvez, talvez. Novamente, porém, o *modus operandi* era um problema. Sombra era só um pouco mais forte que um ser humano normal. Os boatos diziam que era uma criatura das trevas, um vampiro que bebia luz e calor em vez de sangue, que matava ao drenar toda a quentura das vítimas. Não esmagava cabeças. Jay o riscou da lista.

Pancada era um curinga brutal de 2,15 metros cuja mão direta era

retorcida na forma de um punho permanente. Fora um dos Punhos Sombrios até se mostrar violento e estúpido demais até para os padrões deles. Foi mandado embora — graças, principalmente, a Jay e Hiram Worchester. Aquele punho deformado podia esmagar ossos e crânio fácil, fácil, e Pancada provavelmente curtiria cada minuto. O único porém é que era burro feito uma porta e feio de doer. De jeito nenhum conseguiria penetrar a segurança do Crystal Palace sozinho, e Jay não podia imaginar por que Crisálida concordaria um dia em se encontrar com ele. Mas talvez houvesse algo de que Jay ainda não soubesse. Deixou Pancada na lista.

Croyd Crenson, o Dorminhoco, era um freelancer que trabalhava à margem da lei. Seus poderes mudavam toda vez que dormia, mas normalmente incluíam superforça, e, nos estágios mais avançados de cada período de vigília, ele abusava dos estimulantes e ficava suscetível a ataques paranoicos de raiva. Jay não lembrava de Croyd ter algum problema com Crisálida, mas, se tivesse ido longe o bastante na psicose anfetamínica, isso talvez não importasse. Então, se o Dorminhoco estivesse acordado, e se a força tivesse permanecido com ele dessa vez, e se estivesse chapado o bastante para que isso fodesse com seu discernimento, e se Crisálida de alguma forma tivesse provocado um surto psicótico nele… Jay decidiu que eram suposições de mais. O Dorminhoco foi riscado.

Agora, eram cinco. Vermis, Quasim, a Estranheza, Pancada e Doug Morkle.

— Quem diabo é Doug Morkle? — perguntou a Flo quando ela voltou com o bule.

A garçonete também não sabia. Ele suspirou e pagou a conta, dando uma gorjeta bem alta, como sempre. Estava passando pela porta giratória quando viu um jornal dobrado perto do punk com o moicano verde na primeira cabine. Jay voltou girando, foi até a cabine e pegou o jornal.

— Ei! — protestou o punk.

— Merda — disse Jay, descendo a coluna do jornal —, pegaram Elmo.

Quando tomava a linha D do trem para o Brooklyn, dizia a matéria. Um maldito Anjo da Guarda fizera a prisão; apostava que a polícia tinha adorado essa parte.

Jay decidiu que Doug Morkle ficaria.

♠

Brennan nunca tinha entrado no Aces High. Era um belo lugar. Parecia o tipo de local onde dois velhos amigos — velhos conhecidos, pelo menos — poderiam se sentar e ter uma conversa agradável e civilizada sobre assassinatos e coisas do tipo. Esperava que Maseryk partilhasse da opinião.

Terminou o drinque e dispensou o garçom quando este tentou oferecer outro. Na superfície, estava paciente como sempre, embora por dentro estivesse tenso como um curinga num comício de Leo Barnett. Maseryk era rígido e durão. Houve boatos sobre ele no Vietnã quando, como Brennan, ele comandava uma patrulha de reconhecimento de longo alcance. Mas sempre houve muitos rumores estranhos sobre o Vietnã.

Brennan reconheceu Maseryk no momento em que viu o garçom conduzindo-o até a mesa. Não tinha mudado muito no decorrer dos anos. Um homem compacto, com a altura e o porte de Brennan, movia-se com a mesma elegância natural e economia de movimentos. Tinha a linha do cabelo escuro já recuando, pele pálida e intensos olhos violeta. Ainda exibia o pensativo ar ameaçador de que Brennan se lembrava do tempo da guerra.

— Olá, capitão — disse ele quando Maseryk puxou a cadeira do outro lado da mesa.

O detetive o fitou.

— Mudou algo no rosto? — perguntou.

Quando Brennan se infiltrara nos Punhos Sombrios, fizera Dr. Tachyon alterar seus olhos, dando-lhe dobras epicânticas para que pudesse se misturar melhor à gangue asiática. Maseryk, claro, só o vira anos antes da operação.

— São os olhos, capitão. Olhos asiáticos estão muito na moda hoje.

Maseryk grunhiu e se sentou.

— Sou só tenente agora.

Brennan assentiu e chamou o garçom com um gesto.

— Você decide — disse Maseryk.

— Mais dois Tullamore’s, então. Com gelo.

— Muito bem, senhor. — O garçom se curvou precisamente um milímetro, depois saiu.

Brennan ponderou por onde começar, e, enquanto pensava, os dois ficaram em silêncio até o garçom voltar com os uísques.

— Querem fazer os pedidos? — perguntou ele, recuando um passo e pousando a caneta sobre o bloco de papel, à espera.

Maseryk olhou para o cardápio fechado à sua frente na mesa.

— Ouvi dizer que o salmão grelhado é ótimo, mas, com salário de policial, nunca tive a chance de experimentar.

— É excelente, senhor — afirmou o garçom, vagamente surpreso que alguém pudesse imaginar o contrário. Virou-se para Brennan com a sobrancelha erguida e a caneta a postos. — E o senhor?

— Salada de frutos do mar.

— Muito bom, senhor. — O homem pegou os cardápios e saiu.

Maseryk tomou um gole da bebida e a deixou de lado.

— Então, qual é o motivo disso? Nenhum de nós é exatamente do tipo que se reúne para falar dos bons e velhos tempos que passamos caçando vietcongues pela selva.

— O assassinato de Crisálida.

Maseryk grunhiu.

— Você disse isso. O que ela era para você?

— Éramos amantes.

As sobrancelhas do detetive se ergueram.

— Crisálida tinha muitos amantes. Você é do tipo ciumento?

— Deixa disso — respondeu Brennan secamente. — Por que eu estaria falando com você se a tivesse matado? Você nem imaginava que eu estava envolvido até eu telefonar.

— Às vezes, para chamar atenção, os assassinos fazem coisas estranhas — respondeu Maseryk.

Brennan bufou.

— Pensei que o vigilante do arco e flecha fosse seu principal suspeito.

Maseryk o observou atentamente.

— Uma carta de baralho foi encontrada com o corpo — admitiu ele —, mas não era o tipo de carta comum que ele usava. Era cara, de um baralho antigo da própria Crisálida.

Brennan assentiu. Algo que o vinha incomodando desde sua invasão ao Crystal Palace de repente se encaixou no lugar.

— E o resto do baralho desapareceu.

— Isso mesmo. Como soube?

Brennan deu um sorriso tenso.

— Alguém me disse que Jay Ackroyd esteve no Crystal Palace naquela manhã.

— Correto também — confirmou Maseryk. — Ele encontrou o corpo.

— Por que ele estava lá?

— Você faz perguntas de mais. Não está pensando em interferir numa investigação policial em andamento, está?

— Quero que o assassino dela seja levado à Justiça. Se vocês o encontrarem, ótimo. Se eu encontrar… — Ficou quieto e deu de ombros.

— Olha, Brennan — disse Maseryk, numa voz subitamente áspera, apontando o dedo para ele —, não me venha com essa merda de vigilante…

— Se vocês fizessem o trabalho direito — retrucou Brennan, numa voz igualmente dura —, não haveria nenhuma necessidade dessa merda de vigilante. Eu poderia estar em casa, onde quero estar, em vez de botar o meu na reta.

Maseryk estava prestes a responder quando o garçom apareceu e deixou os pratos na mesa diante deles. Olhou de um homem para o outro.

— Mais alguma coisa?

Brennan afastou o olhar de Maseryk e assentiu para o garçom.

— Por enquanto, não.

— Bom apetite, senhores — despediu-se o garçom, saindo depressa.

— Se responder à minha pergunta — disse Brennan num tom suave e conciliador —, eu te dou outra que você deveria fazer a alguém.

Maseryk o encarou por um longo tempo, depois finalmente suspirou.

— Tudo bem. Pago para ver. O detetive particular disse que Crisálida o contratou como guarda-costas. Belo trabalho ele fez.

Brennan assentiu, pensativo, e cutucou a salada de frutos do mar.

— Bem — insistiu Maseryk —, o que você tem para mim?

— Pergunte à Estranheza o que ela, ele, o que seja, estava procurando no quarto de Crisálida na noite passada.

Maseryk franziu o cenho para o prato enquanto Brennan espetava um pedaço de caranguejo.

— Quer me contar o que está acontecendo? — perguntou finalmente.

Brennan balançou a cabeça.

— Agora, não. Não tenho nada em que você vá acreditar. — Levou o caranguejo à boca e mastigou com um olhar distante.

Maseryk franziu o rosto outra vez.

— É melhor que não esteja me fazendo de idiota.

— Aproveite o almoço — respondeu Brennan.

Maseryk concordou e cortou outra fatia.

— Vou aproveitar. O peixe é muito bom. Bom pra caramba.

Comeram a refeição e conversaram pouco. Nenhum dos dois gostava de conversa fiada, e ambos estavam absortos nos próprios pensamentos. Maseryk recusou o café e a sobremesa oferecidos pelo garçom quando terminaram. Brennan pediu uma xícara de chá.

— Vou manter contato — garantiu ele quando Maseryk se levantou.

— Não faça nenhuma burrice — aconselhou o investigador. Brennan aquiesceu.

O garçom deixou o chá diante dele e saiu. Brennan levou a xícara aos lábios e franziu o cenho. Havia um bilhete no pires. Estava escrito num pedaço rasgado de papel com uma letra infantil e impossivelmente minúscula.

“Se voçe quer saber o que os Punhos Sombrios estão iscondendo”, dizia, “vai pra Stoney Brook, 8.800 Glenhollow Rode. Toma cudado.”

Brennan olhou rapidamente à sua volta e na mesma hora se sentiu tolo por fazê-lo. Alguém devia estar seguindo-o ou lendo sua mente. Alguém sabia tanto quanto ele sobre o que vinha fazendo. Isso lhe causou uma sensação fria, desconfortável, como se fosse a caça em vez do caçador.

Olhou mais uma vez para o bilhete. Não estava assinado, é claro. Dava a impressão de ter sido enviado por alguém amistoso e parecia inócuo de um modo infantil, com o rabisco semilegível e os erros de ortografia. Brennan decidiu verificar a dica que oferecia, mas também seguir o conselho que acabara de receber e ser de fato muito, muito cuidadoso.

14h00

Kant não pareceu feliz em vê-lo.

— Pensei que a gente tinha se livrado de você ontem — disse ele.

— A seção dos répteis estava fechada no zoológico, então vim para cá — respondeu Jay. — Cadê seu parceiro?

— Está fora — rosnou Kant. — Como você… Só que ele está apenas fora do escritório, enquanto você está fora de órbita, mesmo. Uma condição permanente. — Mostrou os dentes. Ainda eram pontudos.

— Isso foi uma piada? — perguntou Jay. Fora uma piada, tinha quase certeza. Virou-se para um policial uniformizado que passava ao lado. — Kant acabou de contar uma piada — declarou. O policial o ignorou. — Acho que ele não ficou muito impressionado.

— Continue aprontando comigo e vou fazer você se arrepender — prometeu Kant. Seu momento de leveza obviamente já tinha passado. — Que porra você quer? — perguntou, irritado, esfregando uma crosta verde sob o colarinho. A goma da roupa devia incomodar suas escamas.

— Quero falar com Elmo.

Kant ficou tão surpreso que parou de coçar a crosta.

— Dê o fora daqui antes que eu te jogue na rua.

— Você de novo? — disse Maseryk ao entrar, dirigindo-se à mesa. Estava mastigando um palito de dente. Devia ter sido um bom almoço.

— Ele quer ver Elmo — contou Kant ao parceiro, seu tom sugerindo que esta era a coisa mais engraçada do mundo.

Maseryk não riu.

— Por quê?

Jay deu de ombros.

— Se não tem como, eu como.

— Elmo não vai falar — informou Maseryk. — Dissemos a ele que tinha o direito de ficar calado, e é lógico que ele usou isso contra nós.

— Comigo ele vai falar — disse Jay.

Os dois policiais se entreolharam.

— E você vai nos contar o que ele disser? — sugeriu Maseryk.

— Isso não seria justo — respondeu ele.

Kant deu mais uma de suas piscadas enviesadas.

— Dá o fora daqui antes que eu perca a paciência. Eu não quero que você se machuque.

— Oh-oh. Ouviu isso, Maseryk? Seu parceiro está me ameaçando com violência policial. Será que todos os lagartos têm esse mau temperamento ou é coisa só dele?

Kant contornou a mesa. Assomou-se sobre Jay, repleto de dentes e escamas.

— Já deu. Vambora, babaca. Vamos resolver isso no braço.

Jay o ignorou.

— Tenho uma proposta pra você — disse para o outro policial. — Por que não manda o seu parceiro ir tomar sol numa pedra enquanto a gente conversa em particular?

Maseryk olhou para Kant.

— Me dê um momento, Harv.

— Vai cair nessa conversa mole? — protestou Kant.

Maseryk deu de ombros.

— Ele pode saber de alguma coisa.

Foram até uma sala de interrogatório vazia. Maseryk trancou a porta, pegou uma cadeira e se sentou com os braços apoiados no encosto, observando Jay com aqueles penetrantes olhos violeta.

— É melhor que isso seja importante — disse ele.

— É uma propostinha modesta, mas acho que você vai gostar da audácia. Me dê dez minutos com Elmo que eu consigo o nome do assassino do ás de espadas para você.

♥

Stony Brook — ou, como dissera o bilhete, Stoney Brook — era uma cidadezinha suburbana em Suffolk County, Long Island. Brennan parou num posto de gasolina com seu Toyota alugado para perguntar como chegar a Glenhollow — felizmente, o informante desconhecido conseguiu soletrar a palavra — Road, que era quase paralela ao Estuário de Long Island e se transformava numa estrada regional sinuosa, que atravessava campos com

casas esparsas e florestas fartas. Um punhado de residências ficava junto à estrada, mas a maioria era afastada, fora das vistas, em ruas tortuosas de terra.

Brennan procurava o número 8.800, mas não o viu da primeira vez que passou. Parou ao ver 8.880 numa caixa de correio perto de um caminho de terra; certificou-se de que não havia tráfego e fez uma curva cuidadosa para voltar, desta vez dirigindo ainda mais devagar. Passou pelo número 8.700 sem encontrar o endereço que procurava, mas se lembrou de passar por uma entrada sem número que poderia corresponder ao 8.800 perdido.

Brennan levou o carro a uma parte relativamente larga da estrada. Estacionou, saiu e deu a volta até o porta-malas, onde havia guardado o estojo do arco. Olhou para ambos os lados. Ainda sem tráfego. Abriu o estojo e, com destreza e experiência, montou o arco composto. Esticou a corda suavemente. Seu ombro ardia, mas decidiu que iria lidar com a dor. Puxou o capuz sobre a cabeça e sumiu entre as árvores que ocupavam a beira da estrada. O caçador retornava à floresta.

♣

A cadeia no Forte das Aberrações tinha celas especiais para clientes especiais. Elmo ganhou um cubículo sem janelas com porta de aço reforçada. Havia amassados indecentes no metal onde inquilinos anteriores tinham tentado abrir uma rota de fuga na base do soco.

Quando entraram, Elmo estava sentado na cama estreita, os pés balançando a muitos centímetros do chão. Os braços estavam presos no maior par de algemas que Jay já vira.

— Design personalizado — informou Maseryk. — Para meliantes com mais músculos do que a mãe natureza queria. — Estava usando sua voz de policial mau, áspera e desagradável. Talvez ele e Kant de fato trocassem de papel com os curingas.

— Tire as algemas — disse Jay.

— Isso não é parte do nosso acordo. Você tem dez minutos.

Maseryk trancou a cela ao sair. Ouviram seus passos sumirem no corredor.

Elmo ergueu o olhar pela primeira vez.

— Popinjay — disse o anão. Tinha cerca de 1,20 metro e quase a mesma

largura. Os braços e as pernas eram curtos, mas grossos, com músculos visíveis.

— Me disseram que você não quer falar.

— Não tenho nada para dizer. Ainda posso fazer um telefonema. Conhece algum advogado?

— Experimente o Dr. Pretorius — respondeu Jay.

— É bom?

— É um pé no saco, mas sim, é bom. E tem muita experiência na defesa de bodes expiatórios.

— Você não acha que fui eu?

Jay se sentou na privada.

— Ela estava com medo. Sem querer ofender, Elmo, mas não consigo imaginar Crisálida com medo de você. Ela me contratou como segurança extra, me mandou começar no dia seguinte. Isso faria sentido se o cara de quem ela tivesse medo morasse no andar de baixo?

As feições normalmente impassíveis do anão se retorceram de dor.

— Eu fui o guarda-costas dela — argumentou ele. — Por quatro anos. Nunca deixei nada lhe acontecer. Isso é culpa minha. Eu deveria ter estado lá.

— Por que não estava?

Elmo olhou as próprias mãos. Os dedos eram grossos e atarracados, marcados por calos.

— Ela me mandou fazer um serviço.

— Então não é culpa sua. Você fez o que ela mandou. Que tipo de serviço?

Elmo balançou a cabeça.

— Não posso contar. Assunto dela.

— Ela está morta — argumentou Jay —, e você vai levar a culpa pela morte. Acha que o Bairro dos Curingas é ruim? Devia ver como os curingas são tratados lá em Attica. Conte, Elmo. Dê alguma informação com que eu possa trabalhar.

Elmo olhou ao redor.

— Entreguei um envelope selado e uma passagem aérea para um homem num armazém — contou, passado um momento. — Esse encontro correu tranquilamente, mas, quando voltei, tinham uns carros da polícia na frente do Crystal Palace. Não gostei disso, então achei melhor ficar na minha até descobrir o que estava acontecendo. Quando ouvi no rádio, decidi que seria

melhor sair da cidade. Não tinha motivo para voltar, mesmo.

— Quem era o homem?

Elmo fechou a mão.

— Não sei.

— Como era a aparência dele?

Elmo voltou a abrir os dedos.

— Estava escuro, e ele tinha uma máscara. Uma máscara de urso. Preta, com dentões.

Jay bufou.

— Ele era forte?

Elmo riu.

— Não disputamos nenhuma queda de braço. Entreguei um envelope, só isso.

Então ele ficou em silêncio, fitando os dedos enquanto abria e fechava a mão.

— O que mais? — incentivou Jay. O outro não respondeu. — Vai, Elmo, só temos dez minutos. Me ajuda.

O rosto do anão ficou inexpressivo por um momento, os olhos cravados em Jay. Então, balançou a cabeça lentamente e desviou o olhar.

— É — disse ele. — Tudo bem. É difícil. Ela… — Elmo procurou as palavras. — Ela não me mandou ficar calado, mas nunca precisou. Eu sabia que precisava ficar de boca fechada. Quem não ficava não durava muito no Crystal Palace. Mas agora não importa, né? Ela morreu.

— Fale sobre o encontro.

— O envelope estava cheio de dinheiro. Muito dinheiro. Ela estava encomendando uma morte. E sabia que eu sabia. Fingimos que não. Era assim que ela gostava de fazer as coisas. — Olhou para Jay. — Ele deve ter matado ela primeiro, é só o que consigo pensar.

Crisálida nunca fora uma cidadã-modelo, Jay sabia. Fazia suas próprias regras. Mas assassinato… não parecia do feitio da mulher que ele havia conhecido.

— Quem ela queria morto?

— No envelope com o dinheiro tinha um pedaço de papel dobrado com um nome — contou Elmo. — Eu não vi, mas quando o cara de máscara leu, tirou sarro. Ele disse: “Merda. Nunca pedem nada simples.” Aí eu soube. O dinheiro no envelope era muito mais do que o preço normal de um

assassinato, e era só parte do pagamento. E aquela passagem? Era ida e volta para Atlanta.

— Atlanta? — Por um momento, Jay imaginou quem diabo Crisálida poderia conhecer naquela cidade. Então entendeu, e uma sensação doentia e gelada se apoderou dele. — Ah, merda.

— Ela nunca tinha se interessado por política até o ano passado — confessou Elmo. — Daí, ficou *muito* interessada. Eu pensei, sei lá, talvez tenha sido alguma coisa que ela viu na turnê. Ela não era como o velho Des ou algum desses outros curingas políticos, mas era curinga.

— Leo Barnett? — sugeriu Jay.

Elmo assentiu.

— Deve ser.

— Ótimo. Porra, que ótimo! — Por um momento, Jay não conseguia pensar. — Me fala do assassino — pediu.

— Alto, magro. Usava luvas. Terno barato, um que não caía muito bem. O nome na passagem era George Kerby, mas isso foi só uma coisa que Crisálida inventou.

— George Kerby — repetiu Jay. O nome parecia ligeiramente familiar. — Qual era a data do voo?

— Hoje.

— Merda. Merda, merda, merda. — Jay olhou para o relógio. Não havia quase mais tempo nenhum. — Maseryk vai entrar aqui num minuto para me expulsar, precisamos ser rápidos. Me fala do Yeoman.

— Yeoman? Ele já era — respondeu Elmo bruscamente. — Ele sumiu há o quê, um ano? Ninguém sabe para onde ele foi, nem Crisálida. Ela ficou que nem doida tentando encontrar o cara. Acho que ficou com medo de os Punhos terem apagado ele. Yeoman e os Punhos se odiavam. Mas não pode ter sido ele. Era só um limpo.

— A Estranheza? — perguntou Jay.

Elmo deu de ombros.

— Se elas tinham feito algum negócio, Crisálida não me contou nada.

— Quem mais? Inimigos, amantes rejeitados, herdeiros gananciosos, alguém que pudesse ter uma razão para matá-la?

— Ela tinha um sócio anônimo — contou Elmo. — Um curinga chamado Charles Dutton. Ajudou a construir o Crystal Palace. Acho que o lugar deve ser dele agora.

— Vou falar com ele — garantiu Jay. — Mais alguma coisa?

Elmo hesitou.

— Vai — insistiu Jay. — Desembucha.

— Não sei o que isso quer dizer, mas, no ano passado, na primavera, tive que me livrar de um corpo.

— Um corpo?

Elmo confirmou.

— De uma mulher. Jovem, de pele escura, já devia ter sido bonita, mas não era mais quando eu vi. Tinha sido destroçada, cortada em pedacinhos. Os peitos arrancados, o rosto cortado em fatias, um braço esfolado, deu náusea. Eu nunca tinha visto Crisálida com tanto medo quanto naquela noite. Era minha noite de folga, mas ela me encontrou e me mandou voltar. Quando cheguei, Digger Downs estava vomitando no banheiro masculino, e Crisálida estava no escritório, apenas sentada, fumando e olhando aquele corpo. A mão dela tremia, mas parece que ela só conseguiu parar de olhar quando eu cobri o corpo com um lençol. Ela me mandou limpar tudo. Então eu limpei. Não fiz perguntas e ela não me contou nada. Depois, nunca mais falou a respeito.

— O que você fez com o corpo? — perguntou Jay.

— Pus num saco de lixo e deixei no porão. No dia seguinte tinha sumido. Os vizinhos…

Os dois ouviram os passos ao mesmo tempo.

— Os vizinhos? — incentivou Jay.

— Os vizinhos do lado — começou a explicar Elmo enquanto uma chave girava na fechadura. — Qualquer corpo a gente deixava para eles. Eram bons nesse tipo de coisa. — Ele se calou e olhou carrancudo para o chão.

A porta da cela se escancarou. Ao lado de Maseryk estava a própria Capitã Ellis, fumando um cigarro e jogando o peso do corpo de um pé para o outro.

— Dá o fora daqui.

— Eu já estava saindo — respondeu Jay.

Ao passar, deu um tapinha reconfortante no braço de Elmo. O anão nem ergueu o olhar.

— Quero que saiba que Maseryk fez esse acordo sem a minha permissão — rosnou Ellis. — Mas, agora que já foi, você pode muito bem falar a porcaria do nome, e é melhor que seja verdade. Caso contrário, você e seu amigo Elmo podem acabar dividindo a mesma cela.

Jay nem conseguiu reunir energia para provocá-la.

— Daniel Brennan — respondeu.

Maseryk o olhou como se um cubo de gelo tivesse acabado de deslizar para dentro de suas calças. Ellis só bufou e anotou o nome.

— Tenham um bom dia — disse Jay, saindo.

◆

Não havia muros, cercas nem outras barreiras para impedir que Brennan entrasse no terreno número 8.800 da Glenhollow Road. Ele viu placas em algumas árvores, proibindo caça, pesca e qualquer outra atividade invasora conforme a lei, mas Brennan não deixou que aquilo o detivesse. Caminhou com cuidado entre as árvores, tão atento e silencioso como se estivesse de volta ao Vietnã e a floresta estivesse tomada pelo inimigo.

Finalmente, rompeu a muralha de árvores e se viu diante de um gramado aparado, tão liso quanto um campo de golfe. Depois do gramado lindamente tratado, havia um enorme jardim de flores. Em seguida, uma cerca viva alta. Após a cerca, uma casa de dois andares. O primeiro era ocultado pela cerca viva, mas quatro janelas do segundo andar voltavam-se diretamente para o gramado.

Brennan respirou fundo e correu pelo gramado aberto, sentindo-se completamente nu e vulnerável a qualquer um que pudesse vê-lo da casa. Chocou-se contra os primeiros arbustos floridos, agachando-se com leveza; recuperou o fôlego e ficou à espreita. Nada. Olhou ao redor. Nada além de flores.

Atravessou o jardim agachado, mantendo-se fora da vista das janelas do segundo andar, reconhecendo muitas das flores enquanto se deslocava pelo jardim. Havia rosas e crisântemos, bocas-de-lobo e girassóis. Porém, cultivados lado a lado com essas espécies havia papoulas, como as que vira em plantações no Vietnã e na Tailândia, estramônios, que reconheceu de sua infância no sudoeste, e, em caramanchões frescos e sombreados, cogumelos de uma dezena de cores e formas. Nenhum deles parecia muito adequado para refogar e comer com filé.

Brennan percebeu que o jardim de aparência inocente era o sonho de um boticário, com matéria-prima suficiente para compor quase todo tipo de estimulante, calmante ou alucinógeno. Mas notou, com seu olhar de

paisagista profissional, que era também um local de serenidade e beleza, planejado com o objetivo de alcançar a mistura perfeita de cores, formas e texturas. Até os ornamentos ocasionais entremeados às fileiras de plantas eram agradáveis e harmoniosos, ainda que um tanto extravagantes.

Como o cogumelo de concreto com 1,20 metro de altura e a lagarta enrolada em cima dele, fumando narguilé. Não era um ornamento típico de jardim, com certeza, mas combinava com o tema daquele.

Brennan sorriu, e então a lagarta se virou e olhou para ele. As bochechas murcharam, soprando uma nuvem espessa de fumaça, que engolfou Brennan antes que ele pudesse fechar a boca. Inalou profundamente uma lufada de fumaça adocicada, virou-se e conseguiu dar três passos. Sua cabeça girava em círculos irrefreáveis, e seus olhos rolaram para dentro enquanto ele caía pesadamente na grama densa. Sentiu-a fresca contra o rosto enquanto a lagarta falava, com uma voz incomodamente familiar e lábios mecânicos.

— Bem-vindo ao Reino Mágico — disse ela, e os olhos de Brennan se fecharam.

20h00

A polícia tinha feito o diabo a quatro para manter a funerária sob vigilância. Jay avistou o primeiro policial vendendo cachorro-quente num carrinho na esquina, mais dois sentados num carro estacionado no meio do quarteirão, um quarto no telhado do outro lado da rua. Ou não estavam totalmente convencidos de que Elmo era o culpado, ou esperavam que Yeoman aparecesse para prestar uma última homenagem.

A Funerária Cosgrove era uma monstruosidade descomunal de três andares em estilo vitoriano que parecia o vestígio de outros tempos. Tinha uma torre grande e redonda num canto e uma alta e gótica no outro; além de um pórtico amplo de madeira que circundava a casa, com carpintaria ornamental por toda parte. Crisálida teria adorado o lugar.

Ele estava subindo a escada quando a porta se escancarou e Lupo saiu.

— Uma porcaria de farsa, isso, sim — rosnou ele, zangado, ao ver Jay. As orelhas estavam achatadas contra o crânio. — Quem diabo ele pensa que é?

Não esperou resposta. Jay deu de ombros e foi em frente.

O vestíbulo era forrado com papel de parede escuro e cheio de antiguidades. A programação do dia, numa vitrine instalada na parede, anunciava três velórios. Wideman estava na Sala Oriental, Jory na Sala Ocidental, Moore no andar de cima, na Sala Circular. Jay percebeu que não sabia o nome verdadeiro de Crisálida.

— Ah — disse uma voz suave a seu lado. — Sr. Ackroyd, foi muita bondade sua ter vindo.

Waldo Cosgrove era um homem redondo e macio de uns 70 anos, careca como um ovo, com mãos diminutas e úmidas. Vestia-se de modo impecável o bastante para impressionar o próprio Hiram, tinha uma aroma que dava a impressão de ter tomado banho de perfume e parecia ter rolado em talco. Jay fizera um trabalho para ele no ano anterior, quando dois curingas mortos e especialmente grotescos foram roubados da funerária. A coisa toda deixara Waldo extremamente aborrecido, e o velho não estava acostumado a se aborrecer. Na maior parte do tempo, era triste. Ele era melhor em ficar triste

do que qualquer pessoa que Jay conhecesse.

— Olá, Waldo — disse ele. — Qual é a de Crisálida?

— A Srta. Jory está na Sala Ocidental. É nossa melhor sala, sabe, sem mencionar que é a maior, e ela tinha muitos amigos. Fiquei tão triste ao saber dessa história pavorosa…

As palavras estavam certas, mas Jay já vira Waldo parecer muito mais triste. Alguma coisa estava aborrecendo o Cosgrove mais velho.

— O que está havendo? — perguntou ele. — Por que Lupo saiu tão fulo?

Waldo Cosgrove fez um *tsc*.

— Não é culpa nossa. O Sr. Jory foi muito insistente, e, afinal de contas, era o pai dela, mas algumas pessoas estão interpretando mal o gesto. Não sei o que esperavam que nós fizéssemos. Garanto a você que não poupamos despesas.

— Tenho certeza de que o Sr. Jory também vai perceber isso quando chegar a conta — respondeu Jay. — Eu recebi algum telefonema?

— Telefonema? Para você? Aqui?

— Andei tentando falar com Hiram Worchester lá em Atlanta. Deixei mensagens no hotel dele. Se ele ligar, me avise.

— Ah, certamente — disse Waldo Cosgrove.

Outro grupo de pessoas de luto estava saindo. Jay reconheceu uma recepcionista do Crystal Palace. Também não parecia muito feliz. Decidiu ver o que estava acontecendo.

A Sala Ocidental era um recinto longo, sombrio e de teto alto, cheio de flores. Tantos arranjos florais haviam sido mandados que alguns tiveram que ser deixados no corredor. Um livro de visitas fora colocado junto à porta. Yin-Yang estava ao lado dele, expressando suas condolências a um homem grande e robusto de uns 60 anos que só podia ser o pai de Crisálida. Jory usava camisa branca e terno preto, e havia algo nele que fazia pensar que, sim, era com certeza o tipo de homem que vê tudo em preto e branco. No momento, parecia pouco à vontade. Talvez fosse o terno. Talvez a ocasião. Talvez Yin-Yang, com suas duas cabeças que falavam ao mesmo tempo, como sempre.

Quando o curinga finalmente entrou na sala, Jay se adiantou e estendeu a mão.

— Sr. Jory, sinto muito pela sua filha — disse ele. — Era uma mulher extraordinária.

— Era — respondeu o homem. Tinha um aperto de mão firme e um distinto som anasalado na voz que entrava em conflito direto com o sotaque britânico cuidadosamente cultivado da filha. — Debra-Jo era uma boa menina. O senhor a conhecia bem, senhor…?

Jay ignorou a pergunta. Jory sem dúvida reconheceria o nome, e entrariam em toda aquela conversa sobre como encontrara o corpo, um saco de problemas que Jay não tinha a menor vontade de abrir.

— Acho que não a conhecia bem o bastante para saber o nome verdadeiro dela.

— Debra-Jo — repetiu Jory. — Ganhou o nome da minha bisavó. De raça desbravadora, a minha bisavó. Uma genuína pioneira.

— O senhor é de Oklahoma?

Jory confirmou.

— Tulsa. Nova York não é muito do meu agrado.

— Crisálida adorava a cidade — disse Jay em voz baixa. — Eu a conheci bem o bastante para saber disso. Era o lar dela.

— O lar dela era Tulsa — retrucou Jory rigidamente —, e, sem querer ofender, senhor, mas eu agradeceria se não a chamasse por esse nome. — Ele se virou quando ouviu o som de passos, e Jay viu a repulsa em seus olhos ao contemplar Jube Benson, que passava bamboleando pela porta, uma pilha de jornais debaixo do braço. Então, as boas maneiras sobrepujaram o asco, e Jory forçou um sorriso e estendeu a mão.

Jay entrou na sala.

Havia cadeiras dobráveis suficientes para acomodar cem pessoas. Um terço estava ocupado, com outra dúzia de pessoas em pé, conversando aos sussurros nos cantos da sala. Oito em cada dez rostos pertenciam a curingas. Yin-Yang se ajoelhou ao lado de Mona Meleca diante do caixão. Pena batia contra o teto, conversando em voz baixa com Troll, cujas mãos imensas e verdes roçavam de leve o lustre ao gesticular, fazendo os cristais tinirem como sinos dos ventos. Mama Miller chorava copiosamente, as mãos fumegando enquanto agarravam um lenço de renda, o rostinho enrugado como uma ameixa seca. A seu lado, Padre Lula murmurava palavras de consolo. Outro policial à paisana, deslocado como uma uva numa caixa de passas, estava ao lado de um cinzeiro, fumando.

A Estranheza estava sentada na última fila.

Jay achou isso muito interessante. Fitou o curinga e percebeu movimentos

debaixo do tecido preto. Parecia um animal se debatendo ali e tentando sair, mas era só o corpo da Estranheza se transformando, uma metamorfose que nunca terminava. O rosto encapuzado se virou, até Jay olhar diretamente para a máscara de esgrima. Pôde sentir os olhos encarando-o por baixo da malha de aço.

Jay atravessou a sala até onde Crisálida fora colocada. Yin-Yang estava se levantando. Jay parou, chocado.

O caixão estava aberto.

Não pode ser, pensou, desorientado.

Então, viu Cosmo sentado numa cadeira dobrável nas sombras do nicho onde o caixão tinha sido colocado, tão imóvel e quieto que estava quase invisível na confusão de coroas de flores. De repente, Jay entendeu.

Os três irmãos Cosgrove haviam herdado a funerária da família. Waldo, que era muito tristonho, era o porta-voz. Titus, que jamais era visto, o embalsamador. Cosmo, o caçula, era o curinga da família. Um homem frágil e magro de uns 50 anos, calvo como o irmão, mas com crescentes manchas de fungos cinzentos por toda a pele, roupas e tudo mais que tocava. Nem mesmo a raspagem diária conseguia conter o crescimento. Mas Cosmo também tinha um poder, um pequeno dois de paus que fizera da Cosgrove a principal funerária do Bairro dos Curingas. Ele dava aos mortos uma boa aparência. Deixava-os mais bonitos que em vida. Jay se aproximou do caixão e olhou para ela.

A bela adormecida, pensou, e entendeu por que Lupo e os outros tinham ficado tão aborrecidos.

Crisálida usava um vestido preto simples, modesto, mas estiloso, com um velho camafeu preso ao pescoço. As mãos estavam dobradas logo abaixo dos seios, segurando uma Bíblia. Estava linda. O longo cabelo loiro se espalhava sobre o travesseiro de cetim, os olhos fechados num sono pacífico, um toque de blush nas faces macias e rosadas. Crisálida passara dos 35, Jay sabia; parecia dez anos mais jovem agora. A pele tão macia quanto o forro do caixão, tão viva que dava vontade de tocar, de acariciar, de sentir o calor que com certeza estava lá.

Mas era melhor não fazer isso. Cosmo podia enganar os olhos, mas não a mão. Se baixasse a mão até o caixão e tentasse tocar aquela face rosada, só Deus sabe o que os dedos iriam encontrar. Nem mesmo os Cosgrove podiam montar uma cabeça usando nacos de osso e cérebro.

— Um dia triste — disse Padre Lula, colocando-se ao lado de Jay. O pastor da Nossa Senhora das Dores Perpétuas fazia um som molhado ao andar. — O Bairro dos Curingas não será o mesmo sem ela. Será um lugar mais sombrio. Acredita que faz um ano que Xavier Desmond se foi?

— Praticamente um ano exato — concordou Jay. — Mas, quando Des estava aqui, a fila de gente que veio para o funeral dobrava a esquina.

— Crisálida era muito respeitada na comunidade — disse Padre Lula. — Até temida. Des era amado. Seu coração era um livro aberto. O dela era guardado a sete chaves. — Ele pôs a mão no ombro de Jay. — Dizem que você está caçando o assassino.

— Se não tem como — respondeu ele —, eu como. Diga, padre, o que sabe sobre a nossa colega Estranheza ali?

— Três almas torturadas em busca de salvação — respondeu o padre. — Certamente você não pensa que…

— Não sei o que pensar — disse Jay. Waldo Cosgrove estava parado à porta, gesticulando para ele. — Com licença, padre, preciso atender a um telefonema.

Waldo deixou Jay usar o escritório nos fundos da funerária. Era um lugar escuro, silencioso e privado. Esperou Waldo fechar a porta antes de pegar o telefone.

— Alô, Hiram?

Havia muito barulho do outro lado da linha, mas Hiram Worchester era um homem grande com uma grande voz.

— Popinjay? O hotel disse que você ligou seis vezes. Posso perguntar o que poderia ser de tão urgente?

— Hiram, estamos com um problemão. Onde você está? Parece que está dando uma festa.

— Estou ligando do trailer de campanha do Senador Hartmann. Essa briga entre os candidatos está se arrastando. O mínimo que você pode fazer é assistir à convenção na TV. É só o futuro do país que está em jogo.

— Pare de implicar comigo — retrucou Jay. — Estou todo bem-vestido, o que mais você quer? Escute, estou fuçando por aí para descobrir quem matou Crisálida…

— Achei que isso estivesse resolvido — interrompeu Hiram. — Foi aquele sujeito do ás de espadas. O psicopata que tentou roubar aqueles selos de nós, naquela noite, no Crystal Palace.

— Bem, eu acho que não foi ele — declarou Jay.

Hiram pigarreou, evasivo, e disse:

— Você é o detetive, mas acho que está perdendo tempo.

— Não seria a primeira vez — admitiu ele. — Hiram, escute e tome cuidado com o que diz ao responder. Alguns políticos têm uns ouvidos bons demais. Antes de morrer, Crisálida contratou um assassino para matar Leo Barnett. Provavelmente já está em Atlanta.

Por um longo momento, não se ouviu nada além do som da equipe de Hartmann gritando ordens estratégicas aos walkie-talkies. Depois, numa voz rouca, Hiram finalmente conseguiu dizer:

— Barnett? Tem certeza?

— É a única coisa que faz sentido. Barnett é o candidato que quer colocar os curingas em campos de concentração. Crisálida era curinga. Que eu saiba, dois mais dois são quatro.

Ou não? Assassinar Barnett poderia simplesmente garantir o triunfo das ideias do sujeito. Crisálida não teria sido mais sutil que isso? Talvez dois mais dois fossem… o quê?

Hiram estava falando:

— … Barnett fez tudo o que pôde para castrar a agenda dos direitos dos curingas. Eu deploro tudo o que esse homem defende, mas um assassinato não pode ser tolerado. Jay, você tem que contar às autoridades.

— Ah, isso seria ótimo — respondeu Jay. — É só dizer para eles que dois curingas conspiraram para mandar um assassino, que provavelmente é um ás, apagar Leo Barnett porque não gostaram das políticas dele. Assim que a imprensa souber, já podem eleger o filho da puta, nem precisam gastar com todos aqueles comerciais de campanha.

— Meu Deus — resmungou Hiram. Estava sussurrando agora. — Tem razão, é claro. Jay, o que vamos fazer?

— Temos que dar um jeito de manter Barnett vivo sem deixar essa história vazar. Vou deixar os detalhes com você.

— Obrigado — respondeu Hiram numa voz seca. — Agradeço imensamente.

— Arranje ajuda. Alguém em quem você confie. Talvez Tachyon. Seja sutil, mas também tome cuidado. Veja se consegue bolar um jeito de aumentar a segurança de Barnett.

— A de *todos* os candidatos — sugeriu Hiram.

— Certo — disse Jay. — Vou continuar fuçando do lado de cá.

— Jay, escute, você seria muito mais útil aqui. Crisálida está morta, essa sua investigação quixotesca não vai trazê-la de volta. Ligue seu taxímetro e pegue o próximo voo para Atlanta. Vou contratar você. Quero que seja o guarda-costas do Senador Hartmann.

— As últimas costas que eu deveria guardar acabaram separadas da cabeça — argumentou Jay. — Além disso, achei que cada candidato tivesse um ás nomeado pelo governo para servir de babá, não?

— Carnifex é um fanfarrão incompetente — afirmou Hiram. — Não passa de um rufião e não é lá muito inteligente. Tenho mais confiança no Serviço Secreto, mas eles são apenas homens. Pelo menos, Barnett tem Lady Black ao lado dele, mas Gregg está extremamente vulnerável. Precisamos da sua ajuda, Jay.

— É, bem, melhor entrar na fila. Hiram, tenho que ir. Vou manter contato. Tome cuidado. Faça o que puder.

— Popinjay, você poderia dar ouvidos à razão uma vez na vida? — insistiu Hiram.

— Nah. Vai que vira hábito. — Jay desligou o telefone antes que Hiram pudesse responder e foi até a porta.

Mal saiu do escritório e o telefone começou a tocar atrás dele. Encostou-se à porta e contou os toques. Na nona vez, suspirou, voltou para o escritório escuro e pegou o telefone.

— Olha, Hiram, não vou para Atlanta, que saco. Se o Senador Gregg precisa de outra babá, vá você, não pode simplesmente…

— Meu arqueiro precisa de ajuda — disse uma voz baixa de mulher do outro lado da linha.

Um calafrio subiu pela espinha de Jay. Conhecia aquela voz. O timbre, a modulação, o forte sotaque britânico.

— Crisálida?! — disse ele num sussurro atordoado.

— Vá até ele — disse Crisálida. — Antes que seja tarde demais.

— Você está morta — retrucou ele, rouco.

Parado no escuro, com o telefone na mão suada, Jay subitamente sentiu que o mundo desaparecera sob os pés.

— O esquimó… — começou Crisálida.

— O *esquimó*? — interrompeu Jay. Isso estava cada vez mais esquisito; sentiu que tinha caído na toca do coelho. Crisálida jazia morta no caixão a

algumas salas dali, e lá estava ela ao telefone, falando com ele sobre esquimós. De repente, Jay ficou muito desconfiado. — Quem diabo está falando?

Houve um longo silêncio.

— Crisálida — disse a voz, finalmente.

Realmente parecia a voz dela.

— Meu Deus — disse Jay com toda a admiração que pôde reunir. — Você está viva. Minha querida… Meu amor… É você mesmo, doçura?

Outra hesitação.

— Sim — sussurrou a voz, por fim. — Sou eu, querido. Ouça. Você deve salvar meu arqueiro, ele…

— É, já sei, foi sequestrado por esquimós. Talvez você ache isso engraçado, mas eu não acho. Sua imitação é boa pra caramba, mas você não é Crisálida. Então, por que não pega seus esquimós, guarda esse sotaque fajuto e vai pra puta que o pariu? — Ele bateu no gancho com tanta força que o telefone tocou.

Então, sentou-se no escuro, por um longo tempo, fitando o telefone, desafiando-o a tocar outra vez. Continuou em silêncio.

21h00

Ann-Marie estava grávida de oito meses. Fizeram amor devagar, delicadamente, Brennan ajoelhado diante dela, Ann-Marie deitada de lado com uma perna esticada e a outra erguida. Era uma mulher leve e esbelta, agora inchada como fruto maduro com a criança no ventre. O leite pesava nos seios pequenos, os mamilos escuros, pontudos e dolorosamente sensíveis ao toque dos dedos, à carícia dos lábios. O rosto dela denotava mais a ascendência vietnamita do que a francesa, e ela era linda, linda e sedenta pelo toque de Brennan.

Fizeram amor langorosamente, em câmera lenta, cada movimento dos corpos perfeitamente combinado em ritmo e cadência, e enquanto isso Ann-Marie mudou. Brennan observou sua pele se apagar e a carne desaparecer, até conseguir ver a rede de vasos sanguíneos que percorriam o corpo, e os ossos e órgãos debaixo do filho no útero. Então, o bebê se desvaneceu e mudou, e Ann-Marie também. Ficou maior, mais forte, com quadris mais largos e seios mais fartos, invisíveis, a não ser pelas veias que os atravessavam e os mamilos escuros. De alguma forma, trocaram as posições e Brennan estava deitado de costas e Crisálida em cima dele, com uma paixão sonhadora no rosto enigmático, os mamilos pulando nas auréolas invisíveis enquanto ela cavalgava Brennan, roçando a pelve contra a dele em estocadas longas, lentas e fortes que o faziam gemer a cada investida.

Ele estendeu as mãos para agarrar os seios quentes, macios e invisíveis, e eles se desmancharam como fumaça. Crisálida desapareceu lentamente, mas ele ainda podia sentir o calor e a umidade nos próprios quadris. E então, como um fantasma, ela se rematerializou devagar, mas a carne era opaca, os seios eram pequenos e duros, o corpo longilíneo e musculoso.

— Jennifer — murmurou Brennan, e ela sorriu tristemente para ele. Ao se afastar, levou consigo o calor e o deixou sozinho e nu. Ele chorou quando a dor da separação o atingiu de novo e de novo, e ela foi desaparecendo de vista numa nuvem de angústia e lágrimas.

Estreitou o olhar em meio à névoa. Havia um rosto nadando nela, espiando-o atentamente.

— Jennifer — sussurrou outra vez. Os lábios estavam secos, e a garganta, apertada e sufocada.

— Já era hora de você acordar — disse o rosto naquela voz incomodamente familiar. — Vamos ver se podemos despertá-lo por inteiro.

Brennan não conseguia mexer os braços e as pernas, mas ainda tinha tato. Sentiu o homem pegar seu braço, e então a dor se apossou dele quando agulhas pareceram furar a carne em três lugares diferentes. Brennan abriu a boca para protestar, mas não conseguiu fazer a língua e os lábios trabalharem juntos. Balbuciou alguma coisa ininteligível; nem ele entendeu o que tentava dizer. Um ou dois momentos se passaram e, de repente, Brennan sentiu o coração começar a bater mais e mais rápido. A visão se apagava e voltava, de nebulosa a dolorosamente nítida, pulsando como uma luz estroboscópica. Queria se levantar, gritar, correr, mas percebeu de repente que estava preso a uma cadeira com cintas de couro. Lutou contra elas, mas eram resistentes. Cerrou os dentes e se debateu para a frente e para trás, mas a cadeira não se mexeu, e as cintas apenas se enterraram em sua pele. Ele uivou, arfando numa raiva selvagem, irracional. Precisava levantar, mas a maldita cadeira não deixava! Ia se libertar, precisava fazê-lo! Concentrou todas as suas forças no braço direito e puxou de novo e de novo, tentando libertá-lo. Sentiu o sangue escorrer pelo membro, mas apenas redobrou os esforços.

— Desculpe — disse alguém. — Às vezes, é difícil calcular a força da dosagem.

O sujeito sorriu de forma reconfortante e de repente Brennan sentiu a calma e a paz fluírem para ele através do aperto de mão amigável do homem. Brennan o reconheceu. Vira-o no dia anterior no Chickadee's. Era Quincey, o químico de Kien. Quinn, o esquimó. Ele parecia um bom homem. Como na música de Bob Dylan, pensou: "*When Quinn the Eskimo gets here everybody's gonna jump for joy*." Brennan olhou para o braço direito e se perguntou por que estava sangrando.

— Assim é melhor — disse Quincey, satisfeito. Sorriu e tirou a mão do braço de Brennan. Quando o fez, Brennan pôde ver que três dedos tinham agulhas afiadas saindo da ponta. Enquanto ele olhava, as agulhas subitamente recuaram para dentro dos dedos do homem, sumindo de vista. — Bem-vindo a Xanadu, Sr. Yeoman.

Brennan o encarou.

— O que estou fazendo aqui?

Quincey deu de ombros.

— Você deve saber a resposta melhor do que eu. Uma das minhas sentinelas mecânicas o pegou escondido no jardim.

— A lagarta no cogumelo — disse Brennan, lembrando-se de repente.

— Isso — confirmou Quincey. — Uma das minhas favoritas. Custou uma fortuna trazer os engenheiros de animatrônica da Disney, mas, se você não puder ter o que quer no seu próprio palácio dos prazeres, para que ele serve?

Brennan balançou a cabeça. Lembrava-se de tudo agora. O estranho bilhete que recebera no Aces High, o jardim, a lagarta, sua captura, o sonho. O sonho.

Fechou os olhos. Tudo havia sido tão real. Ann-Marie. A última vez que fizeram amor antes que ela e a criança ainda não nascida fossem mortas pelos assassinos de Kien. Crisálida viva outra vez. Jennifer.

— Então, o que você queria? — perguntou Quincey.

Brennan abriu os olhos.

— O assassino de Crisálida.

— Ah, nossa. Bom, você não vai encontrá-lo aqui. Este é o meu palácio dos prazeres. Raramente é invadido por violência.

Brennan olhou à sua volta. Eram as únicas pessoas no cômodo, que parecia saído de uma fantasia das *Mil e uma noites*. Havia tapetes requintados e coloridos no chão e tapeçarias de brocado de seda, metade retratando donzelas, a outra metade exibindo mancebos esbeltos em trajes gregos — ou traje nenhum — saltitando aos pares ou em grupos. Havia ainda numerosas esculturas de cunho semelhante espalhadas pelo recinto sobre móveis delicados e caros, e a cama tinha um dossel, almofadas de seda e veludo e travesseiros decorativos espalhados por toda parte.

— Receio, porém — comentou Quincey, pensativo —, que esta tenha que ser uma dessas vezes. Estou dando os toques finais num projeto importante. Não podemos deixar que você fique xeretando. Me dê licença enquanto faço um telefonema.

As agulhas voltaram a se projetar da ponta dos dedos. Brennan percebeu que eram brancas como osso — o que provavelmente eram — e ocas. Depois de um momento, um fluido gotejou da agulha central, e Quincey a espetou de novo no braço de Brennan.

— Só vai doer um pouquinho.

♠

A casa estava muito silenciosa quando Jay voltou ao velório. Ficou surpreso ao ver que Jory tinha abandonado seu posto à porta. Em vez dele, era Waldo Cosgrove quem estava ali, torcendo as mãozinhas suadas e parecendo de fato muito triste. Jay passou por ele, entrando num silêncio tenso e gélido.

As pessoas haviam se afastado discretamente dos dois homens no centro da sala, mas todas os observavam. Jory estava no corredor entre as filas de cadeiras dobráveis, o rosto ruborizado de fúria.

— O que o senhor disse? — perguntou ele.

Um recém-chegado estava diante do caixão, parecendo a morte encarnada. Alto e esguio, usava um manto com capuz por cima de um terno preto de lã. À primeira vista, Jay pensou que estivesse usando uma máscara; dada a ocasião, uma máscara de extremo mau gosto. Então, quando ele falou, Jay percebeu que a cabeça cadavérica — amarelada e sem nariz, os dentes à mostra num sorriso perpétuo — era seu verdadeiro rosto.

— Eu disse — repetiu o curinga numa voz profunda e glacial — que esta não é Crisálida. — Acenou com a mão enluvada sobre a jovem no caixão.

As palavras fizeram o estômago de Jay pular de repente. Se não era Crisálida no caixão, se de alguma forma ele tivesse se enganado quanto ao corpo que encontrara, então talvez ela ainda estivesse viva em algum lugar, e a voz ao telefone…

— Não me lembro de ter pedido sua opinião — respondeu Jory, o sotaque carregado devido ao estresse do momento. — O senhor está causando um incômodo, e eu agradeceria se fosse embora.

— Acho que não — retrucou o homem de capa preta. — Vim aqui para ver Crisálida uma última vez, para me despedir. E o que encontro? Uma fantasia limpa deitada num caixão, e uma sala cheia de pessoas proibidas de pronunciar seu nome.

— O nome dela era Debra-Jo Jory, e ela era minha filha! — Uma veia começou a pulsar no pescoço de Jory.

— O nome dela — insistiu friamente o curinga — era Crisálida.

Padre Lula se aproximou dele.

— Charles, ele é de Oklahoma, isso é tudo o que conhece. Devemos respeitar seu luto.

— Então, ele que respeite o nosso.

— Ele não tem a intenção de ofender — disse o padre.

— Isso não torna esta farsa menos ofensiva.

Os olhos do curinga, fundos no rosto descarnado, não se afastavam de Jory.

Waldo Cosgrove se aproximou, nervoso.

— Cavalheiros, cavalheiros, por favor, não briguem. Não é a hora nem o lugar, não acham? Nossa mui amada Crisálida, er… Quero dizer, Debra-Jo, bem, certamente ela não gostaria…

— O que *eu* gostaria — disse Jory de repente — é que você expulsasse esse filho da puta horroroso daqui, Cosgrove. Ouviu? Ou você chama o que se passa por autoridade nestas bandas, ou eu chamo, mas de um jeito ou de outro esse babaca vai pro olho da rua.

Waldo olhou desamparado ao redor, procurando uma saída para o problema. Jay sentiu pena dele. Finalmente, com delicadeza, o diretor da funerária se voltou para o curinga e disse:

— Charles, por favor, nestas questões é costume honrar a vontade da família.

— Sim — respondeu Charles, e fez um gesto que abarcava todos os curingas no recinto. — E nós somos a família dela, Waldo. Não ele. Ele nem sabe qual era o nome dela. — Deu as costas para Jory e foi até onde estava Cosmo, sentado em sua cadeira. Cosmo ergueu o olhar e ajeitou os óculos de lentes redondas e aro de metal. Havia fungos crescendo no dorso das mãos e tocos de barba cinza no queixo. Ele não disse nada. — Eu quero vê-la, Cosmo — continuou Charles. — Mostre-a para mim. Mostre-a para mim do jeito que ela era.

— Não! — gritou Jory. — Eu proíbo! — Lançou-se adiante, apontando o dedo para Cosmo. — Ouviu, moleque?

Cosmo olhou para ele, não disse nada, voltou a encarar Charles. Alguém ofegou. Todos os olhares estavam cravados no caixão.

A cor havia começado a desaparecer da pele macia de Debra-Jo.

— Desgraçado — rosnou Jory para Cosmo, girando para encarar Waldo. — Você aí! Chame a polícia! *Agora!*

O queixo de Waldo tremeu enquanto a boca gaguejava em silêncio.

No caixão, a pele macia e o tom rosa haviam esmaecido. Sua pele estava branca como osso, lisa e pálida como leite. Aqui e ali, começava a ficar cerosa e translúcida.

— Eu mesmo chamo, então — disse Jory, dirigindo-se ao telefone.

Ouviu-se um som como se duas vigas de madeira tivessem sido quebradas ao mesmo tempo. Tudo parou. Jory ergueu o olhar, e ergueu mais e mais. Ergueu até encontrar os olhos vermelhos que o encaravam por debaixo de uma testa imensa e inchada. Do alto de seus 2,75 metros, Troll mirou Jory, estalou os nós dos dedos mais uma vez e fechou a mão verde e imensa num punho do tamanho de um pernil.

— Acho que não seria uma boa ideia — disse Troll numa voz que parecia vir do fundo da pedreira mais profunda do planeta. Por toda a sala, as pessoas murmuraram em concordância.

O cadáver adquirira a cor de papel-manteiga, e agora podia-se ver o traçado das veias e as sombras escuras dos ossos e órgãos sob a pele translúcida.

Jory girou, voltou ao caixão e fechou a tampa com um baque.

— Fora daqui! — berrou ele, perturbado além do que era possível expressar. — Todos vocês, fora daqui! — Olhou com asco para todos os rostos dos curingas ao redor. — Vocês! Vocês sempre ficam unidos, não é? Seus desgraçados. Vocês é que fizeram isso com ela, seus nojentos…

Jay tirou a mão do bolso e apontou. Jory desapareceu.

Quando as pessoas perceberam o que havia acontecido, a tensão se dissipou num instante. Padre Lula balançou a cabeça, balançando os tentáculos faciais de um lado para o outro ao fazê-lo.

— Para onde o mandou, meu filho? — perguntou ele.

— Para o Aces High — respondeu Jay. — Talvez ele se sinta melhor com uma boa refeição e uns drinques. A coisa estava ficando feia demais.

O curinga chamado Charles se aproximou do caixão e abriu a tampa. Crisálida estava lá agora. A pele transparente como o vidro mais fino, perfeitamente diáfana, as fibras pálidas e fantasmagóricas dos músculos e tendões abaixo, e depois os ossos e os órgãos, além da teia azul e vermelha de vasos sanguíneos.

Era tão ilusória quanto a anterior, mas era a que eles queriam. Era Crisálida com a aparência que tivera em vida. As últimas dúvidas que restavam a Jay sumiram quando ele viu o corpo, e, com elas, os últimos resquícios de esperança. Crisálida estava morta; a voz ao telefone tinha sido de uma impostora.

Charles a olhou por um longo momento, depois se virou, satisfeito. Deu

um tapinha no ombro de Cosmo antes de se afastar. Mama Miller caiu de joelhos, as mãos fumegantes agitadas no ar, e começou a chorar outra vez. Outros rodearam o caixão, quietos e reverentes. A Estranheza ficou num canto, observando.

Jay alcançou o curinga com cara de caveira enquanto ele saía da sala.

— Charles Dutton, eu presumo.

A morte se virou e o olhou nos olhos.

— Sim.

— Jay Ackroyd — disse, estendendo a mão. — Gostaria de fazer algumas perguntas.

22h00

— Receio não ter muito a lhe dizer, Sr. Ackroyd — disse Charles Dutton. Uma brisa quente de julho soprava pela Bowery, agitando o longo manto negro do curinga atrás dele, enquanto caminhavam. — Crisálida e eu éramos sócios, mas não posso alegar que a conhecia bem. Ela gostava de ter os próprios segredos.

— Você deve saber, já que era um deles — respondeu Jay. — Como é que ninguém sabia que Crisálida tinha um sócio? — Tinha que andar depressa para acompanhar os passos largos de Dutton.

Passaram pelo Chaos Club, e Dutton acenou educadamente para o porteiro.

— Os holofotes combinavam com Crisálida, mas eu prefiro evitá-los — explicou ele. — Esta noite foi uma exceção. Eu pretendia prestar uma última homenagem discreta, mas, quando vi o que aquele tolo cheio de pose tinha feito, não me contive.

— Jory era pai dela.

— O amado pai que fez dela uma prisioneira na própria casa por anos, por causa da vergonha extrema que sentia pela aparência da filha. Veja, eu conheço, sim, um pouco da história de Crisálida. Ela não gostava de falar sobre o assunto, mas, quando chegou ao Bairro dos Curingas, precisou da minha ajuda para abrir o Crystal Palace, e eu insisto em conhecer a origem dos meus sócios.

— Você emprestou dinheiro a ela?

Dutton confirmou.

— Ela chegou à cidade com uma fortuna considerável em títulos ao portador. No entanto, queria comprar quase metade de um quarteirão; não só o prédio que se tornou o Crystal Palace, mas também as propriedades adjacentes, aquele entulho todo. Acho que não preciso lhe dizer que os imóveis de Manhattan são caros, mesmo no Bairro dos Curingas. Houve outros custos também. Restauração, instalações, móveis, licença para comercializar álcool…

— Subornos — arriscou Jay.

Um carro passou por eles, seguindo pela Bowery no sentido contrário. O detetive viu os faróis sumirem na longa janela de vidro laminado da lavanderia pela qual passavam.

— Os fiscais da Prefeitura trabalham duro — comentou Dutton —, assim como nossos policiais e bombeiros. É sensato darmos demonstrações ocasionais da estima que temos por eles, especialmente para um curinga. Mas é também custoso.

— Então, você emprestou uma baita grana para ela — concluiu Jay. Ainda estava de olho nos reflexos na janela da lavanderia. — Quanto do negócio era seu?

— Um terço. Em termos de sociedade, era ela quem tinha o controle.

— Não pare e não olhe para trás — sussurrou Jay. — Estamos sendo seguidos.

— É mesmo? — Dutton era bom; seu passo nem vacilou.

— Ela está do outro lado da rua, a talvez meio quarteirão, tentando se esgueirar de porta em porta. É bem amadora. Teria se ferrado em discrição na escola de detetives. Está evitando as luzes dos postes, mas os faróis a denunciam toda vez que um carro passa.

— Você sabe quem é? — perguntou Dutton.

— A Estranheza — respondeu Jay. — Amiga sua?

— Receio que não. Mas conheço a reputação dela.

— Tem algum poder foda aí que você não mencionou, ou essa é comigo?

Dutton riu.

— Riqueza conta como poder?

— Talvez. Se a Estranheza atacar, tente jogar uma nota de cem dólares para ela e a gente vê no que dá.

— Tenho uma ideia melhor — afirmou Dutton. Parou de repente.

Estavam na frente do Museu Popular Carta Selvagem. Dutton subiu a escada até as portas.

— Que diabo está fazendo? — perguntou Jay. — O museu está fechado.

— Eu tenho uma chave — respondeu o curinga. Abriu uma das portas e gesticulou para que Jay entrasse. — A diretoria não se importa.

— Você é o dono? — adivinhou Jay enquanto Dutton voltava a trancar a porta.

— Receio que sim. — Dutton apertou alguns números num painel na parede. Uma luz vermelha piscante se apagou e uma verde se acendeu. —

Tudo certo. Venha comigo.

O interior do museu era frio e mal iluminado. Passaram por uma porta giratória e entraram num corredor de serviço.

— Esse museu dá dinheiro? — perguntou Jay.

— Um pouco. Você já esteve aqui, não é?

— Há muito tempo. Quando era bem jovem. A única coisa de que me lembro é das jarras. Dezenas de jarras grandes com bebês curingas deformados dentro. Me assustou pra valer.

A lembrança tinha ficado enterrada por muito tempo, mas, no momento em que a mencionou, ela voltou com tamanha vivacidade que Jay pôde saboreá-la: um número infinito de corpinhos, torcidos e terríveis, flutuando em formaldeído por trás do vidro. Um deles, maior que os outros e particularmente grotesco, fora colocado num pedestal rotatório, e Jay ainda se lembrava do próprio medo ao ver o rosto virar-se devagar para ele. Ia abrir os olhos e olhar para ele. Tinha gritado, e nada do que seu pai dissesse o pudera acalmar.

— Tive uns pesadelos — contou Jay, surpreso com a súbita epifania. Não pôde reprimir um tremor. — Meu Deus. Vocês já se livraram deles há muito tempo, não é?

— Infelizmente, não — respondeu Dutton. — Os Monstruosos Bebês Curingas eram uma das mostras originais. Os turistas vêm aqui esperando vê-los. Mas fiz esforços consideráveis para transformar este lugar num legítimo museu desde que o adquiri dos primeiros proprietários, e nossas novas atrações são muito diferentes. Deixe-me mostrar.

Ele guiou Jay até uma porta.

— Aqui — disse Dutton. — Este é o nosso diorama sírio.

Jay espiou pelo vidro uma cena dramática feita de cera. No fundo, Carnifex arrancava uma Uzi de um terrorista, enquanto Peregrina, grávida, arranhava o rosto dele com garras de metal. Tachyon, vestido feito um almofadinha árabe daltônico, estava desmaiado no chão. Em outra parte, Jack Braun corria em direção a um atirador, as balas ricocheteando em seu corpo. Uma delas atingira o Senador Hartmann; podia-se ver o sangue vazando do paletó esportivo. Bem atrás, Hiram Worchester encarava um Rambo árabe tamanho-família, enquanto uma mulher com um chador negro segurava uma faca suja de sangue acima de um profeta caído.

— Tenho certeza de que você se lembra do evento — disse Dutton.

— É, da turnê. Os ferimentos fizeram maravilhas pela campanha presidencial de Hartmann.

— Ser um herói nunca faz mal — concordou Dutton.

Jay indicou o painel de botões em frente ao diorama.

— O que é isso?

— Nossas novas exposições têm tecnologia de ponta. Efeitos sonoros, iluminação dramática, animatrônicos. Um botão acende o campo de força dourado de Braun, outro liga o brilho verde de Nur. Aquele ali, na ponta, faz Sayyid cair de verdade. Ele é o gigante. Worchester o tornou pesado demais para suportar o próprio peso.

— Não sabia que manequins de cera podiam se mexer — comentou Jay.

— Não usamos muita cera nas exposições animadas — disse Dutton. — Três quartos de Sayyid são feitos de plástico.

— Ele não esmaga os outros bonecos?

— Ele nunca chega ao chão. As crianças adoram. Todas dão soquinhos no ar, fingindo que são ases.

— Hiram vai ficar feliz da vida — disse Jay secamente.

— Venha, vou fazer a visita guiada com você — convidou Dutton.

— Só se a gente pular os Monstruosos Bebês Curingas. Já tenho problemas suficientes sem topar com eles de novo.

Dutton riu e o escoltou por um labirinto de corredores mal iluminados onde heróis e vilões de tempos passados o olhavam das sombras. Passaram pelo Jetboy, os Quatro Ases, o Rei-Lagarto. O Operário e o Radical travavam um eterno combate, enquanto um esquadrão da Brigada Curinga enfrentava vietcongues em alguma parte amaldiçoada do Vietnã. No Hall da Infâmia, o Astrônomo pendia da parede, cravado nos tijolos, só o rosto e as mãos à vista. A parede ficara vermelha de sangue. Perto dali estava Gary Gilmore, cercado por pilares de sal, e Gimli, exortando uma multidão enlouquecida ao erguer o punho. Os olhos de vidro do anão pareciam segui-los.

— Belo trabalho — disse Jay. — Parece de verdade.

— E é — informou Dutton. — A pele vazia de Gimli foi encontrada num beco perto daqui. Não havia família, então nós, er… adquirimos os restos.

Jay o olhou com reprovação.

— Você o *empalhou*. — Ouvira essa história por aí, nas ruas, mas de alguma forma esquecera.

Dutton pigarreou.

— Sim. Bem, ele tem sido uma atração muito popular.

— Acho que já vi o bastante — disse Jay.

— Certo.

Dutton o guiou por um salão cavernoso onde os velhos cascos do Tartaruga estavam pendurados no teto. A galeria contígua ainda estava em construção. Dutton guiou Jay pelo emaranhado de escadas, oleados e cavaletes até uma praça de alimentação no centro do prédio. Acendeu as luzes e parou diante de uma série de máquinas de doces, salgados e bebidas.

— Prefere café ou um refresco? — perguntou.

Estava gelado lá dentro, Jay percebeu de repente. Deviam usar o ar-condicionado até de noite para preservar os bonecos de cera.

— Um café seria ótimo — disse.

Dutton colocou moedas na máquina de café e se dirigiu à mesa com dois copos de papel, entregando um a Jay. Sentaram-se.

— Então, o que acha do meu pequeno museu agora?

— Museu é que nem cemitério. Cheio de coisas mortas. Coisas mortas me deprimem.

— O Museu Popular Carta Selvagem do Bairro dos Curingas é uma instituição.

Jay soprou o café.

— O Crystal Palace também é uma instituição.

— Sim — concordou Dutton. — De outro tipo.

— E agora ele é seu também.

— Sob os termos do nosso contrato, sim, o sócio sobrevivente assume toda a propriedade.

— Foi por isso que você encomendou a morte dela? — sugeriu Jay casualmente.

♥

Vieram mais sonhos, mas desta vez eram coisas vagas e disformes que caçavam Brennan em meio a uma névoa enjoativa enquanto ele tentava encontrar o caminho de volta a um lar que não existia. A não ser pelos chilreios irreconhecíveis das coisas que o seguiam, a paisagem era silenciosa; então, ouviu alguém chamar seu nome bem baixo, mas de modo insistente.

Era uma voz feminina. Era Jennifer.

Sentiu as mãos frias dela no rosto; a mulher estava ajoelhada diante dele. Desta vez, usava um traje de banho e dizia suavemente o nome dele, de novo e de novo. Ele tentou tocá-la, mas ainda estava amarrado à cadeira. Jennifer esticou a mão e tocou as amarras, que se dissolveram. Ele tombou para a frente. Ela tentou apará-lo e os dois foram ao chão, Brennan por cima.

Era linda. Ele a beijou por um longo, longo tempo, mas logo ela se desvencilhou.

— Temos que fugir, Daniel. Temos que sair daqui antes que eles voltem.

Brennan assentiu.

— Vamos fugir — disse ele —, nós vamos fugir. — E tentou beijá-la outra vez.

Ela o empurrou. Ele caiu no chão e a olhou com mágoa no olhar.

— Exatamente como no meu outro sonho — disse, sentindo uma vontade avassaladora de chorar.

— Isto não é um sonho — respondeu Jennifer, de modo firme, porém suave. — É real.

Pegou a mão de Brennan e a manteve segura nas suas. Eram quentes e sólidas. Brennan tocou o rosto dela.

— Você é real — disse ele, maravilhado.

— Sou.

Ela ficou de pé e puxou o braço de Brennan. Ele tentou se levantar também, mas foi imediatamente tomado por um ataque intenso de vertigem. Apoiou-se em Jennifer, que cambaleou, mas conseguiu levá-lo até a porta.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele.

— Resgatando você. Não temos tempo para conversar.

O arco e a aljava de Brennan estavam junto à porta, assim como diversas facas e outras coisas que Quincey tomara dele. Detiveram-se para pegar os dois primeiros itens, e não havia tempo para mais nada.

Lá fora estava escuro. Tonto, Brennan se perguntou quanto tempo ficara inconsciente. Tinham apenas conseguido cambalear até atrás de uma cerca viva alta quando viram Transluz entrar pela porta da frente acompanhado por dois Lobisomens. Brennan respirou fundo. O ar noturno pareceu reavivá-lo, ou talvez fosse o fato de as drogas já estarem se diluindo no organismo. Seguiu Jennifer pelo jardim sem precisar de auxílio. Tinham passado o gramado e entrado no bosque quando ouviram um alarme tocar na casa.

— Meu carro está por aqui — disse Brennan.

— Eu sei. Estacionei do lado.

— Como você me encontrou?

Jennifer o olhou de relance enquanto andavam entre as árvores, o caminho iluminado por uma lua quase cheia.

— Não foi fácil. Passei boa parte do dia de ontem e quase o dia todo de hoje vasculhando seus velhos esconderijos, e finalmente rastreei você até o hotel. Mas você tinha ido embora, é claro, e eu nunca o teria encontrado se não fosse o telefonema.

— Telefonema?

— Sim. Ela disse que você estava aqui, que fora capturado.

Saíram da mata, chegando à estrada. As chaves de Brennan tinham sido tomadas, então entraram no carro de Jennifer e partiram com ela ao volante.

Brennan começou um exercício de respiração, tentando clarear a mente. Jennifer se manteve atenta à estrada, olhando de vez em quando para ele.

— Engraçado esse telefonema — comentou ela.

Ficou em silêncio e relanceou novamente para Brennan.

— Foi? — incentivou ele.

— Eu poderia jurar que era Crisálida do outro lado da linha.

Brennan afundou no banco do carro. Havia mil coisas que queria dizer a Jennifer, mas não conseguia falar. Sua mente girava com as revelações que ela fizera e com os últimos efeitos das drogas que Quincey havia injetado nele. Algo estava errado ali, muito errado, e talvez só houvesse uma pessoa capaz de endireitar as coisas, só uma pessoa capaz de saber com certeza se tinha sido mesmo o corpo estraçalhado de Crisálida que fora encontrado naquele escritório.

O homem que o tinha achado.

♣

Dutton bebericou do copo de papelão com muita calma.

— Prefere que eu fique chocado e cuspa o café ou só permaneça em silêncio e fique pálido de culpa?

— Tanto faz, desde que confesse — respondeu Jay. — Não sou exigente.

— Presumindo que eu fosse culpado, não seria um pouco ingênuo crer

que eu admitiria isso no momento em que sou acusado?

— Ei, sempre funciona para o Perry Mason. Não me culpe por tentar.

Dutton deixou o café de lado, tirou a capa e a pendurou no encosto da cadeira. Sob as luzes fluorescentes, sua pele adquiria um tom pavoroso de amarelo, marcado em alguns pontos por manchas marrons secas e mortas.

— Por acaso, eu me pareço com a representação popular da morte — disse o curinga. — Às vezes, isso faz com que as pessoas tirem conclusões infelizes a meu respeito. Não matei Crisálida.

— Não matou pessoalmente, mas tinha dinheiro para mandar matar. E motivo.

— Ah, é? — Dutton pareceu se divertir. — O terreno no qual está o Crystal Palace tem grande valor, concordo. O bar em si paga impostos muito altos, porém. Talvez eu o mantenha aberto, talvez não, mas dificilmente mataria por ele.

— Os outros negócios dela eram *muito* lucrativos — argumentou Jay. — E isentos de impostos. — Tomou um gole do café. Estava tão quente que queimou o fundo da boca ao engolir. — Você é dono de uma parte deles também?

— Não — respondeu Dutton. — Ah, ela dividia comigo certas informações sempre que ouvia alguma coisa que pudesse afetar meus interesses comerciais, por livre vontade e sem nunca me cobrar. Era parte do nosso acordo. Mas, de resto, esse pequeno passatempo era só dela.

— Só que agora é seu por tabela — sugeriu Jay. — Você não ia querer deixar todos aqueles dedos-duros desempregados.

— Talvez, não — admitiu Dutton. — Sem dúvida, os arquivos de Crisálida contêm certos itens de grande interesse e alguns outros de valor considerável, não vou fingir que não. Ainda assim, não sujaria minhas mãos de sangue por isso. Eu poderia ter feito Crisálida de gato e sapato uma centena de vezes sem precisar matá-la.

— Então, quem matou?

— Estou perplexo. Ela sabia de muitas coisas perigosas, com certeza, mas isso era justamente o que a mantinha a salvo. Viva, podia-se lidar com ela. Morta, sabe-se lá que segredos podres poderiam vir à luz.

— Há muitos segredos no Crystal Palace — constatou Jay.

— Então, você entende o que eu quis dizer — respondeu Dutton, dando de ombros. — Gostaria de poder lhe dar mais informações com que trabalhar.

Gostaria mesmo.

— Tudo bem. — Jay tomou um último gole do café e se levantou. — Bom, hora de me arrastar para casa e ir para a cama. Tem uma porta dos fundos neste lugar?

— Uma saída lateral no beco — informou Dutton, erguendo-se. — Venha, vou mostrar.

O curinga o guiou novamente pelo labirinto de cera silenciosa, os passos ecoando pelos longos corredores. Estavam atravessando uma pequena rotunda quando Jay ouviu algo às costas deles.

Parou, olhando para trás. Nada se mexeu.

— Estamos sozinhos aqui?

— Totalmente — respondeu Dutton. — Há algo errado?

— Ouvi um barulho. E estou com uma sensação estranha. Como se alguém estivesse nos observando.

Dutton sorriu.

— Isso é muito comum. São os bonecos de cera. Dizem que os olhos deles nos seguem quando passamos.

Jay olhou ao redor. Estavam cruzando a Galeria da Beleza. Nas sombras, ele viu Peregrina, Aurora, Circe.

— Os olhos da Peregrina podem me seguir para onde quiserem — brincou ele, mas de alguma forma achava que não era aquilo que o incomodava.

— Por aqui — disse Dutton.

Viraram num corredor. Jay pegou o braço de Dutton com firmeza e, em silêncio, puxou-o para um canto escuro ao lado de uma réplica de metal e cera de Aço de Detroit. Jay levou o dedo aos lábios. Dutton assentiu brevemente.

Na imobilidade, Jay ouviu passos suaves, amortecidos.

Vindo em sua direção.

Não podia ser a Estranheza. O que quer que fosse, tinha pés leves como os de um gato. E, pelo som, vinha descalço.

Jay apontou o dedo como se fosse uma arma.

Uma sombra passou por eles, mais veloz do que Jay achava possível. Era pequena, chegando no máximo à altura dos joelhos, e sumiu de vista antes que ele pudesse reagir. Saltou do esconderijo, viu-a — uma coisa calva, cinza e simiesca, com muitos braços — e apontou. Mas era mais rápida que ele.

Escorregou na frente de um diorama, deslizando por cima do vidro com a rapidez de um lagarto, e Jay tirou um curinga de cera bem do meio da sua orgia, mandando-o para o frigorífico do Aces High.

— *Droga* — xingou.

Apontou de novo, mas a coisa simiesca pulou antes que ele mirasse, balançou-se no suporte de uma lâmpada fluorescente e deu uma cambalhota por cima da cabeça de Jay. Ele se virou para persegui-la e trombou com Dutton.

— Aonde ela foi? — perguntou ele.

— Entrou na rotunda — respondeu o curinga. — Só que…

Jay correu. Quando chegou à rotunda, a coisa sumira, mas teve um vislumbre de movimento num corredor. Correu para lá, virando numa esquina bem a tempo de ver a criatura se agarrar a um cano no teto. Parou o suficiente para rosnar feito um gato arisco, depois correu por cima do cano até uma sala totalmente escura. Jay foi atrás. Olhava para a tubulação no teto, que ia direto em frente. Nem viu o pedestal de exibição.

Foi como correr de encontro a um poste de orelhão. Jay segurou a barriga e caiu sentado, arfando de dor. O pedestal cambaleou para a frente e para trás e tombou em cima dele. O vidro se estilhaçou. Jay ficou encharcado de líquido, e alguma coisa mole, pálida e viscosa pousou em seu peito com um esguicho úmido. O cheiro de formaldeído lhe sobrepujava os sentidos. Ele fechou os olhos.

Ouviu passos atrás de si.

— Você está bem? — perguntou a voz de Dutton.

— Não.

— Eu tentei avisar. — Dutton acendeu as luzes.

— Eu estou onde acho que estou? — perguntou Jay, ainda de olhos fechados. Achou que tinha uma calma surpreendente na voz, considerando tudo.

— Receio que sim — respondeu Dutton. — Bem-vindo à sala dos Monstruosos Bebês Curingas. Posso fazer alguma coisa por você?

— Pode. Tira essa coisa *de cima de mim*!

Quando terminou de fazê-lo, o macaco já estava longe.

23h00

Brennan farejou Ackroyd antes que o outro sequer abrisse a porta do apartamento. Movendo-se com graça e agilidade, pegou-o pelo cotovelo, girou-o num meio círculo e o bateu contra a parede. Jennifer se materializou do nada e fechou a porta.

— Fique quieto e não se mexa — mandou Brennan. Tinha prendido Ackroyd numa chave de pulso dolorosa, torcendo o braço do detetive às suas costas.

— Jesus Cristo — murmurou Ackroyd, irritado, com o rosto imprensado contra a parede. — Acho que você quebrou meu nariz, droga.

O nariz do próprio Brennan se retorceu.

— Que diabo você andou bebendo? Pelo cheiro, parece que mergulhou num barril de birita.

— Quase — resmungou Ackroyd enquanto Jennifer passava um laço de corda no pulso livre dele e o torcia levemente até as costas, onde amarrou as duas mãos.

Brennan virou Ackroyd e o jogou num sofá de couro e metal que parecia extremamente deslocado no apartamento pobre.

O detetive caiu no sofá com um “uf!” alto e remexeu as mãos, desconfortável. Fungou e inclinou a cabeça para trás, tentando impedir que o sangue que escorria do nariz pingasse no peito. Estreitou os olhos para Brennan.

— Yeoman, eu presumo. Já que somos todos grandes amigos, posso te chamar de Dan?

— Como sabe meu nome? — perguntou Brennan em voz baixa.

Ackroyd deu de ombros. Era difícil fazer isso e impedir que o sangue escorresse para a camisa.

— Uma das primeiras coisas que aprendi na escola de detetives foi como descobrir coisas. Tipo o nome dos vigilantes mascarados.

— Por que não responde logo à minha pergunta?

— Ou o quê? — retrucou Ackroyd, raivoso. Lutou para encontrar uma posição confortável no sofá. — Vocês acham que podem simplesmente entrar

aqui e…

Jennifer se colocou entre eles.

— Não “achamos”, Sr. Ackroyd, nós *fizemos* isso — disse ela, pragmática. Tirou um punhado de guardanapos de papel da bolsa e estancou o sangue que corria do nariz dele. Tateou com cuidado, e Ackroyd se encolheu. — Não parece quebrado. — Fez uma careta e se afastou do fedor ao redor de Ackroyd.

— Obrigado — murmurou Ackroyd a contragosto.

Jennifer lançou a Brennan um olhar cheio de significado. Ele respirou fundo, acalmando-se, e começou de novo.

— Mencionar meu nome às pessoas erradas me causaria inúmeros problemas…

— Problemas — interrompeu Ackroyd. — Que tal o “problema” que você causou às pessoas que matou? Quantas foram? Você ao menos lembra?

— Lembro cada rosto — respondeu Brennan numa voz lenta e dura. Agachou-se para olhar Ackroyd nos olhos e o encarou. — Você não gosta de mim nem do que faço, e eu não dou a mínima. Faço o que devo fazer.

— Arma emboscadas para pessoas inocentes…

— Não posso apontar o dedo e fazê-las desaparecer — disse ele na mesma voz dura. — E ninguém que matei era inocente. Talvez nem todos merecessem morrer pelo que fizeram, mas participavam do jogo, por livre vontade e consciência. Não é culpa minha se foram idiotas demais para não perceber as consequências de estarem envolvidos.

— Jogo? — perguntou Ackroyd. — De que diabo está falando?

Brennan gesticulou, zangado.

— Não estou tentando me justificar para você. Só vou dizer uma coisa. Sou eu… — Ele parou, olhando para Jennifer e se corrigindo. — Era eu contra os Punhos Sombrios. Um homem contra centenas. Fiz o que tinha que fazer. Não me arrependo de nada. E não me esqueci de nada.

— O que você teve que…

— Já chega — respondeu Brennan abruptamente. — Temos coisas mais importantes a discutir. Não precisamos ser amigos. Não precisamos gostar um do outro. Não precisamos trabalhar juntos. Mas deveríamos conversar.

Ackroyd assentiu, mas gesticulou as mãos presas com teimosia.

— Não vou falar nada amarrado.

— Tudo bem. — Brennan tirou uma faca da bainha do tornozelo e cortou

as amarras de Ackroyd. Os dois homens se encararam por um longo momento enquanto o detetive esfregava os pulsos com raiva e em seguida apalpava cautelosamente o nariz.

— Meu nome — incentivou Brennan.

Ackroyd deu de ombros.

— Tudo bem. Foi Sascha quem me falou. Ele disse que tirou da mente de Crisálida. Disse que você provavelmente estava envolvido no assassinato, mas achei que ele estivesse mentindo. O sujeito estava com muito medo de alguma coisa. Por que todo esse mistério com a sua identidade, afinal? Fora o fato de que você é procurado por múltiplos homicídios, claro.

Brennan o olhou com frieza.

— Estou no país ilegalmente. Talvez eu explique isso um dia, quando tivermos algumas horas à toa. Só Ira — ele indicou Jennifer — e meu inimigo sabiam meu nome. Ao que parece, Crisálida também.

— Você é procurado pelos federais?

— Desertei do Exército. É uma história complicada que não tem nada a ver com a morte de Crisálida. Se ela estiver mesmo morta — disse Brennan, enfático.

— Se? — respondeu Ackroyd. — Como assim "se"? Eu encontrei o corpo dela.

— Tem certeza?

— Certeza? Não foi uma mortezinha de nada. Foi um lance bem violento.

Brennan suspirou, esfregando o rosto cansado.

— Eu não sei… — disse num sussurro.

— Olha, você é mais doido do que eu pensei ou o quê? Eu vi o corpo…

— E eu ouvi a voz dela. Ontem.

— Quê? — perguntou Ackroyd em tom baixo.

— E eu ouvi a voz dela hoje — acrescentou Jennifer.

Brennan o olhou atentamente.

— O que foi?

— Eu ouvi também — admitiu o detetive. Então, olhou para Brennan e balançou a cabeça. — Mas não pode ter sido a voz *dela*. Meu Deus, fui hoje mesmo ao funeral. Lá estava ela, deitada no caixão.

— Tem certeza, 100% de certeza de que era Crisálida no caixão?

— Você conhece mais alguém com pele invisível? — disse Ackroyd. — Foi o corpo dela que eu encontrei. Além disso, a engraçadinha que me ligou

só pode ter sido uma impostora. Ela não conhecia a, er… história verdadeira do relacionamento entre mim e Crisálida e ficou me dizendo todo tipo de baboseira. Disse que você tinha sido capturado por uns esquimós…

Brennan suspirou e balançou a cabeça.

— Bem, quanto a isso, ela estava certa. — Ele ergueu a mão, impedindo novas perguntas de Ackroyd. — Tudo bem. Então, você está convencido de que ela está morta. Tem algum suspeito, alguma ideia de quem a matou?

Ackroyd o fitou por um longo momento antes de responder.

— Suspeitos eu tenho. — Pegou um pedaço de papel no bolso interno do paletó gasto e o entregou a Brennan. Estava úmido e tinha o mesmo cheiro horrível que o detetive. Era uma lista de nomes, a maioria riscada.

— Estes são os seus candidatos? — perguntou Brennan enquanto Jennifer espiava a lista por cima do ombro dele.

Ackroyd confirmou.

— Os que restam. Risquei os outros por causa dos meus anos de experiência como investigador treinado e da minha aguçada compreensão da psique humana.

— Hmmm — disse Brennan. — Bem, pode riscar Pancada também. Dei uma surra nele hoje de manhã num lugar chamado Porão do Vazante.

— Você?

— Não fique tão surpreso. — Brennan esboçou um sorriso. — Na verdade, há algo errado com ele. Ficou claro que está doente. Alegou que tinha matado Crisálida, mas não sabia detalhes suficientes para tornar essa afirmação convincente. Foi só uma tentativa patética de reconstruir a própria reputação.

— Tá bom. — Ackroyd tirou uma caneta e fez uma linha em cima do nome de Pancada. — Vou acreditar na sua palavra. Com isso, ainda temos quatro suspeitos principais.

Brennan concordou.

— Conheço Vermis.

— O que acha dele? — perguntou Ackroyd.

Brennan e Jennifer se entreolharam.

— Já lutamos algumas vezes. Ele é forte, mas não sei se é o bastante para fazer o que o assassino de Crisálida fez. Além disso, pancadaria não é o *modus operandi* dele.

— Já pensei nisso — interpôs Ackroyd. — Ele gosta de usar as presas,

certo?

Brennan esfregou sem perceber a lateral do pescoço.

— Isso mesmo.

— Mas todos nós ouvimos as ameaças dele para Crisálida — argumentou Jennifer.

— Certo. E o cara é um dos principais tenentes de Kien, do alto escalão da Sociedade dos Punhos Sombrios.

— Kien? — perguntou Ackroyd.

— Por que não deixa o Vermis comigo? — sugeriu Brennan.

O detetive o olhou e deu de ombros.

— Tá bom. Se quer o lagarto, ele é seu.

— Por que Quasim é suspeito? — perguntou Jennifer.

— Quer dizer, além do fato de que o cérebro dele tem mais buracos que um queijo suíço? Bom, Barnett salvou a vida dele com uma cura pela fé. Trouxe ele de volta dos mortos com o poder da prece. Ou é o que diz o pessoal de Barnett.

— E? — inquiriu Brennan.

— E Crisálida contratou alguém para apagar o fanático religioso.

Brennan franziu o cenho.

— Tem certeza?

— Uma certeza razoável. Elmo repassou a ordem dela para algum matador de aluguel apagar um político em Atlanta.

— Por quê?

Ackroyd deu de ombros.

— Não sei exatamente. Porque estava com medo das políticas do cara?

Brennan balançou a cabeça.

— Ela não era burra. Teria percebido que alguma coisa assim colocaria o país nas mãos dele. Mas — comentou, pensativo — talvez você não tenha sido o único que interpretou mal a missão de Elmo. Talvez um dos aliados de Barnett também tenha descoberto sobre ela e contado a Quasim. De todo modo, devemos investigar. — Olhou para Jennifer. — Talvez tenhamos que pedir Quasim emprestado ao Padre Lula por um tempo.

— Para quê? — perguntou ela.

— Podemos dizer que é para o caso de encontrarmos a Estranheza de novo.

— A Estranheza? — ecoou Ackroyd.

— Eu a encontrei revirando o quarto de Crisálida. Disse que estava procurando alguma coisa que ela vinha usando para chantageá-la, mas não acreditei. Crisálida nunca extorquiu dinheiro de ninguém.

— Tem razão — concordou o detetive.

— Então só resta um nome — concluiu Jennifer.

Brennan olhou para a lista.

— Quem diabo é Doug Morkle?

Ackroyd balançou a cabeça.

— Sei lá. Me avise se descobrir.

— Tudo bem. — Brennan olhou para Jennifer, depois novamente para Ackroyd. — Isso é tudo o que você tem?

— Aham. Tirando as perguntas.

— Como?

— Você sabia que Crisálida estava envolvida com Digger Downs?

— Quem é ele?

— Um cara que finge que é repórter da revista *Ases*.

— Eu não teria como saber. Não vejo nem falo com Crisálida desde outubro de 1986.

Ackroyd balançou a cabeça.

— Elmo disse que ela estava desesperada para saber de você. — Ele observou Brennan atentamente. — Bom, todo mundo sabe que você é bom com um arco, mas e com uma motosserra?

Brennan bufou.

— Isso era para ser uma piada?

Ackroyd deu de ombros.

— Não. Não mesmo. Mais uma coisa. O que você sabe sobre os vizinhos do Crystal Palace?

Brennan estava cansado das perguntas bizarras do detetive.

— Não há vizinhos — disse, aborrecido. — O Crystal Palace está sozinho no quarteirão.

— Tem razão — respondeu Ackroyd. — Você tem toda a razão.

Brennan pegou Jennifer pelo braço.

— Estamos quites — disse ele ao se virar para sair.

— Só para você saber — comentou Ackroyd quando eles pararam à porta. — Não te mandei para o Tombs desta vez, mas nosso próximo encontro vai ser outra história.

— Até lá — respondeu Brennan, sorrindo. — Estarei ansioso.

— Adeus — disse Jennifer. Soprou um beijo para Ackroyd e atravessou a porta.

Brennan parou para abri-la e se virou para olhar o detetive uma última vez.

— Aceite um conselho meu — disse ele. — Largue a bebida ou mude para uma marca melhor. Com esse cheiro, é como se você tivesse nadado em formaldeído.

— Muito bom — respondeu Ackroyd. — Você até poderia ser detetive.

♣ ♦ ♠ ♥

Quarta-feira

20 de julho de 1988

5h00

A placa na frente da excêntrica casa vitoriana de três andares dizia FUNERÁRIA COSGROVE — COSMO, TITUS E WALDO COSGROVE, PROPRIETÁRIOS, num letreiro sóbrio em estilo gótico, muito adequado. O local estava silencioso como a morte e escuro como um túmulo. Brennan se esgueirou para o pórtico de madeira que circundava o lugar, movendo-se devagar e com cuidado, de forma que nenhuma das tábuas antigas do piso revelasse sua presença com rangidos na calada da noite.

Abriu uma janela à força e entrou na antecâmara. Parou por um momento e passou um feixe de luz pela saleta com a lanterna de bolso. Tinha papel de parede escuro e estava apinhada de móveis e bricabraques antigos. Ele pensou que Crisálida teria adorado.

Exposta num estojo de vidro na parede, a programação listava diversos velórios. O que ele queria — Jory — estava na Sala Ocidental. Desligou a lanterna e aguardou alguns momentos para que os olhos se adaptassem à escuridão antes de se embrenhar na funerária.

O lugar tinha um odor peculiar, uma mistura curiosa de produtos químicos e morte. O silêncio era opressor, jamais interrompido por quaisquer sons de movimento ou vida. Brennan teve que se esforçar para ir devagar e sem fazer ruído. Queria muito achar uma resposta à sua pergunta e depois sair para o ar da cidade, sujo, mas vivo.

A Sala Ocidental era um cômodo longo e de teto alto, ainda sufocado por dezenas de coroas de flores. As flores, como todo o resto neste lugar, estavam mortas e murchas. O cheiro era estonteante no espaço fechado. As coroas foram colocadas por toda parte, a maioria reunida em torno do caixão fechado, que ainda estava no suporte, apoiado à parede. Brennan soltou um profundo suspiro de alívio ao vê-lo. Tinha medo de que pudesse ser tarde demais, que já tivesse sido levado. Isso teria complicado as coisas.

Aproximou-se do caixão em silêncio e parou diante dele. Por um momento, não se atreveu a abrir a tampa. Mas precisava saber se era Crisálida quem estava ali, precisava ver com os próprios olhos.

Ergueu a tampa até o alto. A escuridão tornava impossível ver detalhes, mas Brennan achou melhor assim. Manteve a lanterna desligada.

O cadáver usava um vestido recatado que o cobria do pescoço aos tornozelos. Acima do pescoço não havia nada. A cabeça se fora por completo, aparentemente obliterada além de qualquer esperança de reconstituição. As mãos que seguravam uma Bíblia sobre a barriga funda, contudo, eram de carne clara, invisível e morta. Eram as mãos dela, as mãos de Crisálida, disso Brennan tinha certeza, embora o sangue não mais pulsasse nas artérias. Qualquer que fosse o fluido que agora as preenchia, era claro e não se movia mais.

— Foi um trabalho difícil — disse uma voz suave atrás de Brennan.

Ele se assustou, quase deixando cair a tampa do caixão, mas conseguiu mantê-la segura enquanto ligava a lanterna e a girava pela sala.

Ouviu o som de alguma coisa se afastando velozmente da luz, e a voz voltou a se manifestar:

— Por favor, a luz é dolorosa para mim.

A voz era tão autenticamente gentil e triste que Brennan não pôde deixar de atendê-la.

— Tudo bem — disse ele, desviando a lanterna.

O dono da voz saiu de trás do sofá de encosto reto. Era um borrão vago e pálido na escuridão, muito branco, muito alto e muito magro. Cheirava a

produtos químicos estranhos, potentes, mas a voz era doce como a de um garotinho.

— Você trabalha aqui? — perguntou Brennan.

— Ah, sim. Sou o embalsamador. A luz é nociva para mim, então faço a maior parte do trabalho à noite. Só estava passando para me despedir de Crisálida. Foi um trabalho difícil, mas fiz o melhor que pude.

— Isso pode parecer estranho — disse Brennan —, mas tem certeza de que é Crisálida neste caixão?

— Tenho — respondeu o homem pálido em sua voz meiga. — Por que pergunta?

Brennan balançou a cabeça.

— Deixa pra lá. Só queria ter certeza.

O homem meneou a cabeça, concordando.

— Vou deixá-lo a sós para se despedir. Mesmo que tenha passado do horário de visitas. — Ele se virou para sair, parou e olhou novamente para Brennan, que pôde ver os olhos pequeninos e rosados brilharem à luz da lanterna. — Tentei montar a cabeça dela, sabe, mas o assassino acabou mesmo com ela. Não havia pedaços suficientes para juntar. Já reparei os resultados de muitas mortes violentas, mas essa foi a mais selvagem. O assassino merece ser capturado. Capturado e punido, Sr. Yeoman.

— Eu sei — disse Brennan, olhando para o que restava de Crisálida. — Eu sei.

6h00

À luz da lua, imóvel e doentia, os dedos das árvores tentavam agarrá-lo avidamente quando passava.

Não ergueu o olhar para aquele céu sinistro e sem estrelas, onde a lua pulsava como uma coisa viva, brilhando palidamente com todas as cores da podridão. Sabia que não devia olhar nem ouvir os segredos terríveis que as árvores sussurravam no roçar dos ramos, nus e finos como chicotes. Atravessou uma terra negra e estéril, onde a grama morta e cinzenta agarrava seus pés, e o medo cresceu em sua alma como um verme sombrio.

Enormes asas de pele ressequida agitaram o ar parado. Caçadores de oito pernas, esguios e cruéis como cães de caça, passavam de árvore em árvore, fora do alcance de sua vista. A ululação infinita soava profunda atrás dele, prometendo uma era de terror, uma agonia eterna. Ele conhecia este lugar; isso era o mais apavorante de tudo.

Quando viu a entrada da estação de metrô adiante, começou a correr. Corria muito lentamente, cada passo consumindo uma hora, mas finalmente chegou e começou a descer os degraus, segurando o corrimão com força. Trens rugiam, indiferentes, pelos abismos lá embaixo, mas ele descia cada vez mais, virando nas infinitas escadas em espiral, até que viu o outro passageiro. Começou a persegui-lo, descendo degraus cada vez mais estreitos e perigosos, tão frios que os pés descalços se grudavam a eles e cada passo arrancava pele, fazendo sua carne sangrar ainda mais.

E ele estava lá outra vez, na plataforma, parado na escuridão subterrânea sem fim, e havia o homem diante dele. *Não se vire*, implorou em silêncio, enquanto por dentro gemia de medo. *Por favor, não se vire.*

O homem se virou, e Jay viu o rosto branco sem feições, terminando num longo tentáculo vermelho. Levantou a cabeça e começou a uivar. Jay gritou…

…e grunhiu de dor ao cair da cama, batendo o cotovelo com tudo no piso de madeira. Dobrou-se e segurou o braço, soltando um ganido vindo do fundo da garganta. Era uma dor da porra, mas ele estava quase agradecido. Nada como uma dor bem aguda para espantar o pesadelo.

Ficou deitado ali por uns cinco minutos, até o latejar no cotovelo

finalmente diminuir. Descobrir que o trauma de infância no Museu Popular havia causado o pesadelo não pareceu tê-lo curado da recorrência. Tinha molhado a cama mesmo assim. Pelo menos, desta vez, tivera o bom senso de dormir nu.

Abriu a torneira da banheira, depois foi para a cozinha, pôs uma colher de café instantâneo num copo e esperou a água ferver. Quando a bebida ficou pronta, levou-a para o banheiro. A banheira já estava quase cheia. Jay pousou o copo de café na borda, fechou as torneiras e entrou com cuidado. A água estava tão quente quanto o café, mas ele se forçou a ficar ali até o calor se tornar prazeroso. Deitou-se na água escaldante e bebeu o café. Teve a sensação de estar limpo outra vez.

De resto, ele se sentia uma merda. Os dois cotovelos doíam, um por ter caído da cama, outro devido ao jeito como aquele psicopata filho da puta do Yeoman tinha torcido o seu braço. O nariz ainda estava sensível por causa do empurrão contra a parede. Tinha um grande hematoma no abdômen onde fora atingido pelo Monstruoso Bebê Curinga.

Bebeu o café e pensou no que fazer com este belo começo de manhã. Tinha a lista, agora reduzida a quatro nomes: Vermis, Quasim, a Estranheza e Doug Morkle. Tinha que ser um deles. Então, por que não acreditava naquilo?

O problema era que nenhum dos quatro suspeitos parecia realmente ligado a toda aquela porcaria que só fazia aumentar, os assassinos e esquimós e impostores, além do homúnculo ágil que Jay havia caçado em vão no Museu Popular.

Ficou sentado bebericando o café até a água da banheira ficar morna, mas só conseguiu pensar em mais perguntas. Com toda certeza estava lidando com pelo menos dois assassinos diferentes: o fortão que acabara com Crisálida e o maluco da motosserra que esquartejara os vizinhos de Digger sem motivo. Estariam trabalhando juntos? Isso sugeria uma conspiração.

Ou talvez fosse um só lunático com vários poderes diferentes, como o grande Astrônomo, já falecido. Alguém deveria abrir a cova do velho e ver se ele ainda estava lá dentro. Mas Jay é que não faria isso; tinha estado lá na noite em que o Astrônomo passou pelo Aces High para comer sua sobremesa e matar algumas pessoas. Estava plenamente disposto a deixar outra pessoa usar a pá.

Além disso, se começasse a considerar suspeitos mortos, acabaria

verificando onde o Jetboy estivera na noite do assassinato.

Crisálida havia contratado George Kerby para matar Leo Barnett. Se Barnett tivesse descoberto, talvez os matadores estivessem trabalhando para ele. Mas que ás em seu juízo perfeito trabalharia para Leo Barnett? Quasim? Presumindo que ele ao menos *lembrasse* que Barnett salvara sua vida? Certo, então, de algum modo, Quasim ficara esperto tempo suficiente para acabar com Crisálida, mas e quanto ao cara da motosserra e ao corpo no saco de lixo que Elmo havia deixado para os vizinhos no ano anterior? Quem seria? Um amigo de Quasim? Jay tentou imaginar Padre Lula tirando uma motosserra da batina, mas a ideia só lhe causou uma dor de cabeça.

Digger Downs era a chave. Mas ele estava desaparecido, talvez morto. Lá fora, a cidade era bem grande, e o país, maior ainda. Downs poderia estar em qualquer lugar.

Por outro lado, com certeza havia um lugar onde ele não estava: o banheiro de Jay. Tomou um último gole do café agora gelado, fez uma careta, deixou o copo de lado e saiu da banheira para se secar.

9h00

Quando Brennan acordou, Jennifer ainda dormia na cama amarrotada ao lado dele. Estava tão cansado que sentia como se não tivesse dormido nada, com as costas e os ombros ainda doendo da surra que levara da Estranheza. Imaginou se a idade o estaria afetando ou se era só a cidade que o exauria. Sentou-se e tirou os pés da cama, plantando-os no tapete surrado do quarto de hotel barato.

Não importava. Não podia ir embora sem ter encontrado o assassino de Crisálida. Ele fora inocentado, mas agora Elmo pagaria o pato. Não podia confiar na polícia para corrigir a situação. É claro que Ackroyd também estava no caso, mas Brennan nunca deixara a cargo de ninguém fazer o que devia ser feito.

Sentiu as mãos frias cobrindo gentilmente seus ombros e olhou para trás. Jennifer estava acordada. Olhou-o com ar sério ao acariciar as costas machucadas, doloridas. A transpiração umedecera o cabelo dela. Os seios pequenos e o tronco brilhavam de suor. Ela quisera acompanhá-lo à funerária na noite anterior, mas Brennan sentira que essa era uma tarefa que precisava fazer sozinho. Ela já havia adormecido quando ele voltara ao hotel, e Brennan tinha tido o cuidado de não acordá-la.

— Como estão as suas costas? — perguntou ela.

Ele encolheu os ombros, experimentando a sensação, e fez uma careta.

— Doloridas. Mas dá para aguentar. E você?

— Dolorida, mas tentando aguentar.

Ela se afastou dele e voltou a deitar-se na cama.

— Senti saudades.

— Também senti — respondeu ela. — O suficiente para vir atrás de você. Podia ter me dado mais tempo para pensar nas coisas.

— Tem razão.

Jennifer assentiu, quase satisfeita.

— Então, o que descobriu sobre Crisálida? Ela está morta mesmo?

Brennan franziu o cenho.

— Está num caixão na Funerária Cosgrove, de fato.

— Então, o que podem ter sido as vozes que nós ouvimos? Imitações? O fantasma dela?

— Talvez… — disse Brennan num sussurro, a voz vacilando.

— Bom, qual é o programa para hoje? — perguntou Jennifer, tocando delicadamente o ombro dele.

Ele a encarou.

— O funeral é hoje à tarde. Acho que devemos comparecer.

Ela concordou mais uma vez.

— E agora?

— Agora?

Ela o puxou para junto de si. Estava escorregadia, molhada de transpiração e desejo. Os seios salgados, a língua úmida e doce.

11h00

Começava a ocorrer a Jay Ackroyd que ele havia desperdiçado a manhã toda. Recolocou o telefone no gancho e contemplou seu pequeno e melancólico escritório de dois cômodos. O ar-condicionado estava quebrado, a janela, colada devido à última pintura, e o clima, quente feito o inferno. Jay estava com fome, cansado e suado, e sabia mais sobre Digger Downs do que qualquer outro ser humano poderia imaginar ou querer saber.

— Exceto onde ele está — disse à sua secretária.

A secretária olhou para ele com a boca aberta numa expressão de espanto. Seu nome era Amy Oral e estava *sempre* com a boca aberta num pequeno "O" de surpresa. O gerente da Boytoys cedera Amy para Jay depois de descobrir qual dos empregados andava furando as camisinhas texturizadas com alfinetes, e o detetive a instalara à mesa da recepção, junto da secretária eletrônica. Ela não sabia datilografar, mas pelo menos era loira.

— Estou com uma puta dor de cabeça — disse ele a Amy Oral. Ela o olhou com o rosto todo franzido de compaixão. Bom, ou era compaixão ou uma cara de idiota.

Jay passara a manhã inteira usando o telefone, pedindo favores e consultando velhos registros. A manhã inteira mentindo, jogando charme e fingindo ser quem não era para convencer vozes relutantes do outro lado da linha de que deviam lhe contar o que ele queria saber.

A boa notícia era que não havia ninguém cuja descrição correspondesse à de Digger no necrotério ou nos hospitais da cidade. O restante era ruim. Digger não havia comprado passagens de nenhuma companhia aérea que Jay pudesse encontrar. Não pegara um trem da Amtrak nem um ônibus da Greyhound. Tinha um MasterCard, dois Visas e um Discover, mas a última cobrança em qualquer um dos cartões foi um jantar numa sexta-feira à noite num restaurante italiano a duas quadras de casa, na rua Horatio. A conta tinha dado 63,19 dólares, mas ele não deixara gorjeta para o garçom. Se Digger havia metido o pé na estrada, fora esperto o bastante para não pagar a viagem com cartão.

É claro que podia ter comprado uma passagem aérea com um nome falso

e pagado em dinheiro. Ou podia ter tomado o trem Metroliner até Washington, D.C. e comprado a passagem direto com o motorista. Ou pegado um ônibus metropolitano na Port Authority e fugido para as florestas de Nova Jersey, pagando somente em dinheiro trocado. Ou cruzado a maldita Ponte do Brooklyn a pé. Havia 8 milhões de maneiras de sair da cidade, e algumas eram impossíveis de verificar.

Também havia 8 milhões de formas de ficar na cidade. Jay ligou para uma série de hotéis e pensões, metade aleatória, metade selecionada por parecer o tipo de lugar que Digger escolheria. Tentou até alguns que definitivamente não eram o tipo de lugar que ele escolheria, só para o caso de Downs ter tentado dar uma de esperto. Não estava registrado em lugar nenhum.

Conseguiu falar com a velha mãe de Downs em Oakland, e ela contou que não tinha notícias de Tommy desde que ele lhe mandara flores no Dia das Mães, mas continuava muito orgulhosa de seu menino jornalista. Tinha recortes de cada palavra que Tommy já havia escrito, até das matérias menores que costumava criar para o jornal da escola, e convidou Jay para vê-los da próxima vez que passasse pela região. O detetive agradeceu e deixou seu número de telefone caso ela tivesse notícias do filho. A Sra. Downs repetiu o número cuidadosamente e sugeriu que ele ligasse para Peregrina, já que ela era namorada de Tommy e tudo mais. Jay respondeu que isso era novidade para ele. A Sra. Downs disse que era segredo, para preservar a imagem de Peregrina.

A irmã de Downs, em Salt Lake City, não sabia onde ele estava.

Nem as ex-esposas. A esposa número um perguntou se ele estava encrencado e disse “que bom” quando Jay admitiu que sim. A número dois propôs contratar os serviços do detetive para uma questão de pensão alimentícia. Ele disse que pensaria na oferta.

O antigo colega de quarto da faculdade não se lembrava de Downs.

O professor de jornalismo que ele tinha listado como referência em seu currículo era completamente fictício.

A companhia telefônica não tinha registro de nenhuma chamada feita pelo número dele no dia anterior.

Jay tentou falar com Colisão na *Ases*, só por garantia, mas não, Digger não tinha dado sinal de vida. O Sr. Lowboy continuava despreocupado. Dizia à redação para reservar espaço na edição de agosto para mais um sucesso de

Digger Downs.

— Que ótimo — disse Jay, carrancudo, imaginando se a notícia da morte horrível do jornalista se encaixaria na definição de sucesso de Lowboy. Talvez Digger precisasse *mesmo* cavar uma boa história. Colisão perguntou se ele já havia descoberto alguma coisa.

— Várias — respondeu Jay. — Todas ruins. Ele não tinha nenhum amigo aí na redação, tinha? Talvez um dos outros repórteres? Um colega de pôquer, um amigo de bebedeira, o padrinho dos casamentos dele, esse tipo de coisa? Alguém que o deixaria dormir no sofá até a poeira baixar?

— Não — respondeu Colisão. — Ele era bom demais. Os outros repórteres tinham inveja porque ele sempre ficava com as coberturas importantes e as matérias de capa. Você devia ter visto como eles reclamaram quando Lowboy o mandou naquela turnê pelo mundo. Digger sabe ser charmoso quando quer, mas é muito competitivo quando está atrás de uma notícia.

— Droga. O cara tinha algum amigo na vida?

— Bom — começou Colisão, pensando —, devia ter.

— Jeito arriscado de viver — respondeu Jay.

— Sei que muita gente achava Digger um pé no saco. Ele podia ser bem rude, mas tinha um lado fofo também. Você ficaria surpreso. Muita gente que ele entrevistou simplesmente o adorava. — Ela parou, pensativa, e emendou: — Bom, pelo menos até as matérias serem publicadas.

— Esplêndido — disse Jay, sem o menor entusiasmo. — Escuta, talvez você possa… — Seu cérebro saiu pela tangente, e as palavras travaram na boca.

— Jay? — chamou Colisão, depois de um momento de silêncio. — Você tá bem?

— Ótimo — respondeu ele. — Mas acabei de ter uma ideia *muito* estranha.

12h00

O sol era uma moeda brilhante jogada bem alto no céu, obscurecida por uma névoa de poluição e uma capa de nuvens zangadas que pairavam imóveis no ar denso. O calor e a umidade tornavam difícil respirar no momento em que Brennan e Jennifer, pacientes, esperavam na fila que entrava na Nossa Senhora das Dores Perpétuas. O Bairro dos Curingas sempre cuidava dos seus, e Crisálida ia ter uma bela despedida.

As pessoas andavam, rastejavam, pulavam e deslizavam para dentro da igreja, passando por dois policiais entediados que estavam parados na entrada. Pelo menos a prefeitura tivera o bom senso de designar Kant, seu domesticado policial curinga, para essa tarefa, mas Brennan se perguntou o que a polícia deveria detectar numa reunião na qual era comum usar máscaras. Mal olharam para ele, que estava com uma máscara de rosto inteiro, dedicando a maior parte da atenção a Jennifer, em quem a cor preta caía muito melhor do que em Brennan.

A igreja estava lotada. Com os bancos já cheios, Brennan e Jennifer encontraram espaço para ficar de pé nos fundos, perto dos ventiladores que zumbiam, tentando mover o ar estagnado. O caixão de Crisálida estava perto do altar, coberto por uma manta de flores. Havia um murmúrio vasto e apressado enquanto a Sociedade do Rosário Vivo rezava o terço e pedia pelo descanso da alma de Crisálida.

A procissão teve início depois do último Pai-Nosso. Um coroinha curinga foi na frente, levando uma espiral de bronze com o Jesus Curinga. Foi seguido por outros dois — um menino sem boca visível e uma menina com bocas em excesso —, balançando incensários que soltavam nuvens de fumaça doce e enjoativa no ar já carregado. Outros serviçais os acompanharam, incluindo padres que assistiriam à missa funerária. Padre Lula fechava o cortejo, vestindo sua melhor sobrepeliz. Era bordada com uma cena que retratava uma Maria limpa dando as costas a um Jesus Curinga enquanto dois curingas e um homem pequeno, delicado e ruivo, usando um jaleco branco de laboratório, o tiravam da espiral e o envolviam numa mortalha.

Passaram pela fileira de bancos da frente, onde estavam os principais

enlutados. Tachyon, usando um colete escarlate-vivo e dourado, ao lado de um homem bronzeado de terno preto que parecia pouco à vontade. Perto dele estava um homem com a face da morte. Este, percebeu Brennan, era Charles Dutton, o sócio anônimo de Crisálida no Crystal Palace. Vários empregados do bar estavam sentados nos bancos atrás deles, mas nem Elmo nem Sascha estavam presentes.

Padre Lula chegou ao altar, colocou o missal no lugar, virou-se para a multidão e, abrindo os braços, disse, em sua voz triste e suave:

— Rezemos.

A missa começou. Era semelhante às poucas missas católicas que Brennan vira quando criança, mas com alguns desconhecidos toques de simbolismo e ritual. Na primeira oração, todos tiraram as máscaras. Brennan olhou ao redor com apreensão, procurando pelos policiais. Alguns deles, porém, não entraram na igreja ou estavam dispersos em outras partes da congregação. Ele e Jennifer também tiraram as suas, e ninguém prestou atenção neles.

Durante a missa houve umas poucas referências, veladas em estranho simbolismo, à Mãe, refletindo o papel ambíguo que desempenhava na teologia da Igreja de Jesus Cristo Curinga. O louvor ao Pai foi efusivo e afetado por um tom de apaziguamento, como se Ele fosse o Deus vingador do Velho Testamento, o Deus que salvava com uma mão e condenava com a outra.

Ao longo da Comunhão, os coroinhas passaram entre a congregação levando cestinhos que haviam sido abençoados por Padre Lula. Os cestos continham pães que os servidores distribuíram às pessoas antes de fazê-las prosseguir.

Depois da Comunhão, o padre chamou Tachyon até o altar para declamar o elogio. Enquanto Tachyon se aproximava do púlpito, Brennan percebeu, de repente, que o Pai da igreja — o homem pequenino, de feições delicadas e cabelos vermelhos — era idêntico a Tachyon. Isso faria qualquer homem se sentir estranho, mas o vasto ego do alienígena provavelmente era capaz de lidar com o fato.

O único elemento sóbrio nas roupas de Tachyon era uma fita preta em torno do braço direito. O casaco escarlate, ornamentado com galões e fios dourados como enfeites numa árvore de Natal, parecia deslocado num funeral. Mas Brennan lembrou que Tachyon era herdeiro de uma cultura

alienígena que tinha todo tipo de suscetibilidade estranha.

Tachyon ocupou o lugar atrás do atril e sacou um lenço para enxugar os olhos. Estava quente na igreja, e seu colete de veludo parecia abafado. O rosto estava vermelho de calor, e os cachos acobreados haviam ficado úmidos de suor. Os olhos também estavam vermelhos, e Brennan percebeu que ele tinha chorado. As demonstrações de emoção de Tachyon faziam com que alguns o menosprezassem, mas não Brennan. Já vira mais de uma vez a firmeza sob o exterior afetado de Tachyon e, na verdade, invejava-o por exibir suas emoções.

O alienígena olhou para a congregação. Sua expressão era solene e sua voz era rouca, tão baixa que ficava difícil ouvi-lo em meio ao ruído dos ventiladores.

— Há exatamente um ano, no dia 20 de julho de 1987, nós nos reunimos nesta igreja para enterrar Xavier Desmond. Declamei o elogio dele, assim como farei com o de Crisálida. E estou honrado por isso, mas a triste verdade é que estou farto de sepultar meus amigos. O Bairro dos Curingas se torna um lugar mais pobre com esses falecimentos, e minha vida, assim como a de vocês, é diminuída por essas perdas.

Parou por um momento, organizando os pensamentos.

— Um elogio é um discurso em louvor a uma pessoa, mas este está se mostrando um desafio para mim. Eu me considerava amigo de Crisálida. Eu a via com frequência. Até mesmo viajei pelo mundo com ela. Mas percebo, agora, que *eu não a conheci de verdade*. Sabia que ela se chamava Crisálida e que morava no Bairro dos Curingas, mas não conhecia seu local e nome de nascimento. Sabia que ela fingia ser inglesa, mas nunca soube por quê. Sabia que gostava de beber licor, mas nunca soube o que a fazia rir. Sabia que apreciava guardar segredos, estar no controle, parecer fria e inabalável, mas nunca soube o que a teria tornado assim.

"Pensei em tudo isso enquanto vinha de Atlanta para cá e decidi que, se não posso tecer um elogio a *ela*, posso falar em louvor aos seus atos. Um ano atrás, quando a guerra tomou nossas ruas e nossos filhos estavam em perigo, Crisálida ofereceu o que possuía — seu palácio — como refúgio e fortaleza. Foi um gesto perigoso para ela, mas o perigo nunca a incomodou.

"Ela era uma curinga que se recusava a agir como tal. A dama de cristal nunca usou máscara. Exigia que a aceitassem como era, e que se danasse quem não o fizesse. Assim, talvez tenha ensinado tolerância a alguns limpos

e, a alguns curingas, coragem.”

Tachyon parou mais uma vez para enxugar as lágrimas que subitamente escorreram por sua face. Então, continuou com uma voz mais enérgica e alta que ganhou força enquanto falava:

— Por reverenciarmos nossos ancestrais, os funerais takisianos são ainda mais importantes que os nascimentos. Acreditamos que os mortos ficam por perto para guiar seus tolos descendentes, e tal crença pode ser terrível ou reconfortante, dependendo da personalidade dos ancestrais. A presença de Crisálida, penso eu, será mais terrível que reconfortante, pois ela exigirá muito de nós.

“Alguém a assassinou. Isso não deve ficar impune.

“O ódio se ergue como uma onda sufocante neste país. Devemos resistir a ele.

“Nossos vizinhos são pobres e famintos, assustados e destituídos. Devemos alimentá-los, abrigá-los, reconfortá-los e ajudá-los.

“*Ela* há de esperar que façamos tudo isso.”

Tachyon parou, observando toda a congregação, os olhos brilhantes com as lágrimas, mas também, percebeu Brennan, de força e esperança de que, de alguma forma, tivesse se comunicado com aqueles que se reuniam para chorar a morte de Crisálida. Uma bancada com velas votivas ardia perto do atril. Tachyon foi até lá, depois voltou-se outra vez à congregação.

— No período de um ano — disse —, o Bairro dos Curingas perdeu dois de seus líderes mais importantes. Estamos tristes, amedrontados e confusos com essas perdas. Mas digo que eles ainda estão aqui, ainda estão conosco. Sejamos dignos deles. Conquistem a honra em homenagem a eles. *Nunca* esqueçam.

Ele estendeu a mão direita e cortou a ponta do dedo indicador com uma faca que tirou de uma bainha na bota. Pôs o dedo sobre a chama de uma vela, apagando-a com uma gota de sangue.

— Adeus, Crisálida.

Deixou o pódio e voltou ao seu lugar nos bancos. Brennan percebeu de repente que, como com Tachyon, também havia lágrimas correndo em seu rosto.

13h00

Quando a campainha tocou “Velho McDonald Tinha um Sítio”, Jay soube que havia chegado ao lugar certo.

Uma governanta abriu a porta.

— Pois não? — disse ela.

Jay abriu seu sorriso mais cativante.

— Bob Lowboy — respondeu ele, estendendo a mão —, da revista *Ases*.

— Não há ninguém na casa — informou ela. — Jessica está na escola, e o Sr. Von der Stadt só chega do trabalho às sete.

— Não tem problema. — Jay ergueu a câmera que pegara emprestada de seu penhorista preferido. — Eu só precisava tirar mais umas fotos da fazenda para nossa matéria sobre a Srta. Jessica e seus animaizinhos.

A governanta pareceu desconfiada.

— Aquele outro repórter, o Sr. Downs, já tirou várias fotos.

— Estragaram… Um pequeno acidente na sala de revelação. Essas coisas acontecem. — Jay olhou para o relógio. — Escute, não vai levar mais que dez minutos, mas preciso ser rápido.

Ela franziu o cenho.

— Talvez eu deva telefonar para o Sr. Von der Stadt na corretora — respondeu ela.

— Fique à vontade, mas preciso ir para o próximo trabalho em meia hora, e sabe como fica o trânsito nesse horário. É melhor publicarmos a matéria sem fotos.

O cenho da governanta ficou ainda mais franzido.

— Bom — começou ela —, talvez não tenha problema. Se for rápido.

— Que ótimo. — Jay entrou na casa.

Ela o levou escada acima. A fazenda ficava no último andar. Na verdade, a fazenda *era* o último andar.

— Tenha o cuidado de andar no caminho — avisou a governanta ao destrancar a porta especial corta-fogo. — Aquele Sr. Downs quase pisou num dos cavalos.

— Pode chamá-lo de Digger — respondeu Jay.

A porta se abriu, e ele olhou à sua volta, impressionado. Digger não havia exagerado. Era o estado de Iowa num sótão. À direita, um rebanho bovino mastigava um punhado de grama de verdade jogada no meio do campo de grama de mentira. À esquerda, sozinho e atrás de uma cerca de arame de galinheiro, um touro do tamanho de um rato particularmente grande bufava, ameaçador. Atrás deles havia outros campos, outros animais.

— É um elefante — disse Jay.

— Foi o presente de Natal da Srta. Jessica — informou a governanta. — Por que não está tirando nenhuma foto?

Ele se virou para olhá-la.

— A fotografia é uma arte. A senhora não espera que eu trabalhe enquanto fica aí olhando por cima do meu ombro, não é?

Por incrível que pareça, funcionou.

— Bom, tudo bem — respondeu a mulher. — Mas lembre-se, são só dez minutos. — Saiu e fechou a porta.

Jay usou o caminho que atravessava os campos em direção ao complexo de casas de fazenda abaixo das janelas, passando por um rebanho de ovelhas e uns cães pastores minúsculos, um curral enlameado cheio de porcos, tratores de brinquedo, fazendeiros de plástico e um galinheiro precário. Galinhas do tamanho de bolas de gude cacarejaram e saltaram quando ele se aproximou. Nem todos os animais estavam na mesma escala, mas imaginou que não devia ser exigente.

A casa estava cercada por montanhas de feno, perto do tradicional celeiro vermelho e de um silo alto de grãos. Era uma réplica meticulosa de uma casa de fazenda à moda antiga, de madeira, tão lindamente detalhada quanto uma casa de bonecas. Tinha venezianas de madeira pintada, um cata-vento de bronze que se mexeu quando ele o tocou e cortinas feitas com tecido de verdade nas janelas. No balanço da varanda, havia um empregado de plástico com o braço de plástico no ombro de uma filha de plástico. Na mesinha ao lado deles havia um jarro de limonada gelada.

Jay se ajoelhou e empurrou a porta da frente com os dedos. Espiou o bastante apenas para ver uma sala de estar cheia de antiguidades em miniatura antes que uma collie minúscula viesse correndo e começasse a latir loucamente para ele.

— Filhadaputa — resmungou Jay. O cachorro tentou morder seu nariz. — Boa menina — disse ele, retirando a cabeça velozmente. — Cala a boca, boa

menina. — A cadela continuou latindo. Se ao menos tivesse trazido um osso… — *Digger* — sussurrou em tom urgente. — Você tá aí?

Pensou ter ouvido um farfalhar de movimentos num dos andares superiores da casinha, mas era difícil ter certeza com a algazarra que a collie fazia. Jay espiou por uma das janelas do terceiro andar. Viu um quarto feminino, cheio de rendas e babados, com as paredes azul-claras cobertas de borboletas, uma cama com dossel e quatro colunas. Nada se mexia. Estava um pouco empoeirado. Como é que se limpa o interior de uma casa de bonecas, afinal?

Jay pensou nisso por um momento, enquanto Lassie pulava e latia ao redor dele. Pensou em ver a que distância conseguiria jogar a collie com um bom piparote, mas se conteve. Em vez disso, abaixou-se sobre a casa e ergueu o telhado.

Digger Downs, do alto dos seus sete centímetros, estava encolhido no fundo de um closet sem janela, tentando se esconder debaixo de uma pilha de roupas de boneca. Gritou quando viu Jay olhando-o de cima, pulou e tentou correr para a escada. Jay o apanhou no terceiro passo, erguendo-o no ar pelo colarinho.

— *Não me mate!* — berrou Digger numa vozinha estridente, agitando os braços enquanto os dedos de Jay o suspendiam. — Ai, meu Deus, por favor, não me mate.

— Eu só brigo com caras do meu tamanho — respondeu Jay. — Ninguém vai te matar. Vamos dar o fora daqui. Fica quieto.

Guardou Digger no bolso do casaco um instante antes de a governanta voltar.

— Sr. Lowboy — disse ela em tom reprovador —, estou com o Sr. Von der Stadt na linha, e ele quer falar com o senhor.

— Não vai dar — respondeu Jay. — Tenho que correr. — A collie latia desesperadamente, pulando ao redor do sapato dele, tentando subir pela perna da calça até o bolso onde o jornalista estava escondido. — Acha que ela está tentando nos dizer alguma coisa? — perguntou, inocente.

♣

Só havia uma pessoa carregando o caixão de Crisálida: um curinga verde

com quase três metros de altura que ergueu o caixão e, acomodando-o nos braços como se fosse uma caixa de sapato, encabeçou a procissão para o cemitério.

Na hora em que Brennan e Jennifer chegaram, seguindo a multidão, ao pequeno cemitério da igreja, o curinga e Quasim estavam baixando o caixão na cova aberta. Padre Lula abençoou o túmulo com incenso e água benta, fez as últimas preces para a falecida e recuou enquanto o Bairro dos Curingas enterrava mais uma dos seus. Uma longa fila serpenteou até o túmulo. Cada pessoa jogou um punhado, uma patada ou uma garrada de terra no caixão, depois prestou as últimas homenagens a Padre Lula, a Tachyon e ao homem de aspecto deslocado que estivera sentado com Tachyon no banco da frente. Era um homem grande com um rosto desgastado que parecia corar mesmo sob o bronzeado. Estava suando por causa do calor e inquieto com a mal identificada tempestade de emoções que rugia em seu íntimo.

— Olá, padre — disse Brennan, segurando a mão do sacerdote.

— Bom ver você de novo, Daniel — respondeu Padre Lula, cumprimentando-lhe com a mão num gesto poderoso, mas amigável.

Tachyon se jogou em Brennan, abraçando-o com uma emoção crua que o arqueiro tolerou de bom grado. Afastou-se depois de um momento e segurou Brennan à distância dos braços, examinando-o com olhar crítico.

— Precisamos conversar. Venha.

Guiou-o pelo cemitério até que só pudessem ser ouvidos pelos anjos esculpidos nas lápides que os cercavam. Tachyon olhou de relance para Jennifer, que os observava, curiosa, ao lado do túmulo de Crisálida.

— A bela loura deve ser Jennifer — comentou ele.

— É.

— Eu diria que você é um homem de sorte, mas isso não seria nada apropriado, considerando que é procurado por assassinato. Foi isso que o trouxe de volta?

— Em parte — respondeu Brennan. — Estou aqui principalmente para descobrir quem a matou.

— E está conseguindo?

— Não muito.

— Alguma teoria?

— Pensei que tivesse sido Kien — disse Brennan, em dúvida.

Tachyon pareceu ainda menos animado com a ideia.

— Isso não faria sentido — respondeu ele. — Fizemos um acordo segundo o qual você sairia da cidade e a guerra estaria acabada. Por que ele arriscaria recomeçar todo o ciclo de mortes?

— Quem sabe? — Brennan deu de ombros. — Vou continuar investigando até alguma coisa pular na minha cara.

— Só cuide para que não pule literalmente. Gostaria de poder ajudá-lo, mas preciso voltar para Atlanta. Manterá contato?

Brennan balançou a cabeça.

— Não. Depois que eu terminar com isso, Jennifer e eu vamos sair de Nova York, desta vez para sempre.

— Se não for manter contato, ao menos tome cuidado.

— Com isso eu posso concordar.

Apertaram as mãos, depois voltaram para o local do enterro.

O homem parado ao lado de Padre Lula pigarreou, e o padre o olhou.

— Ah, sim — começou o padre. — Sr. Jory, conheça, er…

— Arqueiro — disse Brennan em voz baixa.

— Sim, Daniel Arqueiro e Jennifer Maloy. Daniel foi um, er… bem chegado da sua filha. Daniel, Jennifer, este é Joe Jory, pai de Crisálida.

Jory olhou ofendido para o padre antes de se virar para Brennan, estendendo a mão grande e carnuda.

— É um prazer conhecê-lo, Sr. Arqueiro. É bom saber que minha pequena Debra-Jo tinha algum amigo de aparência normal.

A expressão simpática de Brennan murchou. Padre Lula e Tachyon fingiram desviar o olhar.

— Crisálida era uma mulher extraordinária, com muitos amigos — disse Brennan finalmente, numa voz dura e controlada.

— O nome dela era Debra-Jo… — começou Jory, mas Padre Lula se colocou entre eles e pôs a mão no braço de Brennan.

— Como executor da propriedade — disse o padre —, vou ler o testamento dela esta noite, na igreja. Acho que você deveria comparecer.

Brennan tirou os olhos de Jory e encarou Padre Lula.

— Estarei lá — concordou com voz tranquila. — Lamento, mas temos que ir. — Olhou para Jory outra vez. — Como eu disse, Crisálida era uma mulher extraordinária. Como afirmou Dr. Tachyon com tanta elegância, ninguém sabia muito sobre ela, mas eu sabia mais do que a maioria sobre ela e sua amada família. Prometo-lhe uma coisa, Sr. Jory. O assassino será

levado à Justiça. Não para fazer o senhor se sentir melhor, mas por ela.

Brennan se virou e Jennifer o seguiu, saindo do cemitério. Um gato preto com olhos verdes como jade esperava por eles na rua. Ele miou quando Jennifer e Brennan se aproximaram, ficou de pé nas patas traseiras e ofereceu a Brennan um envelope.

Jennifer olhou para Brennan enquanto este se agachava até ficar quase cara a cara com o animal. Os dois se entreolharam em silêncio por um longo momento, então Brennan aceitou o envelope.

— Olá, Dragão Preguiçoso — disse ele. — Como tem passado?

— Miaaauu — respondeu o gato. Lambeu o ombro, depois se virou e correu pela rua.

— Você já conhecia esse gato? — perguntou Jennifer.

— Trabalhei com ele uma vez, quando era um rato. — Brennan desdobrou a folha de papel que estava dentro do envelope, passou os olhos pela mensagem e depois a entregou a Jennifer.

O recado era curto e objetivo.

“Olá, Caubói. Vamos conversar.”

Estava assinada por Transluz, e havia um número de telefone ao lado do nome.

14h00

— Pareceu uma boa ideia na hora — disse Digger. Estava sentado num grampeador, perto de uma lata de Coca-Cola mais alta que ele. A embalagem de pizza ocupava quase toda a mesa. Jay não conseguira comer mais do que três fatias, e Digger ainda estava ocupado com uma fatia de pepperoni. Nas mãos dele, parecia uma tampa gordurosa de bueiro. — A matéria ainda não tinha sido publicada — prosseguiu ele. — Ninguém além de mim tinha conhecimento sobre Jessica, e aquela baita casa de fazenda parecia tão aconchegante, sabe? Eu sabia que a menina sempre quis um fazendeirinho, mas o pai não permitia, então pensei: *Que se dane, só Jessica e eu saberíamos, e ela nunca contaria*. Pareceu o esconderijo perfeito.

— Por que não saiu logo da cidade? — perguntou Jay.

Digger balançou a cabeça, melancólico.

— Cara, bem que eu queria, mas não era seguro. E se estivessem vigiando o aeroporto, só esperando que eu tentasse fugir por ali? — Fez uma careta.

— Tem três aeroportos — argumentou Jay. — Sem falar das estações Penn, Grand Central e Port Authority. Quantas pessoas estão atrás de você?

— Vai saber! Não dá para imaginar quem pode estar envolvido: polícia, FBI, CIA, talvez todas as agências. Além disso, digamos que seja só uma e eu não saiba qual é. — Estremeceu. — Eu me aproximei de Jessica na quadra da escola, e ela *adorou* a ideia. Me encolheu ali mesmo e me levou para casa numa lancheira dos Flintstones. A esta hora eu já estava pensando se tinha tomado a decisão certa, mas era tarde demais; ela estava determinada a me levar. A pirralha ranhenta queria que eu fizesse *tarefas*. E aquela casinha pode até parecer confortável, mas tudo é de plástico. Não tem água encanada!

— Podia ser pior. — Jay contou a ele sobre a carnificina no prédio e Digger se calou.

— Puta merda — disse baixinho depois que o detetive terminou. — Jonesy e a Sra. Rosenstein, *meu Deus*. Mas *por quê*? Eles não sabiam porcaria nenhuma.

— Eles estavam lá. Você, não.

O repórter deixou de lado o pepperoni meio comido e limpou a mão cheia de gordura nas calças.

— Tem que acreditar em mim, eu não tinha ideia. Sabia que ele era doido, cara, mas nunca…

— Sabia que *quem* era doido? — perguntou Jay, enfático.

Digger olhou para o escritório ao redor. Não havia ninguém olhando, exceto Amy Oral, que parecia ainda mais surpresa que o comum.

— Mack Navalha — resmungou num sussurro baixo e amedrontado. — Mackie Messer. Acha que a cena nas escadas foi feia, cara? Você não viu *nada*. Eu já vi esse sujeito matar. Quando ele acabou com aquela garota síria bem na nossa frente, fez todo mundo assistir até o fim.

— Garota *síria*? — Jay estava confuso.

— Misha — contou Downs. — A Kahina. Você sabe, a irmã do Nur al-Allah, a que cortou a garganta dele. — Suas mãos pequeninas tremiam. Ele as olhou e riu. A risada foi fraca e amarga, quase histérica. — As mãos dele também tremem — disse. — Ah, cara, como tremem, feito um borrão. Aí elas te atravessam. Ele tocou nela, sabe, como se fosse brincar com a teta dela, mas os dedos atravessaram, e o sangue começou a jorrar. Ele cortou fora, bem na nossa frente, cortou fora a teta dela, e depois riu e jogou para mim. Vomitei até as tripas. Crisálida ficou só olhando, você sabe como ela era. Também estava abalada, mas nunca gostou de parecer fraca. Isso é culpa dela, eu sei. Ela fez alguma besteira, não foi? Não falou muito nas últimas semanas, mas sou muito bom em interpretar as pessoas. O que ela fez?

— Contratou um assassino e o mandou para Atlanta — respondeu Jay.

— Droga. Que droga. É, faz sentido. Ela conhecia os fatos, mas acho que não conseguia mais engolir. Se nós o denunciássemos, morreríamos. Ele nos avisou sobre isso. Ela deve ter decidido matá-lo primeiro.

— Talvez não tenha aguentado viver com a ideia do Leo Barnett como presidente — sugeriu Jay.

Digger o olhou estranhamente.

— Barnett? — disse ele. — O que é que Barnett tem a ver com isso?

Jay apenas o encarou.

— Barnett, não — sussurrou Digger. — Gregg Hartmann.

— *Hartmann?* — Jay estava incrédulo.

Digger assentiu.

O escritório estava quente, abafado, mas Jay sentiu dedos frios traçando

um caminho por sua espinha.

— Talvez seja melhor você começar do começo — sugeriu.

♦

— Transluz — disse Brennan ao telefone.

Houve um breve silêncio. Então, a voz da qual Brennan se lembrava muito bem respondeu, cuidadosamente:

— Estou aqui.

— Como me encontrou? — perguntou Brennan.

Houve novo silêncio; depois, Transluz disse:

— Bom ter notícias suas tão rápido, Caubói. Ou devo chamá-lo de Yeoman?

— Me chame do que quiser. Só diga como me rastreou.

— Um passarinho me contou que você estava na igreja.

— Dragão Preguiçoso?

— Exatamente. Eu o mandei acompanhar o funeral só para o caso de acontecer alguma coisa interessante. Quando ele me contou que você estava lá, pensei em aproveitar sua oferta de discutir a situação, então mandei que entregasse o recado.

— Fico feliz que tenha feito isso — respondeu Brennan. — Não achei que um capitão dos Punhos Sombrios ia querer falar comigo.

Brennan havia se infiltrado na Sociedade do Punho Sombrio para reunir provas e levar Kien à Justiça. O plano provavelmente teria funcionado, mas ele fora forçado a arruinar o disfarce para salvar a vida de Tachyon quando os Punhos dominaram a clínica do alienígena.

— Não sou de viver no passado — disse Transluz efusivamente. — Você me causou alguns problemas, mas, como eu disse, acho que podemos nos ajudar mutuamente.

— Aham. O que Kien acharia disso?

— Bom… — Brennan pôde imaginar o sorriso falso de Transluz. — Ele não sabe de tudo o que eu faço. Precisamos conversar mais detalhadamente. Não ao telefone. Na verdade, perdemos uma oportunidade de discutir a situação ontem. Era você na casa de Quinn, não era?

— Era. Sinto muito por não ter ficado, mas não tinha certeza de como me receberiam.

— Ah, não precisa se preocupar comigo. Acho muito possível que sejamos de grande ajuda um para o outro.

— Entendo. — Era óbvio que Transluz era um homem ambicioso. Poderia ser um aliado útil, ainda que não totalmente confiável. Brennan olhou o relógio. Precisava desesperadamente de algumas horas de descanso, depois tinha que comparecer à leitura do testamento, à noite. — Ligo para você por volta da meia-noite informando onde podemos nos encontrar.

Houve uma longa pausa enquanto Transluz pensava.

— Tudo bem — aceitou, finalmente.

Brennan desligou, suspirando, cansado. Deitou-se na cama flácida do hotel e esfregou os olhos.

— Podemos confiar nele? — perguntou Jennifer.

— Não completamente. Parece que ele está tentando subir na hierarquia da organização e acha que posso ajudá-lo. Isso nos dá uma base para trabalhar juntos. Ele não sabe tudo o que os Punhos fazem, mas tem um posto alto o bastante para saber de algo grande como o assassinato de Crisálida.

Jennifer assentiu.

— Ele pode nos dar alguma informação sobre Vermis. Pancada foi eliminado como suspeito, mas ainda sobram Quasim e a Estranheza.

— Tenho uma ideia sobre como lidar com Quasim — anunciou Brennan, pensativo —, mas a Estranheza ainda é um problema. Não há nada que a relacione a Crisálida, além do fato de que eu a flagrei no Crystal Palace depois do assassinato.

— Revirando o closet dela.

Brennan balançou a cabeça, perplexo.

— Não consigo imaginar Crisálida escondendo alguma coisa importante num lugar tão óbvio. E estamos esquecendo alguém: Doug Morkle. Seja lá quem for.

Jennifer massageou os músculos tensos dos ombros e do pescoço de Brennan.

— Não estamos chegando perto, não é?

— Não. E tenho a sensação de que, se não pegarmos logo o assassino, ele vai desaparecer e ficar fora do alcance de qualquer justiça terrena.

♠

— Hartmann é um ás — começou Digger. — Percebi no momento em que o conheci, na coletiva de imprensa antes daquela turnê da Organização Mundial de Saúde.

— Como? — quis saber Jay.

Downs tocou a lateral do nariz com um dedo grosso.

— O cheiro — disse. — Tenho meu próprio ás na manga. Posso farejar cartas selvagens. Ases, curingas, latentes, não importa; todos têm o mesmo cheiro. Um aroma meio picante e adocicado. Os limpos não têm esse cheiro. Eu nunca erro. O nariz sabe das coisas, já me arranjou grandes matérias. De todo modo, quando dei uma fungada no Senador Gregg, cara, ah, cara, percebi que tinha encontrado a maior de todas as manchetes. Um ás secreto no Senado americano, de olho na Casa Branca!

"Então, comecei a perguntar por aí. Crisálida ficou sabendo, e logo estávamos trabalhando juntos. Descobrimos uns boatos interessantes, mas nada sério, nada que eu pudesse levar à imprensa. Até Gimli entregar a história toda de bandeja pra nós."

— Gimli? — perguntou Jay, cético. — Não é uma fonte muito confiável quando o assunto é Hartmann. — O ódio do curinga terrorista pelo senador era de conhecimento geral.

— Eu sei, eu sei. Mas escuta, porque tudo faz sentido. Isso foi no ano passado, poucas semanas antes da turnê acabar. Gimli teve uma reunião secreta com Crisálida. Na Síria, quando a irmã de Nur cortou a garganta dele, teve bala pra todo lado. Uma delas ricocheteou no Golden Fracote e acertou o ombro de Gregg. Atravessou o ombro, uma ferida limpa, mas tiveram que tirar o paletó dele para ver se era grave. O casaco ficou para trás quando fomos embora. Bom, foi isso que Gimli trouxe para Crisálida, o paletó, com um buraco de bala no ombro e ensopado com o sangue do Hartmann.

— Gimli não estava nem perto da Síria — argumentou Jay. — Estava em Berlim, conspirando para pegar Hartmann durante a viagem. Como diabos ele poderia ter apanhado o paletó do Hartmann?

— Pegou de Misha — explicou Downs. — Depois que ela rasgou um sorriso na garganta do irmão, não conseguiu acreditar no que tinha feito. Pegou o paletó e mandou fazer uns exames, que revelaram o que eu já sabia. O Senador Gregg é um ás. Misha veio incógnita para os Estados Unidos com a prova. Estava trabalhando com Gimli.

Jay lançou ao repórter de sete centímetros um olhar dúbio.

— Com *Gimli*? — disse ele. — Estamos falando do mesmo Gimli agora? Cujo nome verdadeiro é Tom Miller? Um anão curinga com péssimo temperamento e boca grande? Pensei que o pessoal de Nur odiasse os curingas.

— É, é, as abominações de Alá. Não me pergunte por que eles estavam trabalhando juntos, mas estavam. Queriam vingança, mas sabiam que ninguém acreditaria neles. Então, Gimli deu o paletó para Crisálida. Queria que ela verificasse e divulgasse a notícia. Ela tinha a credibilidade que eles não tinham, certo?

— Até aqui eu estou acompanhando.

— É, bom, apagaram Gimli depois disso. Encontraram a pele dele num beco e ele acabou empalhado e exibido no Museu Popular. Enquanto isso, Crisálida fez uns exames em segredo, e o pessoal confirmou tudo o que aquele babaquinha disse. O tipo sanguíneo era o de Gregg, o paletó tinha o tamanho certo, e o exame mostrou a presença do carta selvagem no sangue. Tínhamos tudo.

— Então, por que não publicou isso? — perguntou Jay.

Downs pareceu infeliz. Levantou-se do grampeador, enfiou as mãos nos bolsos da calça e andou para lá e para cá, inquieto, em torno da pizza. Então, olhou para Jay.

— Tá bom, tá bom, nós fomos espertinhos demais para o nosso próprio bem, porra. O que Gimli não percebeu foi que Crisálida tinha suas próprias prioridades. Ela não queria *destruir* Hartmann, só gostava da ideia de talvez ter alguma influência sobre o nosso próximo presidente. E eu comecei a pensar também. Quero dizer, escrevo a matéria, vira a sensação do momento, talvez até ganhe um Pulitzer, mas, daqui a um ano, quem vai ligar? Talvez houvesse uma opção melhor. Os presidentes precisam de secretários de imprensa, né? Eu poderia fazer isso, ganhar um pouco de respeito. Não ia ter mais Tachyon derramando drinques na minha cabeça nem namorados furiosos me esmurrando a boca. Podia até conseguir uma mesa decente no Aces High. — Ele suspirou. — Você deve lembrar, nós sabíamos que Hartmann era um ás, até adivinhamos que ele tinha algum tipo de controle mental bizarro, mas só isso. Então, talvez ele tivesse feito Kahina cortar a garganta do irmão de uma orelha a outra aquele dia na Síria, mas e daí? Antes o pescoço dele que o meu, né? E Nur ia acabar com todos nós.

— Então você achou que o Hartmann era um cara bacana — concluiu

Jay.

Downs assentiu.

— Marcamos uma reunião — disse, melancólico. Seu olhar vagou ao longe, em direção a Amy Oral, lembrando. — Achamos que a situação estivesse sob nosso controle. Estávamos errados. — Sua voz se tornou muito sombria. — Ah, cara, e como erramos. Foi aí que Gregg e Mackie Messer deram aquele showzinho. Hartmann sabia de tudo, não me pergunte como. O corcunda trouxe Kahina numa lona, pelada, coberta de sangue. Disse que já tinha estuprado o rabo dela e começou a trabalhar, cantarolando "Mack the Knife" o tempo todo. Quando terminou, atravessou a parede.

Downs voltou a tremer só de falar no assunto.

— Se Hartmann é tudo o que você diz, por que ele não mandou o assassino dele eliminar você e Crisálida na mesma hora?

— Bom, ele não queria ter que explicar mais duas mortes. Em vez disso, nos encarregou de acobertar o crime. Mandou Crisálida se livrar do corpo e me avisou que, se aparecesse alguma coisa na imprensa mesmo *insinuando* que ele era um ás, Mackie viria atrás de mim.

— E vocês toparam essa merda? — Jay podia acreditar que Digger fizera isso, mas Crisálida detestava receber ordens. Não conseguia imaginar que fosse fácil intimidá-la.

— Você não estava lá! — rosnou Digger. — O pau-mandado de couro de Hartmann *atravessa paredes*, cara! Pesquisei sobre ele depois. É alemão, parte da gangue que pegou Hartmann em Berlim, mas de alguma forma Gregg fez o cara mudar de lado e virar o cachorrinho dele. Aposto como foi ele que fez sushi com os outros sequestradores. A Interpol ainda está procurando o maníaco.

— Então, por que não conta para a polícia?

Digger riu amargamente.

— Ah, é. Vai lá dizer pra eles que o ex-diretor do CRISE-A está mancomunado com um terrorista que ajudou a sequestrá-lo, claro. E reze para a informação não chegar a Gregg. Só que, de alguma forma, sempre chega. Ou ele é telepata ou tem um trabalhando para ele, não sei. A questão é que não podemos confiar em ninguém. Crisálida pensou em pedir para Yeoman nos ajudar, mas nunca conseguiu entrar em contato com ele. Então a gente dançou conforme a música e ficou vivo.

— Até a última segunda-feira — disse Jay. — O nome George Kerby

significa alguma coisa para você?

Downs balançou a cabeça, negando.

— Ela não estava falando com *ninguém* pouco antes de morrer. Acho que não confiava nem em *mim*.

Fazia sentido, pensou Jay. Quanto menos gente soubesse, menos gente poderia traí-la. Mas, se Digger estivesse dizendo a verdade, alguém a havia traído mesmo assim. E *depressa*. Ela mal pusera o plano em movimento antes de cair morta no chão do escritório. Hartmann, se é que tinha sido ele mesmo, não perdera tempo.

— E o paletó? — perguntou Jay.

— O paletó — repetiu Digger, estalando os dedos —, ela guardou. Escondeu em algum canto. Dizia que era a última coisa que poderia protegê-la. Era como um beco sem saída. Se contássemos tudo o que sabíamos ao público, seríamos mortos. Mas Hartmann tinha que tomar cuidado também. Se ele nos deixasse sem nada a perder, poderíamos usar o paletó para derrubá-lo.

— Que ótimo — disse Jay. — Então, cadê esse paletó?

— Num lugar seguro — respondeu Downs, encolhendo os ombros, impotente. — Foi só isso que ela contou. Eu já disse, ela não confiava em ninguém. Olhou nos armários dela?

— Não — respondeu Jay, lembrando-se do que Brennan lhe dissera —, mas conheço alguém que olhou. O que você sabe sobre a Estranheza?

19h00

Padre Lula estava parado na frente da Nossa Senhora das Dores Perpétuas quando Brennan e Jennifer chegaram.

— Vocês são os últimos — disse o padre. — Se vierem comigo, podemos começar a leitura enquanto Quasim fica de olho para que não sejamos interrompidos.

— Tudo bem — respondeu Brennan —, mas, antes de entrarmos, preciso pedir um favor a Quasim. Onde ele está?

Padre Lula apontou para o alto.

O curinga aleijado estava de pé no topo do campanário, apoiado despreocupadamente à espiral de metal que se projetava do pináculo. Olhava para coisas tão ao longe que nem Brennan, nem Jennifer, nem Padre Lula conseguiam ver.

— Pode pedir para ele descer? — pediu Brennan.

O padre encolheu os ombros imensos.

— Posso tentar. — Ergueu o olhar, pôs as mãos em concha ao redor da boca e gritou: — Quasim!

O curinga não deu sinal de ter ouvido. Padre Lula suspirou e gritou outra vez, mais alto. Desta vez Quasim olhou para baixo. Soltou a espiral, acenou e começou a deslizar pela superfície íngreme e inclinada do campanário.

Jennifer ofegou, mas, assim que Quasim escorregou para o vazio, ele desapareceu. Houve um estalo distinto e em seguida ele estava parado ao lado de Brennan e Jennifer na calçada diante da igreja.

— Pois não? — disse ele.

Brennan o encarou por um momento.

— Eu gostaria de lhe pedir um favor — respondeu finalmente.

— Um favor? — repetiu Quasim.

— Sim. Você sabe que estou tentando descobrir quem matou Crisálida. Bom, estou tendo um problema com um ás. Um ás extremamente forte. Talvez eu precise da sua ajuda para lidar com ele.

Quasim olhou de soslaio para o padre, que aquiesceu de forma quase imperceptível.

— Tudo bem.

— Obrigado. — Brennan ofereceu um pequeno aparelho eletrônico, com o tamanho e o volume de uma carteira dobrada. — Quando e se precisarmos de você, poderemos chamá-lo usando isto.

Quasim pegou o receptor com ar desconfiado.

— Certo.

Olhou para o aparelho fixamente, enquanto seu pensamento vagava para onde quer que fosse quando se desmaterializava.

— Sabe — disse Padre Lula —, Quasim não é o mais confiável dos homens.

— Vai ter que servir. Não há ninguém mais a quem possamos pedir. — Brennan não mencionou a outra razão pela qual queria que Quasim ficasse com o receptor. Também era um sinalizador. Ele planejava monitorar o curinga para ver se fazia contato com alguém que pudesse querer a morte de Crisálida.

— Muito bem — disse o padre enquanto Quasim voltava subitamente ao normal. — Mas, agora, o testamento.

Entraram na igreja, deixando o forte curinga na calçada lá fora.

As primeiras quatro filas de bancos estavam ocupadas por pessoas que trabalhavam no Crystal Palace, de Jo-Jo, o curinga microcefálico que varria o lugar, até Charles Dutton, o homem com rosto de caveira que era o sócio anônimo de Crisálida. Faltavam apenas Elmo e Sascha; Elmo, por ainda estar detido pela polícia. Joe Jory também estava lá. Quando Brennan e Jennifer se aproximaram do banco onde estava sentado, sozinho, ele tomou um gole de um frasco metálico de bolso. Brennan não saberia dizer se era o luto que o fazia beber em excesso ou a ideia de estar perto de tantos curingas. De todo modo, Brennan achou difícil sentir pena dele.

Padre Lula assentou o corpanzil imenso atrás da mesa colocada diante da balaustrada e olhou ao redor, esperando, enquanto cessavam todos os murmúrios.

— Estou feliz porque todos vocês puderam vir escutar o último desejo de Crisálida. Esta leitura não é para forasteiros. Nem advogados nem a polícia foram informados a respeito. Essas formalidades serão cumpridas. Mas esta noite é para a família de Crisálida.

Padre Lula pegou um envelope pardo, tirou dele um maço de papel e colocou as folhas numa pilha arrumada.

— Como era meu dever, já li o testamento de Crisálida uma vez, em particular. Agora vou lê-lo para vocês. — Ele pigarreou e começou: — "Eu, Crisálida, estando em meu juízo perfeito e em plena saúde física tanto quanto estive desde que o carta selvagem me transformou, informo minha última vontade e meu testamento. Tenho inúmeras doações a fazer, padre, então, por favor, reúna todos aqueles ligados ao Crystal Palace e alguns outros que sei que o senhor conhece, mas que aqui permanecerão anônimos. Primeiro, ao Padre Lula e à Igreja de Jesus Cristo Curinga, deixo o conteúdo do guarda-volumes onde se encaixa a chave que o senhor encontrará neste envelope." — O padre ergueu o olhar: — Isso já foi providenciado.

"Segundo, para Elmo Schaeffer, meu braço direito desde que cheguei sozinha à cidade, dou o que não pude dar em vida: meu amor. Se já houve um homem que o mereceu, foi você."

O padre suspirou, pigarreou outra vez e continuou.

— "Terceiro, para Charles Dutton, entrego toda a minha cota do Crystal Palace."

Houve um som coletivo de ar inalado e meia dúzia de conversas irromperam. A voz imponente de Padre Lula as silenciou.

— "*Com* a condição de que tudo fique exatamente como está e todos continuem em seus empregos enquanto viverem."

Dutton inclinou a cabeça em concordância, e uma onda de alívio percorreu a sala.

— "Quarto, para Digger Downs, deixo o paletó. Vista-o com boa saúde, ou use-o como quiser."

Talvez, pensou Brennan, *a Estranheza estivesse procurando esse paletó no closet de Crisálida*. Mas qual o papel desempenhado por aquele casaco no assassinato dela estava totalmente além da sua compreensão.

— "Quinto, a meu amado pai, se ele tiver se dado ao trabalho de comparecer a esta leitura…"

O padre se levantou e passou um grande envelope pardo para Jory, que o recebeu com mãos trêmulas, rompeu o selo e tirou uma folha de papel grosso, de 20 por 25 centímetros. Brennan pôde ver, de onde estava, que era a famosa foto que Annie Leibowitz fizera de Crisálida. Estava nua da cintura para cima, e quase era possível ver o sangue circulando, os pulmões bombeando, o coração batendo com o pulsar da vida…

— "…para que você se lembre da sua garotinha querida, todo santo dia"

— continuou o padre em sua voz implacável —, “pelo resto da sua vida.”

Era um presente afiado, mas justo, supôs Brennan.

Uma vez, no que provavelmente fora o momento mais vulnerável em que ele já vira Crisálida, ela contara que o vírus havia se manifestado durante a puberdade. A família então a trancara numa ala da mansão. Mantiveram-na escondida por vergonha e nojo até ela conseguir escapar, seis anos depois.

Padre Lula voltou a se sentar atrás da mesa. A igreja estava silenciosa, a não ser pelos soluços que Jory não conseguia abafar ao cobrir o rosto com as mãos trêmulas.

— “Sexto, para meu Arqueiro, se ele souber da minha morte e se importar o bastante para vir a esta reunião, deixo duas coisas. A primeira…”

Brennan se levantou e estendeu a mão firme para pegar um pequeno envelope oferecido pelo padre. Ele o abriu. Dentro havia um pedaço de papel plastificado, com seis por nove centímetros; um ás de espadas novo em folha…

— “…para colocar no corpo do meu assassino. A segunda, para brindar à oferta que eu deveria ter aceitado e às promessas que deveria ter feito.”

Padre Lula pegou uma caixa do chão e a colocou na mesa.

— Sinto muito — disse ele com sua voz gentil. — Parece que um vândalo invadiu o quarto de Crisálida e quebrou tudo, incluindo isto. Posso descartá-lo, se você quiser.

Era o decantador que ela mantinha ao lado da cama, cheio daquele uísque irlandês de que Brennan gostava.

— Obrigado, padre. Ficarei com ele.

Havia mais doações. A maioria das pessoas recebeu alguma coisa de que precisava ou talvez só algo que queria, mas que nunca poderia ter comprado. Todos foram tocados pela profundidade dos sentimentos da mulher, que, ao que parecia, havia conhecido tudo, mas nada revelado. Brennan se perguntou outra vez, a mão de Jennifer como uma presença reconfortante em seu braço direito, o que teria acontecido se Crisálida tivesse aceitado sua oferta de proteção, se lhe tivesse prometido amor. Olhou para Jennifer, imaginando se ela conseguia ler a pergunta em seus olhos.

A leitura acabou. Houve lágrimas de tristeza e luto genuíno quando Padre Lula foi falar com os empregados, confortando-os com sua presença gentil e imperturbável. Jory havia parado de soluçar e começado a beber. O padre instruiu Lupo a levá-lo até o hotel.

Enquanto todos ficavam de pé conversando, Brennan sentiu que olhos o fitavam, como se alguém estivesse esperando de tocaia nos fundos da igreja. Olhou para trás e viu uma figura enorme e volumosa, que usava uma capa que ia até o chão, se esgueirar por trás da galeria do coro. Ele entregou a caixa com o decantador quebrado para Jennifer.

— Leve isto para o quarto e espere por mim. Há alguém com quem preciso falar agora mesmo.

Ela concordou e aceitou o pacote.

— Tome cuidado — disse, mas Brennan já saíra pela noite, seguindo a Estranheza enquanto a misteriosa entidade fazia sua misteriosa ronda.

21h00

A Estranheza não estava na lista de telefones nem no banco de dados da Prefeitura. Pelo menos, não como “Estranheza”.

O curinga tinha outros nomes: Evan, Patti, John. Isso Digger lembrava devido à história que o Sr. Lowboy tinha se recusado a publicar. A Estranheza não era uma pessoa, mas três, dois homens e uma mulher. Haviam dividido um apartamento e sido amantes, segundo Digger, um *ménage a trois*, até o carta selvagem fundi-los numa única criatura de pesadelo, três mentes compartilhando um corpo imenso, a carne viva na agonia da transformação perpétua. Evan, Patti, John; mas nenhum sobrenome.

Quanto ao endereço, o máximo que Downs podia lembrar era que tinham morado em algum lugar no Bairro dos Curingas. Isso Jay poderia ter adivinhado por conta própria.

Pegou um táxi até o Bairro dos Curingas e saiu pelas ruas, fazendo a ronda até os pés começarem a doer. Os informantes no Freakers deram algumas pistas depois de ver dinheiro, mas nada muito revelador. A Estranheza não bebia em nenhum dos botecos conhecidos, não comia em nenhuma das lanchonetes baratas conhecidas nem se arrastava para nenhum dos puteiros conhecidos. Jay finalmente tentou a delegacia, usando a entrada lateral para evitar os amigos Maseryk e Kant. Havia boatos sobre a Estranheza, contou o Sargento Toupeira, mas nenhuma queixa, nem prisão, nem endereço arquivado.

Depois disso, andou pelas ruas aleatoriamente, numa expectativa meia-boca de esbarrar com sua presa. Quando não estava procurando a Estranheza, a babaca aparecia por toda parte; agora, não a encontrava nem com reza brava.

Deve ter sido o velho hábito que o fez virar na rua Henry em direção ao Crystal Palace. Estava a meia quadra de lá quando lembrou que o lugar estava fechado.

Só que, quando chegou mais perto, não estava.

Jay entrou pela porta da frente, atrás de dois yuppies bêbados. O bar se encontrava mais lotado do que nunca. Todas as mesas e reservados estavam

ocupados, e os clientes rodeavam o balcão em duas camadas, pedindo bebidas aos gritos. Jay se deslocou pela multidão com algumas fintas e um cotovelo ágil até conseguir se encostar no balcão. Lupo era o único barman. Seu pelo estava molhado de suor, e ele parecia incomodado.

— Olha o *pousse-café* dele aqui — rosnou ele para uma garçonete, agarrando a virilha. Serviu um chope e o colocou na bandeja dela. — Aqui, dá isso para ele, e se não gostar fala para ele que o Vazante faz o melhor *pousse-café* da cidade lá no Porão.

O barman avistou Jay pelo canto do olho. Serviu um uísque com soda e pôs no balcão, passando direto por quatro limpos beberrões que tentavam chamar sua atenção.

— Porra, que filho da puta — reclamou ao colocar o drinque num porta-copos molhado diante de Jay.

— Noite agitada — disse Jay.

— Nem me fale — respondeu Lupo. — Nada como um assassinato para alavancar os negócios. Nunca vi mais da metade desses cretinos antes. Vou te contar, eles também nunca ouviram falar em gorjeta.

— *Ei!* — gritou um dos limpos a três bancos de distância. — Ô da cara peluda, eu quero ser atendido, *porra*!

Lupo virou a cabeça e rosnou, exibindo os dentes longos e amarelos. O limpo se encolheu e quase caiu do banco. Por um segundo, o bar ficou muito quieto. Lupo se voltou para Jay.

— O que você dizia?

— Cadê o Sascha? — perguntou o detetive.

— Boa pergunta. É o turno dele, só que ninguém consegue encontrá-lo. Se eu fosse telepata, talvez também soubesse quando dar o fora.

— O chefe novo tá na área?

Lupo assentiu, afastando-se quando uma garçonete o chamou do outro lado do balcão.

— Tente a sala vermelha — disse ele.

A sala vermelha estava mais tranquila que o salão principal, mas ainda assim tinha todas as cabines ocupadas; as cortinas de veludo vermelho de cada uma haviam sido fechadas para dar privacidade. Jay parou uma garçonete e perguntou sobre Dutton. Ela apontou para o último reservado.

Ele levou o uísque para lá e enfiou a cabeça pela cortina.

— Achooou — disse.

Jube pulou como se alguém tivesse lhe botado fogo nos sapatos e ficou nervoso até ver quem era. Charles Dutton pareceu inabalado.

— Sente-se, Sr. Ackroyd — convidou calmamente.

Jay entrou na cabine e deixou a cortina se fechar, encerrando-os num útero macio e vermelho. Era gostoso sentar.

Dutton tinha um conhaque na mão. O Morsa tinha uma enorme piña colada com uma fatia de abacaxi flutuando na borda do copo, mas afastou o corpo e manobrou o próprio volume, tirando-o da cabine.

— Preciso vender uns jornais — disse ele. — Vejo você depois.

Jay esperou até ele sair.

— Juntando os pedaços?

Os olhos frios e fundos o encararam com honestidade.

— Pode-se dizer que sim. Decidi manter o negócio em funcionamento.

— Ótimo. Vou ser seu primeiro cliente.

— O que gostaria de saber? Pelo preço certo, tenho certeza de que podemos fazer negócio.

— Vou ganhar meu desconto generoso de sempre, né? — prosseguiu Jay depressa, antes que Dutton pudesse negar. — Estou procurando a Estranheza. Sabe onde eles moram?

— Não.

Jay fez *tsc* com a boca.

— Crisálida saberia — disse ele. — Olha, se você quer vender informações, tem que saber esse tipo de coisa.

— Me dê tempo para consultar os informantes — respondeu Dutton.

— Talvez o Sascha saiba. Quem lê mente capta todo tipo de coisa. Cadê ele, afinal?

— Eu também gostaria de saber. Ele não voltou ao próprio quarto desde o assassinato. A mãe dele também não o viu. Está muito preocupada.

— Provavelmente está com a namorada — disse Jay. — Acredite em mim, não é o tipo de garota que você leva para casa para conhecer a mãe. — Terminou o drinque. — Imagino que você ainda não tenha encontrado aqueles arquivos secretos.

— Não, infelizmente. Porém, posso lhe garantir que estão em algum lugar neste prédio. — disse Dutton, que cobriu o rosto com o capuz e se levantou.

— Não me diga que já está cansado da minha companhia?

— Receio ter negócios a tratar.

— Eu também. — Jay ficou de pé. Estava pensando em Sascha. Da última vez que o tinha visitado, terminou no chão e só ouviu mentiras. Talvez fosse hora de terem outra conversa.

22h00

Era fácil seguir a Estranheza, não importava se as ruas estivessem cheias ou vazias. O curinga não era muito rápido e, além disso, certamente tinha uma silhueta distinta. As coisas ficaram um pouco mais complicadas quando a Estranheza passou para os becos desertos onde não havia outros pedestres aos quais se misturar. Só que os becos também eram mais escuros que as ruas, permitindo que Brennan se deslocasse de sombra em sombra com a furtividade de um gato à espreita.

A Estranheza finalmente parou diante de uma entrada de serviço nos fundos de um prédio de tijolos escuros e entrou usando uma chave. Brennan a seguiu tão de perto quanto pôde. Deteve-se em frente à porta de metal, parando para ler o letreiro em estêncil:

ENTRADA DE SERVIÇO

MUSEU POPULAR CARTA SELVAGEM

Brennan franziu o cenho, perguntando-se que conexão a Estranheza poderia ter com aquele lugar. Começou a trabalhar na porta, sabendo que não encontraria nenhuma resposta ali fora, no beco.

O interior do museu estava fracamente iluminado por luzes de segurança que projetavam um relevo sombrio nas várias peças em exibição. Brennan sentiu um toque de estranhamento enquanto passava pelas réplicas de ases, curingas e alienígenas silenciosas e imersas na penumbra. Foi um alívio finalmente ouvir o som de pisadas fortes que o puseram novamente no rastro da Estranheza.

Alcançou o curinga enquanto este desaparecia, descendo um lance de escadas que levava às profundezas do museu. Brennan o seguiu escada abaixo e o alcançou outra vez quando entrou no que parecia ser uma oficina num porão. A Estranheza havia ligado todas as luzes, então Brennan se escondeu cautelosamente atrás de algo coberto por uma lona e armazenado no largo corredor. Desse ponto de vista, podia espiar pelo batente da porta e ver a maior parte do cômodo, que estava repleto de réplicas de cera ainda inacabadas.

A Estranheza estava andando de um lado para outro diante de uma dessas

esculturas. Brennan se inclinou um pouco mais na direção da luz e viu que era um esboço nu de Crisálida. O tronco estava começando a tomar forma, ossos e órgãos cintilando sob a musculatura fibrosa. A cabeça ainda era um volume disforme.

De repente, a Estranheza tirou a máscara de esgrima e a jogou pelo recinto com um uivo angustiado. O objeto fez um estrépito alto ao atingir uma pilha de potes e baldes deixada junto à parede. Agora exibindo as feições sensíveis de um homem negro e bonito cujo rosto estava retorcido por intensa emoção, a Estranheza continuou a andar diante da escultura.

Brennan estava tão absorto em observar o curinga que quase não ouviu os passos na escada. Conseguiu sumir na escuridão assim que Charles Dutton chegou ao corredor e entrou na oficina onde estava a Estranheza.

— Achei que fosse você. — Brennan ouviu Dutton dizer. Houve um longo silêncio, e ele acrescentou: — Não adianta ficar pensando nisso agora, Evan.

Brennan escutou a Estranheza inalando longa e raivosamente.

— Ela está morta, Charles, esmagada até virar purê por alguma porcaria de ás. Agora, nunca mais vou terminar. — Ouviu-se o som de mais passos zangados; depois a Estranheza, ou Evan, disse: — Eu adoraria pôr as mãos no pescoço do filho da puta que fez isso com ela. Adoraria! Mesmo!

— Ora, Evan — disse Dutton em tom conciliador —, isso não é nem um pouco do seu feitio. Você está parecendo o John. Temos muitas outras coisas com que nos preocupar. A polícia está cuidando do caso, e Ackroyd também. *Alguém* encontrará o assassino. Vamos nos concentrar nos arquivos.

— Eu sei, Charles — respondeu Evan, enquanto Brennan recuava silenciosamente pelo corredor. — Eu sei. Mas por que Crisálida? Quem poderia ter feito algo assim?

Brennan voltou pela escada, atravessou o museu e saiu para o beco pela porta dos fundos.

A dor e a angústia na voz da Estranheza eram inconfundíveis, mas Brennan não sabia ao certo se o curinga estava mais zangado pela morte de Crisálida ou por seu modelo de cera inacabado. De todo modo, a não ser que a Estranheza fosse ainda mais esquizoide do que Brennan imaginava, era óbvio que não fora ela que matara Crisálida. *É inocente,* pensou ele. Assim como Pancada. Os Punhos Sombrios pareciam cada vez mais suspeitos. Ele olhou para o relógio de pulso enquanto se deslocava pela noite.

Hora de ligar para uma pessoa, pensou, prestes a visitar um cemitério.

♥

Desta vez, Jay decidiu não tocar a campainha. Só de pensar em Ezili já teve uma ereção. Mas na última visita as coisas tinham ficado bizarras demais para o seu gosto.

Empurrou uma lata de lixo vazia pelo beco e subiu em cima dela. Dali, seus dedos podiam roçar o último degrau da escada que pendia da saída de incêndio de ferro fundido. Ele se esticou, agarrou o metal com a mão e tentou puxá-lo. A escada não descia. Enquanto isso, a lata rolou e o fez perder o suporte, deixando-o pendurado na escada por uma única mão. Jay grunhiu, pegou o degrau com a outra mão, impulsionou-se para cima e começou a subir. Era em horas como estas que gostaria de poder se teleportar com a mesma facilidade com que teleportava seus alvos. Mas, não, tinha que fazer aquilo do jeito difícil. Agachou-se na escada de incêndio para recuperar o fôlego, farejando o ar com hesitação. Algo cheirava mal.

Todas as luzes estavam apagadas no loft de Sascha. Jay se deslocou furtivamente pela escada de incêndio rumo à janela. Viveria muito bem sem escalar, mas furtivo era seu nome do meio. Era ainda mais fácil quando não precisava fazer malabarismo com uma câmera.

A janela dava num banheiro. Jay espiou rapidamente e não viu ninguém. Sacou um cortador de vidro, removeu uma parte do painel superior com cuidado e passou a mão por ali para destrancar. Quando o vidro saiu, o cheiro ficou mais forte. Jay abriu a janela com cuidado e entrou, evitando um peitoril onde plantas e flores de aparência estranha disputavam espaço com ervas daninhas. O cheiro dentro do cômodo parecia o de algo podre.

A esta altura, Jay tinha razoável certeza de que não encontraria nem Sascha nem Ezili em casa. Pelo menos não vivos. Foi em silêncio até a porta, abriu uma fresta, apurou os ouvidos, mas não ouviu nada. Passou então para o corredor.

O loft subdividido era muito maior do que ele tinha imaginado. Havia a sala, a cozinha luxuosa, dois banheiros e seis quartos. Quanto mais perto chegava dos fundos, pior era o odor. Ao abrir a porta do outro banheiro, engasgou e recuou.

A penteadeira no quarto contíguo continha uma dúzia de perfumes diferentes. Jay encontrou um lenço de renda numa gaveta, perfumou-o generosamente e o segurou sobre a boca e o nariz. Então, voltou ao banheiro para ver quem tinha morrido.

A luz dos postes entrava de forma doentia por uma janelinha de vidro fosco, atingindo o chão de ladrilhos. Jay pôde ver as formas pequeninas e pálidas das larvas aglomeradas sobre o cadáver. Mesmo através do lenço, o fedor era grande. Jay se obrigou a acender a luz. Era uma criança. Um menino, ele achava, embora não restasse muito para ter certeza. Maior do que o macaquinho esquisito que ele perseguira pelo Museu Popular, mas muito pequeno para ser Sascha ou Ezili. Lembrou-se de ter visto alguém pequeno e de algum modo disforme correr para o quarto quando Sascha entrara, encontrando Jay e Ezili. Talvez fosse filho deles… Mas a mãe simplesmente sairia de casa e deixaria o corpo do filho morto apodrecendo no piso do banheiro?

O corpo estava decomposto demais para um exame minucioso, e as larvas o lembravam da coisa com cara de cone em seu sonho. Porém, ele se forçou a olhar para a carne apodrecida. Definitivamente era um curinga. Estava nu e, à primeira vista, parecia ter vários membros, mas Jay finalmente concluiu que a coisa longa e inchada entre as pernas era uma cauda. O corpo estava de bruços, e não era possível distinguir as feições, mas havia uma enorme ferida aberta na lateral do pescoço, onde larvas se retorciam.

Jay já tinha visto o bastante. Desligou a luz, fechou a porta e ficou parado no corredor escuro, avaliando as opções. Podia chamar a polícia. Só que, desta vez, não fora convidado a estar ali. Desta vez era culpado de arrombamento e invasão. Decidiu que deixaria outra pessoa ficar com aquele prêmio. Enfiou o lenço dentro do bolso e começou a vasculhar o apartamento.

Não havia ninguém em casa já havia um bom tempo. A não ser pelo menino morto no banheiro, os inquilinos pareciam ter tido pressa em dar no pé. Jay encontrou gavetas abertas de onde roupas haviam sido arrancadas e guardadas com urgência. A mobília ficara para trás, assim como as esquisitas tralhas haitianas que ele notara na outra visita, mas a maior parte dos objetos pessoais havia sido removida.

Nem todos, no entanto. Restava o suficiente para dar a Jay a certeza de que Ezili, Sascha e o menino morto não tinham morado aqui sozinhos. Num

quarto, encontrou uma pilha de revistas de halterofilismo ao lado do colchão desforrado no chão, assim como um conjunto de pesos que dava sinais de ter sido muito usado. De algum modo, não conseguia imaginar Sascha puxando ferro.

Outro quarto havia sido lacrado, a janela fechada com tijolos, depois transformado num tipo de câmara de tortura medieval. Algemas de ferro pendiam das paredes à prova de som, e no centro do quarto havia uma longa mesa de dissecção com sulcos profundos para escoar o sangue. Dentro do armário, Jay encontrou um carrinho com instrumentos cirúrgicos, cuidadosamente guarnecido de navalhas, alicates, anjinhos e outros brinquedos, até uma antiga broca de dentista, a ponta ainda coberta por uma crosta de sangue seco.

Havia seringas usadas e pílulas espalhadas pelo chão de um terceiro cômodo, entre pufes e almofadas que lembravam um dormitório de hippie dos anos 1960. O guarda-roupa havia sido transformado em adega. Até Jay sabia o bastante sobre vinho para perceber que o Chateau Lafite Rothschild custava uma boa grana, e alguns dos outros rótulos também pareciam bem caros.

Na geladeira, encontrou garrafas de Dom Perignon, uma lata de caviar beluga e outras guloseimas importadas. Tudo parecia delicioso, mas, por algum motivo, ele não estava com fome.

O armário do corredor estava cheio de roupas de inverno que os inquilinos tinham esquecido na pressa. Havia um casaco de linho pendurado num gancho dentro da porta, e os cabides estavam lotados. Casacos femininos de pele de marta e zibelina russa e alguma coisa com pintas que provavelmente era de uma espécie ameaçada de extinção, além de uma jaqueta de couro tipo aviador e alguns itens de aparência muito cara em caxemira, camurça e pelo de camelo, misturados ali mesmo com jeans e poliéster, coisas de homem e de mulher juntas, numa gama de tamanhos que ia até os extremos. Mas nenhum paletó esporte cinza-xadrez com buracos de bala no ombro — Jay procurou. Estava ali, parado, contemplando os casacos, quando o telefone tocou.

Um arrepio o percorreu. Lembrou-se da agência funerária, do estranho telefonema da mulher que falava com a voz de Crisálida. *Não*, pensou, *desta vez não*. *Ninguém sabe que eu estou aqui*. Envolvendo a mão no lenço úmido e perfumado, pegou o receptor e o segurou junto da orelha.

— Passei o dia todo ligando. Por onde você andou? — disse uma voz masculina. — Preciso do beijo, ouviu? *Preciso*. Você não sabe o tipo de pressão que eu estou aguentando aqui. — As palavras saíram todas num único fôlego; só então o homem pareceu perceber que ainda não tinha ouvido um alô. — Ezili, é você?

Jay falou através do lenço e tentou disfarçar a voz.

— Ela não está aqui — disse. — Quem é?

Houve um momento de silêncio.

— Com quem estou falando? — perguntou o homem numa voz áspera e assustadoramente familiar.

— Sascha — respondeu Jay, tentando imitá-lo.

— Você não é Sascha — respondeu o homem.

Já era aquele plano. Jay decidiu que a melhor política era calar a boca e ouvir.

— Quem está falando? — exigiu saber o homem. — Quem apronta comigo se arrepende.

Foi o que bastou. Reconheceu a voz. De repente, Jay ficou profundamente grato por não ter chamado a polícia. Pôs o receptor de volta no gancho e se levantou depressa. Kant poderia mandar uma viatura até ali em dez minutos. Precisava agir depressa.

Dera dois passos quando notou o bloco de anotações ao lado do telefone. Voltou. A primeira folha tinha sido rasgada, mas ele ainda pôde ver as impressões na folha de baixo. Duas colunas de números marchavam paralelas na página. Horários.

Jay guardou o bloco no bolso e voltou pela escada de incêndio. Não precisava se formar com honras na escola de detetives para entender essa. Horários de voos. Sascha não ia aparecer no trabalho tão cedo, e Jay tinha o estranho palpite de que sabia para qual cidade o barman havia fugido.

♣ ♦ ♠ ♥

Quinta-feira

21 de julho de 1988

1h00

— Você está mais alto — disse Jay a Digger. Só um pouco, mas, quando se começa com sete centímetros, qualquer centímetro a mais faz diferença.

— É, é — respondeu Downs de onde estava, empoleirado no colo de Amy Oral. — A pirralha tinha que vir toda manhã depois da escola para encolher de novo os que mais precisavam. Se não, a gente crescia.

— Devagar — concluiu Jay, trancando a porta do escritório após entrar.

— Devagar — admitiu Digger, melancólico. — Onde diabos você andou? Tive certeza de que Hartmann tinha acabado com você.

— Hartmann está em Atlanta — argumentou Jay. — Duvido que ele ao menos saiba que eu existo.

— Não conte com isso. Então, o que está acontecendo? Você fez a denúncia?

— Não. — Jay foi até o quarto dos fundos, ligou a luz e o ventilador e se sentou à mesa.

Digger pulou de Amy Oral e foi trotando atrás dele, os pezinhos

batucando no piso de madeira.

— Tá esperando o quê, porra? Um convite impresso da Casa Branca? — disse com a voz aflita. — Já começaram a votação em Atlanta, Hartmann pode ganhar a candidatura enquanto você fica aí pra lá e pra cá perdendo tempo. Vai deixar o cara que mandou matar Crisálida virar presidente?

Jay pegou o repórter pelo colarinho.

— Me faz um favor, Downs, e cala a droga dessa boca — disse ele, jogando o homenzinho no cesto de lixo.

Downs caiu entre os restos da pizza e grasnou em protesto.

— Qual o problema com você, Popinjay?

— Achei outro corpo.

— Meu Deus. Quem?

— Não faço ideia.

— Um dos corpos do Mackie? — perguntou Downs.

— Acho que não — respondeu Jay. — Esse estava bem passado, mas todos os pedaços continuavam no lugar.

Downs escalou a caixa de pizza, oscilou na borda do cesto por um momento e pulou para o chão. Aterrissou com um grunhido.

— Temos que pegar o Hartmann antes que ele nos pegue — constatou. — Eu disse como ele trabalha…

— É, você disse — admitiu Jay. — É um ótimo material. E é bom que seja, é tudo o que temos. Sua palavra contra a dele. Um candidato à Presidência contra o cara que revelou a notícia do filho secreto do Uivador. Em quem será que vão acreditar? É claro, você tem provas: Crisálida, Kahina, Gimli, é isso aí. Pena que estão todos mortos.

— O paletó! — insistiu Digger. — Essa é a prova!

— Talvez. Se nós tivéssemos o paletó. Só que não temos. Você por acaso não saberia onde Crisálida escondia o estoque de segredos dela, saberia?

Downs negou com a cabeça.

— Que pena — disse Jay. — O que sabe sobre Sascha?

— Sascha? — Digger ficou pensativo. — Bom, ele é telepata. Isso ajuda? Ele só pesca pensamentos superficiais, sabe? Mas se ele decidisse contar o que pescou… Meu Deus, você não acha que Sascha estava ligado a Hartmann, acha?

— Essa ideia me ocorreu, sim — admitiu Jay.

— Nossa. Nunca prestei muita atenção em Sascha… Quero dizer, ele

simplesmente estava *lá*, sabe? Mas estava lá muitas vezes… Se estivesse informando Hartmann… Ela *confiava* nele, droga. Nele e em Elmo, ela contava com os dois. Sascha para prever os problemas, Elmo para lidar com eles.

— A não ser que Sascha fosse parte do problema — argumentou Jay. — Crisálida já disse alguma coisa sobre a namorada de Sascha?

Digger pareceu impressionado.

— Que namorada?

Jay suspirou.

— Deixa pra lá. — Ele se levantou.

— Aonde você vai? — perguntou Digger.

— Sair.

— Quando volta?

— Mais tarde — disse Jay ao destrancar a porta. Precisava tomar um drinque em silêncio. Comer também seria bom. Dormir também, mas, por algum motivo, ele tinha a impressão de que dormir não estava na programação daquela noite.

♣

Brennan se virava e revirava na cama irregular, meio dormindo e meio desperto, atormentado por sonhos que não conseguia separar da realidade. Chutou os lençóis sufocantes, empapados de suor, e olhou para Jennifer. Ela ainda dormia profundamente. O relógio na mesa de cabeceira ao lado dela dizia que ele tinha cerca de duas horas e meia antes de sua reunião com Transluz. Precisava dormir mais, porém duvidava que conseguiria.

A lembrança de Crisálida era uma dor surda em sua mente. Como Tachyon havia dito, o fantasma dela era exigente. Ele fantasiava sobre deixar a carta que ela lhe dera no corpo do homem ou mulher, ás ou curinga, que a havia matado. O único problema era que só conseguia conjurar um grande espaço em branco no lugar da identidade do assassino.

Não era Pancada, não era a Estranheza. Não conseguia, na verdade, imaginar Quasim no papel de um assassino sangue-frio. Restavam Vermis e Doug Morkle como as últimas possibilidades da lista de Ackroyd. Vermis, talvez. Morkle, quem saberia?

Inquieto, virou-se para a janela e ficou paralisado. Imaginou se ainda estaria sonhando ou apenas alucinando. A janela parecia ter crescido a uma proporção gigantesca, dando crédito à ideia de que meramente sonhava estar acordado. Ela emoldurava Crisálida do pescoço para cima. Ele a reconheceria em qualquer lugar. O crânio cintilante, os olhos azuis, os lábios vermelhos e fartos eram dela.

Olhou por uns bons cinco segundos, depois fechou e esfregou os olhos. Quando os abriu, ela se fora.

Ficou deitado na cama olhando a janela agora vazia, dizendo a si mesmo que deveria levantar e sair, mas estava com medo.

Ficou deitado, com os olhos fechados, e disse a si mesmo que estava sonhando. Depois de um tempo, quase se convenceu de que isso era verdade.

3h00

— Café, Jay? — perguntou Vi.

Ele ficara com uma cabine junto à janela. O balcão atraía muita gente estranha no turno dos notívagos, e Jay não estava se sentindo lá muito sociável.

— Sim, por favor — respondeu ele. — E me traz um hambúrguer também. Com cebola extra e uma porção de fritas.

— Pode deixar.

Vi serviu o café e foi fazer o pedido dele na cozinha.

Alguém havia deixado um exemplar amarrotado do *Daily News* na cabine. Jay o alisou e leu a matéria principal. Os democratas haviam começado a votar em Atlanta. Hartmann largara na frente e estava ganhando força a cada cédula. Leo Barnett estava várias centenas de votos atrás, seguido de Jackson, Dukakis e Gore. Por mais que detestasse admitir, Digger tinha razão. Precisava fazer alguma coisa. Mas o quê?

Deixou o jornal de lado, pegou a lista no bolso e olhou novamente para os nomes. Vermis, Quasim, Pancada, a Estranheza e Doug Morkle. Yeoman jurava que não era Pancada. Se o jogador misterioso fosse mesmo Hartmann e não Barnett, isso descartava o motivo de Quasim. Jay não descobrira porcaria nenhuma que apontasse para os Punhos Sombrios, e, de qualquer forma, o *modus operandi* não tinha nada a ver com Vermis. Ainda não sabia quem diabo era Doug Morkle, mas a esta altura não ligava mais. Tinha que ser a Estranheza. Não?

Jay pegou a lista de horários de voos que tinha arrancado do bloco de anotações da casa de Ezili. Tomou um gole de café.

— Que porra — disse em voz alta. Não tinha que ser a Estranheza.

Atlanta era perto demais. O tempo médio de voo parecia ser de cerca de duas horas, sem paradas. O primeiro avião saía às 6h55 da manhã e chegava a Atlanta às 9h07. O assassino poderia ter pegado o último avião saindo de Atlanta no domingo à noite, passado no Crystal Palace nas primeiras horas da manhã para matar Crisálida e ainda conseguido voltar para a Geórgia a tempo da abertura da convenção. Isso significava que valia a pena dar uma olhada

nos outros nomes da lista.

Se o que Downs dizia fosse verdade, Crisálida mandara seu assassino atrás de Gregg Hartmann. Não contara a ninguém, mas, de alguma forma, Hartmann descobrira. O informante *tinha* que ser Sascha. Elmo estivera contratando o assassino na mesma hora em que Crisálida fora assassinada, o que significava que alguém sabia o que ela ia fazer *antes* que fizesse. Nova York tinha telepatas de mais para o gosto de Jay, mas Sascha era o único próximo de Crisálida.

Jay tomou um longo gole de café, fez uma careta e se xingou por ser um idiota. Deveria ter visto isso muito antes. Sascha estava lá quando Jay encontrara o corpo; mesmo sem olhos, ele sentira um intruso no prédio. Então, por que não havia sentido o assassino?

Ou havia?

Tá bom, então Sascha desvenda o plano de assassinato da mente de Crisálida e passa para Hartmann, que manda Mackie Messer fazer sushi de Digger Downs e convoca outra pessoa, alguém com força super-humana, para tirar Crisálida do jogo. A Estranheza? Talvez…

Mas Jack Braun era um apoiador de Hartmann, e Billy Ray era o guarda-costas do senador. A brutalidade do assassinato não era do feitio de Braun. Carnifex tinha má reputação… Mas talvez isso não importasse. De acordo com Downs, a garota síria alegava que Hartmann a *forçara* a cortar a garganta do irmão, então talvez ele tivesse compelido Braun a fazer o trabalho sujo do mesmo jeito.

Vi chegou alvoroçada com o hambúrguer numa mão e um bule de café novo na outra. Colocou o prato na mesa e voltou a encher a xícara de Jay. Ele dobrou e guardou os papéis.

— Quem você quer que seja presidente, Vi? — perguntou à garçonete.

Ela fungou.

— São todos uns vigaristas — respondeu ela, enquanto se afastava. — Eu não votaria em nenhum deles.

Jay fitou o hambúrguer. As cebolas tinham sido grelhadas até ficarem quase pretas, do jeito que ele gostava. Experimentou uma batata frita. Precisava de ketchup.

— Ei, Vi — chamou ele, mas ela já estava atrás do balcão atendendo a duas prostitutas que tinham acabado de vir da 42nd Street.

Jay decidiu que a Estranheza ainda era uma candidata melhor que o

Golden Boy ou Carnifex. Hartmann precisaria ter sabido do assassinato na noite anterior para botar Braun ou Ray num avião a tempo, mas, se *tivesse* sabido assim tão cedo, por que diabo tinha levado tanto tempo para mandar Mackie atrás de Digger Downs? E por que não mandar Mackie para cuidar de Crisálida, também? Por que usar dois assassinos, sendo que ambos o comprometeriam? E por que despachar alguém de Atlanta quando tinha talentos locais na área? Isto é, presumindo que Mackie *estivesse* na área. Talvez, naquele dia, ele estivesse em Atlanta também. Isso explicaria por que tinha levado tanto tempo para tentar pegar Downs.

O problema era que, se Hartmann fosse um ás, cada um daqueles malditos nomes na lista precisaria ser revisto; Troll, Ernie Lagarto, Doughboy… Droga, provavelmente todos eram fãs de Hartmann. Nenhum deles parecia ter nenhum motivo particular para matar Crisálida, mas talvez não precisassem de um; talvez fossem os peões involuntários de Hartmann, como Kahina. Então, que merda restava? Jay deu uma mordida no hambúrguer e mastigou, pensativo.

Hartmann *era* um ás oculto? Digger dizia que sim, ele e seu maldito nariz. Bela prova: um cheiro que ninguém mais conseguia sentir. A polícia ia simplesmente adorar. O único jeito de provar a história de Digger era encontrar o casaco, mas só o que vinha à mente era um closet, e todos os closets óbvios já haviam sido vasculhados bem detalhadamente.

O hambúrguer também precisava de ketchup.

— Vi — chamou Jay em voz alta.

Ela veio com o bule de café na mão e parou quando viu que a xícara dele ainda estava cheia.

— Tá precisando de quê, doçura?

— Ketchup.

Vi ficou indignada.

— Pelo amor de Deus — disse ela. — O que você acha que é isso? — Apontou.

Jay piscou. O frasco de ketchup estava bem ali em cima da mesa, encostado à janela, entre o porta-guardanapos, o saleiro e o pimenteiro. A garçonete fez um sinal como se o ensinasse a usar o molho e saiu. Jay pegou o frasco, tirou a tampa de rosca e despejou uma poça generosa no prato. Dava para ser mais burro? A porcaria do ketchup estava ali na sua frente o tempo todo.

Foi aí que entendeu.

4h00

Descuidado por muitas décadas, o cemitério esquecido tinha se tornado uma selva em miniatura no meio da cidade. Muitos dos túmulos haviam desabado durante os anos de negligência. A maioria das lápides gastas — os nomes gravados nelas tão esquecidos quanto o próprio cemitério — estava inclinada para os lados em meio à vegetação rasteira e espessa. O local tinha um ar de decadência melancólica, mas Brennan não se importava. Gostava da escuridão silenciosa. O lugar era quase tão quieto e pacato quanto o campo.

Usava roupa preta e trazia o arco composto, montado e pronto para o uso. Era a arma certa para este lugar, tão escura quanto a noite que escondia Brennan e tão silenciosa quanto os cadáveres que lhe faziam companhia em sua vigília.

A ausência de som foi finalmente rompida pela aproximação de um carro que Brennan não conseguiu ver de seu esconderijo nos arbustos. Pôde ouvir o motorista estacionar do lado de fora do muro arruinado de tijolos que cercava o cemitério e em seguida desligar o motor. As portas se abriram e fecharam com força, e o silêncio voltou a reinar.

Então, Brennan ouviu alguma coisa pesada passar pela relva.

Congelou. Pelos sons que fazia, dava para perceber que era grande. Ele respirou fundo, mas não pôde captar nenhum outro cheiro além dos odores irritantes da cidade, que se embrenhavam até mesmo ali. Ficou parado, segurando a respiração numa noite tão calada que podia ouvir o sangue pulsar nas veias dos ouvidos. Ouviu a coisa se mover pelos arbustos e pela grama alta, à procura dele

Brennan correu pela mata, afastando-se o mais silenciosamente que pôde. A criatura parou e respirou fundo de forma ruidosa, tentando farejá-lo no ar.

Ele continuou a se afastar, contornando o mausoléu deteriorado onde um dia emboscara um grupo de Garças Imaculadas que usavam um dispositivo alienígena de teleporte para contrabandear heroína para a cidade. Parou por um momento quando ouviu um sibilo vasto e satisfeito, como se uma dezena de tubos de vapor tivesse estourado e se alegrasse por isso. A coisa que o caçava encontrara o rastro.

Mais rápido agora, descuidando do som, Brennan passou por cima das lápides quebradas e através de um emaranhado de lilases e rosas-silvestres; o caminho iluminado por uma lua em quarto crescente, quase cheia. Avançou pela mata, ignorando os espinhos que o rasgavam, e chegou à base do muro arruinado que circundava o cemitério. Ouviu um baque alto atrás de si quando algo longo e sinuoso passou pelos arbustos de flores e brilhou na noite, o luar cintilando em suas escamas de prata e ouro.

Era um dragão de seis metros, esguio como uma cobra. As quatro patas exibiam esporões afiados como navalhas; o rosto era uma máscara oriental elaborada com dentes pontiagudos, olhos vermelhos salientes e nuvens de vapor saindo das narinas dilatadas.

Tinha que ser Dragão Preguiçoso. Transluz o enviara à reunião como algo muito diferente de um rato ou um gato fofinho. Brennan automaticamente alcançou a aljava presa ao cinto com velcro, embora duvidasse que até mesmo sua mais poderosa flecha explosiva pudesse ferir uma fera de aparência tão formidável.

♦

As trancas não tinham nada de especial. A cautela fez com que o trabalho levasse três vezes mais tempo do que o necessário, mas finalmente ele conseguiu fazer o ferrolho recuar. Jay abriu uma fresta na porta e entrou no interior escuro e frio do Museu Popular Carta Selvagem.

Uma luz vermelha piscava no painel instalado na parede. Jay foi até lá e apertou a sequência de números que vira Dutton usar na terça-feira à noite. Tinha boa memória para esse tipo de coisa; a luz vermelha piscante foi substituída por uma verde contínua.

O interior do museu era ainda mais sinistro agora, que estava sozinho, do que quando Dutton o tinha conduzido. As estátuas de cera o fitavam conforme ele se esgueirava pelos corredores, e Jay não pôde evitar imaginar os Monstruosos Bebês Curingas espreitando a cada sombra. Perdeu-se duas vezes antes de finalmente encontrar o diorama sírio.

Todas as luzes estavam apagadas. Jay mal conseguia enxergar a silhueta das estátuas de cera atrás do vidro, cada uma congelada num momento do tempo: Sayyid parado à beira da queda, Hiram apertando o punho, a pobre Kahina perdida com a faca suja de sangue nas mãos. Em algum lugar por ali

estaria Hartmann.

Estava escuro demais para ver o senador com clareza. Tinha que haver uma forma de entrar. Olhou para a série de botões de efeitos especiais, escolheu um e apertou. Dentro do diorama, luzes ocultas banharam Jack Braun com um halo dourado. Sombras longas e escuras se projetaram dos bonecos de cera. A luz tênue deixou o uniforme branco de Carnifex amarelo como um dente-de-leão e reluziu nas garras de metal de Peregrina. De um lado, quase invisível contra o cenário pintado, Jay viu o discreto contorno de uma porta.

Soltou o botão e olhou ao redor até encontrar uma porta onde se lia SOMENTE FUNCIONÁRIOS. A via de acesso era preta como piche, abafada e estreita. Jay acendeu um fósforo e foi tateando a parede com a outra mão. A porta da Síria estava destrancada.

Soltou o fósforo queimado e acendeu outro. Seu gêmeo se refletiu levemente no vidro escuro, e a chama fez com que as figuras de cera parecessem se mexer. Jay passou cuidadosamente por cima de Dr. Tachyon, inconsciente no chão com seus adornos árabes, passando entre Golden Boy e a Estranheza e por baixo da presença absurdamente gigante de Sayyid até chegar ao local onde estava Gregg Hartmann.

A gravata de Hartmann estava habilmente amarrada, sua camisa social, passada e engomada. Não vestia casaco. Jay piscou, confuso. Então, ouviu uma pisada leve atrás de si.

Virou-se a tempo de ver a enorme figura de capa preta pairando sobre ele e vislumbrou o punho vindo da escuridão com um assobio. O primeiro golpe quase lhe arrancou a cabeça. O segundo o acertou em cheio no peito, e ele parou de respirar. Perdeu o fósforo em algum lugar ali dentro. Um punho que parecia um bloco de cimento o atingiu na lateral da cabeça e o derrubou de lado. Jay trombou com um terrorista de cera e caiu de vez.

Enquanto estava ali, atordoado, ocorreu-lhe que a Estranheza não havia participado daquela turnê da Organização Mundial da Saúde.

Não precisou pensar muito tempo. Sentiu que mãos o agarravam, dedos que pareciam cabos de aço enterrando-se na pele. Foi levantado com um tranco e saiu voando. O vidro se estilhaçou ao seu redor, e alguma coisa dura e fria veio bater de frente com ele. Pensou que talvez fosse o chão.

♠

De repente, Brennan percebeu que estava prestes a atirar no alvo errado. Girou, agarrou o topo do muro de tijolos que cercava o cemitério e se impulsionou para cima.

Transluz estava apoiado ao capô do carro estacionado em frente ao portão do cemitério, fumando um cigarro. Brennan o olhou com desprezo, pegou uma flecha, ergueu o arco e atirou.

Transluz se sobressaltou quando a flecha perfurou o capô do carro, penetrando fundo no motor.

— Jesus Cristo! — Fitou a seta por um momento, virou-se e olhou para a noite. — Yeoman?

— Mande Dragão voltar — respondeu Brennan —, ou a próxima vai no seu olho direito.

Transluz hesitou.

— Estou falando sério! — gritou Brennan, calculando as chances de soltar a flecha que havia apoiado à corda do arco e depois achar uma explosiva na aljava, apontá-la e atingir o dragão antes que a fera acabasse com ele.

Prontos para soltar a flecha que apontava para Transluz, seus dedos tremeram; então, o capitão dos Punhos Sombrios gritou:

— Tudo bem, tudo bem. Só queria que ele patrulhasse o cemitério. Dragão, volte ao seu corpo! Agora!

Brennan encarou a criatura. Ela o fitou, impassível, e então começou a se torcer e murchar, desabando sobre si mesma até ser apenas um montinho de papel dobrado em formas complexas que o vento da noite levou. Um momento se passou, e Dragão Preguiçoso saiu da traseira do carro, ficando de pé ao lado de Transluz.

Brennan relaxou a tensão na corda do arco.

— Entrem pelo portão — disse ele —, se já tiverem acabado de brincar e quiserem conversar.

Transluz e Dragão se entreolharam. Transluz era mais velho e mais alto, um homem de aparência atlética num terno de aparência cara. Dragão era um jovem asiático, menor, de aspecto mais frágil, mas era o ás mais perigoso dentre os dois. Era Transluz, porém, quem dava as ordens, e Dragão agiria conforme ele mandasse.

— Não me culpe por ser cuidadoso — disse Transluz, entrando primeiro no cemitério pelo portão de ferro fundido pendurado às dobradiças. — Você

matou muitos Punhos na clínica de Tachyon.

Brennan pulou com leveza do topo do muro.

— Você se importa mesmo com isso? — perguntou.

— Não — admitiu Transluz. Olhou à sua volta, reprimindo um calafrio. — Mas fiquei, bem, um pouco preocupado com esta reunião neste lugar abandonado. Ele me dá arrepios.

— Eu gosto. Escuro. Silencioso. Muitos esconderijos. — De repente, Brennan ficou cansado da conversa fiada. — Vamos falar de Crisálida.

Transluz olhou para Dragão Preguiçoso, que o observava sem esboçar reação.

— Sei que você está procurando o assassino de Crisálida. Causou um estrago e tanto no Porão do Vazante. Receio que tenha arruinado completamente a reputação de Pancada.

— Não foi difícil. Ele não é mais o mesmo velho Pancada.

Transluz concordou.

— Ele está morrendo de AIDS. É um destino que não desejo a ninguém, mas não posso dizer que lamento muito. O sujeito era um bruto repugnante. Agora, é repugnante e patético.

— Não pedi esta reunião para ficamos discutindo os problemas de saúde de Pancada.

— Certo. Quero ajudar.

— Ajudar?

— Sim. Ajudar a encontrar o assassino de Crisálida.

— Entendo. — Brennan alisou o bigode, pensativo. — E em troca?

Transluz deu de ombros.

— Só quero o que você quer. Kien fora do caminho.

Brennan sorriu lentamente.

— Não sei o que você tem contra ele — continuou Transluz. — Mas sei que quer matá-lo. Quanto a mim, bem, digamos que eu consiga visualizar os Punhos Sombrios passando muitíssimo bem com um novo líder.

Brennan olhou de esguelha para Dragão Preguiçoso.

— E um novo segundo em comando?

— Sou muito generoso com aqueles que me ajudam. Fui generoso com Dragão Preguiçoso. Fui generoso com você no passado e posso ser de novo.

— A única coisa de que preciso — disse Brennan — é informação.

— Pois pergunte, então.

— Vermis matou Crisálida?

— Bom, você vai direto ao assunto, não? — retrucou Transluz, balançando a cabeça.

— Isso mesmo.

— Bom, todos sabemos que Vermis tem uma personalidade violenta, e ele é totalmente dedicado a Kien. Crisálida, é claro, sabia que Kien é o líder dos Punhos, mas manteve-se em silêncio sobre isso. Se, no entanto, ela tivesse descoberto alguma coisa que ameaçasse Kien, Vermis poderia ter tomado a iniciativa de agir por conta própria.

— Como descobrir sobre a nova droga chique de Kien?

— Arrebate? — perguntou Transluz. — Sim, você soube do nosso novo estimulante, não foi?

— Ouvi a respeito.

— Talvez Crisálida tenha ouvido também.

— E Vermis a matou.

Transluz deu de ombros novamente.

— Não estou acusando ninguém. No entanto, é uma ideia. Posso fazer uma investigação discreta sobre o assunto.

Brennan assentiu.

— Tudo bem. Manterei contato.

— Mais uma coisa — disse Transluz quando Brennan lhe deu as costas —, talvez você queira ficar atento aos arquivos secretos de Crisálida.

— Arquivos secretos?

— O estoque de informações dela. Dizem que ela guardava registros meticulosos com tudo o que havia descoberto sobre cada pessoa na cidade, e esses registros não apareceram quando a polícia vasculhou o Crystal Palace. Mas pode apostar que a polícia recebeu a ordem de procurar com muita atenção.

— O que você quer com esses arquivos?

Transluz sorriu.

— Alguém precisa ocupar o lugar de Crisálida.

Brennan balançou a cabeça.

— Você é um homem ambicioso. Primeiro, quer substituir Kien. Agora, quer substituir Crisálida.

Transluz, mais uma vez, encolheu os ombros.

— Todo homem precisa de ocupações.

— Tudo bem — respondeu Brennan. — Ficarei atento a esses arquivos. Talvez eu mesmo queira dar uma olhada neles.

— Ótimo. — Tranluz sorriu. — Divirta-se pegando o assassino. Depois, vá atrás de Kien. Estarei por perto para ajudar.

— Veremos. — Brennan se virou, parou e se voltou novamente para Transluz e Dragão Preguiçoso. — Mais uma coisa. Já ouviram falar de um ás chamado Doug Morkle?

Os dois Punhos se entreolharam.

— Não. Deveria?

— Nem imagino — admitiu Brennan. — Ele está na minha lista de suspeitos, mas ninguém nunca ouviu falar do desgraçado.

— Morkle. Nome esquisito. Vou pesquisar.

Brennan assentiu, virou-se mais uma vez e desapareceu na noite, deixando Transluz e Dragão Preguiçoso atrapalhados com um carro cujo fluido de radiador era agora uma poça oleosa e verde na rua.

6h00

Jay abriu os olhos e os fechou de novo, rápido.

A luz tornava a dor de cabeça insuportável. O latejar atrás das pálpebras era como um trovão, o lado esquerdo do rosto era uma massa de dor surda, e ele sentiu gosto de sangue na boca. Alguém havia esticado seus braços e amarrado as mãos às costas.

Quando tentou se levantar, algo rangeu no peito, e a dor foi excruciante. Um gemido fraco escapou dos lábios. Rolou de costas e tentou ficar imóvel. Talvez devesse simplesmente voltar a dormir.

— Eu ouvi — murmurou uma voz profunda em algum lugar distante. — Ele gemeu. Está acordando.

— Traga-o aqui, John — disse outra pessoa. A segunda voz era ligeiramente familiar.

Mãos imensas o ergueram com a mesma facilidade com que um homem adulto ergueria uma criança, carregaram-no pela sala e o puseram sentado numa cadeira. As mãos não foram gentis. Jay teve que conter um grito.

— Abra os olhos, Sr. Ackroyd — disse a segunda voz.

Relutante, Jay o fez. O olho esquerdo estava inchado até quase fechar. A morte estava sentada diante dele, uma mesa antiga os separando.

— Dutton — conseguiu dizer por entre os lábios feridos. A morte assentiu.

Uma sombra pairou sobre Jay. Ele se forçou para virar a cabeça. Só quando se chegava tão perto da Estranheza é que se percebia como a filha da puta era enorme. Pôde ouvir a respiração difícil através da máscara de esgrima e sentir o peso daquele olhar implacável por trás da malha de aço.

— Você disse que não conhecia a Estranheza — disse Jay a Dutton.

— Menti.

Jay tentou pensar numa piada, mas sua mente não estava no clima. Fechou os olhos de novo e os forçou a se abrirem. Sentia como se a cabeça fosse explodir.

— Eu imagino… — disse — … imagino que você não tenha uma aspirina aí, né?

— John — chamou Dutton —, há um vidro de aspirina no meu banheiro. Você se importa em buscá-lo?

— Deixe doer — trovejou a Estranheza. — Ele não liga quando dói na gente, liga? Deixe ele sangrar um pouco.

— Entendo o sentimento — respondeu Dutton. — Mas queremos que ele coopere, afinal. Por favor.

Resmungando, a Estranheza passou pela porta do banheiro nos fundos do escritório. Jay ouviu o armário de remédios se abrir com um baque, depois o som de água espirrando na pia.

— Peço desculpas — disse Dutton. — O temperamento de John às vezes leva a melhor, e receio que ele não goste de você.

A Estranheza voltou com um punhado de comprimidos de aspirina numa das mãos e um copo d'água na outra. Com os pulsos ainda amarrados às costas, Jay pôde apenas abrir a boca. A Estranheza enfiou meia dúzia de aspirinas, depois levou a água aos lábios dele. Jay engoliu até começar a engasgar.

Aos grunhidos, a Estranheza se endireitou e ficou olhando Jay tossir em busca de ar. A mão direita do curinga, que segurava o copo, era grande e bruta, com pelos negros e ásperos cobrindo os nós dos dedos. A esquerda era muito menor e mais delicada, uma mão feminina, com unhas longas e pontudas. Sob a roupa preta e grossa, Jay pôde ver o volume dos seios.

— Obrigado — conseguiu dizer.

— Vá se foder — rosnou a Estranheza.

Jay se voltou para Dutton.

— Você sabia que eu viria — afirmou ele. Não era uma pergunta.

— Você ou alguém como você — confirmou Dutton. — Quanto Barnett está lhe pagando para trair seu próprio povo?

Por um momento, Jay pensou não ter ouvido direito.

— Barnett? — repetiu, grogue. — Porra, do que você tá falando?

— Não teste minha paciência, Sr. Ackroyd — disse Dutton com a voz cansada. — Por que os ases insistem em tratar os curingas como se fossem retardados ou crianças? Não cheguei aonde estou sendo estúpido.

— Você pode ser o cara mais inteligente do mundo, pelo que eu sei. Mas ainda está errado.

— Estou? — disse Dutton. — Então por que está aqui?

Jay hesitou.

— Você sabe que o paletó era o original?

— Sei. — Dutton o encarou com olhos fundos naquela cara amarela medonha. — Crisálida insinuou isso quando me entregou para incorporá-lo ao nosso diorama.

— É como em "A carta roubada" — disse Jay. — Esconda as coisas em plena vista, onde centenas de turistas vão vê-las todo dia e presumir que são só réplicas. Nada mau mesmo. Só que ela não disse por que queria esconder o paletó, disse?

— Não — confessou Dutton. — Realmente aguçou minha curiosidade, mas eu já havia aprendido a não pressionar minha sócia. Depois que ela morreu, ouvi a história toda.

— De nós — interrompeu a Estranheza. — Nós contamos para ele, naquela noite em que você nos trouxe até aqui. Vocês, ases, acham que os curingas têm merda no cérebro, mas desta vez vocês são a piada.

— Então você sabe sobre Hartmann? — perguntou Jay a Dutton.

— Que ele é um carta selvagem? E daí? Continua sendo a melhor esperança para nós, curingas. Sim, ele esconde a própria condição. Com o atual clima político, um homem são não tem outra escolha. O público jamais votará num carta selvagem, nem mesmo um latente, como Hartmann; não quando há uma chance de o vírus se manifestar e fazer dele um de nós. É por isso que Leo Barnett quer o paletó.

— Não estou trabalhando para Leo Barnett… — começou Jay.

— *Mentiroso* — rosnou a Estranheza. — Você está aceitando o dinheiro sujo dele para ajudá-lo a destruir Gregg.

— Vocês estão errados. Hartmann é um ás assassino, ele…

A Estranheza veio mais rápido do que Jay jamais poderia imaginar, agarrando-o pelo cabelo, batendo sua cabeça no encosto da cadeira e dando-lhe um tapa tão forte que fez os dentes rangerem.

— Cala a boca! Gregg é o único amigo que os curingas têm!

A boca de Jay se encheu do sangue que saía do lábio cortado. Ele o cuspiu fracamente na máscara de esgrima e gritou para Dutton:

— Você vai ficar aí sentado vendo a Santíssima Trindade aqui me bater até eu virar carne moída ou vai me escutar?

— Deixe-o, John — disse Dutton. — Quero ouvir o que ele tem a dizer.

Relutante, a Estranheza soltou o cabelo de Jay e se afastou da cadeira. O corpo enorme do curinga estremeceu. Os dedos da mão esquerda pareceram

engrossar, e os seios encolheram visivelmente.

— Eu nem *conheço* Leo Barnett — começou Jay.

— Você é um ás que vende seus serviços por dinheiro. Duvido que Barnett o tenha contratado pessoalmente. Contudo, você está trabalhando para a causa dele. Por que outra razão poderia querer o paletó?

— Aquele paletó foi o motivo do assassinato de Crisálida. E detesto mencionar isso, especialmente quando estou sentado aqui amarrado feito um peru de Natal, mas esse seu grande herói dos curingas está parecendo cada vez mais o autor da obra.

— Não é verdade — disse a Estranheza. A voz era mais suave que antes, mais gentil; sem dúvida uma voz de mulher. E agora era a mão esquerda a bruta e calejada. Os dedos da direita haviam ficado mais longos e perdido os pelos, e a pele adquirira um tom de chocolate escuro. — Por que iríamos querer machucar Crisálida?

— Porque Gregg Hartmann mandou, e você simplesmente *adora* o Senador Gregg, não é? — rosnou Jay.

— Gregg é um bom homem — respondeu a Estranheza. Jay achou que o curinga soava um pouco defensivo.

— A Estranheza não poderia ter matado Crisálida — disse Dutton com paciência. — Se você fosse um patrono das artes, Ackroyd, saberia que Evan é escultor. Antes, ele trabalhava com argila, bronze, mármore. Hoje em dia, esculpe cera. Mas Patti e John não têm esse talento, então Evan só consegue trabalhar durante os breves momentos em que sua mente e pelo menos uma de suas mãos emerge da Estranheza. Ele aproveita quando essas ocasiões aparecem, seja dia ou noite. — Dutton pareceu quase triste ao anunciar o inevitável: — Evan estava bem aqui na hora do assassinato, trabalhando numa nova Mistral para nossa Galeria da Beleza. Como fica sua teoria?

De repente, Jay tomou consciência da dor ofuscante atrás dos olhos. Só queria ir para casa e ficar doente.

— Merda — conseguiu dizer. — Então Hartmann deve ter mandado outra pessoa. Talvez Carnifex, Braun. Talvez esse tal de Doug Morkle, sei lá.

— Está atirando às cegas, Ackroyd — disse Dutton. Olhou para a Estranheza. — Por que não nos conta o que realmente aconteceu, Patti?

A Estranheza se voltou para Jay. Até mesmo a forma como o curinga se movia parecia diferente agora, sutilmente feminina.

— Nenhum curinga teria machucado Crisálida. Ela era uma de nós. O

assassino tinha que estar trabalhando para Barnett, procurando o paletó. Talvez ele estivesse só querendo forçar Crisálida a contar o segredo, mas tenha ido longe demais. — A Estranheza parecia completamente sincera.

— É mesmo? — responde Jay. — Dá para me dizer o nome do cara?

— Não há como ter certeza — disse a Estranheza, a voz feminina saindo de modo sinistro e assustador do corpo enorme e deformado. — Talvez Quasim. Ele é um pobre coitado, um simplório que faz o que lhe mandam e que deve a vida ao Reverendo Barnett. — A mão direita da curinga gesticulou graciosamente no ar. Era uma mão masculina, as unhas roídas até a raiz. — Ou talvez algum ás que se venda por dinheiro, como você.

— Está me dizendo que Crisálida morreu para proteger Hartmann porque ele é tão amigo dos curingas assim? — Jay olhou primeiro para Dutton, depois para a Estranheza. — Então, responde esta: se ela estava tão preocupada em guardar os segredinhos de Hartmann, *por que não destruiu o paletó um ano atrás*?

O sorriso perpétuo no rosto amarelado de Dutton se repuxou numa careta momentânea.

— Essa pergunta também me perturba — disse ele —, mas os planos da minha sócia eram muitas vezes sutis, e seus motivos, obscuros. Sem dúvida ela estava envolvida em algum jogo.

— Aquele paletó era o seguro de vida dela — afirmou Jay. — Agora que ela está morta, é hora de embolsar o valor.

— Você tem alguma ideia do que está acontecendo em Atlanta? — perguntou Dutton, com paciência. — Milhares de curingas foram para o sul para demonstrar pacificamente seu apoio a Hartmann. Foram recebidos com prisões, brigas de rua, ataques da Klan. Ontem quase houve um tumulto quando cem homens com uniforme dos Confederados atiraram na multidão. Barnett já tinha conseguido arrancar o couro da agenda dos direitos dos curingas, e, se for eleito, o bom reverendo mandará todos nós para campos de concentração. Muitas pessoas acreditam que Gregg Hartmann é a única coisa entre este país e o genocídio de curingas.

— Muita gente acreditava no Hitler também — retrucou Jay.

Dutton suspirou.

— Receio que esta conversa seja tão desprovida de sentido quanto a sua missão. Veja, na verdade não importa para quem está trabalhando, Sr. Ackroyd. O senhor chegou tarde. Por mais que eu deteste danificar um

artefato histórico genuíno, havia muito em jogo para aceitar qualquer risco. Retorne a quem está lhe pagando e diga que está acabado. Queimamos o paletó.

— Das cinzas às cinzas — disse a Estranheza. — Você não pode mais prejudicar Gregg.

— O sangue maculado se foi — afirmou Dutton. — E, se Deus tiver misericórdia, Gregg Hartmann será o próximo presidente dos Estados Unidos.

8h00

O Porão do Vazante ainda se encontrava tão lotado, tão escuro e tão fedorento como quando Brennan o descobriu, alguns dias antes. Atrás do balcão estava o mesmo barman, e a maior parte dos mesmos clientes se encontrava espalhada pelo salão, embora, desta vez, Pancada estivesse ausente. Alguns frequentadores cumprimentaram Brennan com jovialidade, e um deles perguntou se ele daria uns tapas em algum outro ás.

— Hoje, não — respondeu Brennan com um sorriso. — Só beber e conversar com um amigo.

Tripé estava empoleirado na borda de um banquinho em frente ao balcão, o formato da pelve tornando impossível sentar da maneira normal.

— O que vai ser? — perguntou o barman sem boca, a voz saindo áspera de um orifício na base da garganta.

— Uísque irlandês. Tullamore.

O barman continuou a esfregar copos com um trapo que Brennan não teria usado nem para assoar o nariz.

Brennan suspirou.

— Tudo bem. Escocês.

— Escocês a gente tem — respondeu o curinga, pegando a garrafa na prateleira de importados na parede e servindo uma dose.

Vazante espiou com cuidado de seu aquário.

— Como vai, grandalhão?

— Vou bem — respondeu Brennan, sacando um rolo de dinheiro do bolso e tirando uma nota de cinco.

— Ei — disse Vazante —, seu dinheiro não interessa aqui. Amigo do Vazante bebe de graça.

Brennan assentiu e pôs o dinheiro de volta no bolso.

— Obrigado. Vou me lembrar disso.

Pegou o drinque e se juntou a Tripé na outra ponta do balcão, onde ele bebericava um caneco de cerveja usando um canudo. O curinga perguntou, educado como sempre:

— E aí, Sr. Y?

— Alguma novidade? — indagou Brennan num tom de voz baixo.

Tripé franziu os lábios.

— Nada, Sr. Y. Revirei todos os cantos, mas Sascha sumiu, cara. Está escondido em algum lugar, e não consigo encontrá-lo.

Brennan assentiu e tomou um gole da bebida.

— Surgiu uma informação nova. Pode estar ligada ao assassinato, mas ainda não tenho certeza. Sabe de alguma coisa sobre uma droga chamada arrebate?

— Ah, sim. — Tripé assentiu. — Muito nova. Muito chique. Dizem que deixa tudo mais gostoso, sabe, melhor que nunca. Comida. Sexo. Outras drogas. Até dor.

— Dor?

— É. Tipo, um viciado pode se cortar com uma faca porque a sensação é bem gostosa. Mas não fica nada gostoso quando o efeito passa.

Brennan meneou a cabeça.

— Talvez Crisálida tenha descoberto alguma coisa sobre essa droga e por isso tenha morrido. Deve ter sido algo grande, algo terrível, não a simples informação de que a droga existe.

— Sabe — disse Tripé, pensativo —, a namorada de Sascha era viciada. Pelo menos, já encontrei com ela por aí com a boca azul.

— Namorada? Sascha tinha namorada?

— Tinha. Não sabia dela? Uma gostosona chamada Ezili Rouge. Não que ela seja muito próxima do ceguinho, porém. Ela tem um monte de namorados. Namoradas também. Ouvi dizer que ela gosta até de cachorrinhos e coisas do tipo.

Brennan franziu o cenho.

— É prostituta?

— Provavelmente. Tira grana de algum lugar e tem grana pra caramba.

— Sabe onde ela mora?

— Ei, ela não é das minhas. Mas eu topo com ela por aí. Cara de anjo mau. Uns olhos vermelhos esquisitos e um corpo que faria um santo querer pecar. Eu daria uma perna para experimentar. Mas é lógico que tenho mesmo mais pernas do que preciso.

— E a polícia? Ela já se envolveu com eles?

Tripé deu de ombros.

— Talvez. Ela gasta uma grana preta com droga. Imagino que a polícia

tenha ficado pelo menos interessada.

— Que tipo de droga?

— Todas. Se existe, ela já comprou. Heroína, crack, coca, ecstasy, calmante, maconha, remédio para PKD, pó de anjo, coisa chique tipo arrebate. Meu Deus, se metade do que dizem por aí for verdade, ela já comprou droga suficiente para deixar um exército inteiro chapado.

Brennan voltou a franzir o cenho. Talvez Sascha estivesse viciado em alguma coisa que o pusera sob o controle de Ezili. Talvez tivesse deixado escapar alguma informação para ela, que contara para Quincey, que contara para Vermis. Talvez, talvez, talvez.

— Que lugares ela frequenta?

— Tem alguns. — Tripé deu a ele os nomes de alguns clubes, nenhum dos quais tinha boa reputação.

Brennan terminou o drinque, deixou o copo no balcão e sorrateiramente largou duas notas de vinte no chão.

— Obrigado. — Virou-se para sair, parou e olhou novamente para Tripé, que estava guardando as notas no bolso do tornozelo com os dedos estranhamente articulados do pé do meio. — Mais uma coisa. Já ouviu falar de um ás chamado Doug Morkle?

— Morkle? Que raio de nome é esse?

Brennan balançou a cabeça.

— Bem que eu queria saber.

♥

A metade traseira do Dr. Finn parecia um pônei palomino; a metade frontal parecia jovem demais para lembrar um médico.

— O que aconteceu? — perguntou ele enquanto enfaixava as costelas de Jay.

— Eu estava procurando um paletó esportivo — respondeu Jay, rabugento.

— Lembre-me de nunca contratar o seu alfaiate — respondeu o médico, terminando o enfaixe. — Pronto. Como está?

— Apertado — reclamou Jay. Encolheu-se de dor ao tentar dobrar o braço. — Fica difícil me mexer.

— Ótimo. Eu não ia querer que o senhor se mexesse muito até essa costela calcificar. Teve muita sorte, Sr. Ackroyd. Mais alguns centímetros e o osso poderia ter furado um pulmão.

— E a minha cabeça?

— A radiografia mostrou apenas uma leve concussão — respondeu Finn. — Nada com que se preocupar, desde que o senhor pegue leve.

— Se não tem como, eu como. Mas vou ficar sem dançar um tempo.

— Que pena. — Finn sorriu e deu uma sapateada rápida com as quatro pernas. — Dançar é ótimo. Eu sou um pé de valsa.

— Aposto que sim. Posso tomar algum analgésico? Estaria morrendo de dor de cabeça se não estivesse tão distraído com a costela.

Finn tirou um bloco do bolso e rabiscou uma receita.

— Tome — disse, arrancando a primeira página e entregando-a para Jay. — Isso deve ajudar.

— Obrigado. — Jay pulou da mesa de exame. Não devia ter feito isso, e a costela quebrada o avisou na mesma hora. — Ai, merda — resmungou, cerrando os dentes.

— Melhor não ficar se jogando por aí desse jeito — recomendou Finn, um tanto animado demais para o gosto do detetive. — Também acho melhor evitar dirigir. Tem carona para casa?

— Vou pegar um táxi — respondeu ele. Charles Dutton o havia levado até a clínica, depois de garantir que Jay não tinha mais nada de valor para lhe contar, mas não imaginava que o curinga teria ficado aguardando na sala de espera. Mesmo se tivesse, Jay achava que já passara tempo suficiente com Dutton e a Estranheza por aquele dia. — Foi você quem fez a autópsia de Crisálida, não foi?

— Fui. A polícia sempre nos chama para fazer as autópsias dos curingas. O médico-legista acha que não está qualificado para lidar com nossa fisiologia única. — O pequeno centauro desviou o olhar e remexeu as patas, pouco à vontade. — Uma coisa horrível. Vemos muitas vítimas de assassinato aqui na clínica, e nunca é bonito, mas o jeito como o corpo dela foi destroçado… — Finn balançou a cabeça.

— Pois é. — Jay tocou o rosto ferido e inchado, pensando que sabia exatamente como ela devia ter se sentido.

17h00

Brennan acordou ainda ensopado de suor e entorpecido de um sonho difuso no qual todos os seus amigos e suas amantes eram mortos lenta e excruciantemente por uma agência invisível que ele não tinha o poder de impedir. Ficou um tanto aliviado ao ver Jennifer sentada na única cadeira do quarto, ouvindo distraidamente o transmissor que tinham plantado em Quasim. Ao ouvir Brennan se espreguiçar, virou-se para olhá-lo se sentar e passar as mãos pelo cabelo.

— Já era hora de você acordar — disse ela. — Estou sofrendo de tédio terminal ouvindo Quasim passando o dia dele aos tropeços.

— Nada que o ligue ao assassinato?

Ela balançou a cabeça.

— Ou ele é muito esperto, e disso eu francamente duvido, ou não tem conexão nenhuma com Barnett.

— O que ele fez hoje?

— Levantou cedo. Custou um tempo para entender como usar o esfregão, então lavou o piso da igreja. Subiu no telhado para fazer uma pausa e se esqueceu de descer. Padre Lula o chamou para lembrá-lo de aparar a grama do cemitério. Essa foi difícil. Quando ele se entendeu com o cortador de grama, já era hora do almoço. Passou a tarde cortando e aparando. Houve um momento em que o transmissor apagou por 45 minutos. Acho que acompanhou Quasim a qualquer que seja a dimensão alienígena para onde ele escapa. Se quer saber, aposto que ele é exatamente o que aparenta. Um faz-tudo da igreja, doce e extremamente doente.

— Pode ser. — Brennan pegou o jeans do chão e o vestiu, depois procurou na cômoda uma camiseta limpa. — Tripé me deu uma pista sobre Sascha hoje de manhã. Parece que ele tem uma namorada…

Parou e olhou para o envelope branco e simples que jazia no carpete gasto do quarto, junto à porta.

— Há quanto tempo aquilo está ali? — perguntou a Jennifer.

Ela se virou, olhou para o envelope e franziu o cenho.

— Não sei. Não tinha notado isso.

Brennan atravessou o quarto e pegou o envelope. Não tinha selo nem endereço. Abriu e olhou para o único pedaço de papel que continha, com uma mensagem rabiscada numa letra infantil e familiar.

“Sinto muito pelo que aconteseu antes”, dizia. “Só quero ajuda vose. Se quize acha um visiado de verdade, procura no Chickadees.”

— Droga — resmungou Brennan consigo mesmo. — Mas que diabo é isso aqui?

18h00

— Minha nossa — disse Digger. — O que aconteceu com a sua cara?

Jay fechou a porta do escritório depois de entrar e olhou para o repórter. Digger estava com quase vinte centímetros de altura. Dentro de mais alguns dias, seria capaz de passar por anão.

— Estou disfarçado como um cara que apanhou pra cacete — respondeu. Andou lentamente pelo escritório e se sentou. O rádio tagarelava alguma coisa sobre a convenção. Fazia sua cabeça doer ainda mais. Ele o desligou.

— *Meu Deus*, dói só de olhar pra você — comentou Digger. — Sabia que metade da sua cara está roxa?

— Que bom que eu não uso gravata. As cores não combinariam.

— Não se preocupe. Daqui a um dia ou dois o inchaço vai diminuir, e aí o machucado fica verde. — Downs falou como se tivesse experiência naquilo; às vezes, o público não valorizava os jornalistas valentes. — Mas que diabo, por onde você andou?

— Dormindo — disse Jay. Os analgésicos o deixavam grogue.

— *Dormindo?* Meu Deus, Ackroyd. Está rolando a maior pancadaria em Atlanta, Hartmann está a uns trezentos votos da candidatura, e você resolve tirar uma soneca?

— Downs — avisou Jay —, eu acabei de acordar, minha cabeça parece recheada de algodão e devo ter uma concussão e uma costela rachada, mas não me atrevo a tomar mais nenhum analgésico porque não consigo pensar direito quando tomo, e eu perdi a porcaria do paletó, então, se você não calar a porra da boca *agora*, vou te jogar lá no Holland pra brincar no meio dos carros, falou?

Digger fez um barulho esquisito, como se naquele instante tivesse visto sua avó idosa ser atropelada por um caminhão.

— *Você perdeu o paletó!* — berrou ele.

Jay suspirou.

— Dutton destruiu a maldita roupa antes que eu pudesse pegar — contou, cansado.

— Jesus. — A vozinha irritada de Digger estava em pânico. —

MeuDeusMeuDeusMeuDeus, o que é que a gente vai *fazer*?

— Estamos ficando sem opções — admitiu Jay. — Para não dizer sem tempo. — Tentou pensar. Não era fácil, com a cabeça latejando daquele jeito. — Olha, talvez Kahina tivesse mais alguma coisa além do paletó. Exames de sangue. Cartas. Qualquer coisa. Eu sei, é um tiro no escuro, mas o que mais poderia haver? O que você sabe sobre ela?

— Pesquisei um pouco depois… depois que ela morreu — contou Digger. — Coisa discreta, sabe? Não queria mexer em vespeiro. A menina tinha entrado no país ilegalmente, disso eu sei. Com o histórico dela, achei que não tinha conseguido entrar sozinha, então devia ter recebido ajuda, mas quem quer que tenha feito isso era profissional; cobriu os rastros dela direitinho.

— E depois que ela chegou aqui?

Digger deu de ombros.

— Estava morando no Bairro dos Curingas com um nome falso. Você devia ter visto onde ela ficou; o lugar era uma espelunca. A menina tinha coragem, tenho que admitir, mas não sabia direito o que estava fazendo. Não poderia ter chamado mais atenção nem se quisesse. No dia em que chegou, estava usando uma daquelas coisas pretas muçulmanas, sabe, como é o nome… xador. Trocou por roupas americanas bem rapidinho, mas não ajudou muito, porque ela ainda era a única limpa no hotel, e era óbvio que simplesmente *odiava* os curingas.

— Então, que diabo ela estava fazendo trabalhando com Gimli e Crisálida? — perguntou Jay bruscamente.

— Ela *não* estava trabalhando com Crisálida. Isso foi ideia de Gimli, mas Kahina foi contra até o fim. Eles tiveram uma briga enorme por causa disso. Brigavam o tempo todo. Religião, política, estratégia, não concordavam em nada. — Ele deu de ombros. — A política cria umas alianças estranhas, né?

Jay fechou a cara.

— Como é que você sabe de tudo isso?

— Crisálida me contou — confessou Digger. — Alguém vazou toda essa conspiração de Gimli, e você sabe como era: se alguma coisa vazasse em algum lugar no Bairro dos Curingas, pode apostar essa bundinha bonita que Crisálida logo ficava sabendo.

— Pois é — concordou Jay, pensativo. Levantou-se devagar.

— E aonde você vai agora? — perguntou Digger.

— Bairro dos Curingas. Estou com vontade de checar com meus próprios olhos o último endereço conhecido de Kahina.

19h00

Brennan deu uma olhada no interior do Chickadee's, desamparado, perguntando-se o que fazer agora que estava aqui, sozinho. Jennifer o esperava do lado de fora, já que este não era o tipo de clube onde ela podia entrar sem chamar atenção. Brennan foi até o balcão e pediu um uísque irlandês. Estava remexendo o copo em silêncio, deixando os pensamentos rastejarem preguiçosos e infrutíferos pela mente, quando uma voz arrastada e bêbada disse:

— Você era o amigo da minha garotinha.

Olhou ao redor, irritado; olhou de novo e fixou o olhar. O homem que havia falado parecia Joe Jory, mas tinha mudado. O queixo praticamente sumira. O nariz se transformara num focinho de porco, e incisivos de cinco centímetros se projetavam da boca num sorriso irremediável. Os olhos estavam inchados e vermelhos, como se ele tivesse passado horas bebendo. Ou chorando.

— O que aconteceu? — perguntou Brennan.

Jory deu de ombros, conformado, como se nada mais importasse.

— Não sei. Fui a um bar na noite passada. Era num beco, e o porteiro estava todo vestido de preto. Ele deu um sorriso muito estranho e disse que me deixou entrar sem pagar, nadica de nada. Contei a algumas pessoas lá dentro sobre a minha garotinha, sobre como ela tinha sido linda e o que o vírus tinha feito com ela. Me trouxeram uns drinques e me disseram que sentiam muito por minha filha ser curinga e me mandaram contar isso para todo mundo. Subi num palco e contei para todo mundo como isso era horrível, e que não tínhamos curingas em Oklahoma, e as pessoas *riram* de mim. Riram e riram e alguém gritou: "Agora tem!", e um leão de chácara feioso me expulsou do bar. Fui para outro lugar e as pessoas continuaram rindo de mim, e percebi que alguma coisa horrível tinha acontecido, como se alguém tivesse colocado uma máscara na minha cara e eu não conseguisse tirar. Bebi até desmaiar e de manhã voltei para o bar para mandar eles devolverem a minha cara e eu poder voltar a ser gente de verdade, mas o bar tinha *sumido*. Não estava lá…

A voz se desmanchou em soluços violentos, e, apesar de tudo, Brennan se viu com pena do homem aturdido que estava como peixe fora d'água ali. Jory esbarrara com um lugar do qual Brennan só ouvira rumores: o Joker's Wild, no Beco do Rato, onde os mortos perdem os ossos; onde ninguém que entra está a salvo; onde a maioria dos que entram muda, e nunca para melhor.

— Me ajude… — soluçou Jory.

— O que quer de mim? — perguntou Brennan em tom baixo.

— Me devolve a minha cara — pediu ele, mas Brennan balançou a cabeça.

— Não posso fazer isso — disse na mesma voz suave.

— Então me paga uma garrafa. Levaram todo o meu dinheiro ontem de noite. Todo o meu dinheiro e a minha cara.

Brennan olhou para ele por mais um momento, depois sinalizou para o barman e deixou uma nota de vinte no balcão. Quando a garrafa veio, Jory a agarrou junto ao peito e debandou dali. Brennan o observou até desaparecer no salão lotado. Foi quando viu a garota com a boca azul.

Ela estava com um homem ao lado do balcão, bebendo com ele e rindo um pouco alto demais sempre que ele falava. Estava parada tão perto dele que os joelhos nus pressionavam a coxa do homem, e ela brincava com o cabelo dele, enrolando-o em pequenos caracóis frouxos com o dedo do meio. Brennan achou que ela parecia familiar; percebeu então que era Lori, a recepcionista que o escoltara até a suíte de Quinn na noite em que o Esquimó dava sua festa de inauguração do arrebate. Ela fora uma das voluntárias que haviam demonstrado como era seguro e fácil consumir a droga.

Brennan pegou seu uísque e foi até o balcão. Parou diante do homem, cercando-o de forma a obrigá-lo a levantar a cabeça. Sorriu para ele.

— Eu gostaria de falar com a moça.

O homem pareceu prestes a discutir, mas pensou melhor.

— Claro, meu chapa — disse ele. — Tem muitas gatas por aqui.

Deslizou do banco, e Brennan tomou seu lugar. Lori observou o cliente escapulir, depois voltou a atenção para Brennan. As gengivas e a língua azul tornavam seu sorriso sinistro em contraste com os dentes brancos e os lábios vermelhos.

— Você parece do tipo que gosta de se divertir — disse ela, esperançosa. Era óbvio que não tinha reconhecido Brennan, o que era perfeitamente compreensível, já que ele usara uma máscara de Mae West da última vez.

— Gosto.

— Que bom. — O sorriso dela se ampliou, os olhos brilhando mais. — Vamos subir, gato. Posso te mostrar uma coisa que você nunca viu antes.

— Sério?

— Claro. Confia em mim. — Ela fez Brennan descer do banco. A palma das mãos estava suada, e o corpo tinha um odor vagamente azedo, um cheiro de transpiração afogado em água de colônia barata.

O quarto dela era um cubículo com uma cama mal-arrumada. Lori fechou a porta depois que os dois entraram e sorriu com falso recato para Brennan.

— Não vamos deixar os negócios atrapalharem, gato. Aí poderemos ser amigos. Agora — continuou Lori, depois que ele assentiu —, vai custar cem. Mas por apenas 150 posso te dar uma coisa muito especial. Muito diferente.

— O que é? — perguntou Brennan.

Ela já estava abrindo a gaveta da cômoda atravancada e bamba.

— O nome é arrebate, gato, e é simplesmente o paraíso.

Ela ergueu um frasquinho de pó azul, muito parecido com aquele que Brennan vira na noite da festa. Mas, assim que o tirou, pareceu ficar obcecada por ele. Olhava para o frasco com uma expressão cada vez mais abismada, e as mãos começaram a tremer um pouco. Abriu a tampa e fitou a droga como se fosse a chave do reino.

— O que isso faz? — perguntou Brennan, observando-a com atenção.

— O que faz? — Como se não pudesse resistir mais, ela mergulhou o dedo indicador no frasco e o levou à boca, esfregando-o habilmente nas gengivas já manchadas. Sorriu e chupou delicadamente o dedo agora colorido, como se o tivesse molhado em algum tipo de molho delicioso. — Isso aqui deixa tudo tão fresco e gostoso e *delicioso*. Deixa eu esfregar um pouquinho no seu pau, gato, vai ser uma coisa do outro mundo.

— É perigoso?

Lori riu e balançou a cabeça.

— De jeito nenhum. Eu já uso há semanas. — Ela se aproximou e sorriu, confiante. — Eu e o cara que fabrica somos *assim* — disse, esfregando os dois indicadores.

— Aposto que são. — Brennan se aproximou, e ela sorriu num êxtase desfocado, baixando a mão para o gancho da calça dele e mexendo ali em busca do zíper. Ele sorriu. — Não, obrigado — disse, tomando rapidamente o frasco de arrebate dela.

— Ei!

— Por que não podemos fazer sem esse tal arrebate? — perguntou.

— Porque é muito bom com ele.

— Eu gosto normal.

— Mas é melhor, sério mesmo — insistiu ela, numa agitação crescente.

Ele se lembrou do que Quincey dissera alguns dias antes: era tão bom que fazia uma prostituta gostar de sexo.

— E como é sem o arrebate? — perguntou, mantendo o frasco longe enquanto ela tentava alcançá-lo.

— Como sempre — cuspiu Lori. — Chato. Sem graça. Morto.

— E a comida? Como fica sem uma dose?

Ela fez uma careta.

— Papelão e cola. Adubo podre.

— Vinho? Champanhe?

— Água morna com merda flutuando. Me dá isso!

Brennan segurou o frasco numa altura acima dela, balançando a cabeça.

— Preciso disso. Tenho um amigo que talvez queira dar uma olhada.

— Eu vou gritar! — disse ela.

Brennan balançou a cabeça novamente.

— Não vai, não. Eu vou lhe dar uma dose, depois vou amarrá-la e você pode dizer a todo mundo que eu roubei.

— Me dá duas doses. Uma para mais tarde — arfou ela.

— Claro.

Lori assentiu freneticamente e virou-se novamente para a cômoda. Deu a Brennan uma caixinha de estanho na qual ele colocou uma dose do pó. Então, ela lhe entregou um pequeno espelho. Ele fez uma carreira de pó, e ela tirou um canudo de algum lugar e aspirou a droga com uma longa fungada, inclinou-se para trás e sorriu.

— E como é quando você usa desse jeito? — perguntou ele, curioso.

— Pensamentos bons — respondeu Lori, sonhadora. — Só pensamentos bons.

Ele assentiu e a conduziu até a cama. Ela se sentou, obediente, enquanto ele rasgava o lençol em tiras, amarrava e amordaçava a mulher. Saiu do quarto imaginando que tipo de pensamentos ela teria depois que o efeito passasse.

22h00

Digger Downs estava certo num aspecto: o hotel onde Kahina havia passado as últimas semanas de vida era mesmo um lixo.

Meia dúzia de curingas idosos estava sentada no lobby, olhando uma antiga TV Philco em preto e branco enquanto esperavam a morte. Quando Jay entrou, todos o fitaram com olhos turvos e indiferentes. Ninguém falou. Assim como o lobby, os curingas fediam a podridão.

A recepcionista da noite era uma mulher robusta de uns 60 anos com o cabelo preso num coque. Tinha hálito de gim e não sabia nada sobre nenhuma garota árabe, mas ficou perfeitamente disposta a deixar Jay dar uma olhada nos registros depois que ele ofereceu uma nota de dez.

Os registros estavam na mesma péssima condição que o restante do prédio. Porém, depois de trinta minutos vasculhando as fichas de registro e os livros-caixa de maio a junho de 1987, Jay encontrou o que procurava. Ela tinha pagado dois meses adiantados, em dinheiro, por um quarto no terceiro andar. Menos de três semanas depois, o mesmo quarto fora alugado para outra pessoa, registrada apenas como Stig.

Jay mostrou as fichas e o livro para a recepcionista.

— Ela — disse ele, apontando para o nome.

O canto de outra nota de dez dólares estava visível debaixo da ficha; fez maravilhas com a memória da velha.

— Ah, sim, ela era a bonita. Só a vi uma ou duas vezes, achei que parecia meio judia. Quer dizer que era árabe?

— Síria — corrigiu Jay. — O que aconteceu com ela?

A mulher deu de ombros.

— Eles vêm e vão.

— Quem é esse Stig?

— Stigmata — disse a mulher, fazendo uma careta. — Nojento. Fico doente só de olhar para ele, mas Joe, ele diz que até os curingas precisam de um lugar para ficar. Se dependesse de mim… Sinceramente, essa gente é que nem bicho. De qualquer forma, Stig não pagou o aluguel, e Joe colocou ele no olho da rua. Já foi tarde. Então alugamos o quarto dele para a garota árabe.

Mas aí, umas semanas depois, Stig veio com o dinheiro que devia e disse que queria o quarto de volta. Não víamos aquela menina fazia uma semana, mais ou menos, então deixamos ele voltar.

— A mulher deixou algum pertence?

— Algum *o quê*?

— Alguma coisa — respondeu Jay, impaciente. — Cartas, documentos, passaporte. Bagagem. Roupa. Ela simplesmente desapareceu um dia, não foi? O que vocês encontraram quando arrumaram o quarto dela?

A recepcionista lambeu o lábio inferior.

— É, agora que parei para pensar, ela tinha umas coisas. — Observou-o com ganância. — O senhor é da família? Acho que não posso entregar as coisas dela se não for para a família. Não seria certo.

— Claro que não. Mas acontece que o Sr. Andrew Jackson é um parente muito próximo dela.

— Hã? — disse a mulher, com um olhar confuso.

Jay soltou um suspiro profundo e cansado.

— E se eu te der vinte pratas pelas coisas dela? — propôs.

Isso ela entendeu na mesma hora. Tirou uma chave do suporte atrás de si e levou Jay até um porão úmido e frio. Havia uma dúzia de caixas de papelão empilhadas de qualquer jeito atrás do aquecedor de água, cada uma marcada com o número de um quarto. As caixas de baixo estavam verdes de tanto mofo e um pouco amassadas, os números quase ilegíveis, mas o legado de Kahina estava no topo.

Ele abriu a caixa num canto deserto do lobby. Não havia muita coisa: uma edição em inglês do Corão, um mapa das ruas de Manhattan, um exemplar de *A construção do Presidente 1976*, com os capítulos sobre Gregg Hartmann cheios de orelhas e trechos sublinhados, umas poucas peças de roupa e uma caixa de Tampax. Jay sondou o conteúdo duas vezes antes de levar a caixa de volta à recepção.

— Cadê o resto?

— É só isso. Não tem mais nada.

Jay bateu a caixa com força no balcão. A mulher pulou, e ele se encolheu quando a costela quebrada o fez pagar pelo gesto.

— Você tem quarenta dólares que eram meus e tudo o que eu tenho é uma caixa de lixo. Está me dizendo que essa mulher fugiu da Síria sem nada além de uns absorventes num caixote? Porra, dá um tempo! Cadê a bagagem

dela? Cadê as roupas? Ela não tinha dinheiro, joias, uma carteira ou um passaporte… *Qualquer coisa?*

— Nada — respondeu a velha. — Só encontramos o que está na caixa. Esses curingas não cuidam das coisas deles como a gente. O jeito como eles vivem é nojento.

— Me mostra o quarto dela.

Os olhos da mulher se estreitaram.

— O que ganho com isso?

Chega. Jay fez uma arma com os dedos e apontou.

— Tcharã — disse ele, mandando-a para o meio da pista do Freakers.

A atração da noite de quinta era a das curingas lutando peladas na lama. Esperava que a mulher estivesse em melhor forma do que parecia.

O leve estalar do desaparecimento fez vários curingas do lobby olharem em sua direção. Se estavam imaginando o que Jay fazia atrás do balcão, remexendo nas chaves, não se incomodaram o bastante para tentar impedi-lo.

É claro que não havia elevador no prédio. Jay subiu penosamente três lances de escada, grato por não serem cinco, e depois percorreu o corredor mal iluminado até encontrar a porta certa. A cabeça latejava, e ele sentia uma dor filha da puta num dos lados do tronco. Percebeu luz vazando pela janela da porta e o som de uma televisão no interior. Jay já estava com um humor dos diabos. Não se deu ao trabalho de bater.

Quando empurrou a porta, o único residente do quarto pulou da cama, alarmado.

— O que você quer?

O recinto estava quente, sufocante, sem nem sinal de brisa vindo da janela aberta. O curinga esquelético e de aspecto fraco usava uma bermuda cinza que talvez já tivesse sido branca. Tinha um trapo preto amarrado em torno da têmpora, como uma bandagem tosca. A palma das mãos também estava enfaixada em preto, assim como a sola dos pés. Faixas mais largas de tecido preto davam várias voltas no abdômen. As bandagens estavam encrustradas de sangue seco. Havia mais coágulos no cabelo ralo, além de uma mancha marrom-avermelhada na frente da bermuda.

Jay sentiu a raiva se esvair.

— Preciso te fazer umas perguntas, Stig — disse ele.

Stigmata o olhou, desconfiado.

— Perguntas? Só isso?

Quando Jay confirmou, o curinga pareceu relaxar. Esticou a mão em direção à TV. Era uma Sony grande e nova, colorida. Stigmata desligou o som, mas as imagens continuaram a passar. Na tela, um homem caía, braços e pernas girando enquanto desabava, despencando andar por andar, até o amplo poço de algum prédio. Uma luz dourada se espalhava ao redor dele em sua queda.

Jay ficou olhando.

— Esse é Jack Braun — disse ele.

Sem ser convidado, sentou-se na beira da cama.

— Apareceu um assassino — comentou Stig, quase ansioso. — Você não soube? Deu em todos os canais. Um ás. Jogou o fracote direto da sacada.

Jay ficou frio de medo. Golden Boy era o mais próximo de um ás invencível que já se vira, mas uma queda daquela altura…

— Ele morreu?

— Dan Rather disse que o gordo salvou ele. Fez o sujeito ficar leve.

— Hiram. — Jay soltou um suspiro de alívio. Hiram e seu poder de gravidade. Jay estivera lá na noite em que o Astrônomo tinha jogado Nenúfar do topo do Empire State Building. Hiram havia salvado a vida dela, tornando-a mais leve que o ar. Agora, parecia ter feito o mesmo.

— O assassino… — começou Jay.

— Era tipo uma motosserra. Aposto que estava atrás de Hartmann. — A voz do curinga ficou amarga. — Não vão deixar ele vencer. Espera só para ver. Vai ser o Barnett ou um dos outros filhos da puta. Queria que eles todos comessem merda e morressem. Eles não ligam pra gente. — Ficou zangado só por falar disso. — O que você quer, afinal? — exigiu saber. — Não tem o direito de entrar aqui assim. Vocês, limpos, acham que podem entrar em qualquer lugar. Aqui é o *meu* quarto.

— Eu sei — respondeu Jay em tom conciliador. — Olha, preciso saber umas coisas sobre a mulher que estava neste quarto antes de você…

Stig nem lhe deu a chance de terminar.

— Já era meu quarto antes! — interrompeu ele. — Eles me enxotaram só porque eu atrasei uns meses. Fiquei aqui por nove anos, e simplesmente me chutaram e deram meu quarto para outra pessoa. A assistência social é que fez merda, não foi culpa minha não ter dinheiro. Me chutaram do meu próprio quarto e tomaram as minhas coisas, onde é que eu ia ficar?

— A mulher — disse Jay, tentando fazê-lo esquecer a injustiça do mundo

e voltar ao assunto Kahina. — Você sabe quem era?

Stigmata se sentou na cama e examinou uma das mãos, cutucando o tecido preto e manchado de sangue.

— Ela era uma de nós. Não parecia curinga, mas era, tinha uns ataques. Vi um deles. — Olhou para Jay. — O que aconteceu com ela?

— Foi assassinada.

Stig desviou o olhar.

— Outra curinga morta — disse. Os dedos esqueléticos brincaram com a bandagem na palma da mão, arrancando o sangue seco. — Quem liga para outra curinga morta?

— O que aconteceu com as coisas dela? — perguntou Jay.

Os olhos do curinga piscaram nervosamente, encontraram os de Jay e voltaram a se desviar.

— Pergunta lá embaixo. Aposto que eles pegaram. Tomaram as minhas coisas também. Nove anos aqui, e eles me botam na rua e roubam as minhas coisas, isso não é certo.

Os dedos brincavam com as crostas o tempo todo.

— Você está meio nervoso, né? — perguntou Jay.

Stigmata se levantou de um salto.

— Não estou! Não tenho que responder a essas perguntas. Quem você pensa que é? Este é o Bairro dos Curingas. Vocês não têm nada que vir aqui, seus limpos desgraçados!

Jay olhava para as mãos dele. As bandagens. Tecido de algodão, tingido de preto, rasgado em tiras para enfaixar as feridas.

— Não sou limpo — disse ele numa voz propositalmente gelada. — Sou um ás, Stiggy. — Fez uma arma com os dedos.

Gotículas de umidade cor-de-rosa escorreram pela testa de Stigmata; sangue misturado com suor.

— Eu não fiz nada — disse o curinga, mas sua voz vacilou no meio da frase.

— É uma bela TV — disse Jay. Na tela havia um retrato falado do assassino, feito pela polícia: um adolescente magricela e corcunda com roupa de couro. — Como é que você pagou por essa TV, Stig? Parece cara. Onde arranjou dinheiro para pagar o aluguel atrasado, Stig?

Stigmata abriu e fechou a boca.

— Os muquiranas que são donos desta espelunca nunca trocam as

fechaduras, né? — sussurrou Jay.

O olhar de Stig foi a única confirmação de que precisou. O curinga recuou, afastando-se dele. Alguns ases podiam disparar fogo das mãos, lançar raios, espirrar ácido. Stigmata não tinha como saber o que os dedos de Jay podiam fazer.

— Ela tinha ido *embora* — gemeu ele. — Eu nunca machuquei ela. Por favor, senhor, é verdade.

— Não, você nunca a machucou. Só a roubou. Você ainda estava com a chave. Então, depois que ela morreu, você simplesmente veio aqui e se esbaldou. Ela devia ter um baita bolo de dinheiro. O suficiente para pagar seu aluguel atrasado e comprar uma TV nova, não é? O que mais ela tinha? Bagagem, joias, *o quê*?

Stigmata não respondeu.

Jay sorriu, mirou e posicionou o polegar como o cão da arma.

— Nada de joias — respondeu Stigmata, enquanto bolotas de sangue deixavam rastros em sua testa. — Só as malas e um monte de roupas, só isso. Eu juro, é verdade. Por favor.

— Cadê as coisas? — perguntou Jay.

— Eu vendi. Era tudo roupa de mulher, não servia para mim, vendi. As malas, também.

Era a resposta que Jay esperava.

— Pois é — continuou ele, enojado. — Faz sentido. Você vendeu. A não ser os xadores. Não tem muito mercado para xador no Bairro dos Curingas, né? Então você ficou com eles. — Apontou para as mãos do curinga. — Ela devia ter vários, porque você ainda está rasgando e fazendo bandagens um ano depois.

Stigmata assentiu com um gesto mínimo, culpado.

Jay suspirou e pôs as mãos nos bolsos.

— Não vai me machucar? — disse Stig.

— Nada que eu pudesse fazer com você te machucaria mais do que o carta selvagem já machucou. Seu filho da puta patético.

Jay se virou para sair. Já estava com a mão na maçaneta quando o curinga, por algum senso estranho de alívio ou gratidão, disse:

— Tem mais um negócio. Pode ficar com ele, se quiser. Não quiseram pagar nada por ele no bazar de caridade.

Jay se virou.

— O que é? — perguntou, impaciente.

— Um paletó esportivo — respondeu Stig. — Acho que não é o seu tamanho, mas não presta mesmo. Tem um buraco no ombro, e alguém espirrou sangue nele.

— Sangue?

Stigmata deve ter pensado que ele ficara zangado.

— Não fui eu! — acrescentou rapidamente.

Jay poderia tê-lo beijado.

23h00

Maseryk parou enquanto entrava no apartamento com a mão ainda no interruptor de luz, olhando para a sala de estar escura com os instintos fortemente aguçados de um caçador.

— Espero que não se importe de eu entrar assim — disse Brennan, no sofá —, mas é hora de trocarmos informações de novo.

Maseryk ligou a luz e bufou.

— Não te vi por quase quinze anos e agora não consigo me livrar de você.

— Tenho uma coisa que você vai querer ouvir. Garanto.

O policial suspirou e balançou a cabeça. Fechou a porta e ficou de costas para ela.

— Tudo bem — disse ele. — Vou morder a isca.

Brennan o fitou atentamente. Seu humor parecia soturno e carrancudo até mesmo para Maseryk. Os olhos estavam afundados, e havia olheiras escuras sob eles. Brennan concluiu que a investigação sobre o assassinato de Crisálida provavelmente não andava muito bem.

— Já ouviu falar de uma mulher chamada Ezili Rouge?

— Ezili Rouge? O que ela tem a ver com isso?

— Então já ouviu falar dela. Sabe o endereço dela?

— Por acaso eu tenho cara de lista telefônica?

— Bom, sabe alguma coisa sobre ela? A ficha dela é limpa?

— Limpa? Meu Deus, acho que sim. Tirando o fato de que todo homem que a olha tenta ficar com ela, e a maior parte fica, pelo que eu soube, ela é pura como a neve que acaba de cair.

— Tem certeza? — perguntou Brennan.

— Tenho, sim — resmungou Maseryk. — Verificamos o histórico dela quando chegou à área. Os meninos tiraram no palitinho pra ver quem teria o privilégio. Não há nada criminoso.

— Alguém confiável fez a verificação?

— Claro. Meu parceiro, Kant.

Pura como a neve que cai?, pensou Brennan. Não fora exatamente o que

Tripé lhe contara. Alguma coisa não fazia sentido. Ou Kant não era tão bom policial quanto Maseryk pensava ou não era confiável.

— Tá certo — rosnou Maseryk. — Qual é a grande revelação que deveria me deixar todo animado?

Brennan tirou do bolso do jeans e jogou para o policial o frasco de arrebate que havia tomado de Lori.

— Sabe o que é isso?

Maseryk grunhiu.

— Pela linda cor azul eu diria que é uma nova droga chique que chegou às ruas esta semana. A maior parte das outras amostras que conseguimos pegar era impura. Misturada com todo tipo de coisa, de leite em pó a estricnina.

— Você já sabe que esta droga amplia as sensações. Comida, bebida, sexo… A ideia é transformar tudo numa experiência de puro êxtase.

— É, sabemos de tudo isso.

— O que não sabem é do efeito colateral — declarou Brennan. — Depois que se usa essa coisa por algumas semanas, ela passa a ser *viciante*. Viciante de verdade. Tudo o que se faz sem ela, comida, sexo, o que seja, passa a ser insípido e desinteressante. Ou pior, repulsivo.

Maseryk suspirou e se recostou na poltrona.

— Então, vicia assim tão rápido?

— Vicia horrivelmente. Pode confirmar isso com uma garota do Chickadee's chamada Lori. É fácil encontrá-la. Está com a boca azul por usar esta merda. Parece que foi uma das cobaias humanas de Quincey, então está usando há mais tempo do que a maioria.

— Quanto tempo até o vício se enraizar?

Brennan deu de ombros.

— Não sei. Poucas semanas, talvez.

— Bom, essa é uma notícia valiosa. Torna mais difícil o que preciso fazer.

Maseryk cravou o olhar no de Brennan, que retribuiu franzindo o cenho.

— O que é, Maseryk?

O policial suspirou e balançou a cabeça.

— Você bem que poderia ter deixado as coisas como estavam. Não conseguiu continuar aposentado, não é? Tinha que voltar e bancar o vigilante outra vez.

Brennan subitamente entendeu.

— Ackroyd contou a você que eu sou Yeoman.

Maseryk assentiu.

— Eu deveria ter adivinhado depois da nossa última conversa. Acho que até sabia, mas não queria pensar no assunto. Aí aquele detetive desgraçado esfregou isso na nossa cara. Agora temos que prender você.

— Não, não têm — respondeu Brennan, em voz baixa.

— É o meu trabalho. Tenho certeza de que você entende.

Brennan aquiesceu.

— Reconheço que você tem deveres. Espero que perceba que eu também tenho.

Maseryk se levantou e ficou reto, longe da porta.

— Não vamos chegar a esse ponto — disse ele.

Jennifer atravessou a parede perto de Maseryk, silenciosa como fumaça, e pôs o cano de uma pistola subitamente solidificada na cabeça dele. O policial congelou e a fitou pelo canto dos olhos.

— Cúmplice? — perguntou ele, as mãos erguidas ao lado do corpo.

Brennan se levantou do sofá.

— Aprendi o valor dos reforços no Vietnã — disse. — É algo que não esqueci. — Passou pelo policial e abriu a porta.

— Vamos procurar você agora — avisou Maseryk.

— Usariam melhor o tempo de vocês procurando o assassino de Crisálida e barrando o comércio de arrebate — disse Brennan ao sair.

Quando a porta se fechou atrás dele, Maseryk girou, agarrando o cano da arma. Ira a entregou com uma gargalhada. Ele tentou agarrá-la também, mas já era fumaça, carregada através da parede num vento que não foi visto nem sentido.

♣ ♦ ♠ ♥

Sexta-feira

22 de julho de 1988

6h00

Brennan já estava acordado e sentado na cadeira ao lado da cama quando Jennifer se virou e, percebendo que ele não estava ali, abriu os olhos. Bocejou e resmungou alguma coisa, sonolenta.

— Bom dia — disse Brennan, inclinando-se e beijando-a na testa enquanto ela esfregava os olhos.

— Já amanheceu?

— Acabou de amanhecer.

— Preciso de um banho — disse ela, sentando-se, ainda meio enrolada no lençol emaranhado. — Quer vir comigo?

— Claro. — Ele também estava cansado, além de já grudento de suor, apesar de ainda ser muito cedo. — Vá na frente. Preciso dar um telefonema rápido antes.

— Tudo bem. — Ela se levantou e deixou o lençol cair. — Se vier logo, posso ensaboar você.

Brennan sorriu, pegou o telefone e discou o número que um gato lhe

entregara enquanto Jennifer ia nua para o banheiro. O telefone tocou três vezes antes de ser atendido. Uma voz irritada disse:

— Alô.

— Aqui é Yeoman.

— Minha nossa, você sabe que horas são?

— É cedo — respondeu Brennan, interrompendo os resmungos de Transluz. — Você disse que ajudaria, e eu preciso de uma informação.

— Tudo bem, tudo bem. — Era óbvio que Transluz ainda estava irritado, mas perguntou, com o mau humor transparecendo: — O que é?

— Sabe alguma coisa sobre um policial curinga chamado Kant?

— Ah, sim. O gêmeo maldoso de Vermis.

— Quê?

— Nada. Só uma piada. Os dois parecem ter escapado de um viveiro de répteis. O que quer saber sobre ele?

— É honesto?

— Bom, eu não diria exatamente honesto. Ele já foi um dos homens de F.X. Black. Fez uns servicinhos por fora, mas nada muito sério até pouco tempo atrás. Então se envolveu com uma prostituta estrangeira e foi visto distribuindo certas encomendas não exatamente lícitas em algumas das casas noturnas mais bizarras daqui. Dizem por aí que fornece drogas para ela.

— O nome dessa mulher é Ezili Rouge?

— Alguma coisa assim — respondeu Transluz.

— O que sabe sobre ela?

— Nada de mais. Negra, mas de pele mais clara. Adora droga. Adora homem. Kant não é o único que foi fisgado.

— Tem um endereço?

— Não. Dá uma procurada por aí. É difícil não reparar nela.

— Já procurei.

— Bom — disse Transluz —, lamento não poder ajudar. Mas me passe o número do telefone dela depois que você encontrá-la. Gostaria de conferir pessoalmente.

— Claro. Algo mais para me dizer?

— Descobri uma coisa sobre o tal Morkle com os nossos contatos no sindicato. Ele é estivador, operador de equipamentos pesados. Trabalha no turno da madrugada nas docas da Fulton Street. Mas a grande novidade é sobre Vermis.

— O que tem ele?

— Bom, ninguém quer dizer nada de concreto, entende? Mas há rumores de que ele fez um trabalho importante para Kien alguns dias atrás, um trabalho que ninguém mais queria. — Depois de alguns momentos de silêncio, Transluz perguntou: — Alô, você ainda está aí? Alô?

— Estou.

— Ah. Certo. Se quiser conversar pessoalmente, ele estará no Empório de Antiguidades Lin ainda hoje, por volta das onze da manhã.

— A loja de arte chinesa na Mulberry?

— Essa mesma. Já ouviu falar?

Brennan grunhiu uma resposta evasiva. O Empório era famoso no mundo da arte por suas antiguidades e no mundo das drogas como um notório ponto de venda onde a clientela de elite podia conseguir tudo o que quisesse de fármacos ilegais.

— Diga, por que está perguntando dessa tal Ezili, afinal? — indagou Transluz.

— Eu entro em contato — respondeu Brennan, desligando. Vermis. Tinha que ser Vermis. Mas o tal Morkle vinha sendo uma pedra no sapato desde o começo da investigação. Se ele trabalhasse no turno da noite nas docas, aquele seria o momento certo de ir atrás dele. Vermis poderia esperar.

O box pequeno do chuveiro ficou apertado quando Brennan entrou. A água caiu fresca no corpo. De repente, não estava tão cansado quando Jennifer começou a massageá-lo com as mãos ensaboadas.

A tensão e a frustração rodopiaram pelo ralo com a água e a sujeira que cobriam seu corpo. Primeiro, cuidaria do misterioso Doug Morkle, e Vermis viria logo em seguida. Mas agora eram só ele e Jennifer. Os dois se beijaram, os corpos ensaboados se entrelaçando enquanto faziam amor calmamente sob o jato de água, fresco e tranquilizador.

♣

— Tudo bem levar seu porta-terno — informou a mulher atrás do balcão de passagens da Delta —, mas receio que o seu animal terá que ser despachado.

— É, claro — respondeu Jay, cansado. Ergueu a caixa de transporte para gatos e a colocou na balança de bagagens, cansado demais para discutir.

Passara metade da noite em claro procurando aquela porcaria.

A agente da Delta grampeou um comprovante de identificação no envelope da passagem e o entregou por cima do balcão.

— Prontinho — disse ela. — Assento na janela. O embarque já está aberto.

— Obrigado. — Jay olhou enquanto ela fixava uma etiqueta de bagagem na alça da caixa de plástico cinza e a colocava na esteira transportadora atrás de si. Ele havia recheado o interior cuidadosamente com jornal velho para que ninguém pudesse discernir o que havia no interior pelos buracos de ar. Não fazia sentido acenar em despedida.

Quando a caixa de transporte desapareceu nas profundezas do aeroporto La Guardia, Jay se dirigiu ao pátio que levava ao portão de embarque. Mesmo àquela hora da manhã, o aeroporto estava lotado, e ele teve que entrar numa fila para passar pela alfândega. Uma placa grande junto às máquinas de segurança avisava que armas e bombas não eram brincadeira; Jay decidiu que ninguém acharia divertido se ele mencionasse que tinha dinamite no porta-terno.

O voo, programado para 6h55, decolou com 45 minutos de atraso. Jay dormiu por todo o trajeto até Atlanta.

9h00

As docas da Fulton Street, assim como os armazéns de peixes e depósitos ao redor, estavam em plena atividade. Em meio a todo aquele movimento, um homem poderia se esconder até o dia do juízo final.

— Transluz disse qual é a aparência desse tal de Morkle? — perguntou Jennifer.

— Só disse que ele é operador de equipamentos pesados. — Brennan olhou ao redor com o rosto franzido de frustração. — Deve operar uma empilhadeira ou coisa assim. Podemos até localizá-lo usando os contatos de Transluz no sindicato, mas eu esperava conseguir detê-lo hoje. Esperava.

— Vamos tentar.

Percorreram as docas por uma hora antes que um homem com uma touca azul de tricô, bigode caído e enormes bíceps tatuados confirmou quando Brennan mencionou o nome.

— Morkle? É, acho que conheço. Cara esquisito. Trabalha no Cais 47.

— Ele está lá agora?

O estivador fez pouco caso.

— Pode ser que esteja. Acho que normalmente ele trabalha à noite.

— Obrigado — respondeu Brennan. — Mais uma coisa. Como podemos reconhecê-lo?

— Não dá pra errar. É o cara sem empilhadeira.

— Sem empilhadeira — repetiu Brennan, enquanto o operário empurrava seu carrinho de carga pela rua. Olhou para Jennifer e deu de os ombros.

O navio que descarregava no Cais 47 era maior que quase todos os outros. Um fluxo constante de caixas pesadas de madeira descia a rampa de carga e descarga rumo às estações de processamento e bancas de mercado que mar-geavam as docas. O estivador estava certo. Era fácil avistar Doug Morkle.

Tinha cerca de um metro e meio e quase o mesmo de largura, com um peito imenso e membros curtos e grossos. O rosto, Brennan avaliou, era estranhamente desproporcional ao corpo: longo e estreito, com feições delicadas, quase femininas. Levou muito tempo até perceber que, dentre

todas as pessoas, o operário lhe lembrava Tachyon.

Estava carregando uma das caixas enormes sem esforço, equilibrando-a sobre a cabeça com uma das mãos. Nessa postura, assemelhava-se a fotografias que Brennan já tinha visto de mulheres africanas carregando potes de água, mas potes de água não pesavam quase uma tonelada. Ele caminhava com firmeza e facilidade, não parecendo sobrecarregado pelo imenso fardo.

— Doug Morkle? — perguntou Brennan.

O homem o olhou, mas continuou andando.

— Não. Meu nome é Doug Morkle — grunhiu ele, o peso da caixa tornando difícil falar com clareza.

— Ah, sim. Seu nome não é Morkle?

— Não. É Morkle. *Morkle*.

Brennan olhou para Jennifer em busca de ajuda, e ela tentou:

— Por favor, poderia soletrar, senhor, er… Morkle?

O homem lançou a Jennifer um olhar zangado, parou e rapidamente soltou a caixa, baixando-a com força na doca.

— O que vocês querem? Meus documentos estão em ordem. Eu tenho um visto permanente. — Vasculhou raivosamente o bolso do macacão. Falava um inglês perfeito, mas com um sotaque peculiar que Brennan nunca tinha ouvido.

Empurrou um pedaço de papel para Brennan. Continha foto e, abaixo dela, o nome Durg at'Morakh bo Zabb Vayawandsa. Era nativo, dizia, de Takis. O nome no cartão de identidade do sindicato, que também entregou a Brennan, tinha sido americanizado para Doug Morkle.

— Está tudo em ordem — disse ele, a raiva tornando-se presunção.

— Sim, estou vendo — respondeu Brennan, tentando ganhar tempo. Isso era completamente inesperado. Lembrou-se de que Tachyon uma vez mencionara o takisiano que ficara preso na Terra durante os problemas com o Enxame. Especialista em artes marciais e matador ocasional, ele certamente era capaz de assassinar Crisálida. Mas que motivo poderia ter para fazer isso?
— Hã, diz aqui no seu cartão do sindicato que você é operador de equipamentos pesados.

Morkle o encarou, estreitando os olhos até virarem fendas.

— Você é do escritório do sindicato?

— Isso mesmo — mentiu Brennan.

— Minha isenção já foi registrada. — Morkle tinha triunfo na voz. —

Não há nada errado com meus documentos. O campo está preenchido corretamente.

— Aham. — Brennan voltou a olhar para o cartão, examinando-o cuidadosamente. O campo "isenção especial de ás" estava, de fato, preenchido, "dando ao portador o direito de trabalhar como operador de equipamentos pesados com ou sem a presença física real de tais equipamentos, desde que ele seja remunerado com taxas compatíveis de compensação". — É claro.

— Devo retornar ao trabalho. Meu turno está quase no fim. — Morkle estendeu a mão do tamanho de uma pá. — Meus documentos, por favor.

— Você sempre trabalha no turno da meia-noite às oito?

O takisiano assentiu, impaciente, e ergueu o fardo.

— Na segunda-feira passada também?

Ele assentiu mais uma vez, a raiva em evidente ebulição.

— Bom, obrigado, Sr… Morkle.

— É *Morkle*! — Pronunciou a palavra com uma cadência líquida no fim. — De preferência! Será que vocês, terráqueos, nunca aprendem a falar corretamente?

— Acredita nele? — perguntou Jennifer, enquanto o viam marchar com sua carga.

— Parece um álibi sólido.

— Outro beco sem saída?

Brennan suspirou.

— Receio que sim.

Mas isso só fazia Vermis parecer mais e mais o principal suspeito. Era hora de interrogá-lo pessoalmente. Primeiro, porém, Brennan decidiu que seria sensato voltar ao quarto no hotel e pegar mais munição. Não entraria no Empório de Antiguidades de mãos vazias.

10h00

— Diabo, como *assim* não foi colocada no avião?

— Lamento muito, senhor. — A funcionária do setor de bagagens da Delta com certeza não era tão boa em lamentar quanto Waldo Cosgrove. — Nosso próximo voo sai do La Guardia em cerca de vinte minutos, tenho certeza de que sua bagagem estará nele. — Atrás dela, na parede, havia um pôster enorme coberto com desenhos de malas. — Se o senhor indicar o tipo de bagagem, vai nos ajudar a localizar as malas que faltam.

— Não era uma mala — disse Jay. — Era uma caixa de transporte de animais. Plástico cinza, nova em folha, tinha acabado de comprar aquela porcaria. Tem ideia de como é difícil encontrar uma pet shop 24 horas, mesmo em Manhattan? — Ele suspirou. — Meu, er… gato vai ficar louco da vida.

— Oh, pobrezinho — respondeu a mulher. — Eu também tenho gatos, entendo como o senhor se sente. Vamos encontrá-lo, não se preocupe. Se me der seu endereço em Atlanta, mandaremos entregá-lo.

— Ótimo — disse Jay, e refletiu por um momento. — Não sei onde vou estar. Ouvi dizer que a convenção está ocupando todos os principais hotéis. Faça o seguinte: mande para o Marriott Marquis. Para Hiram Worchester. — Soletrou o nome para ela.

— Será um prazer — respondeu ela ao completar o formulário de bagagem perdida e entregá-lo para ele assinar. — Qual é o nome do bichinho?

— Digger — disse Jay. Pelo menos ele não havia despachado o porta-terno. Jogou-o por cima do ombro e foi procurar um táxi.



— Há um envelope no estojo do seu arco — disse Jennifer, olhando para ele como se fosse um réptil venenoso.

— Quê? — gritou Brennan do banheiro. — Outra mensagem?

— É o que parece.

Ele saiu do banheiro, secando as mãos numa toalha. Juntou-se a Jennifer, que estava olhando para o estojo e para o envelope pequeno, branco e simples que jazia sobre ele.

— Isso está ficando esquisito — comentou Brennan.

— Ficando?

Ele grunhiu e pegou o envelope. Dentro dele havia uma única folha de papel com uma mensagem escrita na letra pequenina e agora conhecida, incluindo os erros de ortografia.

"Para sua seguransa", dizia, "fique longe do Crystau Palase."

— Por quê? — perguntou Jennifer.

Brennan balançou a cabeça.

— Sei tanto quanto você. Até agora, nosso informante secreto não mentiu. Foi sinistro e me arranjou problemas algumas vezes, mas sempre disse a verdade.

— Você estava pensando em ir ao Crystal Palace? — perguntou Jennifer.

— Não. No exato momento, eu pretendo expandir meus conhecimentos sobre arte chinesa. — Dobrou o bilhete e o guardou no bolso, depois pegou o estojo do arco. — Vamos lá.

♠

Foi detido no momento em que passou pelas portas giratórias e entrou no lobby do Marriott Marquis.

— Posso ver a chave do seu quarto, senhor? — pediu um homem negro com paletó de segurança do hotel, num tom não muito educado.

Jay abriu seu sorriso mais pesaroso.

— Ainda não tenho uma — respondeu. — Acabei de chegar. — Tentou contornar rapidamente o homem, o porta-terno por cima do ombro.

O segurança deu um passo de lado, plantando-se solidamente no caminho de Jay.

— O hotel está lotado — disse ele. — Não estamos autorizados a receber ninguém além dos hóspedes. Posso ver um documento de identidade?

— Tenho negócios a tratar com um dos seus hóspedes. Hiram Worchester. Está na delegação de Nova York.

— Ele está esperando o senhor?

— Bom — admitiu Jay —, não exatamente.

— Então, sugiro que telefone para ele. A recepção ficará feliz em passar o recado. Se ele quiser ver o senhor, vamos providenciar um crachá.

Jay deu um tapa na própria testa e ficou boquiaberto por um instante.

— Um *crachá*? Sabe, Hiram me *deu* um crachá, como pude ser tão burro? Meu Deus, não é engraçado? Você achando que eu queria entrar sem crachá, e eu aqui com ele o tempo todo?

— Hilário — respondeu o homem com terno de segurança.

— Onde foi que eu coloquei? — Jay procurou no bolso por um momento, dobrou a mão na forma de uma arma e sacou. — *Aqui* o meu crachá — disse, feliz, erguendo o olhar. Dois homens altos de terno escuro flanqueavam o de paletó agora, olhos ocultos por óculos escuros. Nenhum deles sorria.

— Não vejo nenhum crachá — disse o segurança. — Só estou vendo você apontando para mim, babaca.

Jay olhou para o dedo. Depois, para os homens. Eram três. Os dois dos lados tinham volumes debaixo dos paletós. Pôs a mão de novo no bolso e deu um passo para trás. Os homens de terno se aproximaram, cercando-o junto da parede.

— Não, sério, eu estava com o crachá agora há pouco — explicou Jay —, com toda essa gente aqui, alguém deve ter esbarrado em mim e derrubado…

— É mesmo? — O homem olhou para o parceiro com um sorriso de desdém.

— Sabe o que mais? — disse Jay, estalando os dedos. — Agora é que eu lembrei. Meu amigo está no Hyatt, não no Marriott. Como pude ser tão burro?

Andando de lado feito um caranguejo, sorrindo feito uma besta, recuou para as portas giratórias, voltando ao calor do verão de Atlanta. Os federais o observaram a cada passo.

11h00

O Empório de Antiguidades Lin ficava localizado perto da fronteira nebulosa entre o Bairro dos Curingas e Chinatown. Estava cercado por outras lojas de alto padrão e restaurantes caros. Do lado de fora, não parecia grande coisa. Por dentro, contava com uma elegância discreta.

O carpete era de um vermelho-escuro forte. A iluminação, suave e íntima. Os mostruários de antiguidades espalhados pelo chão eram, por si sós, antigos. As cortinas e sedas e estátuas em exibição nas paredes e nos mostruários eram exemplos soberbos de arte oriental que remontava até a dinastia Shang, mais de mil anos antes de Cristo.

Brennan ficou impressionado com a porcelana. Também o impressionou a lojista, que era tão linda quanto qualquer um dos artefatos à mostra. Ela mantinha sobre Brennan um olhar atento, ainda que discreto, desde que ele entrara.

A coleção de artefatos de Lin era realmente extraordinária. Brennan quase se perdera na contemplação de um estojo cheio de incensários cuidadosamente esculpidos em jade quando ergueu o olhar e viu Jennifer pairando atrás da vendedora, fazendo gestos urgentes em direção aos fundos do edifício. Era hora de trabalhar.

Ele se aproximou da vendedora, que perguntou numa voz melódica:

— Posso ajudar o senhor?

Brennan colocou seu estojo em cima de um dos mostruários de antiguidades, que chegava à altura da cintura, e sorriu para ela.

— Creio que sim. — Abriu o estojo e pôs a mão dentro dele. — Eu gostaria que avaliassem o valor desta pintura em seda.

— Ah, sim — respondeu ela, inclinando-se para a frente. Suas feições primorosas ficaram vincadas quando Brennan sacou uma arma e apontou para ela.

— Sinto muito — disse ele.

Ela o olhou aturdida enquanto Jennifer se materializava atrás dela e a golpeava na nuca. Brennan se adiantou e segurou a mulher antes que chegasse ao chão.

— Nada de flertar com a funcionária — disse Jennifer enquanto Brennan baixava a vendedora até o piso atrás do balcão.

Ele ignorou o comentário.

— O que está acontecendo lá atrás?

— Vermis está no escritório dos fundos, em conferência com uma pequena chinesa de meia-idade.

— Sui Ma — disse Brennan.

— Quem?

— Irmã de Kien. — Ele passou por Jennifer e tocou o rosto dela. — Tranque a porta da frente. Seria embaraçoso se alguém entrasse agora.

Tirou o arco e o montou enquanto Jennifer trancava a porta e colocava a placa que dizia FECHADO. Ele passou pela cortina de miçangas que separava a loja dos fundos do prédio e entrou no corredor mais à frente. O elegante ambiente desapareceu assim que ele adentrou o que obviamente era uma área de envio e recebimento. Estava deserta agora, embora houvesse dezenas de caixas espalhadas, esperando ser carregadas ou descarregadas.

Havia um pequeno escritório com paredes de vidro no canto dessa área. Sui Ma estava sentada atrás da mesa, e Vermis estava diante dela, arrumando uma maleta.

Transluz não havia mencionado Sui Ma, percebeu Brennan. Era irmã de Kien e líder dos Garças Imaculadas, uma gangue das ruas de Chinatown que administrava o comércio de drogas dos Punhos. Tinha aparência simples e inócua, mas era tão astuta quanto o irmão.

Brennan passou em silêncio pela área de recebimento, aproximando-se do escritório até poder ouvir o que Vermis dizia.

— … com ela morta, o sssegredo essstá ssseguro — disse Vermis.

Na mente de Brennan, não havia dúvida sobre a quem ele estava se referindo. A raiva ardeu intensamente nele quando, de repente, postou-se à entrada, a flecha pronta e mirando a parte de trás da cabeça de Vermis.

Foi uma entrada surpreendente. Sui Ma o fitou boquiaberta, atordoada, e então Vermis se virou para olhar. Brennan percebeu que ele estava guardando embalagens plásticas de pó azul no fundo falso da maleta. Havia uma pilha pequena de roupas na mesa, perto do objeto. O que parecia ser o passaporte de Vermis se equilibrava precariamente em cima da pilha.

— Yeoman! — disse Sui Ma asperamente. Não vacilou nem gritou, mas foi direto ao assunto. — Achei que você e meu irmão tivessem dado uma

trégua!

— Nós demos — respondeu ele —, até Vermis matar Crisálida.

— Quê? — disseram Sui Ma e Vermis em uníssono. Sua ignorância fingida quase pareceu digna de crédito.

— Quem disse a você que Vermis matou Crisálida? — perguntou Sui Ma.

— Tenho minhas fontes. Além disso, do que vocês estavam falando quando eu entrei? De que morte? E que segredo?

Sui Ma soltou uma gargalhada.

— *Viver pelo amanhã*.

Confuso, Brennan baixou o arco alguns milímetros.

— Quê?

— *Viver pelo amanhã* — repetiu a mulher. — É uma novela.

Brennan teve uma sensação de imenso deslocamento.

— Isso é uma novela?

— Sim. Veja, Janice morreu num acidente de carro no capítulo de ontem, então o segredo de Jason, que é filho bastardo dela, ficou enterrado, e agora ele pode se casar com Veronica.

— Uma novela?

— Sim. Vermis perdeu uns capítulos. Eu o estava atualizando enquanto ele arrumava suas, er… encomendas.

— Claro — zombou Brennan, voltando-se para Vermis. — Então você vê novela?

Ainda havia ódio nos olhos de Vermis, mas também um vestígio de vergonha, como se tivessem acabado de revelar que ele era algum tipo de pervertido horrendo.

— Àsss vezesss — respondeu ele, na defensiva.

Brennan aumentou a tensão na corda do arco e mirou bem no meio dos olhos irados do curinga.

— Essa é provavelmente a mentira mais idiota que já ouvi. É melhor começar a falar, ou então considere-se um lagarto morto. Agora mesmo.

— Sobre quê? — sibilou Vermis, raivoso.

— Sobre Crisálida! — gritou Brennan. — Por que você a matou?

Vermis estava a ponto de responder quando, de repente, Jennifer entrou atravessando uma parede.

— Espere — disse ela. — É melhor verificarmos esse negócio de novela. — Voltou-se para Vermis enquanto Brennan baixava um pouco o arco.

Vermis a olhou com o ódio e a raiva que normalmente reservava para Brennan. — Então, você vê *Viver pelo amanhã*? — perguntou ela.

— É issso messsmo! — cuspiu ele.

— Bom, então quem é o marido da Erica?

Vermis a olhou com frieza.

— Ela casou com Colby mêsss passsado — respondeu ele —, masss o que ela não sssabe é que Ralph, o primeiro marido, não essstá morto. Ele essstá com amnésia e sssendo explorado por terrorissstasss, que o convenceram de que ele é o Príncipe Rupert, um lorde takisiano, que veio para a Terra curar o vírusss, masss, na verdade…

— Já chega — interrompeu Brennan, voltando-se para Jennifer. — Essa besteira está certa?

Jennifer assentiu em silêncio.

— Minha nossa! — Brennan baixou o arco. Sua frustração redobrou, e ele fixou a atenção na maleta que Vermis estava arrumando. — Aonde está levando isso?

— Havana — respondeu ele, mal-humorado.

— Afaste-se da mesa.

Vermis obedeceu, e Brennan se aproximou com cuidado. Afrouxou a tensão da corda do arco para poder segurar a flecha na corda com uma só mão e pegou o passaporte de Vermis na mesa. Olhou para a última página carimbada. Ao que parecia, esta não seria a primeira viagem do curinga contrabandeando arrebate para Havana. Ele estivera em Cuba no dia da morte de Crisálida.

— Droga — disse Brennan, jogando o passaporte de volta à mesa.

Sua raiva atingiu um pico incontrolável. Ele disparou a flecha que tinha deixado pronta. Vermis sibilou quando a seta passou por ele, e então virou para ver que havia atravessado um rato que estivera sentado junto à parede, observando ansiosamente o confronto. Quando Vermis voltou a olhar Brennan, o arqueiro já tinha posto uma nova flecha na corda, pronto para o disparo.

— Parece — disse Brennan, zangado — que recebi informações erradas. A trégua continua.

Vermis sibilou raivosamente enquanto ele saía do escritório. Jennifer o seguiu, observando o rato de Dragão Preguiçoso conforme este encolhia e se transformava num naco de sabão espetado na parede pela flecha.

12h00

— O que está acontecendo? — perguntou Jay quando os curingas emparelharam com ele.

Ninguém respondeu. Nem pareceram ouvir. Eram uma dúzia ou mais, de rosto severo, quietos, soturnos. Um velho soluçava baixinho consigo mesmo. Jay olhou para trás e viu mais curingas seguindo-os. Todos pareciam ir na mesma direção.

O porta-terno era desajeitado. Jay o apoiou no outro ombro, ficou para trás e passou a andar ao lado de um curinga enorme cuja pele verde e translúcida cintilava como geleia enquanto ele andava.

— Aonde todo mundo está indo? — perguntou Jay.

— Ao Omni — respondeu o homem-geleia.

Uma mulher pairava no ar acima dele. Não tinha pernas nem braços. Flutuava como um balão de hélio, o rosto bonito e vermelho de tanto chorar.

— Ela perdeu o bebê — disse ela a Jay. Em seguida, flutuou mais adiante.

Jay deixou-se arrastar pela onda humana que fluía pelas ruas de Atlanta, milhares de pés convergindo para o Omni Convention Center. Lentamente, pedaço por pedaço, ele ouviu a história dos curingas que caminharam um pouco ao seu lado. No começo da manhã, Ellen Hartmann, a esposa do senador, havia sofrido uma queda trágica numa escada. Estava grávida de um filho de Hartmann. O bebê havia morrido.

— Hartmann vai sair da disputa? — perguntou Jay a um homem numa cadeira de rodas motorizada cujas roupas esfarrapadas cobriam deformidades.

— Ele vai seguir em frente — respondeu o curinga em tom desafiador. — Ela pediu para ele. Apesar de tudo, ele vai seguir em frente. Ele ama a gente *muito mesmo*!

Jay não conseguiu pensar em nada para dizer.

Os curingas haviam começado a se juntar assim que a notícia chegou ao seu acampamento, no Piedmont Park. A polícia de Atlanta e a segurança da convenção viram a multidão aumentar com crescente preocupação, mas não tentaram dispersá-la. Recordações dos tumultos da convenção de 1976, em

Nova York, e em 1968, em Chicago, ainda estavam frescas em muitas mentes. Na hora em que Jay chegou, os curingas tinham fechado todas as ruas ao redor da convenção. Sentavam-se nas calçadas, apoiavam-se nos para-lamas dos carros estacionados, preenchiam cada trecho de gramado. Sentaram-se pacificamente, em silêncio, sob o sol escaldante da Geórgia, cada olho fixo no Omni. Não houve gritos, nem cantos, nem cartazes, nem vivas, nem preces. Não houve conversa nenhuma. O silêncio em torno do salão de convenções era profundo.

Onze mil curingas se agacharam juntos no asfalto quente, um mar de carne torturada e apertada ombro a ombro numa vigília silenciosa por Gregg Hartmann e sua perda.

Jay Ackroyd se deslocou entre eles com cuidado. Sentia-se zonzo e exausto. Fazia mais de 37 graus na sombra, e o lugar estava úmido como um sovaco. Jay não tinha chapéu. O sol batia implacável em sua cabeça, e a dor havia voltado, gritando por vingança. Com uma determinação frouxa, ele engolira um punhado de analgésicos, mas isso não fizera mais que amortecer o latejar no lado do corpo e o martelar atrás dos olhos.

E não havia nada que ninguém pudesse fazer quanto ao mal-estar que sentia. Ao redor, os curingas se acomodavam em silêncio, olhando, à espera. Alguns choravam bastante, mas faziam o possível para abafar o som dos soluços. Outros escondiam o rosto atrás das máscaras baratas de plástico, mas, de alguma forma, ainda era possível sentir sua angústia.

Jay descobriu que mal suportava olhar para aquilo. Nenhum deles sabia quem ele era nem o que estava fazendo aqui. Nenhum deles sabia o que ele carregava no porta-terno jogado sem jeito por cima do ombro, nem o que isso faria com as esperanças e os sonhos deles. Mas Jay sabia, e saber disso o fazia sentir-se péssimo.

Arranjou um lugar diante das portas principais do Omni, de onde poderia ver os delegados e os jornalistas entrarem e saírem sob os olhos vigilantes dos seguranças. O tempo parecia passar muito devagar. Ficava cada vez mais quente. Equipes de TV com câmeras faziam panorâmicas infinitas daquele mar de rostos. Helicópteros dos noticiários pairavam sobre eles, e uma vez o Tartaruga passou acima deles, tão silencioso quanto a multidão, a sombra de sua casca dando aos curingas um descanso momentâneo do sol. Depois, uma mulher pequena num smoking de cetim negro e cartola emergiu brevemente do salão de convenções e inspecionou a multidão por trás de uma máscara

dominó. Jay a reconheceu dos jornais: Cartola, uma ás do governo designada como guarda-costas de Gore, provavelmente realocada agora que o homem havia retirado a candidatura.

Pensou em chamar atenção de Cartola, entregar o paletó sujo de sangue, transformá-lo no dilema de outra pessoa. Então, lembrou-se do colega dela, Carnifex, e mudou de ideia.

Quando ela entrou de novo, um bando de delegados emergiu das portas abertas. Um deles era um homem enorme com barba em forma de pá. Apesar do tamanho, ele se movia com leveza; o terno impecável de linho branco o fazia parecer refrescado, mesmo neste calor horrível.

Jay se levantou.

— *Hiram!* — gritou por sobre as cabeças dos curingas, abanando os braços loucamente, apesar da dor silenciosa no corpo.

No silêncio da vigília, o grito de Jay soou como uma violação obscena. Mas Hiram Worchester olhou, avistou Jay e abriu caminho na multidão, tão lento e majestoso quando um transatlântico deslizando num mar de barcos a remo.

— Popinjay — disse ele ao chegar —, meu Deus, é você. O que aconteceu com seu rosto?

— Deixa isso pra lá. Hiram, precisamos conversar.

♥

— O que foi aquilo? — perguntou Jennifer.

Brennan ainda fervia de raiva.

— Armação. Uma maldita armação.

— Quê?

Ele olhou para ela.

— Não foi para nós que armaram. Foi para Vermis e Sui Ma.

— Entendi. Acho.

— Temos que encontrar um telefone.

Havia um na esquina. Brennan ligou, e Transluz atendeu no segundo toque.

— Alô.

— Não gosto que mintam para mim — disse Brennan suavemente.

— Ora, Caubói. Que bom ter notícias suas num horário decente.

— Ouviu o que eu disse?

— Mas é claro. A que se refere? Não passei nenhuma informação errada sobre Morkle, passei?

— Nesse caso, não — respondeu Brennan. — Mas a informação sobre Vermis não foi tão apurada.

— Não?

— Ele não teve nada a ver com a morte de Crisálida. Estava em Havana quando ela foi morta.

— Ah. Bom. Lamento.

Canalha nojento, pensou Brennan.

— Não sou seu executor particular — disse, sombrio.

— Foi um erro honesto…

— Não complique a mentira. Eu entro em contato…

— Espere — disse Transluz antes que Brennan pudesse desligar. — Já sabe de alguma coisa sobre os arquivos de Crisálida?

Brennan desligou sem responder.

13h00

— É simplesmente impossível — disse Hiram, depois que Jay terminou de contar a história. — Não.

Jay abriu o zíper da mala, tirou o casaco e o estendeu na mesa entre eles.

— Sim — retrucou.

O bar do Omni era um desses lugares tão escuros ao meio-dia quanto à meia-noite. Era bem distante da convenção, deserto o bastante para dar a eles um pouco de privacidade.

A temperatura do ar-condicionado deixava o local mais frio que o ártico, mas gotas de suor escorriam da testa larga de Hiram até a barba bem aparada. A poltrona da cabine era apertada para o volume imponente do ás, o abdômen amplo bem pressionado contra a mesa, mas, quando Jay mostrou o paletó, Hiram pareceu se encolher e recuar, como se tivesse medo de tocar nele.

— Isso é algum tipo absurdo de mal-entendido. Gregg é um bom homem. Eu o conheço há anos, Jay. Há *anos*!

Jay tocou o paletó.

— Você esteve com Hartmann na Síria. Este paletó é dele ou não?

Hiram se obrigou a olhar o paletó.

— Parece ser — respondeu. — Mas, Jay, é um paletó esportivo comum, fabricado aos milhares. Isso tem que ser uma fraude, *tem* que ser.

— Acho que não — respondeu o detetive. — Stigmata não tinha razão para mentir. Ele nem sabia o que tinha. O outro paletó era a fraude. Kahina nunca confiou em Gimli. Deu a ele uma réplica, provavelmente usou o próprio sangue para que um exame mostrasse a presença do vírus. Foi esse que Gimli deu a Crisálida. O verdadeiro, Kahina guardou consigo. Devia ter seus próprios planos, mas Hartmann e Mackie Messer não deram a ela tempo de fazer nada.

— Então — disse Hiram, hesitante —, Crisálida…

— Morreu por nada. Por um paletó falso.

— O assassino que ela contratou não era falso!

— Não — admitiu Jay. — George Kerby é de verdade. O problema é que agora eu não sei se estou torcendo por ele ou contra ele.

— Você não pode estar falando sério! — disse Hiram, horrorizado. — O que Crisálida fez não a torna melhor que Nur… Assassinato é assassinato, não me importa o que ela sabia ou achava saber. Se ela tinha acusações a fazer, deveria ter feito. Gregg não merece a oportunidade de se defender? Jay, estou dizendo: isso tudo está errado. Se você conhecesse Gregg Hartmann como eu conheço… Ele, ele é um homem tão decente… Tão corajoso.. Na Síria, se ao menos você visse como ele enfrentou Nur al-Allah, teria ficado muito orgulhoso. Acusá-lo de… de crimes tão *monstruosos*… e baseado em quê, em *quê*? No testemunho de Digger Downs? — Hiram estava ficando zangado agora. — Esse homem é um mentiroso profissional, Jay! Quantas vezes tive que expulsá-lo do Aces High?

— Não é essa a questão, Hiram.

Hiram Worchester franziu o cenho. Uma das mãos se fechou num punho impotente na mesa à sua frente.

— Onde está Downs? — perguntou ele. — Quero olhar nos olhos dele e ouvir essa história pessoalmente. Se ele estiver mentindo, eu vou saber. Eu juro, se ele…

— A companhia aérea o perdeu — contou Jay, tristemente. A caixa de transporte não viera no voo seguinte, nem no outro. A Delta dissera que viria no próximo com certeza. — Deixa pra lá.

Hiram pareceu confuso. Bebeu metade do seu Pimm’s Cup numa série de goles longos. Sua mão tremia ao recolocar o copo na mesa.

— Você não disse quem você acha que… realmente fez o… aquilo… quero dizer, contra Crisálida.

— Digamos apenas que estou muito interessado em descobrir o que Billy Ray estava fazendo na noite de domingo e na manhã de segunda.

— Billy Ray — repetiu Hiram. — Meu Deus, isso é absurdo! Ele é um agente do Departamento de Justiça! Você não pode achar que todo o governo federal está envolvido nisso!

Jay deu de ombros.

— Até que alguém prove o contrário, não confio em ninguém se não tiver que confiar.

Hiram terminou o drinque. Olhou para o copo vazio, mas o olhar estava voltado para si mesmo.

— Muitas pessoas trabalharam duro. Nós todos… fizemos tanta coisa. Você viu aquelas pobres almas na rua. Gregg é a única esperança delas. O

que vão fazer se isso for verdade?

— Votar nos republicanos? — A piada foi um esforço meia-boca, e ele se arrependeu de tê-la feito no mesmo momento. Era insolente demais para a ocasião, para a angústia genuína de Hiram.

Mas o outro mal pareceu ter ouvido. Tirou um lenço preto da lapela e o usou para secar a testa. A aparência do homem imenso era confusa e perdida; estava fraco demais para carregar toda aquela carne.

— Há uma repórter — disse ele, devagar. — Sara Morgenstern. Ela andou dizendo pra todo mundo que Gregg é um ás assassino. Ninguém acreditou nela. Não é uma pessoa muito estável, sabe. Mas na noite passada houve um atentado contra a vida dela. Me entristece dizer que foi um ás. Jack Braun a salvou, e ele teria morrido se eu não tivesse me envolvido.

— Vi a notícia na TV — contou Jay. — O homem com quem Braun lutou se encaixa na descrição que Digger fez sobre Mackie Messer.

— Parece ser o mesmo homem. Isso não prova que ele estava mesmo trabalhando para Gregg, mas acho que… — Hiram deu um longo suspiro de resignação, como alguém que é forçado a aceitar algo que não pode digerir. — Acho que devo levar tudo isso a sério. Muito bem, então. — Por um momento, pareceu o velho Hiram; decidido, cheio de determinação. — Vou levar você ao Dr. Tachyon. Ele pode fazer o exame de sangue necessário e, se precisar, pode entrar na mente de Hartmann e descobrir a verdade. Qualquer que seja essa verdade.

Na mesa, seus dedos se abriram e fecharam várias vezes. Hiram olhou para eles, fez uma careta e forçou a mão a relaxar.

— Há muita coisa em jogo, Jay. Se estivermos errados, pense em todas as pessoas que vamos prejudicar.

— E se estivermos certos? — perguntou Jay num sussurro.

Hiram pareceu encolher e murmurou:

— Se estivermos certos, que Deus nos ajude.

♣

— Já viu uma coisa assim antes? — perguntou Brennan a Tripé, colocando o bilhete misterioso no balcão e tomando cuidado para evitar as gotas que vazavam da caneca de cerveja do curinga.

Tripé se inclinou junto ao balcão para dar uma boa olhada no papel e balançou a cabeça.

— Não — respondeu.

— Que ótimo.

Os clientes que foram almoçar ainda lotavam o Porão do Vazante. O dono flutuava contente em seu aquário. Acenou para Brennan com o braço longo e desossado e assobiou numa voz estridente:

— Ei, grandalhão, há quanto tempo. Quem é a gata?

Brennan olhou para Jennifer.

— Amiga minha.

— Ei, quem dera todos nós tivéssemos essa sorte. — Vazante piscou o olho enorme e fixo, sorrindo sensualmente. — Bebida de graça para os meus parceiros — ordenou ele ao barman.

— Obrigado — disse Brennan. Lembrou-se da qualidade do uísque da casa. — Quero uma cerveja — avisou ao barman sem boca que olhava fixamente para ele e para Jennifer.

— Vinho branco — disse ela, e o barman continuou a fitar. — Hã, vou tomar cerveja também.

— Certo — respondeu ele pelo pequeno orifício na base da garganta.

— Arranjem uma mesa — pediu Brennan a Jennifer e Tripé — onde possamos conversar em paz.

Sumiram na multidão. Ele esperou pelas bebidas, meneou a cabeça agradecendo ao barman e levou os copos para uma mesa pequena e isolada num canto. Tripé tomou um gole longo da cerveja por um canudo.

— Então, onde conseguiu esse bilhete, Sr. Y? — perguntou ele. Brennan contou entre goles de cerveja. Tripé balançou a cabeça depois da história. — Me deixou confuso.

— A mim também — admitiu Brennan. — É óbvio que estamos sendo observados. Mas por quem?

— Além do Dragão Preguiçoso? — perguntou Tripé.

Brennan concordou.

— Com certeza não é ele que anda deixando esses bilhetes. Ele está nos vigiando para Transluz.

— Bom, vou ficar de olho — respondeu Tripé. — Mais alguma pista para seguir?

— Eliminamos Pancada, a Estranheza e Vermis — disse Brennan. —

Doug Morkle e Quasim parecem improváveis. Mas ainda temos duas inconsistências. Duas coisas que não fazem sentido.

— Kant — disse Jennifer. — Ele investigou Ezili Rouge e disse que ela estava limpa. Não foi exatamente o que você nos contou.

— Isso mesmo — confirmou Brennan. — E Sascha. Ainda está desaparecido. Ele *tem* que saber mais sobre o assassinato do que contou para mim na casa da mãe.

— E ele também está *ligado* a Ezili — acrescentou Jennifer.

— Certo.

— Kant deve ser bem fácil de encontrar — continuou ela. — Vou ver com o pessoal no Forte das Aberrações onde ele está. — Voltou de um telefonema menos de um minuto depois e se sentou, balançando a cabeça. — Ele não apareceu hoje de manhã. Ninguém na delegacia sabe onde ele está.

— Bingo — disse Tripé.

Brennan se levantou com um sorriso cruel.

— Espero que possamos falar com ele antes que desapareça também.

— Tenta o Freakers — sugeriu Tripé. — É o bar favorito dele. Vou circular por aí. Alguém deve saber onde ele está.

— Certo — concordou Brennan, voltando-se em seguida para Jennifer: — Você espera por ele no Freakers. Não se aproxime dele se o vir, só vigie. Quanto a Sacha, vou tentar o apartamento da mãe dele. Ela deve saber por onde anda o filho. Se não me contar, talvez eu peça a Padre Lula para falar com ela. Ele não é exatamente da Igreja Ortodoxa Russa, mas é padre.

Os três seguiram para a porta. Vazante se ergueu do aquário e os deteve com um assobio agudo.

— Ei, parceiro — disse ele a Brennan —, tem alguma coisa que eu possa pôr no nosso mural das celebridades?

Indicou com um gesto uma parte da parede que Brennan não havia notado antes, perto do aquário. Pregada nela estava uma fabulosa coleção de lixo, que ia desde uma foto autografada de Tachyon sorrindo com má vontade perto do aquário de Vazante — com um dos braços desossados do curinga em torno dos ombros dele — até um lenço de renda manchado de licor verde, e um par de calcinhas sem fundo com espaço para duas pélvis.

Brennan tirou um ás de espadas do bolso.

— Serve isto?

— Claro — respondeu Vazante. — Ei, pode assinar para “meu amigão

Vazante”?

15h00

Jay pôde ouvir as vozes pela porta, gritando.

— Talvez devamos voltar depois — disse Hiram com a voz fraca. — Acho que não é uma boa hora.

— Não existe boa hora para este tipo de merda — respondeu Jay, batendo com força.

Fez-se silêncio lá dentro. Um instante depois, a porta da suíte foi escancarada. Dr. Tachyon olhou para os dois como se fossem as últimas duas pessoas no mundo que ele queria ver no momento. O pequeno alienígena estava esfarrapado e cansado. Tinha marcas de arranhões no rosto, além de um lábio ferido e inchado. Sem palavras, olhou os dois por um longo momento, depois abriu espaço para deixá-los entrar.

Hiram atravessou pesadamente o quarto, afastou as cortinas para o lado e olhou cegamente para o calor de Atlanta lá fora. Um adolescente com cabelos de um vermelho dolorosamente vivo olhava para Jay com curiosidade. O detetive se sentou no sofá, o porta-terno no colo. Ninguém parecia interessado em falar, então Jay teve que fazê-lo.

— Se livra do menino — disse a Tachyon.

O garoto protestou:

— Ei!

— Blaise, vá — ordenou Tachyon, num tom que não tolerava discussão.

— Pensei que eu tivesse perdido esse direito.

— *Vá*, maldição!

— Merda, logo agora que as coisas estavam ficando interessantes. — Blaise ergueu as mãos espalmadas. — Ei, sem estresse. Já fui.

Quando a porta se fechou com um baque, fez-se um novo silêncio no recinto. Tachyon fez um gesto exasperado.

— Hiram, que diabo está havendo?

Jay respondeu:

— Você tem que fazer um exame de sangue, doutor. Agora mesmo.

Tachyon olhou ao redor.

— O quê? Aqui?

— Não banque o besta e não banque o fofo — respondeu Jay. — Estou cansado pra caralho e dolorido demais para lidar com isso. — Abriu o zíper do porta-terno e tirou o trapo no qual, e pelo qual, tanto sangue fora derramado. — Este é o paletó que o Senador Hartmann usou na Síria.

Tachyon olhou para a mancha de sangue como se ela pudesse pular do paletó e devorá-lo.

— Como isso foi parar nas suas mãos? — perguntou ele, sua voz embargada pelo medo.

Jay suspirou.

— É uma longa história, e nenhum de nós tem tempo para isso. Digamos só que eu peguei de Crisálida. Foi, bom… meio que uma herança.

Pigarreando nervosamente, Tach perguntou:

— E o que exatamente acredita que eu vá encontrar?

— A presença do xenovírus Takis-A.

O alienígena cambaleou pelo quarto como um zumbi e serviu uma bebida para si. Jay bem que gostaria de uma também, mas não lhe fizeram a oferta.

— Estou vendo um paletó — disse Tachyon depois de se restabelecer. — Qualquer um poderia comprar um casaco, contaminá-lo com sangue infectado pelo vírus…

Hiram finalmente falou:

— Foi o que eu pensei. Mas ele já passou por muitas coisas. O trajeto da Síria até este quarto de hotel está claro. É o paletó do Sen… é o paletó de Hartmann.

Tachyon voltou-se para olhar Hiram.

— Você *quer* que eu faça isso?

— Temos outra escolha?

— Não — respondeu Tachyon com imenso cansaço. — Suponho que não.

16h00

A Sra. Starfin foi educada de maneira fria e graciosa. Ofereceu chá a Brennan, mas nenhuma informação sobre o filho desaparecido. Quando Brennan estava a ponto de sair do apartamento, o telefone tocou. A senhora o atendeu e gesticulou para ele.

— É para o senhor — avisou ela.

Muito surpreso, ele pegou o telefone. Só podiam ser Jennifer ou Tripé, pois eram os únicos que sabiam onde ele estava.

— Yeoman — disse Tripé —, tenho algo para você. — A voz estava mais rouca que o normal.

— O que é?

— Não posso dizer ao telefone. Me encontre na marina de Beaumont, na costa sul da Baía de Sheepshead.

— Tudo bem — respondeu Brennan. — Vejo você lá.

Desligou e se despediu da Sra. Starfin, que não lamentou vê-lo partir. Não conseguia tirar o tom de voz de Tripé da cabeça. Ele falara como se tivesse descoberto algo ruim. Talvez, imaginou Brennan, o corpo de Sascha? Isso explicaria a relutância em discutir a descoberta em detalhes ao telefone.

A marina de Beaumont era nova, coisa de elite. Os barcos atracados nos vários passadiços eram embarcações de gente rica, não os esquifes a remo dos navegantes de fim de semana.

Brennan vagou por entre os atracadouros por vários minutos antes de notar Tripé parado sozinho no fim de uma doca, olhando para a baía. Brennan foi rapidamente até ele.

— O que houve? — perguntou.

O curinga se voltou para ele com o rosto agredido e ferido.

— Desculpa, Sr. Y — disse ele. — Me obrigaram a telefonar. — Indicou com um gesto do queixo o barco atracado à última estaca da passarela. Era um ágil iate bimotor com o nome *Princesa da Ásia* gravado em estêncil no lado. Vermis estava parado ali com um sorriso no rosto reptiliano, muitos dentes à mostra. Estava acompanhado de dois Garças Imaculadas e um curinga enorme. O último tinha pernas normais, ainda que grossas, mas da

cintura para cima tinha dois troncos, dois pares de ombros e braços e duas cabeças. Parecia vagamente familiar; Brennan percebeu que o vira em meio à multidão no Porão do Vazante. Devia ter contado a Vermis sobre Tripé.

— Aí está ele — disse uma das cabeças, satisfeita. — Eu disse que viria.

— Tinha razão, Rick — respondeu Vermis, ainda sorrindo.

— Eu sou Mick — corrigiu a cabeça. Apontou com o polegar para a outra. — Este é o Rick. Ele não queria fazer isso.

— Queria, sim — retrucou a outra cabeça.

— Não queria, não. Você ficou com medo.

— Não fiquei.

— Ficou, sim.

— Não fi…

— Tá legal — disse Vermis em voz alta, interrompendo as cabeças briguentas. — Tomem. — Estendeu um rolo de dinheiro, que a mão pertencente a Mick agarrou antes que Rick pudesse fazê-lo.

— Isto é meu! — protestou Rick.

— É meu também! — respondeu Mick. — Eu ajudei a bater no trouxa sem braço!

— Chega! — ordenou Vermis. Seu bom humor se tornara irritação depressa. Ele se dirigiu a Brennan: — Você me envergonhou diante de Sssui Ma. Agora é hora de me vingar. Junte-ssse a nós no deque, sssim? Você também — disse ele a Tripé.

Os Garças estavam de arma em punho. Por isso, Brennan achou melhor não discutir. Ajudou Tripé a se firmar quando o curinga subiu no barco levemente oscilante e o seguiu até o deque.

— O que você quer? — perguntou Brennan ao velho inimigo.

Os olhos de Vermis brilharam, retomando o bom humor.

— Sssó uma competição de nado. Vamos ver ssse você consssegue nadar pela Baía de Sssssheepssshead com aquilo ali. — Apontou para um par de correntes presas a pesos e então se voltou para os Garças. — Amarrem os doisss.

Os Garças obedeceram de forma rápida e eficaz enquanto Vermis lhes dava cobertura, e Rick e Mick tagarelavam futilidades. Quando já estavam amarrados, e Vermis, satisfeito, ele ordenou que os Garças os levassem para a cabine, por segurança, enquanto ele ia ao painel de controle para conduzir o navio rumo a águas profundas. Rick e Mick foram soltar a corda.

— Desculpa — repetiu Tripé enquanto marchavam até a cabine. As mãos e as pernas de Brennan haviam sido amarradas com uma corda, assim como as pernas de Tripé, mas as correntes com pesos ainda não tinham sido acrescentadas.

Brennan encolheu os ombros.

— Não havia nada que você pudesse fazer.

A cabine parecia cara e exuberante, com um sofá luxuoso, tapete felpudo e macio, além de um bar.

— Que tal um drinque? — sugeriu Brennan depois que Vermis ligou os motores e a *Princesa* se afastou do cais.

Um dos Garças riu.

— Você não vai querer beber antes de entrar na água — disse ele. — Dá dor de estômago. Mas eu não vou nadar hoje à tarde.

Brennan se voltou para Tripé e disse:

— Ele provavelmente tem razão. Quando se trata de barcos, nenhum cuidado é pouco. — Lançou as mãos amarradas ao Garça mais próximo e o atingiu em cheio na garganta, esmagando a traqueia. Enquanto ele caía e sufocava, o outro Garça girou, alcançando a arma que deixara de lado enquanto servia uma dose de uísque.

Brennan arremeteu contra o homem, acertando-o com o cotovelo, e os dois caíram no chão. O Garça abriu a boca para gritar, e Tripé se jogou por cima da cabeça dele, abafando os gritos.

Um tanto sem jeito, Brennan pegou a arma do Garça com as duas mãos e a enfiou no peito do homem. Apertou o gatilho, e o Garça deu um tranco antes de ficar inerte.

O outro rastejava pela cabine, fazendo ruídos agudos enquanto tentava recuperar o ar. Brennan o alcançou e o golpeou com o cano da arma, pois não queria se arriscar a alertar os outros no deque com mais um tiro.

Tripé respirou fundo.

— Eu sabia que você tiraria a gente dessa — disse, com alívio.

— Ainda não saímos dessa — alertou Brennan.

Tripé rolou até onde ele estava, sentado no chão, apoiado no sofá macio da cabine.

— Vamos sair num minuto.

O terceiro pé hábil estava livre. Veloz, ele desamarrou Brennan, que retribuiu o favor.

— O que fazemos agora? — perguntou Tripé.

— Que tal ver se temos vocação para pirataria?

Esgueiraram-se para o deque. Vermis estava ao timão; Rick e Mick discutiam. Irritado, Vermis disse:

— Bom, se Rick acha que ouviu alguma coisa lá embaixo, vocês têm que ver o que foi.

— Não precisa — declarou Brennan.

Aturdidos, viraram-se para ver o arqueiro parado ali, apontando uma arma para eles. Vermis sibilou de ódio e frustração. Rick e Mick se entreolharam.

— Eu te disse que a gente não devia se envolver — resmungou Mick.

Desta vez, Rick não respondeu.

Brennan olhou para a posição do barco. Estavam se aproximando do meio da baía, e não havia outras embarcações nas redondezas.

— Hora daquela competição de nado — disse ele.

Gesticulou com a arma para que Vermis se afastasse do timão. Por um momento, o curinga hesitou, mas então se mexeu.

— Você tem sorte — disse Brennan duramente — por eu ter decidido dispensar as correntes. Vá em frente.

Vermis pareceu a ponto de dizer alguma coisa, mas pensou melhor e engoliu sua frase de despedida. Pulou a borda do barco sem dizer nada.

Brennan se voltou para Rick e Mick.

— Ei — disse Mick. — Eu não queria ter nada a ver com isso.

— Você é só uma vítima das suas companhias — sugeriu Brennan.

— Isso mesmo. Rick é má influência.

— Pulem ou morram. Para mim, tanto faz.

Rick e Mick se entreolharam, assentiram e então saltaram do barco, espirrando muita água ao atingirem o mar.

Tripé suspirou, aliviado.

— Sabe, Sr. Y, acho que preciso tirar uma folga.

— Umas férias provavelmente cairiam bem — concordou Brennan enquanto assumia o timão. — Conhece alguém que compre barcos?

Tripé se animou.

— Tem um cara lá em Jersey…

18h00

Era cem vezes mais complexo que um floco de neve e delicado como a mais fina renda, como uma flor feita de gelo. Jay olhou para a imagem na tela do microscópio eletrônico por um longo tempo.

— Meu Deus — disse ele, soltando o ar que nem percebera que estivera prendendo. — É lindo.

Tachyon afastou o longo cabelo vermelho.

— Sim, suponho que seja. Confie nos takisianos para criar um vírus que corresponda ao nosso ideal estético.

Ele girou no banco do laboratório e de repente gritou:

— *Ackroyd!*

Jay se virou na mesma hora em que Hiram começou a cair, desmaiado. Agarrou um braço; Tach, o outro. O peso de Hiram levou os três abaixo. No chão, o ás enorme passou a mão pelo rosto e disse:

— Me desculpem, devo ter apagado por um instante.

Tach ofereceu um frasco que tirou do bolso, e Hiram bebeu avidamente. Jay percebeu como também estava com sede.

— Ei, posso tomar um gole disso aí? Tive uma semana infernal.

Tach entregou o frasco a ele sem dizer nada, e Jay experimentou. Conhaque. Bom, era melhor que nada.

— Tem certeza mesmo? — perguntou Hiram.

— Absoluta.

— Mas só porque ele é um ás… Bom, isso não prova nada. Precisaria estar louco para admitir que tem o vírus. Pode ser um ás latente.

Tachyon fitou o teto, com ar perdido. Jay rompeu o silêncio:

— Então, o que a gente faz agora?

— Essa é uma excelente pergunta — respondeu Tachyon.

— Quer dizer que não sabe?

— Ao contrário da crença popular, não tenho a solução para todos os problemas.

Hiram ficou de pé lentamente.

— Temos que conseguir mais provas — disse ele.

Jay apontou o polegar para o microscópio sofisticado.

— Quer mais prova do que isso?

— Não sabemos se ele está fazendo algo de errado!

— Ele causou a *morte* de Crisálida! — retrucou Jay, levantando-se para encará-lo.

— Eu exijo uma *prova* do crime. — Bateu o punho fechado na palma aberta.

Jay apontou para a tela.

— Está *aí* a sua prova.

— Parem! Parem! — gritou Tachyon.

Hiram segurou o alienígena pelos ombros.

— Vá até lá. Fale com ele. Pode haver uma explicação lógica. Pense em todo o bem que ele fez…

— Ah, é — disse Jay com todo o sarcasmo que pôde reunir. Estava cansado e de saco cheio de ouvir sobre São Gregg. Tomou outro gole de conhaque.

— Pense no que podemos perder — choramingou Hiram. Às vezes, sua inocência era insuportável.

— Ele vai simplesmente mentir para Tachyon — argumentou Jay. — Aonde diabo isso nos levaria?

— Ele não poderá mentir para mim — anunciou Tachyon em tom solene. Hiram afastou as mãos, e Tach se aprumou como se tentasse parecer mais alto. Não funcionou muito bem. — Se eu for ao encontro dele, você sabe o que farei — disse ele a Hiram. — Lerei a verdade na mente dele. Você a aceitará?

— Sim — respondeu Worchester.

— Ainda que seja inadmissível num tribunal de justiça?

— Sim.

Tachyon contornou Hiram e foi encarar Jay.

— Quanto ao senhor, leve o paletó e destrua-o.

Visões instantâneas do oceano de merda que ele atravessara para encontrar o paletó passaram pela mente de Jay, e ele protestou.

— Ei, é a nossa única prova!

— Prova? Está mesmo sugerindo que divulguemos isso? *Pense.* O que temos em mãos poderia significar a ruína de cada carta selvagem nos Estados Unidos.

Teimoso, Jay disse:

— Mas ele matou Crisálida. Se não o pegarmos, Elmo vai levar a culpa.

Isso foi de mais para o takisiano. De repente, Tachyon começou a puxar os próprios cabelos no que parecia perigosamente próximo de um frenesi histérico.

— *Maldito, maldito, maldito!*

— Olha, não é culpa minha — respondeu Jay, temendo que Tach estivesse a ponto de irromper em lágrimas. — Mas nem a pau que eu vou aceitar algum acordo nojento que deixe o assassino de Crisálida escapar dessa.

— Juro a você, por minha honra e meu sangue, que não deixarei Elmo sofrer.

— Ah, é? E o que vai fazer?

— Ainda não sei! — Tachyon desligou o microscópio eletrônico, removeu a placa e lavou as raspas incriminatórias do tecido na pia. Hiram fez menção de acompanhá-lo quando o alienígena começou a sair, mas Tach o impediu. — Não, Hiram. Devo fazer isso sozinho.

Jay mencionou a objeção óbvia:

— E se ele estiver esperando você com o Menino da Motosserra?

— Esse é um risco que hei de correr.

19h00

— É tudo apenas uma questão de paciência — disse Brennan a Jennifer, em tom sombrio.

Pelo que talvez fosse a décima vez na última hora, um dos clientes do Freakers passava pela mesa deles, espiando Brennan e Jennifer com um olhar intrigado. Pela décima vez na última hora, Brennan retribuiu o olhar com uma frieza que fez o curioso se afastar sem demora.

— Mas — acrescentou ele entre dentes trincados — a minha paciência já está no fim.

Tinha voltado ao Freakers cerca de uma hora antes e contado a Jennifer suas aventuras náuticas e a sábia decisão de Tripé de tirar umas férias na Flórida até a poeira baixar. Tinha uma boa soma em dinheiro para financiar essas férias, pois o *Princesa da Ásia* de Kien tirara uma bela quantia do comprador de barcos que Tripé conhecia, e eles a dividiram em metade para cada.

Uma garçonete com uma cabeça de Medusa, na qual licranços se retorciam, foi até a mesa deles.

— Estamos esperando uma pessoa — disse Brennan.

Ela sorriu.

— Alguém em especial ou qualquer uma serve?

Brennan rangeu os dentes. Começou a responder, parou e segurou o braço de Jennifer enquanto apontava para o balcão.

— Tome — disse ele, dando à garçonete uma nota de vinte sem olhar para ela. — Vá embora.

A mulher aceitou o dinheiro, guardou-o no decote amplo e foi fazer sua ronda.

— É ele — sussurrou Jennifer.

Brennan assentiu.

— Espere aqui.

Kant se encontrava no balcão. Mesmo do outro lado do recinto, era nítido que estava extremamente nervoso. Questionava um dos funcionários quando Brennan se aproximou rapidamente por trás. O barman balançava a cabeça.

— Ela não vem aqui já faz uns dias.

Kant estava desgrenhado e tinha um odor rançoso de viveiro de répteis.

— Você não entende — disse ele ao barman. — Eu preciso dela. Preciso do beijo!

Uma mulher sentada ao balcão girou na direção dele, o rosto oculto por uma máscara brilhante e barata.

— Parece que você tá bem necessitado, gato.

Kant se virou para ela com olhos injetados de sangue, a respiração falha e cortante.

— Eu te beijo, querido — disse a mulher. — Onde você quiser.

Kant soltou um rosnado ininteligível e golpeou o rosto da curinga com as costas da mão, derrubando-a do banco. Ela o olhou do chão, aterrorizada, enquanto ele se inclinava furiosa e enlouquecidamente sobre ela.

— Não preciso de uma prostituta imunda! — berrou ele. Bateu o punho no balcão, depois estremeceu como um cão molhado. Fazendo um grande esforço para se controlar, sibilou: — Preciso do beijo!

Ele girou e quase atropelou Brennan ao avançar para a porta. Ninguém tentou detê-lo. Brennan se virou para chamar Jennifer e viu que ela já estava ao seu lado. Pegou o estojo do arco que ela trazia e murmurou:

— Vamos.

Foi a perseguição mais fácil da vida de Brennan. Kant deixava atrás de si uma trilha de pedestres inconformados, com os quais obviamente trombara. O maior problema era acompanhá-lo. Kant não estava exatamente correndo, mas se movia com a urgência de quem precisa encontrar um banheiro.

Seguiram-no por meia dúzia de quarteirões até um prédio gasto de cinco andares. Tinha aparência sólida e funcional, sem nenhuma pretensão de elegância ou segurança. Kant entrou no lobby e, após um momento, Brennan e Jennifer foram atrás. Ouviram-no subir as escadas e o seguiram num passo mais lento até o topo, sem encontrar ninguém no caminho.

Brennan e Jennifer chegaram ao último andar a tempo de espiar da escada e ver Kant tirar um molho de chaves do bolso e destrancar a porta. Entrou no apartamento e fechou a porta com tanta força que sacudiu o batente.

— Ele está mesmo na pior — sussurrou Brennan.

— Vamos descobrir por quê — comentou Jennifer, em concordância.

Brennan abriu o estojo do arco e empunhou a pistola de ar de cano longo que encaixara perto do arco. Estava carregada com dardos tranquilizantes.

Não tinha intenção de ferir Kant e queria que o curinga fosse capaz de responder às suas perguntas.

Entraram no corredor e pararam diante da porta. Tinha ricocheteado no batente quando ele a fechara, deixando uma fresta aberta. Brennan assentiu para Jennifer, que lhe soprou um beijo. Então ele entrou, rápido e abaixado, soltando o estojo, rolando e pousando agachado.

A sala de estar fora decorada com óbvio capricho, mas não agradou Brennan. Era muito iluminada por numerosas lâmpadas acesas em suportes instalados no teto, e, mesmo sendo verão, o aquecedor estava ligado à máxima potência. A mobília era toda de couro reluzente e cromo polido. A imagem de um lagarto banhando-se ao sol numa rocha lisa passou pela mente de Brennan.

O recinto estava vazio. Ele fechou a porta enquanto Jennifer atravessava a parede e se juntava a ele. Tudo estava quieto e tenso, como se uma fera enraivecida estivesse pronta para emboscá-los em algum lugar na residência.

Brennan indicou o corredor que levava ao restante do apartamento, e Jennifer assentiu. Ele avançou com cuidado, passando por uma cozinha compacta que também estava vazia, depois por um closet cuja porta de correr estava entreaberta. Brennan passou os olhos pelo interior para ter certeza de que não havia nenhum policial curinga enlouquecido de tocaia por ali. Não havia, e ele prosseguiu rumo à entrada do quarto, parou para ouvir e cuidadosamente espiou lá dentro.

O quarto era dominado por uma cama enorme que tinha um colchão de água e quatro colunas sustentando um dossel com espelhos no teto e na cabeceira. Na parede oposta à cama havia uma TV de tela grande e, perto desta, o que parecia ser uma piscina infantil cheia de areia. Duas lâmpadas de iluminação ultravioleta estavam apontadas para a piscina, e Kant estava nela, nu, de olhos fechados. Encontrava-se estirado na areia, resmungando em voz alta enquanto se arrastava pelos pedriscos como se tentasse freneticamente se limpar.

— Kant — chamou Brennan em voz baixa.

O curinga se virou devagar. O rosto era uma máscara endurecida de loucura. Havia um ferimento feio aberto na base do pescoço. Olhou para Brennan, a boca balbuciando sem formar palavras, e então gritou e pulou, as mãos esticadas, os dedos curvos como garras.

Brennan atirou nele calmamente.

A pistola disparou e um dardo emplumado voou pelo ar, atingindo o peito nu de Kant e ricocheteando na pele dura e escamosa.

Merda, pensou Brennan. E, então, o maníaco se jogou sobre ele.

♦

— Tão perto — disse Hiram. Suspirou profundamente, levantou-se do sofá e foi até o bar preparar um drinque. Estavam na suíte de Tachyon no Marriott, esperando sua volta e assistindo à conferência na televisão.

— Perto demais, se quer saber — respondeu Jay.

No andar térreo do Omni, outra previsão inconclusiva acabara de ser apurada. Uma onda de votos por simpatia tinha dado a Gregg Hartmann 1.956 votos dos 2.082 necessários à candidatura. Jackson e Dukakis haviam perdido apoio, e o minúsculo movimento a favor da candidatura dos dois se dispersara completamente. Só as forças de Barnett seguiam firmes.

Centenas de apoiadores de Hartmann, tão perto da vitória que já conseguiam saboreá-la, dançavam pelos corredores, abanando os cartazes verdes e dourados e entoando "Hart-mann, Hart-mann", de novo e de novo, enquanto o presidente da convenção pedia ordem. O público era um mar auriverde de Hartmann, cercando ilhotas teimosas do vermelho de Jackson, do azul de Dukakis e do branco de Barnett.

David Brinkley tinha acabado de prever que Hartmann ultrapassaria a meta na próxima votação quando um dos adeptos de Leo Barnett se levantou pedindo a suspensão das regras "para que Reverendo Leo Barnett possa se dirigir à convenção". De repente, metade do salão estava de pé, gritando para o palco.

O sofá chiou em protesto quando Hiram se sentou outra vez.

— Maldito seja — disse ele —, mas é uma bela manobra. Barnett nunca vai chegar lá, só que teremos que votar contra essa petição, e isso vai levar tempo. Pode tirar um pouco do nosso impulso.

— Nosso? — perguntou Jay com um olhar enviesado.

Hiram fez uma careta, esfregando a parte de trás do pescoço sob o colarinho.

— Até eu ter uma *prova* de que Gregg é o monstro que você diz, ainda sou um delegado de Hartmann. Por direito, eu deveria estar lá neste instante. — Olhou para o relógio de pulso. — Por que Tachyon está demorando tanto?

Mackie Messer pode estar fatiando o fígado dele, pensou Jay, mas não disse nada. Hiram já estava em péssimo estado, não precisava ouvir mais aquilo. Jay tentava descobrir o que fariam a seguir se Tachyon nunca mais voltasse de seu pequeno confronto com Hartmann. E se voltasse e dissesse que Greggie era inocente? Isso bastaria para Hiram, mas Jay era mais desconfiado por natureza. Será que os poderes de ás de Hartmann eram tão potentes a ponto de dobrar até mesmo Tachyon à sua vontade? Jay achava que não, mas já errara antes. Estava feliz por ter ignorado o conselho do alienígena quanto ao paletó; estava seguro, guardado no porta-terno, pendurado no closet.

Na televisão, os seguidores de Hartmann pediam uma votação verbal da petição para suspender as regras. Os apoiadores de Barnett se opunham, exigindo que se votasse sim ou não. Um delegado de Hartmann pediu uma votação verbal para a petição do voto a favor ou contra. O presidente parou para confabular com o consultor.

Jay se levantou e mudou de canal. As outras emissoras mostravam a mesma coisa, assim como a CNN, mas ele encontrou um filme antigo no canal de Ted Turner. Colorido, infelizmente; a pele de Cary Grant tinha um tom estranho de rosa. Deixou naquele canal mesmo assim. Hiram se irritou.

— Que droga, Popinjay — disse ele. — Ponha de volta na convenção.

— Dá um tempo, Hiram. Estão discutindo se devem votar sobre como votar se um cara pode ou não fazer um discurso.

— Sim, e isso pode ser crucial. Se você quer tanto assim ver *Cartola e o casal do outro mundo*, é só dizer e eu lhe compro um videocassete. George Kerby nunca foi dessa cor, nem vivo *nem* morto.

Jay o olhou, intrigado.

— O que você disse?

— Eu disse que George Kerby nunca foi…

— *Merda!* — xingou Jay. — Puta merda.

— O que foi? — Hiram se levantou pesadamente. — Jay, você está bem?

— Não. Sou burro feito uma porta. George Kerby, a porra do George Kerby. O assassino, Hiram! Crisálida deu uma de esperta. A passagem aérea estava no nome de *George Kerby*.

Hiram Worchester não era lento de raciocínio.

— Passagem em nome de um fantasma — disse ele.

— Isso. Um fantasma. Um espectro.

— *James* Spector! — concluiu Hiram.

— E os dois Georges Kerbys voltaram dos mortos. Ela contratou aquele filhodaputa do Ceifador.

Hiram sabia do que o Ceifador era capaz.

— Temos que avisá-los — disse ele. Atravessou o quarto, pegou o telefone e chamou o telefonista. — Ligue para o Serviço Secreto.

A porta se abriu. Dr. Tachyon entrou em silêncio no quarto, cabisbaixo. Hiram o olhou com temor, o telefone momentaneamente esquecido na mão.

— Não… não é verdade, é? — perguntou, desesperado. — Diga que foi tudo um erro pavoroso. Gregg não pode ser…

Tachyon ergueu os olhos lilases, e neles havia pena.

— Hiram — disse suavemente o alienígena. — Meu pobre, pobre Hiram. Eu vi a mente dele. Vi o Titereiro. — O homenzinho estremeceu. — É mil vezes pior do que jamais poderíamos ter imaginado.

Tachyon se sentou no tapete, enterrou a cabeça nas mãos e começou a chorar.

Hiram ficou ali, boquiaberto. Jay nunca o vira tão exausto, tão abatido, tão gordo. Tirou o receptor da orelha e o olhou como se nunca tivesse visto um telefone antes, o rosto cinzento como fuligem.

— Que Deus me perdoe — disse ele, num sussurro quase inaudível. Então, desligou o telefone.

♠

Era o dia de Brennan combater lagartos. Kant era forte, mas, em seu frenesi, havia se esquecido de quaisquer técnicas de luta que conhecesse. Brennan bloqueou a mão em garra quanto ele tentou rasgar seus olhos, pegou o outro pulso do policial e o jogou com força contra o pé da cama. Kant se agachou, arfando, e, quando Brennan saltou sobre ele, abriu um canivete automático que tirara da pilha de roupas junto ao tanque de areia. Brennan mudou de direção no meio do salto, mas não foi veloz o bastante. A lâmina rasgou sua camiseta e a pele por baixo, riscando uma linha de sangue no estômago e no peito, do umbigo ao mamilo.

Ira passou pela parede enquanto Brennan se jogava para o outro lado da cama. Kant viu a mulher, e seus olhos saltaram das órbitas. Ele se retorceu freneticamente de um lado ao outro, tentando pegar Jennifer e Brennan ao

mesmo tempo.

— Não vamos machucar você — disse ela, em sua voz mais tranquilizante. — Queremos ajudar.

— Me ajudar? — perguntou Kant, a voz esganiçada, histérica e maldosa. — Se querem ajudar, me consigam o maldito beijo!

Brennan mergulhou por cima da cama, agarrou o pulso de Kant e deu um puxão, empurrando-o para baixo. O canivete caiu no colchão. Brennan pulou sobre Kant, e o lagarto se retorceu com selvageria, furando a cama.

A água espirrou como se uma represa tivesse se rompido. Os dois homens foram separados, e o policial caiu perto de Jennifer, molhado como um rato de cais, arfando e cuspindo. Ele agarrou Jennifer, golpeando com o canivete. Ela ficou intangível. Kant passou através dela, perdeu o equilíbrio e Brennan o agarrou por trás, empurrando-o contra a tela da TV. O aparelho explodiu com estardalhaço. Kant ficou pendurado ali, atordoado, até Brennan tirá-lo daquela situação. O policial estava zonzo e sangrava por uma dezena de cortes no rosto e no peito. Brennan tirou o canivete da mão do sujeito com um tapa e chutou a arma para longe, jogou-o no chão e se sentou no peito dele.

— Que história é essa de beijo? — perguntou.

Kant gemeu, lambendo inconscientemente o sangue que escorria do nariz e dos lábios.

— É Ezili? Você a quer?

Kant jogou a cabeça de um lado para o outro, os olhos arregalados e vidrados, mas que ainda continham uma necessidade poderosa.

— Nãão! — uivou. — Aquela vaca.

— O quê, então? — exigiu saber Brennan, sacudindo-o pelos ombros.

— O Mestre. Ti Malice. O beijo dele, tão doce, tão doce.

Brennan e Jennifer se entreolharam, confusos.

— Quem é Malice?

— Meu mestre.

Subitamente, Brennan se lembrou de onde vira um ferimento como o que havia no pescoço de Kant.

— Ele é o mestre de Sascha também? — Kant balançou a cabeça, ainda aturdido e desorientado, e Brennan lhe deu um tapa para chamar atenção. — Sascha, o barman do Crystal Palace. Malice é o mestre dele também?

— É.

— Onde estão eles?

— Não sei, porra! Sumiram. Me deixaram para trás!

— Quem seu mestre levou?

— Uns cavalos — balbuciou Kant. — Não conheço todos.

— Ele levou Sascha?

Kant soluçou inarticuladamente, descontrolado.

— Meu Deus — murmurou Brennan.

Levantou-se e arrastou Kant para perto da cama. Pegou o par de algemas que encontrou entre as roupas do policial, empilhadas no chão, e o prendeu a uma das colunas do dossel. Kant se encolheu na poça no chão, chorando e cutucando o ferimento no pescoço.

Brennan pegou o telefone na mesa de cabeceira e ligou para o Forte das Aberrações.

— Maseryk — disse ele. — É uma emergência. Vida ou morte.

O detetive levou apenas um momento para responder.

— É melhor que seja importante — falou, num tom duro e monótono.

— É o seu parceiro. Está viciado.

Houve um silêncio atônito.

— Drogas? — perguntou Maseryk depois de um instante.

— Acho que não. Olhe — disse Brennan, impedindo outras perguntas —, acho melhor você ir para o apartamento de Kant, e rápido. Ele precisa de ajuda. E, Maseryk…

— Quê?

— Você me deve uma. — Desligou o telefone e voltou-se para Ira. — Vamos dar o fora daqui.

♥

— O que vamos fazer? — perguntou Hiram quando os soluços de Tachyon finalmente começaram a diminuir.

— Contar para todo mundo — respondeu Jay.

Dr. Tachyon se levantou de um salto.

— Não! — disse ele. — Está louco, Ackroyd? O público *jamais* deve saber a verdade.

— Hartmann é um monstro — objetou Jay.

— Ninguém sabe isso melhor que eu. Nadei no esgoto da mente dele, senti a degradação que o habita, senti o Titereiro. Ele me *tocou*. Você não pode imaginar como foi.

— Não sou telepata. Então, sinto muito, mas não vou ajudar você a limpar a barra de Hartmann.

— Você não compreende — insistiu Tachyon. — Por quase dois anos, Leo Barnett vem cantando avisos horrendos sobre a violência do carta selvagem nos ouvidos do público, inflamando o temor e a desconfiança contra os ases. Agora você propõe que contemos a eles que o homem tinha razão o tempo todo, que um monstruoso ás secreto de fato subverteu o governo. Qual acha que será a reação?

Jay deu de ombros. Estava cansado e abatido demais para discussões intelectuais.

— Tá bom, aí Barnett se elege, grande coisa. Ficamos com um direitista imbecil na Casa Branca por quatro anos. A gente sobreviveu a Reagan por oito.

Dr. Tachyon não quis saber.

— Você não sabe de metade das coisas que encontrei na mente de Hartmann. Os assassinatos, os estupros, as atrocidades, e ele sempre no centro de tudo, o Titereiro puxando as cordinhas. Eu lhe aviso: se um dia a história completa se tornar conhecida, a repulsa pública ocasionará um reinado de terror que fará as perseguições dos anos 1950 parecerem insignificantes. — O alienígena gesticulou loucamente. — Ele matou o próprio filho nascituro e se banqueteou na dor e no terror que essa morte causou. E seus títeres… ases, curingas, políticos, líderes religiosos, policiais, qualquer um tolo o bastante para tocá-lo. Se esses nomes forem divulgados…

— *Tachyon* — interrompeu Hiram Worchester. Sua voz estava baixa, mas a angústia era nítida, como unhas arranhando um quadro-negro.

Dr. Tachyon olhou para Hiram com culpa. Era difícil saber qual dos dois parecia mais amedrontado.

— Me conte — pediu Hiram. — Esses títeres. Eu… eu fui… um dos… — Não conseguiu terminar a pergunta, engasgado com as palavras.

Tachyon assentiu. Um gesto breve, quase furtivo. Uma única lágrima rolou por seu rosto; depois, ele desviou o olhar.

Hiram ponderou com expressão pesada, imóvel. Então, disse:

— De uma forma grotesca, isso é quase engraçado. — Mas não estava

rindo. — Jay, ele tem razão. Esse deve ser o nosso segredo.

Jay olhou do homem pequenino para o grande, sentindo-se em desvantagem.

— Façam o que quiserem — respondeu —, só não esperem que eu vote nesse merda. Mesmo que eu esteja registrado.

— Devemos fazer um pacto — disse Tachyon. — Um juramento solene de fazer tudo o que esteja ao nosso alcance para deter Hartmann… e de levar tal juramento ao túmulo.

— Ah, dá um tempo — gemeu Jay. A última coisa que precisava agora era de mais baboseira takisiana.

— Hiram, o copo — rosnou o alienígena. Hiram lhe entregou o drinque inacabado, e Tachyon despejou o conteúdo do copo no tapete. Inclinou-se, tirou uma faca longa de uma bainha na bota e a ergueu em riste diante deles. — Devo jurar pelo sangue e pelo osso — disse e, antes que pudessem impedi-lo, segurou a faca com a mão direita e fez um corte bem no pulso esquerdo. Manteve o ferimento sobre o copo até que houvesse uma polegada de sangue no fundo; então, enfaixou o pulso com um lenço de renda e passou a faca para Jay.

O detetive apenas olhou para a arma.

— Você só pode estar brincando.

— Não — respondeu Tachyon, com o rosto solene.

— Que tal eu só mijar no copo?

— O vínculo é o sangue — insistiu Tachyon.

Hiram se adiantou.

— Farei isso — disse ele, pegando a faca. Tirou o paletó de linho branco, dobrou a manga da camisa e fez o corte. A dor o fez inspirar agudamente, mas a mão não hesitou.

— Tão fundo — murmurou Tachyon quando o sangue quente e vívido começou a verter do pulso de Hiram, que se encolheu de dor e manteve a mão acima do copo. A linha vermelha subiu mais um tanto.

Então, os dois olharam para ele.

Jay suspirou profundamente.

— Então, se vocês dois são Huck e Tom, acho que eu sou o Negro Jim — disse ele. — Me lembrem de mandar examinar minha cabeça quando isso tudo acabar. — Pegou a faca.

Doeu pra caralho.

Quando terminou, Dr. Tachyon girou o corpo para misturar o sangue, depois o ergueu acima da cabeça e cantou numa melodia aguda e monótona que Jay presumiu ser takisiana.

— Pelo Sangue e pelo Osso, assim eu juro — concluiu ele. Jogou a cabeça para trás e bebeu um terço do copo num gole longo.

Jay achou que fosse vomitar. Até Hiram pareceu um pouco nauseado quando Tachyon passou o copo para ele.

— Pelo Sangue e pelo Osso — entoou Hiram, e tomou o gole ritual.

— Posso botar um pouco de tabasco, quem sabe uma dose de vodca? — perguntou Jay quando Hiram lhe entregou o que restava.

— Não pode — respondeu Tachyon rigidamente.

— Que pena. Sempre gostei de Bloody Mary. — Ergueu o copo e resmungou: — Sangue e Osso. — E bebeu o resto do sangue, sentindo-se idiota. — Hmmm — comentou depois.

— Está feito — disse Tachyon. — Agora, devemos fazer planos.

— Vou voltar para o Omni — anunciou Hiram. — Eu estava entre os primeiros apoiadores de Gregg. Ouso dizer que tenho alguma influência sobre a delegação de Nova York. Talvez seja capaz de causar algum impacto. Devemos negar a ele a candidatura, a qualquer custo.

— Concordo — disse Tachyon.

— Gostaria de saber mais sobre Dukakis… — começou Hiram.

— Dukakis, não — retrucou o alienígena. — Jesse Jackson. Ele vem nos cortejando há muito tempo. Falarei com ele. — Apertou a mão de Hiram, os lenços sujos de sangue pendurados de forma absurda no pulso de ambos. — Nós conseguiremos, meu amigo.

— Que ótimo — disse Jay. — Então Greggie não vai ser presidente. Grande coisa. E as vítimas dele? Kahina, Crisálida e todo o resto?

Dr. Tachyon o olhou de soslaio.

— Crisálida, não — disse ele.

— Quê?

— De fato, ele ameaçou Crisálida. Fez com que ela e Digger assistissem enquanto sua criatura torturava e matava Kahina, mas nunca cumpriu a ameaça. Quando soube da morte dela na manhã da segunda-feira, ficou tão surpreso quanto qualquer outra pessoa.

— Porra, não é possível — disse Jay. — Você entendeu errado.

O homenzinho se aprumou em toda a sua altura.

— Sou um lorde psíquico de Takis, treinado pelos mentatas da Casa Ilkazam — disse ele. — A mente dele foi *minha*. Eu não me enganei.

— Ele mandou Mackie atrás de Digger! — argumentou Jay.

— E mandou que a Estranheza recuperasse o paletó incriminatório para destruí-lo, com toda certeza. *Depois* de ter recebido a notícia da morte de Crisálida, ele tomou medidas para se proteger. Mas não foi responsável por encomendar a morte dela. — Tachyon pôs a mão no ombro de Jay. — Lamento, meu amigo.

— Então quem foi, porra? — questionou Jay.

— Não temos tempo para discutir sobre isso agora — respondeu Hiram, impaciente. — A mulher está morta, nada vai…

— Quieto — retrucou Jay com urgência.

Um plantão de notícias havia expulsado Cary Grant da tela da TV.

— "… a mais nova tragédia a atingir a convenção" — anunciava uma voz solene. — "O Senador Hartmann não foi ferido, repito, *não foi ferido*, mas relatos confiáveis indicam que o ás assassino tirou a vida de outros dois homens na tentativa de chegar ao senador. Ainda estamos esperando uma confirmação, mas fontes não oficiais indicam que as vítimas foram Alex James, um agente do Serviço Secreto que acompanhava o Senador Hartmann" — uma fotografia do morto apareceu na tela, acima do ombro do repórter — "e o líder da delegação de Hartmann na Califórnia, Jack Braun. O controverso Braun, que estrelou longas-metragens e o seriado *Tarzan*, era mais conhecido como Golden Boy. Muitos o consideravam o homem mais forte do mundo. Braun chamou atenção do público pela primeira vez…"

O repórter continuou falando enquanto a foto de Braun aparecia na tela. Usava a antiga farda e exibia um sorriso enviesado, cercado por um halo dourado. Parecia jovem, vivo, invencível.

— Ah, Jack — murmurou Tachyon, parecendo prestes a chorar de novo.

— Ele não pode estar *morto*! — disse Hiram, furioso. — Eu salvei a vida dele ontem à noite! — O móvel da TV saiu flutuando do carpete, subindo rumo ao teto como um balão. Jay olhou de lado e viu que a mão de Hiram se fechara com força. — Não pode estar morto! — insistiu, e de repente a TV estava caindo. Foi ao chão como se tivesse sido derrubada de seis andares em vez de dois metros, e a tela explodiu.

— Sua morte não terá sido em vão — disse Tachyon inutilmente. Tocou o braço de Hiram. — Venha.

Depois que os dois saíram, Jay se sentou no sofá. As costelas doíam, o rosto doía e agora o pulso doía também. Estava com gosto de sangue na boca, não tinha nem a mais remota ideia de quem diabo poderia ter matado Crisálida e estava cansado demais para pensar direito.

Tirou o frasco de analgésicos do bolso, pôs quatro comprimidos na boca e os engoliu com um longo gole do melhor conhaque do Dr. Tachyon. O gosto era bom pra cacete. O segundo gole foi ainda melhor; o terceiro foi simplesmente delicioso. Depois disso, perdeu a conta. Quando a garrafa ficou vazia, a cabeça de Jay estava girando. Deitou-se no sofá. Não podia dormir de jeito nenhum; não com tudo aquilo acontecendo. Mas, talvez, se só fechasse os olhos por uns minutos…

20h00

Depois do dia longo e difícil, Jennifer dormiu, mas Brennan não conseguiu.

Estava à beira da exaustão, mas com a mente curiosamente clara e lúcida. O cérebro não queria desligar e lhe permitir o descanso de que precisava, então deslizou em silêncio da cama, vestiu-se e saiu para a noite.

O ar estava quente e grudento. A onda de calor que causticava a cidade era implacável mesmo à noite. As ruas estavam cheias de gente, vagando, observou Brennan, numa busca infrutífera por soluções para problemas particulares, respostas tão esquivas quanto aquelas que ele procurava.

Uma nova variável tinha surgido para complicar ainda mais a equação do assassinato de Crisálida: o mestre misterioso, Ti Malice, e sua suposta cúmplice, Ezili Rouge. Sascha era um servo, assim como Kant. O policial usara um termo estranho para se referir àqueles que serviam Malice; chamara-os de “cavalos”. Brennan não conseguia nem imaginar o que Kant quis dizer com a palavra.

Uma multidão havia se reunido diante de uma farmácia 24 horas a alguns quarteirões do hotel. Brennan se juntou a eles, curioso quanto ao que causava tal expectativa silenciosa, e viu que a televisão instalada na vitrine estava ligada num canal de notícias que recapitulava os eventos caóticos do dia em Atlanta.

Jack Braun fora assassinado, dizia o apresentador. Brennan não pôde acreditar. Quando jovem, era um grande fã de Golden Boy, idolatrando-o por ser bonito, forte e destemido; tudo o que um herói deveria ser. Resgatava os fracos e protegia os aflitos como uma encarnação do ideal heroico. Com o amadurecimento, Brennan aprendera que heróis podiam ser vazios ao perceber que Golden Boy havia traído os amigos num momento de fraqueza e temor. Mas sua crença contínua no ideal heroico tinha sido parte do que o levara ao Exército.

Lá, Brennan aprendera em primeira mão como era difícil os ideais florescerem num mundo imperfeito. Fora enviado para defender o Vietnã. Em vez disso, por causa da ineficiência e da incompetência, da avareza e da estupidez, tinha ajudado a devastar o país. Então, os responsáveis pela

bagunça simplesmente se afastaram, deixando o povo vietnamita nas mãos dos bandidos brutais de quem haviam jurado defendê-los.

Tomado pela dor dessa lição, Brennan também se afastara, numa tentativa de se isolar abandonando o resto da humanidade. Mas descobriu que antigos laços, sempre rememorados, são impossíveis de esquecer, e novos laços, uma vez forjados, são impossíveis de ignorar.

Que Barnett e Hartmann disputem seus jogos em Atlanta, pensou ele. *Que ergam cartazes, usem chapéus esquisitos e façam discursos plenos de promessas vazias e impossíveis*. No fim, pouca importância teriam seus atos. Apesar das belas intenções e dos nobres votos, Hartmann ainda seria tolhido por um sistema aleijado pela incompetência, pela inércia e pela injustiça. Barnett também enfrentaria os mesmos obstáculos se tentasse pôr seus planos desprezíveis em execução.

No fim, concluiu Brennan, era preciso proteger os camaradas, os amigos e a família. Sabia que sempre estaria pronto para isso. E se, como acontecera com Crisálida, chegasse tarde demais para essa proteção, garantiria que qualquer um que ferisse sua gente uma vez nunca mais pudesse fazê-lo de novo.

Deu um sorriso enviesado. Sentimentos nobres, observou, mas, na verdade, não estava tendo muito sucesso em retaliar. Olhou para a tela da TV sem enxergá-la de fato. Precisava de mais informações, mas as fontes haviam secado. Não tinha nada nas ruas. Sascha desaparecera, talvez sob as ordens do misterioso Ti Malice. Transluz obviamente estava mais interessado em se livrar de Kien e ajudar a encontrar os arquivos de Crisálida…

Talvez essa fosse a resposta. Crisálida sabia de tudo o que acontecia no Bairro dos Curingas. Talvez o estoque de informações tivesse as respostas de que Brennan precisava. Mas os arquivos estavam muito bem escondidos. Sabendo o quanto ela valorizava os segredos, duvidava que tivesse contado a alguém onde os guardava.

Exceto, talvez, um homem. Alguém que era para ela um tipo de confidente. Alguém cujos lábios estariam selados por votos invioláveis de silêncio. Alguém que tinha recebido dela um estranho legado.

Brennan decidiu que era hora de quitar todas as dívidas.

Determinado, ele voltou ao quarto do hotel para dormir por algumas horas. Sorriu quando o gato que o seguia também se virou, dardejando rapidamente pelas sombras. Pensou em parar e lhe oferecer uma carona, mas

chegou à conclusão de que o exercício faria bem ao Dragão Preguiçoso.

♣ ♦ ♠ ♥

Sábado

23 de julho de 1988

8h00

…andou mais rápido, os pés descalços, sangrando, perseguindo o homem pesado de casaco preto e volumoso. Gritou para ele, mas nada rompeu o silêncio medonho além do som de seus passos. Os degraus se estreitaram, tornando mais difícil manter o equilíbrio enquanto corria para a escuridão. Ao chegar à plataforma suspensa sobre o abismo estígio, o homem estava lá antes dele. A simples visão daquelas costas, curvas e agourentas, encheu-lhe de medo, e, quando o homem se virou, o terror cresceu dentro dele até achar que o sufocaria. O rosto branco sem feições se ergueu, o tentáculo vermelho e úmido tateou o ar. O uivo e o grito de Jay ressoaram juntos numa horrível cacofonia…

— Você mijou nas calças — zombou uma voz. — Mas que belo ás.

Jay se sentou. O terno estava amarrotado, a lateral do corpo doía e a cabeça latejava. Um garoto estava de pé do outro lado do quarto com um sorriso afetado no rosto, como se o detetive fosse a coisa mais engraçada que ele já tivesse visto. O menino tinha um rosto refinado e perfeitinho, um

sotaque francês e uma atitude presunçosa. O cabelo era tão vermelho que doía olhar. Jay teve vontade de mandá-lo para o South Bronx, mas percebeu que era melhor não fazer isso. Grogue como estava, pareceu lembrar que esse era o neto de Tachyon.

— Cadê seu avô? — perguntou Jay enquanto se levantava, ignorando o escárnio do garoto.

Sobre o tapete havia cacos de vidro, que se partiram quando ele os pisou. Estavam em cima do sofá também, e alguns estilhaços caíram de Jay quando ele se levantou. Notou pela primeira vez as janelas despedaçadas. Quando diabo isso tinha acontecido?

O garoto deu de ombros.

— Ele não dormiu na cama — respondeu. — Talvez finalmente tenha achado uma das vadias dele.

— Faz sentido — disse Jay. — Eu desmaio na porcaria do sofá com uma cama perfeitamente adequada e vazia no quarto ao lado.

Foi até o bar, o vidro quebrando sob o salto dos sapatos, e olhou para a seleção de bebida por um momento até encontrar uma garrafa de conhaque ainda lacrada. Resolveu que um gole faria bem para a sua ressaca.

— Você é o Popinjay. — disse o moleque que era tão arrogante quanto Tachyon e já tinha quase a altura do avô.

— Jay Ackroyd — corrigiu ele. — E você é quem? Kid Tachyon?

— Blaise. Sou um quarto takisiano — acrescentou, orgulhoso.

— Não esquenta com isso. Sou um quarto croata.

Jay virou o conhaque, que desceu queimando a garganta. Serviu um pouco mais no copo, e continuou servindo. Um terço já estava cheio. Metade. Três quartos. Jay tentou afastar a garrafa. Continuou servindo. Encheu o copo até a borda. Jogou tudo por cima da cabeça.

O álcool ardeu quando atingiu os olhos, cegando-o. Tentou dizer *filhodaputa*. Em vez disso, viu-se cantando “Brilha, Brilha, Estrelinha” numa voz aguda em falsete, com gestos afetados para acompanhar. No meio disso, em algum momento, o copo de conhaque escorregou dos dedos e rolou pelo carpete.

Quando a vista clareou, Blaise estava parado diante dele, de braços cruzados e com um sorriso satisfeito.

— Os takisianos não deixam ninguém zombar deles — disse o rapaz a Jay. — Cuidado com o que diz. Posso forçar você a fazer tudo o que eu

quiser. — Ele riu. — Agora está molhado nas duas extremidades.

— Que ótimo — respondeu Jay. Cheirava a conhaque e mijo. — Você daria um bom detetive.

— É mesmo? — Blaise não entendeu o sarcasmo; Jay ficou grato por isso.

— Com certeza. É claro que ainda tem algumas coisas a aprender.

— Como o quê? — perguntou o garoto.

— Bom, como ter certeza de que um cara não está armado antes de deixar ele puto da vida. — Fez uma arma com a mão, apontou para Blaise e piscou expressivamente.

O garoto não ficou impressionado.

— Você não tem arma nenhuma — disse ele.

Jay sorriu com doçura.

Blaise produziu um belo estalo quando desapareceu. Nem teve tempo de parecer surpreso.

Jay estava parado ali, com o dedo apontando para o ar vazio, quando a porta da suíte se abriu e um Tachyon de aparência exausta entrou, o viu e franziu o cenho.

— Doutor — disse ele, tentando parecer inocente —, eu juro, não sabia que isso estava carregado.

9h00

Brennan entrou na igreja e observou Quasim por alguns minutos enquanto este lavava o vitral da janela que retratava a paixão de Jesus Cristo Curinga.

— Olá. — O curinga cumprimentou Brennan cordialmente quando ele se aproximou, encostando a extremidade traseira do rodo de cabo longo no chão e apoiando-se nele como se fosse uma lança.

— Preciso falar com Padre Lula — respondeu Brennan.

Quasim soltou o rodo quando a mão que o segurava desapareceu subitamente. Olhou com calma para onde a mão estivera, como se fosse algo a que já estava acostumado. Um momento depois, Brennan sentiu um sopro de ar frio e uma lufada de um fedor insuportável, e a mão de Quasim voltou ao lugar. Ele se inclinou e pegou o rodo.

— Ele está meditando no escritório — informou o curinga, como se nada fora do comum tivesse acontecido.

Brennan assentiu.

— Sei onde é.

Fez menção de seguir para lá, mas o curinga pousou a mão em seu braço. Ainda estava fria como gelo, mas Quasim não percebeu ou não se importou.

— Você sabe quem foi? — perguntou ele.

Brennan balançou a cabeça, negando.

— Então, ainda pode precisar de mim?

— É bem possível.

Quasim soltou o braço de Brennan.

— Vou estar pronto — disse, acrescentando: — Espero.

Também espero, pensou Brennan, mas só assentiu e passou por ele.

No escritório, Padre Lula estava em sua postura meditativa favorita.

— Olá, sargento.

O padre se assustou. Seus olhos se abriram de supetão, e ele olhou para Brennan. Sorriu levemente, tremulando os tentáculos que pendiam sobre a boca.

— Eu nunca poderia ter me aproximado discretamente de você nos velhos tempos — disse Brennan, sentando-se diante da mesa do padre. O sacerdote

concordou, sentado na cadeira confortável onde estava repousando.

— Estou mais velho do que nos velhos tempos. Também durmo muito melhor.

Brennan sorriu, embora houvesse pouco humor em sua expressão.

— Eu também dormi, por um tempo.

— Por que não desiste e tenta encontrar a paz que eu encontrei?

— Eu tentei — respondeu Brennan. — Até passei um tempo num monastério. Um monastério zen. — Sorriu ao ver o espanto no olhar do padre. — Mas nunca fui um dos melhores discípulos. A violência me segue como uma sombra malquista. Eu raramente a procuro, padre, mas ela me encontra onde quer que eu me esconda.

— Então, voltamos a essa história de "padre", é?

Brennan deu de ombros.

— Como quiser. Quantas vezes foi nomeado sargento, afinal?

Padre Lula sorriu.

— Quatro vezes.

— E foi rebaixado a soldado raso em cada uma delas.

— Bom, naquele tempo eu não costumava seguir as regras.

— Às vezes, havia motivo para não seguir — lembrou Brennan. — A Brigada Curinga era só uma desculpa para eliminar o maior número possível de vocês.

— Talvez. Mas havia bons soldados nela. — O padre sorriu para ele. — E algumas das unidades com as quais servimos não eram tão más. Você nunca se importou se um homem tinha plumas, pelo ou cabelo… ou se tinha tentáculos no rosto e ventosas nas mãos.

— Éramos irmãos de armas — respondeu Brennan com suavidade. — Isso era tudo que importava.

Olharam-se por um longo tempo, revivendo memórias de quinze anos antes.

— O que você fez depois da guerra? — perguntou Brennan, finalmente.

— Não fiz muitas coisas das quais me orgulhe. Vendi meus serviços por um tempo. Mas, a cada lugar aonde ia, por pior que fosse a Brigada Curinga, por pior que fosse o Bairro dos Curingas, descobri que os curingas em geral recebiam tratamento muito pior fora dos Estados Unidos. — Encolheu os ombros imensos. — Tentei fazer alguma coisa a respeito disso por um tempo, mas receio, na verdade, ter prejudicado mais do que ajudado.

— Uma vez, ouvi dizer que um homem chamado Cara-de-Lula andava com o Cão Preto. Me perguntei se era você.

— Era — confessou o padre, pesaroso. — E muito me arrependo dessa época. Nunca serei capaz de cumprir penitência suficiente para purificar minha alma do horror das coisas que fiz em nome do meu povo.

— Todo mundo comete erros — sussurrou Brennan. — Os maus esquecem. Os bons tentam compensar.

— Bom — disse o padre, piscando depressa —, sou eu quem deveria estar oferecendo conforto espiritual, meu filho.

Brennan sorriu.

— Ao contrário de você, receio estar além da redenção. Mas preciso da sua ajuda numa outra questão.

— O assassinato.

Brennan assentiu.

— Cheguei a um beco sem saída. Explorei todas as pistas e não tenho mais a quem recorrer. Percebi, na noite passada, que você era o confidente de Crisálida, talvez até seu confessor. Lembrei-me do legado que ela lhe deixou e de alguns rumores que ouvi sobre os arquivos secretos dela.

Padre Lula balançou a cabeça.

— O legado foi meramente uma mala cheia de dinheiro que ela havia guardado para o caso de ter que fugir da cidade de uma hora para a outra. Auxiliará muito aos pobres da minha paróquia, mas receio que fará pouco para ajudar a localizar o assassino.

Brennan fez uma careta.

— Então, Crisálida nunca lhe contou nada que pudesse ter relação com a morte dela?

— Se contou, foi na santidade da confissão, e esta confiança inabalável não pode ser violada.

— Mesmo que o assassino saia impune?

O padre suspirou profundamente.

— Mesmo que o assassino saia impune.

Brennan se levantou e encarou o padre com firmeza.

— Você mudou *mesmo* — disse ele. — Sargento Cara-de-Lula sabia quando a justiça e a honra tinham precedência sobre um sistema rígido de regras.

— Às vezes, capitão, perco a esperança na minha alma. Às vezes, receio

ser um padre tão falho quanto você foi como discípulo zen.

De repente, Brennan sorriu.

— Às vezes, Bob, acho que somos ambos culpados de espalhar nossa cota de mentiras.

Os tentáculos do padre sacudiram-se com a gargalhada.

— Está correto — disse Padre Lula. — Bom, Crisálida me contou algumas coisas na santidade da confissão que eu não posso revelar. Mas posso revelar que você está negligenciando uma fonte de informação. — Fez uma pausa dramática. — Os vizinhos dela, Daniel. Os vizinhos do andar de baixo.

A expressão de Brennan ficou confusa quando o curinga se levantou pesadamente.

— Agora, se me der licença, preciso me preparar para a missa das dez.

10h00

O café da manhã chegou quando Jay estava saindo do chuveiro. Secou-se com a toalha, imaginando o que deveria fazer com as bandagens úmidas em torno das costelas, e vestiu as roupas que Tachyon lhe emprestara. As mangas eram curtas demais, e as calças exibiam cinco centímetros dos tornozelos pálidos, mas de resto o terno caía bastante bem. O único problema era o tom roxo-amarronzado.

Tachyon estava sentado diante do carrinho do serviço de quarto passando manteiga numa fatia de torrada quando Jay saiu do banheiro. Estirado numa poltrona, Blaise olhou para ele e riu em silêncio, zombeteiro. Tachyon olhou duramente para o neto.

— Blaise, gostou do seu passeio pela esteira de bagagens?

O garoto ficou emburrado.

— Não. Me senti idiota.

— Então, pelo Ideal, *trate* de ter boas maneiras — disse Tachyon a ele —, ou pedirei ao Sr. Ackroyd que o teleporte de volta ao aeroporto de Atlanta.

— Não tenho culpa se ele está engraçado — queixou-se Blaise. — Está parecendo uma fruta.

— Essas roupas são *minhas* — informou Tachyon com rigidez. Olhou para Jay. — Pessoalmente, creio que foi um grande aperfeiçoamento.

— Concordo com o moleque — respondeu Jay. Blaise pareceu surpreso, então, sorriu. Num movimento rápido, como quem saca a arma, Jay apontou o dedo e manteve o jovem na mira. Blaise se encolheu. — Te peguei — disse Jay, sorrindo.

Blaise sorriu também. Mandar o moleque para o outro lado da cidade havia feito maravilhas para o relacionamento dos dois.

— Ele já é travesso o bastante sem que você o encoraje — queixou-se Tachyon.

— Ah, ele é legal — respondeu Jay, puxando uma cadeira até o carrinho do serviço de quarto. — Para um takisiano. — Ergueu a tampa prateada do prato e atacou vorazmente os ovos beneditinos. Não eram tão bons quanto os

do Aces High, mas ele estava faminto o bastante para não dar a mínima. Hiram sempre dizia mesmo que o paladar de Jay era tão refinado quanto o de um ogro.

Tachyon limpava melindrosamente os lábios com um guardanapo e Jay esfregava os restos da gema com um pedaço de torrada quando alguém bateu à porta. Tachyon se levantou.

— Quem vem lá?

— Carnifex. Abre logo, não tenho o dia todo.

O takisiano olhou para Jay.

— Deixa ele entrar — disse Jay. — Ray é durão, mas não pode fazer nada contra você, contra mim ou contra Cisco Kid ali — indicou Blaise.

O alienígena assentiu e abriu a porta. Carnifex olhou ao redor e entrou na suíte, usando o uniforme branco colado à pele que evidenciava cada músculo e tendão do corpo. O capuz estava abaixado, exibindo um rosto que parecia ter sido montado com partes sobressalentes.

— As regras dizem que a gente tem que ficar fora da baboseira política — disse Ray a Tachyon, com desdém. — Melhor pra você. Caso contrário, eu teria que quebrar a sua cara. Acho que você anda passando tempo demais com Braun. Deve ter pegado um pouco o jeito dele.

A boca de Tachyon se estreitou.

— Diga o que veio dizer, Ray — exigiu. — Suas opiniões sobre questões políticas e morais não são do menor interesse para mim.

— Gregg quer ver você — respondeu Billy Ray.

— O sentimento não é recíproco.

— Você vai lá falar com ele — disse Ray com um sorriso tardo. — Gregg mandou dizer que tem uma proposta pra discutir.

— Não tenho nada a discutir com o senador.

— Tá com medo? — perguntou Ray. — Fica tranquilo; se quiser eu seguro na sua mão. — Deu de ombros. — Vem ou não vem, não tô nem aí. Mas, se não for, vai se arrepender. — O ás de uniforme branco olhou para a suíte: para as janelas que o Tartaruga havia estilhaçado, a televisão que Hiram quebrara, a mancha de urina no sofá. — Deve ter sido uma festa do caralho — disse ele a Tachyon. — Alguém precisa ensinar você a limpar a casa, doutor. Isso aqui tá uma zona.

Estava a caminho da porta quando Jay chamou:

— Ei, Carny.

Ray se virou com um brilho perigoso nos olhos verdes.

— É Carnifex, babaca.

— Carnifex Babaca — repetiu Jay. — Vou tentar lembrar. Quantos desses trajes bonitinhos você tem?

— Seis ou oito — respondeu Carnifex, desconfiado. — Por quê?

— Deve ser um saco limpar as manchas de sangue.

Ray apenas o olhou.

— Fica fora do meu caminho, ô xereta — disse ele —, ou vai descobrir em primeira mão. — Fechou a porta com força ao sair.

— Xereta — repetiu Jay. — Ele me chamou mesmo de xereta. Meu Deus, estou arrasado. — Voltou-se para Tachyon. — Você vai?

O homenzinho se endireitou.

— É necessário.

Jay suspirou.

— Eu temia que você dissesse algo assim.

♣

Brennan deixou Jennifer a meia quadra do Crystal Palace e continuou dirigindo. Considerando o bilhete misterioso que os avisava sobre o palácio, este parecia ser o modo mais seguro de verificar a existência dos vizinhos sobre os quais Padre Lula havia falado. Jennifer faria o reconhecimento da área sob forma imaterial, depois viria chamar Brennan se o caminho estivesse livre.

Ele passou de carro pelo Crystal Palace e entrou no beco que ficava de frente para a entrada de serviço. Desligou o motor e sintonizou numa rádio enquanto esperava Jennifer voltar.

As notícias de Atlanta eram melhores do que haviam sido na noite anterior. Ao que parecia, os relatos iniciais sobre a morte de Jack Braun foram imensamente exagerados. Ele ainda estava vivo. O ás de Golden Boy o salvara novamente.

O fluxo de pensamentos de Brennan foi interrompido pelo súbito e estridente barulho de um megafone que o congelou ao volante.

— *Você aí, no carro. Aqui é a polícia. Saia com as mãos para cima! Está na nossa mira. Saia com as mãos para cima!*

Brennan ficou sentado ao volante por mais um momento, a mente passando acelerada por meia dúzia de planos de fuga e descartando-os em seguida. Pelo para-brisa, viu três policiais se aproximando. Os dois de uniforme apontavam pistolas para ele, e o terceiro, alguns passos atrás, era Maseryk.

Levantou as mãos e, com movimentos vagarosos e exagerados, abriu a porta e saiu do carro. Ficou de pé, esperando por eles com o rosto inexpressivo.

— Não conseguiu ficar fora disso, não é? — perguntou Maseryk.

— Como está Kant? — perguntou Brenann.

Uma sombra passou pela face do policial.

— Ainda está um pouco abalado, mas melhor.

Um dos uniformizados abrira a porta traseira do carro enquanto o outro vigiava Brennan.

— É ele — disse o primeiro, animado. — O assassino do arco e flecha. — Brandiu o estojo do arco.

— Vocês mantiveram o Crystal Palace sob vigilância, esperando o assassino dela voltar? — perguntou Brennan.

Maseryk deu de ombros.

— Pareceu uma boa ideia.

Brennan balançou a cabeça, indignado. Fora *isso* que o bilhete quisera dizer. Maldição.

— Muito bem — disse o primeiro policial. — Apoie as mãos no carro. Pés para trás e pernas abertas.

Brennan baixou as mãos e se virou para obedecer. Não se mexeu rápido o bastante, então o policial chutou os pés dele para afastá-los e o revistou, encontrando a faca que Brennan trazia na bainha do tornozelo.

— Muito bem, vire-se. — Brennan fez o que ele dizia e o viu sorrir. — Pegamos ele, por Deus, pegamos o tal vigilante. Mãos nas costas, grandalhão.

— Cala a boca, Chris — disse Maseryk, cansado, enquanto Brennan obedecia. Continuou falando no mesmo tom fatigado e monótono enquanto o policial algemava Brennan. — Você tem o direito de permanecer calado…

Brennan não disse nada e tampouco ofereceu resistência. Sua expressão se manteve petrificada quando o levaram até uma viatura estacionada fora das vistas numa esquina do beco.

♦

Tachyon estava praticamente tremendo quando abriu a porta do quarto, o cabelo brilhoso colado à testa pelo suor frio. Parecia prestes a botar para fora o café da manhã. Até mesmo Blaise, que estivera conversando e fazendo piadas com Jay, teve o bom senso de calar a boca quando percebeu a expressão do avô.

— Sr. Ackroyd, venha aqui, por favor — disse Tach. — Preciso falar com o senhor.

Jay se levantou num impulso. A barra das calças subiu pelas canelas. Tentou puxá-las para baixo enquanto seguia Tachyon até a sala de estar.

— O que Hartmann queria? — Cutucou o carrinho do serviço de quarto enquanto falava, procurando algo comestível.

— Sr. Ackroyd, solicito um favor seu.

— Claro. É só falar.

Tachyon ergueu a mão.

— Não se comprometa com tanta rapidez. Deixar-me em dívida com o senhor pode não ser o bastante para compensar o que lhe pedirei.

Jay encontrou uma fatia de laranja.

— Meu Deus, fale logo, Tachyon. Larga dessa baboseira takisiana cheia de firula. — Mordeu a laranja e chupou o suco.

— Hartmann está me chantageando. Eu me recusei a cumprir suas exigências, mas preciso de tempo. Um dia ou dois, no máximo, e estará tudo acabado. Hartmann terá perdido a candidatura. — Tachyon parou por um longo momento, o rosto taciturno, como se a simples ideia o deixasse mais cansado do que as palavras poderiam expressar. — O senhor pode me dar esse tempo — concluiu, finalmente.

— Qual é a questão? — incentivou Jay. — Qual é a *questão*?

— O senhor deve remover um homem de Atlanta. Os meios mais convencionais estão vetados para nós.

Isso está ficando mais esquisito a cada dia, pensou Jay.

— Por quê? Quem é o cara?

Tachyon se virou, afastando-se. Havia uma taça na mesa de canto, cheia até a metade de conhaque. Ele a agarrou como se estivesse se afogando e encontrasse uma boia, então a bebeu de um gole só.

— Há muito tempo — disse devagar, ainda de costas —, fui salvo da

morte por um homem que para mim se alternou entre os papéis de anjo e demônio.

Demônios e anjos. Pronto, era disso que ele precisava; como se assassinos e ases não bastassem.

— Merda — resmungou Jay, erguendo as mãos.

— Isso é difícil para mim — lamentou Tachyon. Baixou o olhar para a taça vazia, rolando-a entre as palmas das mãos. Então, tudo saiu num jorro: — Em 1957, fui recrutado pela KGB. Não foi assim tão difícil. Eu teria feito qualquer coisa por um drinque. De todo modo, os anos se passaram. Eu me mostrei menos útil do que originalmente se esperava. Eles me dispensaram, e pensei que estivesse livre. Então, no ano passado, o homem que me gerenciou durante aqueles longos anos retornou à minha vida e cobrou a dívida. Ele está aqui. Em Atlanta.

Jay o encarou, boquiaberto. A ideia do principezinho alienígena afetado trabalhando para os soviéticos era a coisa mais doida que já ouvira. Teria ficado menos surpreso se Tachyon tivesse confessado que, na verdade, era um elfo.

— Por quê? — Foi só o que conseguiu perguntar.

— Hartmann — respondeu Tach. — Ele suspeitava da existência do monstro. Agora descobriu quem ele é e também a nossa conexão.

— Conexão?

— Ele é o tutor de Blaise.

— Ah, que inferno.

Jay se sentou. Não sabia se devia rir ou chorar. Rir, provavelmente; o choro ele sempre poderia deixar para Tachyon.

— É com essa ameaça que Hartmann procura me intimidar — declarou Tachyon. — Provavelmente serei preso, Sr. Ackroyd. Mas, antes que isso aconteça, hei de detê-lo.

— Você quer que eu teleporte esse cara para longe.

— Sim. O FBI e o Serviço Secreto já foram alertados. Estão vasculhando Atlanta em busca de George.

— Você ainda é comuna? — perguntou Jay, encarando-o.

Dr. Tachyon ajeitou o babado de renda que usava no pescoço e se aprumou em toda a sua altura.

— *Eu?* Pense, Sr. Ackroyd.

— É, já saquei você. — Jay se levantou. — Bom, isso para mim é história

antiga. Vamos lá mandar esse comuna para algum lugar.

Tachyon assentiu brevemente e foi para o quarto.

— Blaise — chamou ele.

— Vai levar o moleque? — Jay se surpreendeu. — Quero dizer… ele sabe?

— É claro. Venha, criança — disse ele a Blaise. O adolescente lhe lançou um olhar venenoso, mas Tachyon não notou. — Quero que tenha a chance de se despedir de George.

11h00

A capitã Angela Ellis apagou um cigarro no cinzeiro transbordante e acendeu outro imediatamente. Andou de um lado para o outro diante da cadeira na qual Brennan estava sentado, a frustração evidenciada pelos passos duros.

— Por quanto tempo acha que consegue ficar em silêncio? — perguntou ela.

Brennan a olhou diretamente pela primeira vez em vinte minutos.

— Para sempre — respondeu em voz suave.

— Minha nossa! Por que estava parado num carro diante do Crystal Palace às 10h05 desta manhã? Qual era sua relação com Crisálida? Você a matou?

Brennan desviou o olhar, o rosto completamente inexpressivo, aparentando uma total ausência de sentimento e emoção.

Sentado nos fundos da sala, Maseryk pigarreou.

— Desculpe, capitã, mas acho que ele não vai contar nada.

Ellis girou para encará-lo.

— Alguém tem que dizer alguma coisa! Algum idiota vazou por aí que a gente capturou o Yeoman, o assassino do arco e flecha, e deve ter uns cem repórteres azucrinando o sargento na recepção. Sem contar uma meia dúzia de agências federais mandando agentes para “cuidar do assunto”, como eles dizem.

— Até onde sei — murmurou Brennan —, não é ilegal ficar parado num carro. Não é ilegal portar arco e flecha.

— Está dizendo que é inocente? Está dizendo que não é esse Yeoman?

Brennan nada disse quando Ellis se virou para ele.

— Você não tem documento de identidade, e sua descrição bate com a de um homem procurado por deserção do Exército dos Estados Unidos.

— Superficialmente — respondeu Brennan.

— É o bastante para determos você aqui até o FBI chegar com o dossiê do tal desertor. Que inclui as impressões digitais — rosnou Ellis.

— Como quiser — respondeu ele, voltando a olhar para o infinito.

Ellis apertou o cigarro e amassou o maço vazio.

— Tudo bem — disse ela. Abriu a porta da sala de interrogatório e chamou o policial que esperava lá fora. — Bota ele no xadrez. Talvez umas horas numa cela afrouxem a língua dele.

O policial assentiu.

— Isso aí, durão, vamos andando.

— Não sei se é uma boa ideia… — começou Maseryk, mas Ellis o fuzilou com o olhar, e ele silenciou.

O policial conduziu Brennan por um labirinto de salas de interrogatório e escritórios, depois escada abaixo até as celas. Havia mais de dez sujeitos perigosos ali, esperando que a fiança fosse paga ou que outros documentos legais fossem processados. Eram um grupo de aparência ríspida, intratável.

O carcereiro sorriu ao abrir a porta e gesticulou para que Brennan entrasse.

— Tem um famoso aqui para vocês conhecerem. O nome dele andou em todos os jornais — disse. — Já ouviram falar do Yeoman, o vigilante do arco e flecha? Bom, aqui está ele. — Deu uma risadinha, fechou a porta e voltou tranquilamente pelo corredor.

Brennan sentiu os olhares maldosos sobre ele e esperou o inevitável. Não levou muito tempo.

— Cacete — disse alguém no fundo da cela. — Pra mim, ele não parece tão fodão.

— Tem cara de frouxo — disse outro. — Sem arco e flecha, ele é só um frouxo.

Ouviu-se uma risada baixa e discreta. O homem que falara primeiro abriu caminho até a frente da cela, onde Brennan estava, de costas para a grade. Era um limpo grande e de aspecto rude, com tatuagens do começo ao fim dos braços e um nariz que fora quebrado mais de uma vez. O que falara em segundo lugar era mais baixo que Brennan, mas robusto. A cabeça era calva, e o rosto, uma teia de cicatrizes. Aproximaram-se dele lado a lado, e os outros na cela recuaram.

— É um frouxo — disse o primeiro. — Aqui, frouxinho, a gente tem uma coisa pra você.

Brennan olhou para eles, inexpressivo. Quando estavam a seu alcance, ele girou de lado e golpeou com o pé direito, atingindo o mais baixo na virilha. O homem caiu com um gemido e depois vomitou sobre si mesmo. Brennan agarrou o outro pelo braço e o girou até bater de cara nas barras da cela. A

porta se sacudiu quando o detento a acertou. O braço esquerdo passou pelas barras. Brennan o alcançou e pegou a mão do homem, puxando o braço de volta à cela e prendendo-o entre duas barras. O homem uivou quando seu membro estalou. Brennan agarrou um punhado de cabelo oleoso e empurrou a cabeça dele com toda a força que pôde. Ela atravessou as barras, mas não sem deixar um bocado de pele e uma orelha para trás.

Ele uivou ainda mais alto, e Brennan se virou para encarar o restante dos presos.

— Mais alguém? — perguntou em voz baixa.

Houve murmúrios de recusa. Então, uma voz aguda e feminina disse:

— Que tal eu?

A multidão de bandidos se abriu como o Mar Vermelho, e houve sussurros atônitos e incrédulos quando Jennifer caminhou entre eles, nua, vindo do fundo da cela. Ela correu até Brennan e o envolveu com os braços.

— Respire fundo — disse, e os dois afundaram no chão da cela.

Foi diferente de qualquer coisa que Brennan já tivesse sentido antes, quase como poderia ser a sensação da morte. Atravessaram o chão e pousaram, leves como plumas, na sala abaixo da cela.

Brennan se afastou dos braços de Jennifer e olhou rapidamente ao redor. Tudo estava escuro e quieto. Parecia ser um tipo de armazém de arquivos.

— Vamos ver se conseguimos encontrar umas roupas para você em algum lugar — disse ele, mas ela não respondeu. Parecia confusa e exausta, e só se virou para olhá-lo quando ele tocou o braço dela. De repente, Brennan percebeu que desmaterializá-lo devia ter exigido um imenso esforço. Sua massa era muito superior à de qualquer coisa que Jennifer já tentara desmaterializar antes. — Você está bem? — perguntou.

Jennifer assentiu, mas até isso lhe pareceu extenuante. Desabou frouxamente no chão empoeirado. Ele se inclinou sobre ela. A mulher respirava longa e superficialmente. O pulso estava fraco e irregular. Era óbvio que precisava de cuidados médicos, mas Tachyon, o único médico em quem Brennan confiava, estava em Atlanta. De qualquer modo, não tinha tempo para ficar se lamentando. Precisavam sair dali. Precisavam de um lugar para se esconder e se recuperar. Precisavam de um santuário.

♠

Estavam sendo seguidos.

Jay desviou o olhar do retrovisor do táxi.

— Tem alguém na nossa cola — disse ele.

— Quê? — Tachyon se virou completamente e olhou boquiaberto pela janela traseira, fitando com desconfiança o Volvo que vinha logo atrás.

Jay tocou o braço dele.

— Calma. O cara é bom. Você nunca vai vê-lo assim. Motorista. — O detetive abriu a carteira. — Aqui, cinquenta a mais se você conseguir despistar o Dodge cinza. Uns três carros atrás.

— Com certeza, senhor — respondeu o taxista, sorrindo.

Jay revirou a carteira, achou uma de dez dólares e mais três de um, e xingou baixinho. Um suborno aqui, outro ali, e logo o dinheiro acabava. Mostrou as notas a Tachyon. O alienígena resmungou e ofereceu o próprio dinheiro, inclinando-se para a frente para enfiar as notas no bolso da camisa do taxista, que pisou fundo. O táxi então virou à esquerda, chiando. Com o tranco, Tachyon caiu no colo de Jay.

No banco da frente, Blaise sorriu com gosto.

— Exatamente como em Paris, *K'ijdad*.

— Hein? — A mente de Jay estava no carro atrás deles.

— Esqueça isso — respondeu Tach. — Você já sabe o bastante dos meus segredos.

Jay olhou para trás.

— Ainda na nossa cola. Droga, ele é bom.

Tach olhava para todos os lados, nervoso como um passarinho.

— O que vamos fazer?

— Provavelmente não vai haver tempo para nenhuma despedida longa.

A placa do Motel 6 surgiu à frente.

— Sara está lá também — disse Tachyon.

Jay levou um momento para ligar o nome à pessoa; Sara Morgenstern, a repórter que acusara Hartmann de ser um monstro, a que Mackie Messer tentara apagar sem sucesso.

— Meu Deus. Toda a Filarmônica de Nova York está lá dentro? Quem sabe também um time de futebol?

— Isso não é hora para piadas.

— Jura? Pé na tábua, meu chapa. Vai com tudo.

O carro desceu rasgando a rua e virou para o estacionamento do motel em

duas rodas. Saíram antes que ele parasse. Jay jogou sua última nota de dez para o taxista e correu, as costelas quebradas berrando a cada passo enquanto ele atravessava o piso de asfalto.

A porta foi aberta por um homem de rosto redondo e uns 60 anos. Atrás dele, na cama, uma mulher de cabelos platinados abraçava um travesseiro enquanto assistia à TV. O russo recuou enquanto os três homens entravam, apressados. Jay bateu e trancou a porta. Tachyon foi direto até a loira e a puxou, levantando-a. Blaise abraçou o russo.

— Não há tempo para explicar — disse Tachyon, sem fôlego. — Hartmann sabe. Há alguém atrás de nós. — Agarrou a frente do vestido da mulher e o rasgou do corpo com um único puxão. Sara deu um grito e tentou se cobrir com as mãos, olhando para o alienígena como se ele tivesse enlouquecido. — Entre no chuveiro — ordenou ele, empurrando-a para lá. Ela não usava nada além de um sutiã minúsculo de renda. Jay notou com interesse que os pelos pubianos eram do mesmo loiro pálido.

— Não saia daí. E, a propósito, você cobra por hora. — No meio do processo, Tach tirou o sutiã. Jay teve que admirar sua destreza manual.

Passos vieram martelando o chão do corredor.

O russo estava calmo.

— Não há tempo — disse ele, abraçando Blaise.

— Há, sim — respondeu Tachyon. — Jay vai tirá-lo de Atlanta. Pelo amor de Deus, Blaise, *rápido*!

O russo se desvencilhou do garoto.

— Abre! Abre essa porcaria de porta!

Jay reconheceu a voz. Carnifex.

— *Agora!* — exigiu Tachyon.

Jay encolheu os ombros e apontou para o russo. Ouviu-se um *pop*. De repente, estavam com um eslavo a menos. Tach pegou um pouco de vodca de uma cômoda, segurou-a junto ao peito e se atirou na cama.

A porta se rompeu com um estalo. Billy Ray entrou por entre as lascas, jogando de lado um pedaço áspero de madeira com as costas da mão. Estava armado. Era uma arma grande, daquelas que Dirty Harry tinha. As luvas brancas que usava como parte de seu traje de batalha faziam a arma parecer ainda maior e mais negra. Ele a apontou para Tachyon, o que, para Jay, estava ótimo. Detestava armas, especialmente quando apontadas na sua direção.

— Tá legal, cadê ele? — perguntou Ray. — Cadê ele, porra?

— Hein? — perguntou Jay.

— Babaca!

Carnifex o empurrou desdenhosamente com as costas da mão. Jay caiu sentado. Carnifex olhou ao redor, viu o armário e agiu como se tivesse feito uma grande descoberta. Arrancou a porta das dobradiças, pegou um monte de roupas e as jogou no chão. Não havia nenhum russo no armário. Ray fez uma careta, caiu de joelhos e olhou debaixo da cama. Também não havia nenhum russo debaixo da cama. Ele se levantou e avançou para o banheiro.

— Sai daí. Agora!

— Nossa, meu amor, quantos meninos tem aí? — gritou Sara debaixo do chuveiro, no pior sotaque sulista que Jay Ackroyd já ouvira.

Franzindo o cenho, Carnifex entrou no banheiro. Ouviram-no arrancar a cortina do chuveiro. Ouviram Sara gritar. Ouviram um tapa. Ray saiu do banheiro com a bochecha vermelha, o uniforme molhado e um olhar ríspido.

— Ele estava aqui. Aquele russo desgraçado estava aqui.

— Russo? — Jay olhou para Tachyon e deu de ombros. — Não estou vendo nenhum russo. Você está? E a gatinha lá dentro com certeza não é russa. Russas custam mais caro.

— Por que você tentou fugir de mim?

Tachyon tomou um longo gole.

— Porque temia que fosse a imprensa, e não queria ser pego contratando uma prostituta.

— Você sempre traz um moleque junto? — Ele indicou Blaise com o revólver .44.

— Pode guardar essa arma? Fico nervoso quando você a balança desse modo. A maior parte dos disparos fatais é acidental, como deve saber.

— Esse não seria acidente. Responda à pergunta, porra.

Tachyon pigarreou.

— Bem, eis um resumo da questão. Era hora de este jovem aprender. — Olhou para o quarto do motel. — Falta a este lugar a atmosfera que eu desejaria, mas a moça é muito boa. Eu a experimentei pessoalmente ontem à noite. É claro que nada pode se comparar à mulher que meu pai me deu em meu aniversário de 14 anos…

Enojado, Carnifex saiu pela porta quebrada.

Jay olhou para Tachyon com um novo respeito.

— Catorze? — disse ele. — Sério mesmo?
— Ah, Ackroyd, *por favor*!

13h00

Brennan carregou Jennifer, envolta em sua jaqueta jeans, para dentro da rede de esgoto. Ela parecia estar piorando. A pele se alternava entre fria e febril, e ela murmurava sons inarticulados que Brennan não conseguia entender.

Andou o mais rápido que pôde pela escuridão parcial do esgoto. Tinha que parar de vez em quando e baixar Jennifer para poder escalar até a superfície e verificar a rota, mas seu senso de direção era tão bom debaixo da terra quanto acima. Chegou a seu destino depois de ter se enganado algumas poucas vezes. Nossa Senhora das Dores Perpétuas. Carregou Jennifer de volta à superfície e depois até a pequena casa paroquial anexa aos fundos da igreja. Chutou a porta várias vezes. Depois de um momento, Padre Lula abriu, o ar irritado rapidamente dando lugar à surpresa e à preocupação.

— Deus misericordioso — disse ele —, o que aconteceu?

— Daqui a pouco eu conto, padre — respondeu Brennan, passando por ele. — No momento, precisamos de um médico. Um no qual possamos confiar que ficará calado. Conhece alguém que corresponda a essa descrição?

— Bom, há o Sr. Bones…

— Chame-o.

— Não é um médico de verdade…

— Ele é bom?

O padre assentiu.

— As pessoas aqui confiam nele. Às vezes, acho que ele sabe mais sobre psicologia curinga do que Tachyon.

Brennan concordou.

— Muito bem. Chame-o.

Padre Lula foi depressa até o quarto dar o telefonema, enquanto Brennan deitava Jennifer gentilmente no sofá velho e gasto do padre e depois flexionava os braços cansados. Ajoelhou-se e colocou a mão na testa dela. Estava fria outra vez, embora o suor escorresse pela testa e pelas maçãs do rosto.

Quando Brennan a segurou, a mão dela começou a se tornar fantasmagórica enquanto a mulher entrava e saía do estado material, de forma

incontrolável e inconsciente.

— Jennifer! — Tentou acordá-la, mas ela não pareceu ouvi-lo. Teve medo de sacudi-la, medo até de tocar nela. A pele estava branca como a morte; a respiração, intermitente e superficial.

Padre Lula voltou à sala de estar pequena e arrumada, trazendo um cobertor, com o qual cobriu Jennifer gentilmente.

— Ele atendeu. Chegará em breve. Agora conte, meu filho, o que está havendo aqui?

— Acho que eu lhe devo isso — respondeu Brennan. Cansado, ele se acomodou no chão ao lado de Jennifer, recusou o café oferecido pelo padre e contou o que havia acontecido durante o dia.

Enquanto falava, metade da mente condenava a obsessão que pusera Jennifer e ele nessa situação desesperada, e a outra metade estava pensando no Crystal Palace e nos vizinhos do andar de baixo, além de em como poderia passar pela polícia, que cercava o lugar.

Quando terminou a história, ouviu-se uma batida lenta e comedida na porta da casa paroquial. Padre Lula foi atender, deixando entrar um homem negro e alto que parecia um personagem saído de um filme de Boris Karloff. Sr. Bones era velho, magro e esquelético. Usava camisa branca e um terno preto velho, limpo e cuidadosamente remendado, embora curto demais para os membros longos e esguios.

O curinga não tinha a pior das aparências. Na verdade, as duas antenas plumosas que saíam da testa eram um tanto interessantes. Agitaram-se como samambaias numa brisa suave quando o padre o apresentou a Brennan.

— Esta é a paciente? — perguntou Bones, ajoelhando-se diante de Jennifer.

Tirou o cobertor dela. Enquanto tomava seu pulso, inclinou-se para muito perto e moveu a cabeça por toda a extensão do corpo. As antenas se agitavam e rodavam como os receptores sensíveis de um radar.

— Como ela está, doutor? — perguntou Brennan em voz baixa.

— Não sou doutor — respondeu Bones, as antenas ainda passeando sobre Jennifer. Depois de um momento, afastou-se e olhou para Brennan e Padre Lula. — O organismo dela sofreu um forte choque. Neste momento, tudo o que podemos fazer é deixá-la descansar. — Cobriu-a com o cobertor e se levantou. — E esperar pelo melhor.

16h00

— Então, Nephi — disse Jay, apoiando-se no capô da limusine de Jesse Jackson. Tachyon estava dentro do hotel Hyatt Regency, conversando com seu novo candidato, e Ackroyd estava ficando cansado de esperar. — O FBI paga bem e tal?

O ás guarda-costas de Jesse Jackson olhou para ele como se fosse algum tipo de afta inflamada. Era um mórmon alto e magro que estava ficando calvo, com o rosto fino e cinzelado e a melhor postura que Jay já vira. A imprensa o chamava de Flecha Aprumada; o crachá no bolso do peito dizia NEPHI CALLENDAR.

— Alguns de nós não estão interessados em ganhos pessoais — respondeu ele. — Alguns de nós simplesmente são gratos pela chance de servir a Deus e ao nosso país.

Jay sorriu.

— É, claro. E alguns de vocês gostam de espancar as pessoas, né?

Flecha Aprumada franziu o cenho e desviou o olhar.

— Ouvi dizer que Carnifex entrou numa briga domingo à noite — disse Jay em tom casual. — Ou talvez tenha sido na segunda de manhã. Desceu mesmo a porrada num cara.

— Tem certeza? — Callendar não pareceu lá muito interessado. — Eu não saberia dizer. Garanto que o uso de força não foi maior que o adequado para a situação. Ray é um agente experiente com um histórico notável.

— E tem um baita guarda-roupa também — disse Jay. — Pessoalmente, acho que eu não poderia usar aquela roupa toda branca. Deve ser um saco pra limpar. Gosto muito mais do seu uniforme. — O ás mórmon usava um terno cinza feito sob medida. Parecia muito novo, apropriado e militar, até que se visse a insígnia do Departamento de Justiça nas mangas e o galão vermelho-escuro no quepe e nos ombros. O colarinho estava fechado com um broche de joalheria na forma de uma flecha em chamas. — O serviço de lavanderia grátis vem com o emprego ou vocês mesmos têm que pagar a lavagem a seco? — perguntou Jay.

Flecha Aprumada olhou longa e atentamente para o terno roxo-claro de

Jay.

— Eu recomendaria queimar, não lavar — disse ele.

— Engraçadinho. Esta roupa é do Tachy. Acho que ele quer que eu devolva, não me pergunte por quê.

— Por que todo esse interesse em lavanderia, Ackroyd?

— Quando mudaram o projeto da minha cara, sangrei na minha camisa da sorte. — Hoje os ferimentos estavam num lindo tom de amarelo-esverdeado. — Sabe como é quando a gente tem uma camisa da sorte. Achei que vocês, federais, talvez conhecessem um lugar onde eu pudesse mandar limpar. Ouvi dizer que Carnifex ficou todo coberto de sangue depois da bagunça que aprontou domingo à noite.

— Não deveria acreditar em tudo o que ouve, Ackroyd — respondeu Callendar. — Até onde sei, Ray estava com o Senador Hartmann na noite de domingo, por contrato de trabalho. Se surgisse alguma situação que exigisse o uso da força, as regras o obrigariam a fazer um relatório. Mas não há tal relatório nos arquivos.

Antes que Jay pudesse responder, Tachyon saiu pela porta principal do Hyatt, com Jesse Jackson ao lado. A calçada estava tomada por apoiadores de Jackson agitando placas vermelhas onde se lia JESSE. Os olhos de Flecha Aprumada se moveram inquietos, esquadrinhando os rostos, enquanto os dois homens apertavam as mãos e as erguiam bem alto. O negro era tão mais alto que Tachyon precisou ficar na ponta dos pés.

O povo deu vivas; então, Jackson e Tachyon se dirigiram à limusine, sorrindo e apertando as mãos enquanto os espectadores se juntavam ao redor deles. Jackson cumprimentava as pessoas com facilidade e experiência, mas Tachyon parecia nitidamente desconfortável.

— E agora? — perguntou Jay quando Tachyon chegou à limusine.

— Jesse quer que falemos com os curingas fora do Omni — explicou Tachyon. Estava murchando no calor de Atlanta. — Ele e eu, juntos. Sua postura quanto às questões do carta selvagem é tão forte quanto a de Hartmann, se eles ao menos se dignarem a ouvir. — Suspirou profundamente. — Jay, se tiver outras pistas a seguir, realmente não há necessidade de me acompanhar.

Jay pensou no assunto por um momento. Até onde sabia, não tinha nenhuma pista que valesse a atenção. Deu de ombros.

— Se não tem como, eu como.

Dentro da limusine, o ar-condicionado estava ligado ao máximo, mas Tachyon definhava visivelmente agora que se afastara do olhar público. Até Jay podia ver como ele temia encarar os curingas que haviam se reunido em torno do centro de convenções, muitos dos quais o consideravam um traidor por abandonar Hartmann numa hora crucial.

— Agora, eles me odeiam — disse, desesperado, olhando a multidão através do vidro escuro do carro.

— Só alguns — respondeu Jackson quando o veículo parou. — Não é como se você tivesse resolvido apoiar Barnett. Eu não sou assim *tão* inaceitável, sou?

— Não para mim. — Tachyon apertou o braço de Jesse. Jay não sabia quem estava reconfortando quem. — E você os convencerá, sei disso.

— Bom, me ajude um pouco.

— Farei o melhor que estiver ao meu alcance.

As portas da limusine se abriram, e eles saíram, um de cada vez. Agentes do Serviço Secreto, de terno escuro e óculos de sol, vigiavam a multidão desconfiados. Um pelotão de policiais uniformizados havia isolado com fitas um caminho estreito do carro até o caminhão de plataforma, cheio de bandeiras vermelhas de Jackson, onde os microfones aguardavam.

Curingas se aproximavam de todos os lados, aglomerados. Alguns observavam num silêncio mortal. Outros sorriam e gritavam em apoio. Havia, ainda, os que gritavam obscenidades. Todos cozinhavam no calor.

— Como podem odiá-los tanto? — lamentou Tachyon, dirigindo-se a ninguém em particular. — São patéticos e tão corajosos. Tão valentes.

Os policiais lutavam para conter aquele mar de humanidade distorcida enquanto os curingas avançavam. Devagar, o grupo começou a caminhar até o caminhão. Mãos se estendiam para eles de toda parte, por entre os braços dados dos policiais, por cima dos ombros, ao redor das costas. Jesse ia de um lado do corredor, tocando uma mão de cada vez, apertando-as rapidamente, depois passando à próxima. Menos entusiasmado, Tachyon trabalhava do outro lado. Um homem idoso com guelras cuspiu no rosto dele. Outros tentaram beijar seu anel.

Jay mantinha as mãos nos bolsos, vários passos atrás. Flecha Aprumada vinha em seu encalço, vigiando Jackson com atenção. A testa larga do ás estava pontilhada de suor.

Acima, o Tartaruga deslizava pelo céu. Em algum momento, durante a

noite, alguém havia pintado HARTMANN! no seu casco em letras prateadas de um metro.

Uma muralha vasta e pálida de carne com cara de lua assomou de repente entre dois policiais, rompeu o cordão de isolamento e veio gingando na direção de Tachyon. Os homens do Serviço Secreto iam sacar as pistolas.

— Não, tudo bem — disse Jay. — É o Doughboy. Ele é simplório, mas não vai machucar.

Flecha Aprumada ponderou o aviso de Jay e assentiu. Os agentes relaxaram. Doughboy e Tachyon trocaram algumas palavras em voz baixa. O alienígena pareceu prestes a irromper em lágrimas.

— Detesto isso — murmurou Flecha Aprumada.

Em algum lugar na multidão, alguém começou a gritar "traidor". Tachyon parou e escondeu o rosto nas mãos. Jesse teve de pôr o braço sobre os ombros dele e sussurrar palavras de encorajamento em seu ouvido para fazer com que o takisiano voltasse a andar. Mesmo assim, o sorriso de Tachyon parecia artificial. Apertou a nadadeira de um curinga sem pernas que a esticara entre as pernas de um policial. Disse algumas palavras, sorriu e foi em frente. Outras mãos se estenderam para ele.

Um adolescente magro com roupas de couro gasto deslizou entre a multidão, sorrindo, apenas três pessoas adiante. *Como diabo alguém pode usar couro nesse calor?*, pensou Jay brevemente.

Estava desviando o olhar quando alguma coisa — a voracidade naquele rosto magro, o brilho nos olhos do garoto — deteve sua atenção.

Tachyon tocou — apenas levemente — os dedos retorcidos de um curinga fedido de cujos tumores enormes vazavam pus. Pareceu um tanto nauseado, mas forçou um sorriso.

Um dos ombros do garoto era mais alto que o outro.

— NÃO! — berrou Jay, avançando e tirando as mãos dos bolsos.

O garoto segurou a mão de Tachyon.

— Sou Mackie Messer — ouviu-o dizer Jay, e então veio o som de uma motosserra.

♥

— Eu estava na faculdade de medicina em 1946 — contou Sr. Bones entre

goles de chá —, quando o carta selvagem caiu do céu. Minha deformidade foi leve, mas bastou para que me banissem da instituição. Já era incomum o bastante ser negro na faculdade de medicina, mas um curinga negro não podia ser tolerado.

— Você usa as antenas no seu trabalho, não? — perguntou Brennan.

Bones confirmou.

— Depois de um tempo, descobri que elas me davam um sexto sentido, algo entre o paladar, o olfato e o tato. Descrever isso provavelmente é tão difícil quanto explicar a visão a um cego. Ao longo dos anos, aprendi a usá-las para ajudar a detectar problemas em meus pacientes.

Ele pôs a xícara na mesa e se voltou para Jennifer ao ouvir um gemido alto, o primeiro som que ela fazia em horas. Passou as antenas por sobre o corpo dela, ouviu os batimentos cardíacos e disse a Brennan:

— Me dê minha maleta.

Brennan a trouxe e a colocou ao lado de Bones, que pegou uma seringa e um frasco de líquido transparente e aplicou nela uma injeção. A respiração era rasa e rápida, a testa gotejava suor. Ela se sentou de uma vez e gritou:

— Daniel, cadê você, Daniel?

Parecia incapaz de vê-lo, embora ele estivesse parado perto dela.

Bones se afastou e gesticulou para que Brennan tomasse seu lugar. Ajoelhou-se e abraçou Jennifer. Ela se agarrou ferozmente a ele, a pele fria, ainda que banhada em suor.

— Daniel — murmurou ela.

Em seguida, Jennifer ficou subitamente mole.

Brennan olhou com desespero para Bones, que pôs a mão com enormes juntas em seu ombro, num gesto de consolo.

— Está tudo bem, filho, deite-a devagar. Acho que ela passou do ponto crítico.

Brennan a segurou à distância dos braços e olhou para ela. Parecia estar dormindo profundamente. A respiração estava firme e regular. Ele a apoiou no travesseiro, e Jennifer suspirou e se virou.

— Precisa dormir — disse Bones. — Vou dar um sedativo. Não quero que ela seja incomodada por pelo menos 24 horas.

Uma sensação de alívio profundo percorreu Brennan.

— Ela vai ficar bem? — perguntou.

Bones assentiu.

— Obrigado, doutor… Quero dizer, Sr. Bones. Quanto lhe devo?

O homem encolheu os ombros magros.

— Não tenho honorários fixos. Meus pacientes pagam o que podem.

Brennan mexeu na jaqueta jeans que deixara pendurada numa cadeira perto do sofá. Tirou um rolo grosso de dinheiro de um bolso secreto costurado no interior da peça e o deu inteiro a Bones.

— Isto é tudo o que tenho comigo — disse ele. — Se um dia o senhor precisar de alguma coisa, ligue para este número e farei o que puder. — Brennan rabiscou seu número de telefone num pedaço de papel que tirou da mesa de Padre Lula e entregou a ele.

Bones espalhou o dinheiro nas mãos como quem embaralha cartas.

— É muito generoso — disse ele.

Brennan balançou a cabeça enquanto olhava Jennifer dormir tranquilamente no sofá.

— O senhor fez mais por mim do que jamais poderei pagar. Estarei sempre em débito contigo.

♣

Sob o fino e agudo grito de Tach, ouviu-se o som pavoroso de uma serra cortando carne. Dedos, pedaços de carne e ossos voaram por toda parte. O garoto ficou ali, gotículas do sangue de Tachyon salpicando o rosto, o braço e os trajes de couro como o som de uma chuva de verão, sorrindo o tempo todo, a boca apenas entreaberta, e a língua tocando de leve o lábio inferior.

Para Jay, foi como se ele se movesse em câmera lenta. A mão se ergueu, os dedos assumindo a forma de uma arma…

Tachyon recuou cambaleando, o sangue jorrando de sua mão direita, arruinada. As mãos do garoto eram um borrão. Um policial o agarrou pela jaqueta. O garoto de couro decepou o braço dele na altura do ombro como se fosse a coisa mais fácil do mundo e se virou para Tachyon. O alienígena caiu de joelhos. O garoto estendeu a mão para ele, quase um gesto gentil, como se fosse tocar o rosto, acariciar aquele cabelo longo e vermelho.

Mas Jay estava apontando. Ninguém ouviu o *pop*. Muita gente gritando. E, de repente, Mackie Messer desapareceu.

Trêmulo e aturdido, Jay mal notou o homem grande e loiro que veio

abrindo caminho pela multidão pouco depois, brilhando em dourado como uma lâmpada e girando quase num círculo completo enquanto golpeava um assassino que não estava mais lá.

— *Quem fez isso?* — berrou ele.

Ao redor, as pessoas gritavam e se atropelavam. Os agentes do Serviço Secreto derrubaram Jesse e o cobriram com o corpo.

— Ambulância — gritava uma voz distante. — Mas que droga. Alguém chame uma ambulância.

Todos apontavam armas, e Flecha Aprumada segurava uma seta em chamas acima da cabeça. Câmeras de TV os rodeavam feito tubarões. Jay ouviu alguém chamar "Ackroyd", mas não soube quem era. O policial ainda fazia um barulho medonho, mas Tachyon havia silenciado. Quando Jay o alcançou, o pequeno alienígena estava deitado na rua, imóvel como um cadáver, olhos fechados, o braço direito aninhado no peito. O sangue ainda vertia do pulso em jatos curtos e irregulares, e os babados da camisa de renda estavam tão vermelhos quanto o cabelo. Jay sentiu cheiro de queimado atrás de si. Então, foi empurrado de lado sem nenhuma gentileza. Flecha Aprumada se ajoelhou ao lado de Tachyon. Vagamente, em meio à própria névoa de confusão e choque, Jay olhou. O homem ergueu as mãos por cima do coto em carne viva. Chamas de um amarelo pálido saltaram da ponta dos dedos, e o cheiro de carne queimada tomou o ar. O corpo de Tachyon se debateu fracamente. Quando Callendar se levantou, o coto estava preto e cauterizado. Dois paramédicos puseram Tachyon numa maca. Jay não sabia quando eles haviam chegado.

— Ackroyd — chamou alguém. Ele se virou. Flecha Aprumada estava falando com ele. — Para onde você o mandou?

Jay não conseguia pensar direito.

— É — disse ele. A mão ainda estava rigidamente fixa em forma de arma. Flexionou os dedos, passando-os pelo cabelo. — Ah, Meu Deus — exclamou, apalpando-se para ter certeza de que estava intacto.

— Você! — berrou alguém atrás dele. Era o grandalhão loiro. Parecia quase tão jovem quanto o garoto de couro. — Quem diabo é *você*?

— Jay Ackroyd — respondeu Flecha Aprumada. — Detetive particular. Também chamado de Popinjay.

— Eu tinha o desgraçado *nas mãos*! — O loiro fechou a mão, esmagando um pacote de cigarros que não percebeu que segurava. Pedacinhos de tabaco

caíram por cima das calças. — Eu poderia ter transformado ele em *geleia*! Ah, porra! — Largou os cigarros esmagados e os chutou em direção à multidão.

De repente, Jay reconheceu Golden Boy. As notícias da morte de Braun tinham sido obviamente exageradas. Ninguém nunca lhe contava nada.

— Para onde você o mandou, Ackroyd? — repetiu Flecha Aprumada.

— Mandei para… — Os lábios estavam secos. Quando os lambeu, sentiu gosto de sangue.

O ás mórmon o agarrou pelo colarinho e o sacudiu.

— *Para onde mandou o assassino?*

— Ah — disse Jay. — Para Nova York. Para o Tombs.

Flecha Aprumada o soltou.

— Ótimo.

Mas Golden Boy não ficou tão satisfeito.

— *Ele atravessa paredes!* — gritou. Parecia ter a necessidade de falar gritando. Jay estava começando a entender por que Braun nunca dera muito certo como ator. — A esta hora ele já está *livre*.

Isso deixou Flecha Aprumada muito infeliz. O mórmon deu um longo suspiro, depois se virou e saiu andando. Jay o seguiu, deixando Braun sozinho com sua histeria.

— Tachyon — disse Jay, segurando o braço de Callendar. — Ele vai sobreviver?

— Só Deus pode responder a essa pergunta, Ackroyd. Melhor rezar.

18h00

Brennan se sentou na casa de Padre Lula, esperando a escuridão. O sacerdote saíra para fazer um favor a ele. Jennifer ainda dormia tranquilamente no sofá. Brennan havia ligado a pequena TV em preto e branco e, com o volume muito baixo, assistia com incredulidade aos eventos do dia em Atlanta.

O destaque, exibido repetidas vezes de todos os ângulos imagináveis — e em torturante câmera lenta —, era Tachyon perdendo a mão. A cena foi mostrada de novo e de novo até Brennan achar que ia vomitar. As últimas notícias acompanhando a filmagem eram de que Tachyon havia perdido muito sangue e sofrera um choque tão severo que o ferimento poderia acabar sendo fatal.

Brennan rezou para que o pequeno alienígena sobrevivesse. Eram amigos e companheiros, tendo combatido juntos o Enxame e os Punhos Sombrios, mas Brennan também sentia que Tachyon era uma das poucas pessoas no mundo que entendiam suas motivações. O takisiano sabia por que ele fora compelido a lutar contra Kien e os Punhos Sombrios. Tinha um senso de dever pessoal tão profundo quanto o seu.

Enquanto via pela enésima vez o vídeo de Tachyon perdendo a mão, Brennan, de repente, reconheceu outra pessoa na cena. Popinjay estava ao lado de Tachyon. Que diabo o detetive estava fazendo em Atlanta? Teria abandonado o caso de Crisálida? Ou alguma pista o levara à convenção?

Enquanto Brennan pensava, Padre Lula voltou, trazendo uma sacola de ginástica e um estojo de couro, grande e retangular. Colocou os dois diante de Brennan e disse com seriedade:

— Não sei se eu deveria estar encorajando você a fazer isso, Daniel.

— Não está me encorajando, padre. Sabe que estou fazendo apenas o que deve ser feito.

Abriu o estojo de couro e pegou o arco reserva. A polícia estava com o outro e com a maior parte das flechas, mas Brennan ainda tinha algumas guardadas. Esperava que fossem suficientes.

Abriu a sacola de ginástica e tirou um macacão preto. Pendurou-o numa cadeira e continuou a esperar pela escuridão.

20h00

— Queria que George estivesse aqui — disse Blaise.

Por um momento, Jay imaginou que ele falava de George Bush. A sala de espera do hospital tinha duas TVs, ambas ligadas na convenção, e ele já ouvira muito dos comentaristas sobre Bush. Estava prestes a dizer ao menino que a última coisa de que precisavam agora era um republicano quando entendeu que Blaise se referia ao seu bom e velho tio da KGB.

— George está em Nova York — disse Jay. Mackie Messer também estava lá, mas não no Tombs. Jay havia telefonado. Mackie tinha surtado, picado alguns colegas de cela feito salame e atravessado as barras.

A carnificina em frente ao Omni continuava a se repetir em sua mente como um filme de terror. Jack Braun era um dos maiores chorões de todos os tempos, mas talvez estivesse certo, talvez Jay *tivesse* fodido tudo, salvando Mackie Messer sem querer ao mandá-lo para longe antes que Braun o pegasse. Ou talvez tivesse salvado a vida de Tachyon. E, quer o Golden Boy pudesse ou não ter dado conta de Mackie, teleportá-lo para o Tombs tinha sido um erro medonho. Havia outros lugares que Jay poderia ter escolhido, desertos vazios onde ninguém teria morrido. Mackie era psicótico, sabia disso pelo que Digger contara, deveria ter imaginado qual seria a reação dele quando se visse naquela cela. Mas não tivera tempo para pensar. Diabo, tudo havia acontecido tão rápido…

Uma mosca-varejeira zumbia ao redor da cabeça de Jay. Ele abanou o ar e suspirou. A tarde havia acabado. Não havia nada que pudesse fazer a não ser viver com o que fizera. Por um longo, longo tempo.

Restavam apenas os dois na sala de espera. Alguns repórteres ainda assombravam os degraus lá fora, mas só familiares, amigos e VIPs haviam recebido permissão para entrar no hospital. Houvera muita gente na primeira hora de vigília. Curingas aos montes chegaram e foram embora, alguns trazendo flores, livros ou outros sinais de estima. Hiram Worchester ficara sentado com Jay por quase uma hora no intervalo do jantar, pálido e silencioso.

— Preciso voltar à convenção — dissera ele ao se levantar finalmente

para sair. — Diga a ele que estive aqui. — Jay havia prometido fazer isso.

Leo Barnett rezara por Tachyon e para as câmeras de TV durante sua visita.

— Senhor — proclamara o reverendo —, ouça-me e poupe este pecador. Conceda-lhe a vida, e que ele possa finalmente se tornar um homem sábio, conhecer o Seu poder e a Sua misericórdia, oh, Senhor, e aceitá-Lo no coração como seu salvador.

Carnifex passara por lá rapidamente, mostrara o distintivo e abordara um dos médicos. Jay estava longe demais para ouvir o que conversaram, mas Ray parecera satisfeito. Um homem com uma máscara barata de sapo havia ficado ali muito mais tempo que os outros, andando para lá e para cá, inquieto, enquanto esperavam notícias, e finalmente saíra como havia entrado, sem dizer nada. Tinha sido o último; agora, restavam só Jay e Blaise.

— Acha que Tisianne vai morrer? — perguntou Blaise.

Ele não parecia muito abalado com a possibilidade; o tom era mais de uma vaga curiosidade que de medo.

— Nah — respondeu Jay. — Se ele fosse morrer, já teria morrido. Estamos aqui há… o quê? Umas três horas? Já devem ter conseguido estabilizá-lo. — Não sabia bem quem estava tentando tranquilizar, se o garoto ou a si mesmo.

— Se ele morrer, *Baby* será minha — ponderou Blaise.

— "Baby"? — repetiu Jay, confuso. — Quem é essa?

— É a *nave* dele — respondeu o garoto, com todo o desprezo de uma criança por um adulto que não sabia algo que, segundo presumia, todos deveriam saber. — É um nome idiota. Vou pensar num nome melhor quando ela for minha.

— Ele ainda não morreu — retrucou Jay.

Blaise bocejou. Estava estirado de lado na cadeira num espreguiçar mole que dizia que não dava a mínima, as pernas apoiadas com descuido na mesinha do café.

— Foi mesmo tão nojento quanto dizem? — perguntou. Os olhos se moviam sem parar, perseguindo a mosca que rodeava sua cabeça. — O cara do Serviço Secreto, o que me trouxe para cá, disse que teve sangue e dedos e tudo voando pelo ar.

— Foi bem feio — respondeu Jay. A conversa o estava deixando nitidamente pouco à vontade.

— Aposto que ele chorou — comentou Blaise com desprezo. — Ele devia ter me deixado ir junto; eu teria pegado o cara com a minha mente, assim! — Estendeu a mão de repente e apanhou a mosca. Jay pôde ouvir o inseto zumbindo entre os dedos do garoto. — Eu poderia ter feito ele se cortar. — Blaise fechou a mão com força em torno da mosca. — Isso teria sido interessante — disse em tom casual, abrindo os dedos e olhando os restos do inseto, um sorrisinho estranho nos lábios.

Jay teve um vislumbre súbito do assassino corcunda decepando os próprios dedos um por um e cantando “Brilha, Brilha, Estrelinha” enquanto o sangue jorrava dos cotos.

— Sabe, Blaise — disse ele —, você é um moleque estranho pra caralho.

Talvez estivesse sendo injusto. O garoto podia estar em choque, aterrorizado com a ideia de perder o único parente vivo, escondendo o medo com uma máscara de indiferença e bravatas adolescentes. Mas, de alguma forma, Jay achava que não.

Blaise olhou para ele. Sob a massa de cabelos revoltos, vermelhos e brilhantes, os olhos estudaram Jay altivamente. Eram de um púrpura tão escuro que quase chegava a preto. À luz fluorescente da sala de espera do hospital, pareciam poças de tinta violeta.

— Não sou moleque — contestou ele. — Em Takis, nesta idade eu estaria saindo dos aposentos das mulheres.

— Imagino — respondeu Jay. — Assim que você chega à idade em que quer entrar, elas já te põem para fora.

21h00

Os túneis estavam escuros, desertos e muito silenciosos. Brennan havia imaginado que seria assim. Sabia que a polícia tinha cercado o Crystal Palace, mas esperava que não soubessem da entrada subterrânea que Crisálida construíra.

E não sabiam mesmo. Pelo menos era o que parecia até então. Brennan deixara a casa paroquial com Padre Lula ainda velando o sono de Jennifer e entrara no subterrâneo a duas quadras de seu destino. Saíra da linha principal na Henry Street e descera pelo túnel que usara para chegar ao Crystal Palace na noite em que surpreendera a Estranheza no quarto de Crisálida.

Lembrava-se de uma curta ramificação do túnel que não havia investigado antes. Parou diante dela, decidindo o que fazer; a única luz era o facho turvo da lanterna que trazia numa das mãos. Na outra estava o arco, já montado.

Parado ali, debatendo consigo mesmo, ouviu um barulho vindo do túnel diante de si. Era um ruído baixo e escorregadio, como o de muitos pés pequeninos tentando andar em silêncio. Apontou a lanterna para a escuridão, mas não adiantou muito.

Não queria que a lanterna o iluminasse e o transformasse no alvo perfeito no túnel escuro, mas não conseguia suportar a ideia de desligá-la e ficar ali, parado na escuridão absoluta. Deixou a lanterna a seus pés e recuou, tirando uma flecha da aljava e colocando-a na corda do arco.

Quando se afastou do fraco círculo de luz lançado pela lanterna, ouviu uma voz. A voz dela.

— Daniel, meu querido arqueiro. Não precisa ter medo de mim.

Era a voz de Crisálida — ou de seu fantasma. Não havia como negar.

♦

As portas duplas da sala de espera se abriram com um baque.

— Vocês são parentes? — perguntou uma voz cansada.

Jay se levantou.

— Sou um amigo — respondeu ele, e apontou para Blaise com o polegar. — Ele é o neto.

— Neto? — O médico pareceu momentaneamente perplexo. — Ah, é verdade — disse, afinal. — Eu esqueço que o paciente é mais velho do que parece, não é isso?

— A questão não é se ele é velho ou não. A questão é: ele vai ter chance de ficar mais velho?

— Ele sofreu uma perda enorme de sangue, para não falar do forte choque sistêmico — contou o médico. — E parece que, antes disso, já estava num estado muito enfraquecido. Felizmente, os primeiros socorros foram aplicados de imediato; isso fez toda a diferença. Se tivesse perdido mais sangue, poderia ter chegado aqui morto. Nós o pusemos no plasma assim que chegou. A mão… infelizmente, tivemos que amputá-la. Vocês precisam entender que não foi um corte limpo; os paramédicos nos trouxeram dois dedos, mas, do jeito que a carne estava, er… estraçalhada… bem, simplesmente não havia mão na qual reimplantá-los. A amputação pareceu ser a única operação viáv…

— Tá bom — interrompeu Jay. — Então, de agora em diante, se ele perder uma luva, não vai ser um problemão. Ele vai sobreviver?

O médico piscou, depois assentiu.

— Vai. Sim, acredito que conseguimos salvá-lo. Estamos considerando a condição dele como grave, mas estável.

— Quero vê-lo — disse Blaise, em seu tom mais autoritário.

— Receio que não possamos permitir visitas na UTI — informou o médico. — Talvez amanhã possamos transferi-lo…

— Leve-nos até ele agora — mandou Blaise. Os olhos púrpura-escuros se estreitaram um pouco. Ele deu um sorriso infantil.

O médico deu meia-volta, segurou as portas duplas para que passassem e os conduziu à UTI sem dizer mais nenhuma palavra. Havia um saco de plasma pendurado acima da cama, de um lado, e um de soro do outro. Tachyon tinha tubos inseridos nos braços e outros no nariz, fios ligados por toda parte. Os olhos estavam fechados, mas Jay pôde ver o peito subindo e descendo sob o algodão fino da camisola de hospital.

— Ele está muito sedado — disse o doutor em voz baixa. Blaise devia tê-lo libertado. — Por causa da dor.

Jay assentiu e olhou para o garoto, que fitava o avô com um intenso ar de

ferocidade no rosto. Os olhos cintilavam, e por um momento Jay pensou ter visto uma lágrima. Então, percebeu que era apenas o reflexo do monitor na íris dos olhos.

— Vambora, Blaise — disse ele. — Não tem nada que a gente possa fazer aqui.

Passaram de novo pela sala de espera ao saírem do hospital. Na tela da televisão, a convenção ia à loucura. Jesse Jackson estava no pódio. Pessoas gritavam, balões caíam do teto, placas se agitavam loucamente, e a banda tinha começado um coro vibrante de "Happy Days Are Here Again". Jay teve um mau pressentimento. Parou no posto dos enfermeiros.

— O que aconteceu? — perguntou à enfermeira de plantão.

— Jesse acabou de fazer um discurso. Você devia ter ouvido; fiquei com os olhos cheios de lágrimas. Ele está entregando os delegados dele para Hartmann. Já acabou, só falta a votação.

Acabou? Jay queria dizer a ela: *moça, isso é só o começo*. Mas mordeu o lábio e ficou calado.

Blaise estava diante da TV, parecendo quase feliz. Quando Jay se aproximou, ele o olhou, entusiasmado.

— Vão nomear Hartmann, exatamente como George disse que seria.

A emissora cortou a cena da convenção e passou para as ruas de Atlanta. Milhares de curingas dançavam nas ruas. Diante do Omni, os gritos de "*Hartmann*" aumentavam, cada vez mais altos. Uma parada improvisada estava começando em Peachtree; uma fila de conga que crescia à medida que avançava. O Piedmont Park era uma enorme explosão de alegria. A emissora cortou do parque para a convenção, depois para a rua de novo, deixando o momento falar por si. Jay pôs a mão no ombro de Blaise e estava prestes a dizer que era hora de voltarem ao hotel quando o garoto avisou:

— Ei, olhe. Sascha.

Jay olhou. Estavam mostrando o Piedmont Park, onde uma dúzia de curingas dançava loucamente ao redor de uma fogueira enquanto outros cinquenta observavam. Ele estava parado logo atrás dos dançarinos, as chamas refletidas no cabelo preto alisado, no bigode fino e no rosto pálido, sem olhos.

— Filhodaputa — murmurou Jay. Quase se esquecera de Sascha. Não deveria; o cuzão magricela tinha algumas resposta de que precisava. Estava prestes a dizer que Blaise deveria voltar ao Marriott sozinho quando lembrou

o que o garoto conseguia fazer com controle mental. De repente, teve uma ideia melhor.

— Ei, moleque. Quer brincar de detetive?

♠

Brennan não acreditava em fantasmas, mas o que quer que estivesse se aproximando pelo túnel escuro e falando com a voz de Crisálida não podia ser Crisálida. Ela estava morta. Ele a vira no caixão. O rosto na janela fora apenas um sonho.

Ele recuou até chegar à parede do túnel e não pôde mais se afastar.

— Daniel — chamou a voz —, quero ajudar você. — E quem falava se mostrou à luz.

Brennan baixou o arco, aturdido. Não conseguia acreditar nos próprios olhos. Era Crisálida. Uma Crisálida em miniatura, perfeita em cada detalhe, mas com no máximo 45 centímetros.

Agora sabia por que a janela parecia tão grande no que ele pensara ser um sonho.

Agachou-se para vê-la melhor enquanto ela se aproximava, destemida. A miniatura a imitava à perfeição, até as unhas pintadas de vermelho, até o diminuto coração que pulsava na caixa torácica, até o vestido com decote de ombro a ombro que deixava o seio pequenino à mostra, invisível a não ser por um minúsculo mamilo escuro, menor que a borracha na ponta de um lápis.

— Quem é você? — perguntou Brennan.

— Venha comigo, e eu lhe contarei tudo. — Ela sorriu para ele, virou-se e voltou andando pelo túnel escuro.

Ele a observou por um momento. Então, sabendo que não descobriria nada se continuasse esperando na escuridão, seguiu-a, parando apenas para pegar a lanterna.

O corredor era curto, mas levou vários minutos para percorrê-lo, pois a Crisálida em miniatura dava passos muito curtos. Brennan marchava lentamente atrás dela. Direcionou a luz para o fim do túnel e acabou descobrindo que terminava no que parecia ser uma parede lisa. Quando a alcançaram, a pequena Crisálida disse alguma coisa, e um painel oculto se abriu. Olhos vermelhos e desconfiados espiaram dali.

— Eu trouxe o arqueiro — disse ela.

— Ele poderia nos machucar — respondeu o vigia numa voz profunda e carrancuda.

— Ela mandou confiar nele quando ele prometesse. — A pequena Crisálida se virou e olhou para Brennan. — Você promete não nos machucar?

Intrigado e perplexo, ele respondeu:

— Prometo.

Ouviu-se o som de trancas girando e rangendo e de metal protestando aos guinchos em sulcos enferrujados. Uma luz tênue foi despejada da fresta da porta oculta quando ela se abriu, devagar.

— Então, entrem — disse o vigia.

Brennan e a pequena Crisálida estavam na entrada de um corredor. Havia uns vinte e tantos seres ali. Nenhum deles passava dos 45 centímetros; alguns eram muito menores. Uns eram miniaturas perfeitamente formadas, outros eram paródias grotescas da humanidade, modelos de teste descartados pelo Criador e nunca levados à produção em massa. Alguns pareciam mais animais que gente, mas todos fitavam Brennan com inteligência no olhar.

— Ela mandou confiar em você. Disse que você ajudaria — afirmou o vigia da pequena plataforma que fora pregada perto do postigo oculto na porta. Era um dos que tinham aparência humana, embora a pele grossa formasse dobras sobre o corpo seminu como um casaco seis vezes maior do que ele.

— Quem são vocês? — perguntou Brennan, em voz baixa.

— Somos os olhos e os ouvidos de Crisálida — respondeu a Crisálida em miniatura, orgulhosa. — Percorríamos a cidade sem que o mundo grande nos visse ou ao menos sonhasse com nossa existência e trazíamos as notícias que ela ansiava por ouvir. Crisálida nos deu um lugar onde morar, quente e seco, longe de olhares indesejados. — Enxugou uma lágrima que escorria pela face cristalina. — Mas agora ela está morta.

— Foram vocês — disse Brennan em tom suave — que andaram deixando os bilhetes para mim e me chamando.

— Isso mesmo. Só tentamos ajudar. Paramos quando percebemos que estávamos confundindo e prejudicando você. Só estávamos tentando ajudá-lo a descobrir quem matou nossa Senhora. Tentamos ajudar o detetive também, mas ele apenas nos xingou e nos espantou.

— Então vocês não sabem quem a matou?

A miniatura balançou a cabeça.

— Nunca espiamos a Senhora. Era uma regra. Ela gostava da solidão, mesmo que às vezes isso a entristecesse.

Brennan assentiu.

— Mas sabem onde ela guardava os arquivos.

— Ela vinha e batia à porta, e nós a deixávamos entrar. Então contávamos histórias sobre o que tínhamos visto, o que tínhamos aprendido em nossos esconderijos no mundo exterior. Ela nos trazia comida e bebida, e nós comíamos enquanto ela anotava as histórias. Uma vez, passou meses sem vir. Nós mesmos escrevemos, mas não era divertido sem a Senhora.

— Onde? — perguntou Brennan. — Onde vocês escreviam?

A pequena curinga apontou o dedo minúsculo para a câmara no fim do corredor.

Havia outros da tribo no corredor, vigiando Brennan com olhos temerosos e desconfiados, zangados e tristes. Um dos curingas, que parecia um macaquinho com pernas em excesso, ligou um abajur quando Brennan se aproximou. Os mais assustadiços entre os espiões de Crisálida o olhavam dos cantos escuros da sala.

A câmara tinha mobília simples, com uma cadeira confortável, uma mesa antiga e um abajur Tiffany. Cadernos e fichários e pilhas de papel apinhavam a mesa. Quando olhou para eles, Brennan observou notas sobre a vida sexual de políticos e o consumo de drogas por banqueiros, as alianças entre policiais e gangues, até mesmo uma lista de quais dos Dodgers tinham problemas com bolas altas e rápidas e quais eram loucos por bolas em curva rentes ao chão.

Brennan franziu o cenho.

— É isso? — perguntou ao homúnculo. — Como é que ela conseguia registrar e acompanhar tudo? Ela não tinha computador?

— Não precisava de computador — respondeu a Crisálida em miniatura. — Ela tinha a Mãe.

A miniatura assentiu e apontou. Brennan se virou para segui-la, mas viu dois homúnculos puxando um cabo atado a uma tapeçaria escura que cobria a parede dos fundos da câmara. Recolheram a tapeçaria e Brennan percebeu o que se revelava.

Havia uma muralha de carne sobre um suporte encostado à parede. Era cinzenta, rosada e púrpura; pulsava num ritmo ondulante, como o nado de uma arraia. Era totalmente desprovida de feições. Cerca de uma dúzia dos

pequeninos estava pendurada ou agarrada à carne. Alguns estavam claramente colados à coisa, crescendo a partir de cordões ligados às cabeças, aos membros ou estômagos. Outros apenas se aninhavam nela, como se em busca de segurança ou conforto.

— O que é isso? — sussurrou Brennan.

— A Mãe — respondeu a pequena Crisálida. — Somos seus filhos. Ela não pode ver, nem falar em voz alta, mas fala com a mente. Ela sabe, lembra-se de tudo o que sussurramos para ela quando nos dá repouso em seu seio. Nossa Senhora deu a ela, e a nós, um refúgio. Em troca, ela era a memória da Senhora.

— Ela não pode falar? — perguntou Brennan.

A pequenina negou com um gesto.

— Só através de seus filhos.

Brennan, que pensava já ter visto todo tipo de curinga imaginável, balançou a cabeça. Perguntou-se onde Crisálida teria encontrado aquilo — aquela pessoa, na verdade — e como teriam feito a barganha. Era uma história que gostaria de ouvir, mas não havia tempo. Mais tarde, ele e as miniaturas poderiam se sentar e falar disso. Naquele momento, ele ainda tinha um assassino para desmascarar.

— Como posso falar com a Mãe? — perguntou.

— Através de nós. Ou pode encontrar o que está procurando no diário da Senhora.

— O diário dela? — De alguma forma, isso parecia mais fácil do que lidar com a Mãe. E, caso o diário não revelasse nada, poderia questioná-la. — Onde está?

— Bem aqui — respondeu a miniatura, apontando para um livro encadernado em couro em cima da mesa bagunçada.

Quando Brennan estendeu a mão para pegá-lo, ouviu um passo rápido e leve onde não havia ninguém. Mal recuou, e uma coisa invisível e metálica passou pelo ar, atingiu sua bochecha e a rasgou, deixando um corte sangrento. Entre ele e o diário pairou um par de olhos castanhos a cerca de 1,70 metro do chão. Ouviram-se sons rápidos de passos, e muitos dos homúnculos correram para os cantos escuros da sala conforme Transluz se materializava, apontando uma pistola para Brennan.

— Surpresa, surpresa! — disse ele, sorrindo. — Solte a porcaria do arco.

22h00

O parque estava quente e úmido feito boca de prostituta. Fogueiras ardiam por toda parte, e gritos e trechos de músicas ecoavam entre as árvores enquanto eles iam de tenda em tenda, de fogueira em fogueira, procurando Sascha.

Nesta hora, nesta noite de triunfo, mesmo os supostos limpos como Blaise eram bem-vindos. Aonde quer que fossem, curingas apertavam suas mãos e davam tapinhas nas costas. Bebidas eram empurradas para eles a cada vez que se viravam; broches de Hartmann eram presos às suas roupas a cada parada. A noite estava carregada de aromas; as salsichas ardendo num *hibachi*, o sopão fervendo na fogueira, um par de esquilos girando devagar num espeto. O som das latas de cerveja sendo abertas cercava-os como mil grilos de alumínio. Gente bêbada, chapada, empolgada, excitada, ferrada e em geral enlouquecida, mas era um tipo feliz de insanidade. Gregg Hartmann ia ser presidente; ia beijar a ferida e fazê-la sarar. Para os curingas e todas as outras pobres almas condenadas no parque, Camelot estava logo ali, virando a esquina.

Jay imaginou como se sentiriam no dia em que todos acordassem e percebessem que, de alguma forma, Camelot tinha virado Mordor.

— Quero voltar para o hotel — choramingou Blaise pela enésima vez. — Aqui é *chato*.

— Ei — respondeu Jay —, isso aqui é a história acontecendo. Olhe à sua volta. Sinta o sabor. O cheiro.

Blaise farejou o ar, desconfiado.

— É só cerveja — constatou. — Cerveja e mijo.

Jay teve que rir; parecia algo que ele mesmo teria dito.

— Talvez você ainda vire detetive, moleque.

— Estou cansado desses curingas idiotas. Você deveria me deixar controlar a mente deles. Aposto que estão mentindo para você; aposto que todos conhecem Sascha. Eu poderia forçá-los a falar.

— Não — respondeu Jay. — Quando encontrarmos Sascha, você pode controlá-lo e fazê-lo contar a verdade. Só isso.

Encontraram Doughboy sozinho num campo, brincando com uma tampa de bueiro. Ele a jogava como um Frisbee, lançando-a a uns vinte, trinta metros pela grama, depois correndo atrás dela para jogar de novo. Não voava tão bem quanto um Frisbee, mas Doughboy não parecia se importar. Não havia nada além de uma alegria inocente e infantil no rosto grande e redondo. Porém, quando Jay o chamou, o curinga parou e pareceu culpado.

— Estamos procurando Sascha — disse Jay. — Ele costumava trabalhar no Crystal Palace. Você o viu por aí?

Doughboy balançou a cabeça devagar de um lado para o outro.

— Eu tafa fó brincando — disse ele.

Blaise riu.

— Eu conheço outra brincadeira — anunciou ele.

O rosto de Doughboy ficou inexpressivo, e ele começou a tirar a roupa com dedos grossos e desajeitados.

Jay girou para encarar Blaise.

— Deixa ele — rosnou.

— Por que eu deveria? Você não pode me forçar.

Jay lhe deu um tapa.

Blaise ficou ali, os olhos ardendo de raiva, o rosto tão vermelho quanto o cabelo, e por um segundo Jay teve medo do que ele poderia fazer. Então, de repente, baixou o olhar.

— Tá bom — murmurou. — Sinto muito.

— Tudo bem — disse Jay depois de um longo momento. — Já esqueci. Vambora. Sascha ainda está por aí em algum lugar.

♥

— Como me encontrou aqui? — perguntou Brennan a Transluz. — Espere, não me diga — acrescentou antes que o ás pudesse responder. — Dragão Preguiçoso.

— Muito astuto — comentou Transluz, sarcástico. — Ele perdeu seu rastro quando você foi pego pela polícia, mas o reencontrou na igreja depois de procurar nos seus esconderijos de sempre.

— E você me seguiu até aqui.

— Isso mesmo. — Transluz olhou ao redor. — Você conhece gente tão

interessante. — Estendeu a mão e pegou o diário de Crisálida. — Mas foi por isto que eu vim. Me dará mais poder do que Crisálida jamais teve, porque não hesitarei em usar as informações.

Brennan não conseguia acreditar que tinha chegado tão perto de descobrir o que precisava, apenas para que a chance lhe fosse roubada no último instante. Fez menção de se aproximar, mas Transluz ergueu a arma e a apontou para o peito de Brennan.

— Na-ah, não quer que eu precise atirar em você, não é? — perguntou, enquanto a Crisálida em miniatura se mexia. Estivera parada na mesa, perto de Transluz, e, quando ele apontou a pistola para Brennan, ela saltou e se agarrou ao cano.

Chocado, Transluz a olhou enquanto o peso da pequenina empurrava o cano da arma para o chão. Ele xingou e sacudiu a pistola, mas ela não soltou.

— Não! — gritou Brennan quando ele puxou o gatilho.

O disparo ecoou alto na câmara fechada. A bala arrancou a Crisálida em miniatura do cano e a fez voar pelos ares. Ela atingiu a Mãe como uma boneca de trapo arruinada. A Mãe não emitiu nenhum som, mas projetou braços longos e humanoides que afagaram o corpo quebrado junto ao colchão de carne.

Brennan chutou a arma da mão de Transluz, golpeando o rosto dele com o dorso da mão no mesmo gesto ágil, e pegou o diário.

Transluz caiu, o sangue do lábio partido pingando no queixo. Levou a mão à boca para limpá-lo e murmurou:

— Você está morto agora, desgraçado. — E jogou algo contra Brennan. O objeto o atingiu no peito e quicou, caindo na mesa. Parecia um pedaço de batata esculpida.

Brennan recuou enquanto a batata se expandia, ganhando faixas de pelo negro, um corpo grande e gordo, e um rosto redondo, engraçado, com círculos redondos em torno dos olhos.

O panda gigante sorriu para ele. Era fofíssimo, com o corpo gorducho e peludo e o rosto cômico. Também era duas vezes mais pesado que Brennan, tinha garras formidáveis e dentes brilhantes, afiados.

— Mate-o, Dragão — ordenou Transluz.

O panda fez um ruído semelhante a um balido e desceu cuidadosamente da mesa, avançando para Brennan enquanto os homúnculos corriam, berravam e derrapavam, fugindo da câmara.

Brennan não tinha a menor esperança de derrotar a coisa, e ela estava entre ele e a porta. Sua única vantagem era a velocidade. O maldito panda rechonchudo não poderia ser tão rápido quanto ele — ao menos era o que esperava.

Ele recuou em direção ao fundo da câmara, e o panda foi atrás, um sorriso estúpido estampado no rosto amável e malhado. Quando Brennan não pôde recuar mais, a criatura ficou de pé nas patas traseiras e rosnou como se tivesse uma motosserra ligada no fundo da garganta.

Brennan agiu. Tentou contornar o panda, mas o desgraçado era rápido, muito rápido. O arqueiro sentiu uma onda de agonia percorrer o braço esquerdo quando seu adversário o golpeou com a pata enorme e o atingiu em cheio no antebraço.

Sentiu os ossos quebrarem e a carne se rasgar, mas havia ultrapassado o panda e continuado a correr. Transluz tinha desaparecido, mas os olhos continuavam visíveis, de modo que ele podia enxergar. Tentou deter Brennan, mas o arqueiro o acertou com o braço reto e o derrubou de bunda ao passar escorregando e entrar no túnel. Olhou para a esquerda, onde ficava a rede de esgoto, e em seguida para a direita, que levava à escada dobrável e ao porão do Crystal Palace.

Brennan não queria ficar preso no túnel subterrâneo. Precisava subir.

Inspirou com dificuldade por causa da dor que sentia no braço. Os dois ossos do antebraço estavam quebrados. O rádio estava exposto, e sangue saía em jatos ao ritmo do pulso, a agonia subindo em ondas braço acima.

Respirou fundo e de forma ritmada para controlar a dor enquanto disparava pelo corredor e agarrava a escada que levava ao porão. Olhou para trás e viu o panda avançando pelo corredor, muito mais rápido do que imaginava ser possível. Apoiou o diário na dobra do braço ferido, grunhindo quando a carne rasgada e os ossos partidos receberam o peso, e então vasculhou o bolso traseiro.

Tirou o transmissor do bolso e o ativou.

— Crystal Palace — resmungou. Soltou-o ao subir a escada usando a mão boa.

O alçapão no topo da escada resistiu a seus esforços no começo, mas se abriu quando Brennan bateu nele com o ombro bom, lançando ondas de agonia latejante pelo braço ferido.

Entrou na despensa e fechou o alçapão, batendo-o. Um lance de degraus

frágeis de madeira levava à primeira porta, e Brennan os subiu correndo, saindo num corredor onde ficavam os banheiros do Crystal Palace.

Uma mulher que passava pelo corredor em direção ao toalete gritou quando olhou para Brennan; o rosto dele sangrava, e o osso do antebraço direito projetava-se da carne como uma ponta de flecha bruta. Brennan passou correndo por ela e entrou no bar do estabelecimento.

Todos o fitaram. Ninguém tentou impedi-lo de atravessar o salão, mas a massa de clientes formava uma barreira que Brennan não conseguia ultrapassar.

Ouviu-se outro grito estridente do corredor, e Brennan percebeu que Dragão Preguiçoso ainda o perseguia. E não tinha o mesmo problema em atravessar aglomerações.

Dragão Preguiçoso simplesmente atropelou a multidão, espalhando as pessoas como pinos de boliche aos berros. Sabendo que não conseguiria fugir do panda, Brennan se virou de costas para o bar, o braço direito como um naco doloroso de carne morta pendurado no ombro.

Os clientes espertos estavam indo embora. Os lentos, os curiosos, os bêbados e os pasmados ficaram para ver o panda se aproximar do arqueiro, o rostinho fofo sorrindo e exibindo dentes afiados como navalhas, capazes de decepar um braço numa só bocada.

— Me dê o livro! — exigiu Transluz atrás do animal, mas Brennan balançou a cabeça. — Pegue — ordenou, e o panda avançou como o destino lento e inescapável.

Brennan se preparou para uma última tentativa de fuga enquanto o panda avançava sobre as patas traseiras. Fingiu que sairia pela esquerda, mudou rapidamente para a direita, abaixando-se, e quase conseguiu fugir.

Quase.

A fera deu uma patada nas costas de Brennan e foi como se o teto tivesse desabado em cima dele. Caiu de joelhos, sem ar, rolou e voltou a ficar de pé bem na frente do oponente. O panda tirou o diário dele com um tapa, como quem tira doce de criança, e Transluz pegou o livro no chão.

— Termine o serviço — disse ele a Dragão.

Os espectadores restantes se encolheram como puderam nos cantos da sala.

— Deixe-o em paz.

A voz inesperada soou calma no silêncio completo; calma e

estranhamente gentil. O panda se virou devagar, a pata gigantesca erguida e pronta para transformar Brennan em geleia.

Uma figura atarracada e corcunda havia se materializado na área aberta entre os espectadores, Brennan e o panda. Com olhos atentos em Quasim, Dragão golpeou Brennan, que foi atingido no ombro e conseguiu rolar um pouco com o impulso. Colidiu com o bar num solavanco que lhe encheu os olhos de lágrimas. De alguma forma, posicionou-se de joelhos e disse:

— Precisamos do diário.

E desabou em agonia.

Quasim avançou devagar, arrastando a perna rígida.

— Me dê o livro — disse para Transluz, e, quando deslocou sua atenção, o panda atacou.

Atingiu Quasim como um trem desgovernado indo de encontro a um penhasco. Os dois se chocaram com os espectadores, que gritaram. Foi um milagre ninguém ter sido esmagado quando o impulso de Dragão fez os dois arrebentarem a parede. Pedaços de madeira se estilhaçaram, canos estouraram, e um jato de água lavou o salão. Brennan se levantou enquanto eles voltavam pelo buraco que fizeram na parede, o panda primeiro, Quasim logo em seguida.

O curinga ergueu uma pesada mesa de madeira e bateu com ela no oponente. O primeiro golpe deixou o panda estirado no chão, reduzindo a mesa a lascas. O bicho se levantou e investiu contra Quasim, jogando-o pelo bar, até o espelho grande e as prateleiras de garrafas logo atrás. Lupo desertou de seu posto com um uivo desesperado enquanto espelho e garrafas explodiam num milhão de cacos cintilantes.

Brennan oscilou, indeciso. Queria ajudar Quasim, mas percebeu que não havia nada que pudesse fazer contra Dragão. Queria seguir Transluz, mas o ás já tinha conseguido desaparecer no salão escuro cheio de pessoas berrando e correndo, desenfreadas. Dragão e Quasim voltaram por cima do balcão arruinado e rolaram pelo chão como dois colossos furiosos, socando, chutando e arranhando um ao outro.

Havia sangue no pelo do panda, Brennan não sabia de quem; a camisa de Quasim fora rasgada nas costas, expondo a massa de osso e carne que era a corcunda.

O nariz de Brennan se franziu ao sentir um cheiro estranho e ruim no ar. Era gás natural. Quando quebraram a parede, os ases em confronto haviam

rompido tubulações de gás e de água. Brennan teve um momento de pensamento calmo e coerente, percebendo que todos precisavam sair antes que uma fagulha inflamasse o gás que vazara para o salão. Virou-se para mandar todos saírem, mas era tarde demais. Houve um ruído rápido e abafado e as chamas floresceram perto da parede estraçalhada. Alguém gritou "fogo!", e o pandemônio foi total.

Houve uma fuga caótica em direção à porta. Alguns foram pisoteados, mas pessoas com mais sangue-frio de algum modo diminuíram o frenesi. Brennan percebeu que seria impossível abrir caminho em meio à massa, então seguiu para os degraus que levavam às saídas nos andares superiores. Parou ao pé da escada e viu Quasim e Dragão valsarem pela pista numa dança desajeitada. As patas do panda estavam nos ombros do corcunda, que agarrava a garganta do animal com as mãos. O rosto feroz cuspia a poucos centímetros do de Quasim.

— *Quasim!* — A voz de Brennan cortou o pânico como um megafone em meio à neblina. — Saia daí! Quasim!

Nunca soube se o curinga o ouviu, se decidiu que já estava farto ou se o cérebro se desligou, indo vagar sabia Deus onde. Quasim sumiu de repente, teleportando-se bem no momento em que o panda fechou as mandíbulas numa mordida que teria arrancado seu rosto. Desnorteada, a criatura pateou o ar em busca do oponente desaparecido e cambaleou até uma coluna de chamas que de repente se ergueu do buraco que Dragão ajudara a abrir na parede.

O ar foi subitamente preenchido pelo cheiro do pelo queimado, e o panda vagou de um lado para outro, espalhando as chamas ao se chocar com o balcão despedaçado e a mobília quebrada pelo chão. Finalmente, parou e caiu de traseiro no piso. Deu alguns balidos lamentosos, depois pareceu murchar e encolher até a insignificância do tamanho original.

Brennan começou a subir as escadas, mas lembrou-se da Mãe e dos homúnculos no porão. Hesitante, amaldiçoou-se e voltou pelo corredor que levava à despensa no porão e às câmaras abaixo.

A fumaça estava densa no corredor. Brennan correu, abaixando-se sob os vapores pungentes, encontrou o alçapão e desceu a escada. De repente, o ar se tornou escaldante, e Brennan soube que o fogo chegara à despensa logo acima. Os pequeninos corriam da câmara secreta de Crisálida, gritando e chorando como gatos perdidos.

Brennan olhou lá dentro. A Mãe se afastara da parede e estava se arrastando e contorcendo no piso como um colchão vivo. A maior parte dos homúnculos havia se separado dela, mas os que ainda se atavam com cordões umbilicais estavam tão presos quanto ela. Brennan hesitou, quase se virando para ir embora; então, uma vasta onda telepática de medo e desespero passou por ele, tão poderosa que mesmo sua mente não receptiva pôde senti-la. Percebeu que, qualquer que fosse a aparência da Mãe, por mais feia e inumana que estivesse, ela ainda era uma pessoa.

Não sabia se seria capaz de arrastá-la para longe com um único braço, mas sabia que precisava tentar. Respirou fundo o ar envenenado pela fumaça, rangeu os dentes e entrou na câmara secreta.

— Estou indo — gritou.

Correu para dentro e conseguiu levantar um canto do corpo retangular da Mãe. A carne era quente, pulsante e semelhante a borracha; tinha um aroma agradável, de alguma forma tranquilizador, mesmo na câmara esfumaçada. Ele se ajoelhou e conseguiu içá-la às costas.

Fagulhas faiscaram no teto, e a fumaça entrou na câmara como uma névoa espessa.

— Está tudo bem — gritou ele. Arfou com a dor terrível do braço quebrado. — Nós vamos conseguir.

Foi quando o teto desabou.

23h00

O som do canto flutuava pela noite, uma harmonia irregular e bêbada em vários tons diferentes. A letra dizia alguma coisa sobre enforcar Leo Barnett numa macieira-brava. O caminho virava à esquerda, mas Jay atravessou o gramado e passou por um arvoredo. Blaise o seguiu, desanimado, chutando uma pedra aqui, outra ali.

O fogo se apagara; a única luz vinha de algumas brasas que brilhavam fracamente em meio às cinzas. Só quando chegaram bem perto é que Jay percebeu que o grupo de curingas agachados junto da tenda não era bem um grupo. Ou talvez fosse, se contasse quíntuplos siameses como um grupo. Agora, os cantos haviam parado.

Todos os olhos se voltaram para ele. Os cinco corpos eram retorcidos e deformados, a carne grudada à carne em lugares e formatos que fizeram Jay querer desviar o olhar. Não tinha nem certeza se podia chamá-los de quíntuplos; parecia haver cinco corpos, mas compartilhavam quatro cabeças e talvez sete pernas. Por outro lado, estavam muito à frente na contagem de braços e tentáculos.

— Ah, que nojo — disse Blaise, com um tato impressionante.

Jay o ignorou, esperando que os curingas fizessem o mesmo.

— Talvez vocês possam me ajudar — disse ele. — Estou procurando um amigo meu, Sascha. Magrelo, cabelo lambido para trás, gosta de umas roupas meio espalhafatosas. Tem um daqueles bigodinhos finos que a gente vê em recepcionista de hotel de filme antigo. — Não houve resposta. — Não tem olhos, eu comentei isso? Só pele.

Quatro rostos desiguais o encararam com indiferença. Jay não conseguia decidir se eram idiotas, hostis ou o quê. Esperou por um longo e embaraçoso momento antes de tentar de novo.

— Talvez vocês não o conheçam. Ele trabalhava no Crystal Palace. Vocês são de Nova York?

— Eu posso forçá-lo a responder — propôs Blaise, empolgado. — Fique vendo. Vou fazê-lo levantar e dançar.

— Eles não falam — explicou uma voz feminina atrás deles.

Jay se virou. Mal conseguiu enxergá-la, só uma silhueta sombreada sentada debaixo de uma árvore.

— Ouvi eles cantando — respondeu ele.

— Eles cantam — continuou a voz calma. Era uma mulher jovem. Em meio aos galhos, ele pôde ver o luar refletido na pele branca, pálida. O vestido estava desabotoado na frente, e ela ninava algo nos braços. — Eles cantam, mas não falam.

— Ah. — Jay parou a alguns passos dela. Pôde ver um seio, claro e cônico; um bebê mamava no outro, enquanto ela o acariciava suavemente. Parecia muito jovem, com menos de 18 anos, triste e bonita. O bebê nos braços era uma coisa redonda e vermelha, como uma bola de boliche feita de carne. — Sinto muito — disse ele. — Não quis me intrometer…

— Sei onde Sascha está — declarou a mulher.

Na escuridão atrás dela, alguém se mexeu. Jay olhou naquela direção e viu olhos espreitando-o na mata. Eram de um verde-claro e ardiam com um brilho turvo e feral. Encarava-os quando ouviu um passo leve atrás de si. Os pelos da nuca se eriçaram. Teve a sensação repentina e opressiva de que o vigiavam; ficou apavorado na mesma hora.

Recuou para longe da mulher e da criatura triste e distorcida nos braços dela, tentando não demonstrar o medo que rasgava suas entranhas.

— Blaise, vamos dar o fora daqui — disse ele, virando-se.

Sascha estava atrás do garoto, sua fixa expressão sem olhos em Jay. Ezili também estava lá; pôde ver o corpo farto e exuberante. Estava nua, e, na escuridão, seus olhos vermelhos brilhavam, mais cintilantes que as brasas do fogo. Ela sorriu para ele e não disse nada.

Jay devia ter feito algum tipo de ruído, porque Blaise se virou e viu Sascha, mas em seguida avistou Ezili e arregalou os olhos. Sorriu e deu um assobio baixo de aprovação que, Jay sabia, ele não aprendera com Tachyon. O garoto não tinha nem ideia da merda em que os dois estavam metidos.

— Sascha… — começou Jay.

— Não — respondeu o homem sem olhos. — É tarde demais para conversar.

Um sujeito com um porrete surgiu da escuridão, os pés descalços, silencioso como uma sombra. Brandiu o porrete, errou, Jay saltou de lado, fez uma arma com os dedos e o teleportou para longe. Alguém pulou em suas costas. Ele caiu e rolou. Unhas longas arranharam seu rosto, tentando

alcançar os olhos. Jay segurou as mãos, tirou-as do rosto, tentou se desvencilhar. Conseguiu livrar a mão direita bem a tempo de teleportar uma garota pequena que vinha à direita, mas a esta altura a mulher cravara os dentes na parte carnuda da sua mão esquerda, logo abaixo do polegar.

Ele berrou. Blaise finalmente tirou os olhos das tetas de Ezili por tempo suficiente para ver o que estava acontecendo.

— *Ei!* — gritou o garoto.

A mulher se aferrou ao polegar de Jay e tentou chutá-lo no saco ao mesmo tempo. Ele deu um tapa forte na cabeça dela, livrou a mão e a teleportou enquanto ainda estava caída no chão. Sascha gritou:

— Parem! Deixem-nos em paz!

Foi o suficiente para congelar todos por um segundo. Blaise olhava para Sascha, ferozmente concentrado, segurando-o na palma da mente. Atrás dele, Jay viu a sombra vasta dos quíntuplos siameses se levantar sem firmeza e avançar. *Ah*, *meu Deus*, pensou ele.

— *Corre!* — gritou para Blaise.

Viu o movimento pelo canto do olho e girou. A coisa dos olhos verde-claros emergira da mata e deslizava silenciosamente pela grama, a um metro e meio do chão, como um tipo de arraia obscena com rosto semi-humano. Estava nua, a pele pálida e espinhosa. A genitália masculina pendia do centro do rosto, abaixo daqueles olhos pavorosos. Jay lutou para manter o almoço no estômago enquanto teleportava a coisa para longe, mas logo atrás vinham outras. O enorme curinga com a pele mole e escura como morcela, o garoto com o picador de gelo, a centopeia humana avançando com facas em metade das mãos. Todos cercando-o.

Livrou-se do picador de gelo quando viu a mulher da voz triste se aproximar dele, erguendo o bebê acima da cabeça como se fosse uma arma. Isso o fez hesitar, apenas por um segundo, mas bastou. Uma dúzia de mãos fortes o agarraram por trás, o chão desapareceu sob seus pés, e a dor eclodiu por toda parte.

♣♦♠♥

Domingo

24 de julho de 1988

3h00

Seus braços ardiam em chamas.

Ele não se lembrava de ter acordado. Não tinha certeza se tinha feito isso. Por um momento, pensou estar sonhando, o pesadelo vindo assombrá-lo mais uma vez, mas esta parte era nova; vinha depois que a coisa com cara de cone começava a uivar. Tentou abrir os olhos e só viu escuridão. O mundo tinha um cheiro úmido e fétido. Ele não conseguia mexer os dedos. Sentia o ardor nos ombros e nos pulsos, mas, de resto, os braços estavam dormentes. Deu chutes fracos, e o corpo começou a se retorcer. Estava suspenso em algum lugar, pendurado acima de um abismo vasto e negro.

Ao longe, na escuridão, ouviu risadas ásperas e difusas, vozes sussurrantes. As coisas com cara de cone estavam falando dele, imaginou Jay. Lembrou-se então do próprio nome; de alguma forma, isso ajudava. Tentou não ouvir as vozes. Lembravam-no das árvores no sonho, sussurrando segredos, segredos terríveis que ele não queria ouvir.

Então, ouviu passos vindo por trás de si, e o medo subiu pela garganta.

Estavam vindo às suas costas, e, quando ele tentou correr, as pernas chutaram em vão.

A venda foi arrancada do rosto. A luz súbita ardeu nos olhos. Jay os fechou, gemendo fracamente.

— Desça-o — disse uma voz familiar, perto dele.

Alguém grunhiu. Contrariando os próprios instintos, Jay abriu os olhos numa fresta. A visão estava turva e dolorida. A sala tomou forma ao redor dele. *Um porão,* pensou, grogue. Estava pendurado num cano, balançando no ar, preso pelos braços. Uma centopeia humana avançou em sua direção, as mãos cheias de metal brilhante, enquanto um homem de rosto sem olhos o fitava de baixo. *Sascha*, pensou ele, mas, quando tentou dizer o nome, nada saiu.

Então, caiu. As pernas dobraram debaixo dele, incapazes de sustentar o peso, e Jay desabou, a cabeça batendo na pedra úmida do chão com um baque sólido. Grunhiu.

— Dê-lhe outra dose — disse uma voz distante. — Não quero correr nenhum risco com ele até chegarmos a Ti Malice.

Não, tentou dizer Jay. Tudo o que saiu foi um gemido. Alguém chutou sua costela quebrada, fazendo-o rolar com o pé. Então, uma luz brilhante ofuscou-lhe a vista, uma dor aguda no cotovelo. Depois disso, dormiu.

11h00

Crisálida sorriu para ele. Brennan achou estranho vê-la de novo, pois tinha razoável certeza de que estava morta. Ou talvez tivesse apenas saído da cidade.

Sorriu para ela, vacilante. Agora que estava de volta, como ele poderia explicá-la para Jennifer? E vice-versa? Decidiu se preocupar com isso mais tarde e tentou tocá-la. Abraçaram-se, e ele a segurou a distância para olhá-la. O sorriso congelou.

Crisálida estava se deteriorando diante de seus olhos. A pele de cristal se manchava de podridão e caía do rosto e do corpo em nacos pútridos. O sangue escorria dos olhos em lágrimas viscosas, a respiração saía num som chocalhado e medonho dos pulmões palpitantes. Agora ele segurava um cadáver nos braços. Sentiu a culpa atacá-lo vorazmente, e, com seu último fôlego, ela disse:

— Brennan.

E ele acordou ensopado em suor, tremendo de horror e reação à anestesia.

— Como está se sentindo? — perguntou alguém ao lado da cama.

— Bem — mentiu Brennan. — Onde estou?

Virou-se e olhou pela primeira vez para a pessoa com quem falava. Era um jovem com um jaleco branco de laboratório e um estetoscópio pendurado no pescoço. Parecia um cruzamento entre surfista e pônei palomino. Doutor… Finn. Era esse o nome.

— Na Clínica do Bairro dos Curingas — disse o médico.

Brennan assentiu, exausto.

— Sabe — prosseguiu Finn —, é muito surpreendente que você tenha sobrevivido.

Brennan assentiu outra vez. Estava grogue e desorientado, mas começava a se lembrar das coisas. O incêndio. A Mãe. O teto desabando.

— Parece — começou o médico, olhando-o atentamente — que um bombeiro achou você numa sala subterrânea e secreta quando vasculhou as ruínas do Crystal Palace. Pelo jeito, você foi salvo das chamas por… alguma coisa… que era só uma massa de carne carbonizada cobrindo as suas costas

quando o bombeiro o encontrou.

— Mãe — sussurrou Brennan. A boca parecia cheia de algodão molhado, e o braço direito era um pedaço de carne insensível envolto num molde de plástico. Sentou-se e pôs os pés no chão, lutando contra a vertigem súbita que fez sua cabeça girar como se estivesse no meio de uma bebedeira de três dias. O braço estava totalmente amortecido, mas ele sabia que a dormência passaria rápido, infelizmente. — Onde estão minhas roupas?

— Você não está em condições de sair do hospital — disse Finn, com seriedade. — Seu braço sofreu uma fratura grave, e você perdeu muito sangue. Também tem umas queimaduras nas mãos e no rosto. Deveria descansar por pelo menos um dia.

Brennan balançou a cabeça.

— Não tenho tempo para descansar.

— Não posso ser responsável por sua saída — retrucou o médico, a cauda batendo de aflição.

— Você não é responsável por nada. Eu sou. — Brennan se levantou e quase imediatamente desabou de novo ao ser tomado por um ataque severo de vertigem. — Agora, onde estão minhas roupas?

Finn balançou a cabeça.

— Se está mesmo decidido a ir embora, não vou impedir. Espere um minuto aqui e vou achar suas roupas. Pode levar um tempo, porque está tudo uma bagunça esta manhã.

— O incêndio? — perguntou Brennan.

— Não. O Crystal Palace foi destruído, mas na verdade houve poucos feridos pelo fogo. Parece que metade dos funcionários passou a noite em claro festejando com o resto do Bairro dos Curingas, e a outra metade está dando duro para cuidar dos resultados dessa celebração.

— Celebração? Por quê?

— Ah, acho que você não deve ter ouvido. Senador Hartmann foi nomeado candidato à Presidência ontem à noite. Todo o Bairro dos Curingas foi à loucura.

♣

Em algum lugar na escuridão, as vozes discutiam.

— Não é justo — dizia a primeira. — Também precisamos do beijo. Ele passa tanto tempo com *ele*. Por quanto tempo nos fará esperar?

— Pelo tempo que desejar — respondeu a segunda. — Não é direito nosso questionar as idas e vindas do mestre. Ti Malice faz as coisas em seu próprio tempo, por suas próprias razões.

— Deveríamos matar os dois — retrucou a primeira voz. — Eles são perigosos.

— Não — disse uma terceira voz, feminina. — Estes, não. São bonitos. O mestre vai querer experimentá-los, cavalgá-los, senti-los debaixo de si. O mestre vai querer ouvi-los gritar.

Isso bastou para abrir os olhos de Jay.

— E quanto a *nós*? — Viu o homem-centopeia andando de lá para cá, a voz aguda e nervosa. — E se ele gostar mais deles do que de nós? Nunca conseguiremos o beijo. Não suporto quando ele vai embora.

Jay estava deitado de bruços num colchão podre e fedido, a cabeça virada para um lado, os braços amarrados atrás das costas. Pelo menos, esperava que estivessem amarrados ali; não conseguia mais senti-los e, quando tentava mexer os dedos, havia apenas dormência. O colchão cheirava a mijo. A cabeça doía, e as costelas gritavam ao menor movimento. Ainda estava no mesmo porão escuro. Pôde ver um velho aquecedor de água a alguns passos de distância, os canos corroídos por ferrugem. Mais à frente, havia uma segunda sala, maior do que aquela em que estava, onde figuras sombrias esperavam na luz fraca que entrava pelas janelas encardidas. Jay tentou contá-las, mas eram muitas, e algumas se moviam. Quando tentou se concentrar, o crânio doeu como se fosse rachar ao meio.

Deve ter grunhido ou gemido, ou entregado o jogo de alguma forma, pois a discussão parou de repente, e ele ouviu passos. Mãos ásperas o viraram de cara para cima. Sascha estava em pé de frente para ele. O telepata parecia meio embriagado. As mãos tremiam, e mechas escuras de cabelo estavam grudadas com suor em sua testa pálida.

— Agu… — sibilou Jay. Foi só o que conseguiu falar. Os lábios e a garganta estavam secos e feridos. — Agu… — repetiu.

— Tragam água para ele — pediu Sascha.

Pouco depois, Ezili se ajoelhou ao lado de Jay e levou-lhe um copo de água à boca. Suas mãos estavam quentes, mas a água era fresca, e Jay bebeu avidamente, deixando-a escorrer pelos lábios e pelo queixo.

— Chupa — sussurrou Ezili em seu ouvido, rindo, e Jay pôde sentir o cheiro dela, e o calor que a pele emanava em ondas.

— Você nunca deveria ter nos seguido até Atlanta — disse Sascha.

— Meus braços — disse Jay, cuspindo os restos da água. — As cordas… cortando minha circulação. Me solta.

— Sou cego, não burro. Você não pode usar seu poder com as mãos amarradas. Precisa apontar o dedo para fazer de conta que a mão é uma arma.

— Ele está tentando nos enganar. — A centopeia humana se aproximou por trás de Sascha. Era alta e curva, dobrada para a frente como um ponto de interrogação, o rosto era um esboço repuxado na cabeça estreita e calva. Todos os braços eram grotescamente longos e finos, a pele esticada sobre ossos e músculos. Mas eram muitos. — Eu disse que ele era perigoso — repetiu o curinga. — Mate-o. — Tinha uma faca longa e serrilhada numa das inúmeras mãos.

— Não — respondeu Sascha. — Ele é valioso demais.

— Um tesouro — sussurrou Ezili.

— Você sabe o que o mestre acha dos ases — argumentou Sascha.

— Pergunte aos outros! — insistiu o homem-centopeia.

— Meu voto conta? — perguntou Jay.

Ezili riu, e Sascha virou o rosto sem olhos na direção de Jay.

— Você votaria pela liberdade — disse ele, solene. — Idiota. — Os dedos distraídos coçaram uma crosta grande de ferida no lado do pescoço.

— Você foi um menino mau — murmurou Ezili, provocativa. — O que fez com eles, hein? Todos os nossos lindos amigos…

— Eu já lhe disse — respondeu Sascha. — Ele os teleportou para longe. Para Nova York.

— O mestre vai ficar zangado — disse ela. Passou de leve o dedo pelo rosto de Jay, descendo e contornando delicadamente a orelha. — Tantos cavalos se foram. Você terá que ser punido.

— O mestre — repetiu Jay. — Quem é esse? Hartmann?

Ezili o olhou, inexpressiva.

— O Titereiro — disse Jay, lembrando-se do nome que Tachyon mencionara. A centopeia olhou para Sascha, confusa.

— É disso que se trata? — perguntou Sascha. — Seu pobre idiota. Não tem a menor ideia de com que se envolveu. — Deu uma risada curta e áspera, sem humor. — Mas, novamente, poucos entre nós têm ideia — acrescentou,

amargo.

— Quero brincar com ele — disse Ezili. Sua mão ultrapassou o cinto e deslizou para dentro das calças dele.

— Hoje, não, doçura — respondeu Jay com voz fraca. — Estou com dor de cabeça.

Ezili sorriu e tirou a mão do pau dele.

— Quando ele te beijar — sussurrou ela —, você será meu outra vez. Ele gosta que as novas montarias me fodam. Ele vai cavalgar você, e você vai me cavalgar.

— Que divertido — disse Jay.

Ezili passou a língua pelo lábio inferior.

Havia uma cicatriz no pescoço dela também.

Jay já tinha visto isso antes, na noite em que se enroscaram no tapete, mas já não lembrava. Agora, estava bem ali, à sua frente, um ferimento velho com uma crosta, exatamente como o de Sascha.

Olhou para a centopeia. O buraco no pescoço do curinga estava aberto e em carne viva; a pele ao redor, vermelha e inflamada.

Todos eles, pensou Jay loucamente. *Não são terroristas curingas nem militantes fanáticos de Hartmann, mas… outra coisa.*

Uma coisa terrível.

Seu estômago se embrulhou, e novamente ele sentiu uma vertigem nauseante e um pavor indescritível, como se tivesse acabado de cair no pesadelo de sempre.

— Vocês não vão escapar dessa — disse Jay, com toda a valentia que lhe restava. — Blaise vai contar a eles o que aconteceu. Vão vir atrás de vocês… Tachyon, Hiram… — Tentou pensar em quem mais poderia vir procurá-lo, mas não conseguiu lembrar nenhum nome. — Sou um cara popular, Sascha — concluiu numa voz fraca. — Não vão deixar você me ferrar.

Ezili achou isso hilário, dando uma gargalhada quase histérica. A centopeia juntou-se a ela.

— O garoto não vai contar nada para ninguém — disse Sascha quase num lamento. Estendeu a mão, agarrou a frente da camisa de Jay e o puxou, fazendo-o se sentar. — Ali.

Atrás do sofá, uma forma monstruosa ocupava as sombras cinzentas na parede. Na penumbra, Jay viu braços, tentáculos, garras, carne se retorcendo com carne. E os olhos… Só quando a criatura se mexeu ele reconheceu os

quíntuplos siameses.

Blaise estava jogado inconsciente num colchão aos pés deles, o pulso e o tornozelo algemados a canos próximos. O rosto estava espancado e ferido, e havia sangue seco coagulado por cima de um dos olhos, fechando-o.

Jay só conseguiu pensar que Dr. Tachyon ficaria *muito* irritado.

12h00

Brennan foi imediatamente à Nossa Senhora das Dores Perpétuas. Ao atravessar o Bairro dos Curingas, pôde observar o fim da festa imensa da qual Finn tinha lhe falado. Bêbados ainda cambaleavam pela rua usando os broches da campanha Hartmann–Jackson. Faixas em apoio ao candidato enfeitavam praticamente todos os prédios, tendo aparecido como por mágica, da noite para o dia, tal qual cogumelos brotando depois da chuva. Pôsteres estavam colados a cada superfície. Não se podia ir a lugar nenhum sem ver o rosto sorridente do senador. Sua onipresença era quase sinistra, e pela primeira vez Brennan sentiu certa desconfiança quanto a essa paixão tão incondicional e esmagadora.

Padre Lula ainda estava conduzindo a missa, então Brennan ficou no fundo da igreja e esperou, tentando passar tão despercebido quanto possível. O curinga sentado no banco ao lado olhou para ele uma vez, viu o estado das roupas de Brennan e decidiu que era muito mais importante prestar atenção ao progresso da missa do que fitar um limpo manchado de sangue sentado ao seu lado.

A missa durou só mais uns poucos minutos, mas a igreja levou muito tempo para esvaziar. Brennan captou o olhar do padre enquanto este estava cercado por membros da congregação que queriam lhe falar — principalmente, ao que parecia, sobre a vinda de Hartmann e a esperada era de ouro. Então, Padre Lula chamou Quasim, sussurrando-lhe algumas palavras. O corcunda se afastou e o padre gesticulou enfaticamente para Brennan.

Brennan saiu da igreja e a contornou para chegar aos fundos, onde Quasim estava destrancando a casa paroquial.

— Espero que você esteja bem — disse Brennan. Pôde ver uma série de arranhões profundos no rosto do curinga.

— Claro — respondeu ele. — Acha que vai precisar de mim em breve?

Brennan olhou para ele. Quasim o encarou com um olhar profundo e inteligente que não demonstrava se lembrar de nenhum dos acontecimentos da noite anterior.

— Eu… não, acho que vou conseguir me virar agora. Mas, caso precise de você, eu aviso.

— Tudo bem. Estarei a postos.

Abriu a porta da casa, e Brennan entrou em silêncio. As cortinas estavam fechadas, e Jennifer ainda dormia no sofá, o rosto liso e sereno como o de uma criança. A cor da pele estava boa, o peito subindo e descendo com regularidade. Ela parecia ter feito um bom progresso em sua recuperação, mas Brennan não quis arriscar sua saúde acordando-a.

Foi na ponta dos pés até o corredor que levava ao quartinho de Padre Lula. Sua sacola estava encostada à porta do quarto. Tirou as roupas sujas e rasgadas e descobriu como uma coisa simples, como trocar as calças, podia ser complicada com o braço numa tipoia. Quando conseguiu terminar, fechou a porta e sentou-se no colchão d'água do padre, descansando por um momento.

Respirou fundo. Dr. Finn tinha razão. Já estava exaurido. Esperava que o resto do dia fosse mais tranquilo. Neste momento, não encontrava forças para lutar nem com meia dúzia de cachorrinhos.

Pegou o telefone no criado-mudo e discou um número que lhe fora entregue por um gato. Tocou uma vez; depois, uma mensagem gravada disse: "Sentimos muito, o número para o qual você está tentando ligar não existe mais."

Desligou o telefone. Transluz agia depressa. Até a companhia telefônica fazia sua vontade. Brennan ficou sentado na cama, pensando por um tempo. Kien talvez soubesse onde era o quartel-general de seu imediato, mas o mero pensamento de pedir ajuda ao inimigo já lhe causava náuseas. Faria isso se fosse preciso, mas havia outras pessoas com quem falar primeiro — entre elas, uma que ele estava especialmente ansioso para ver.

Colocou a última arma que lhe restava, um .38 de cano curto, segura no cós do jeans limpo, e foi para a sala. Observou Jennifer dormir por um momento e resistiu ao impulso poderoso de beijá-la. Cruzou a sala sem fazer nenhum ruído e saiu, fechando a porta.

Quasim estava sentado na grama, ouvindo quaisquer que fossem os pensamentos que pairavam como nuvens em sua mente.

— Diga a Padre Lula que eu volto — pediu Brennan, mas Quasim não deu sinal de ter ouvido. Brennan sorriu consigo, consciente da sorte que tivera pelo curinga ter respondido quando precisara dele na noite anterior.

Ao passar do terreno da igreja para a rua, desejou ter sempre tanta sorte assim. Pisou na calçada na mesma hora em que um táxi vazio passava. Deu um assobio estridente e o táxi parou alguns metros adiante. *Talvez*, pensou ele, *minha sorte tenha mudado*.

— Twisted Dragon — disse ao taxista, que assentiu, ligou o taxímetro e saiu pela rua.

O motorista gostava de falar e estava todo enfeitado com broches de Hartmann. Brennan o deixou tagarelar sobre os eventos cruciais em Atlanta, enquanto soltava apenas um grunhido ocasional para manter sua participação na conversa.

— Agora — comentou o taxista —, ou vai ou racha. Hartmann *versus* Bush. Ah, cara. Se Hartmann não vencer, o Bairro dos Curingas vai ficar doido. Acho que Tachyon não vai ser muito bem-vindo aqui. Por que você acha que ele fez aquilo?

O carro parou na frente do Twisted Dragon.

— Por que acha que Tachyon deu as costas pra gente? — repetiu o taxista.

Brennan teria encolhido os ombros, mas a tipoia dificultava.

— Tenho certeza de que ele teve suas razões — respondeu, só vagamente consciente do que o taxista dissera, e sem a menor ideia do que Tachyon havia feito ou não. A resposta não agradou o homem, que arrancou com raiva do acostamento apesar da nota de vinte que recebera.

Brennan entrou no Twisted Dragon, afastando as manobras políticas dos pensamentos. Tinha mais dois problemas imediatos com os quais se preocupar, assim como Dragão Preguiçoso, que Brennan avistou bebendo junto ao balcão.

O Twisted Dragon estava tumultuado e barulhento como sempre, o que significava muito em ambos os aspectos. Brennan simplesmente foi andando até Dragão, que estava de costas e pulou de surpresa quando Brennan encostou o nó de um dedo em suas costas, simulando o cano de uma arma.

— Bom ver você de novo, meu caro — disse Brennan. — Vamos conversar um pouco?

Dragão assentiu, fazendo menção de levar a mão devagar ao bolso da jaqueta, até Brennan enfiar o dedo com um pouco mais de força em suas costas.

— Relaxe. Mantenha as mãos onde eu possa ver. Não quero que você vire

um ursinho e saia assustando todo mundo.

— Tá bem — respondeu Dragão em voz baixa, as mãos espalmadas no balcão. — O que você quer?

— Eu poderia querer o seu couro, amigão, mas você salvou minha vida uma vez, então estamos quites. Se me disser como entrar em contato com Transluz.

— Só tenho um número de telefone — disse Dragão. — O que eu te dei há alguns dias.

Brennan balançou a cabeça.

— Não funciona mais.

— Então, não posso ajudar.

Brennan fitou Dragão, que sustentou o olhar com firmeza, a cabeça virada.

— Tudo bem. Mas, se estiver mentindo, se souber como entrar em contato com Transluz e avisar que estou atrás dele, vou abrir a estação de caça ao dragão. E estou com minha licença bem aqui — avisou, aumentando a pressão do dedo.

Dragão deu de ombros, fingindo indiferença.

— Por que eu deveria ligar para o que vocês, brancos, fazem um com o outro? — perguntou.

— Boa atitude — respondeu Brennan, desaparecendo na multidão.

Dragão está fora da lista, pensou Brennan ao voltar para a rua. Era hora de visitar o Reino Mágico outra vez.

♦

— *Blaise* — chamou Jay num sussurro alto e urgente.

Os olhos do garoto estavam fechados, mas Jay pôde ver a tensão nos músculos. Ele estava consciente, Jay tinha certeza disso. Grogue, talvez; aterrorizado, quase com certeza; mas consciente.

Na sala ao lado, Rouxinol cantava. Era assim que os outros chamavam os quíntuplos siameses; Jay teve a impressão nauseante de que entendia o nome. Sascha fora embora vinte minutos antes, depois de dizer alguma coisa sobre precisar arranjar um garoto novo. Pela conversa, Jay entendeu que ele havia teleportado o antigo garoto na noite passada, no parque. Não ficara claro por que precisavam de um menino, mas parecia ter alguma coisa a ver com os

planos de viagem do mestre.

A telepatia de Sascha teria inutilizado qualquer tentativa de fuga. Se iam fazer alguma coisa, tinha que ser agora. Pelo que Jay podia notar, restavam apenas cinco pessoas na outra sala — seis, se contasse a criança grotesca aninhada ao peito da mãe. Imaginou que podia desconsiderar a mãe e a criança. Ezili e o curinga, que parecia feito de chouriço de sangue, também não deviam ser muito perigosos. Assim, restavam só Rouxinol e o homem-centopeia. O centopeia estava sentado abaixo de uma janela na outra sala, uma pedra de amolar numa das mãos esquerdas e meia dúzia de facas nas direitas, os braços do lado direito do corpo movendo-se com uma graça ritmada enquanto ele afiava as lâminas. O som do aço contra a pedra criava um contraponto sinistro ao canto de Rouxinol.

— *Blaise* — sussurrou ele outra vez. — Vai, acorda. Que droga.

O garoto abriu os olhos. Agora, toda a arrogância sumira deles. Mesmo na escuridão, Jay pôde ver como o garoto estava amedrontado. O mentata jovem e insolente fora embora, deixando só um menininho.

— Temos que sair daqui — disse Jay, tentando manter a voz baixa. — Esta é a melhor chance que teremos.

— Eles me *machucaram*! — respondeu Blaise, a voz trêmula de dor. Falou alto demais. Por um momento, Jay se retesou, mas a cantoria continuou na outra sala.

— Eu sei. Blaise, você precisa falar baixo. Se nos ouvirem, fodeu!

— Estou com medo — disse o garoto. A voz estava mais baixa, mas não o suficiente. — Quero ir para casa.

— Fica calmo. Preciso de você. Tem que controlar a mente de um deles.

— Eu *tentei*. Ontem à noite… controlei Sascha, mas eles não me ouviram, e aí aquela coisa… aquele curinga… eram muitas mentes, não consegui nem saber quantas, e algumas delas… eram como mentes de animais, só que mais inteligentes, e ficavam escapando de mim. Não conseguia controlar… Eles me *machucaram*. — Estava chorando agora. Uma linha vermelha escorria pela face, onde as lágrimas se misturavam ao sangue seco que lhe fechara o olho.

— Vão te machucar muito mais se não sairmos daqui — disse Jay. — Não precisa mexer com o grandalhão feioso. Só pegue o cara que parece uma centopeia. Faça ele levantar e dizer: “Vou ver como estão os prisioneiros.” Entendeu?

— Vou ver como estão os prisioneiros — repetiu Blaise, entorpecido, por entre lábios inchados e feridos.

— Descontraído — enfatizou Jay. — Diga num tom bem descontraído. Daí você faz o cuzão vir aqui com todas aquelas facas e me soltar. É só soltar as minhas mãos que a gente tá livre. Teleporto você de volta para o Marriott e você pode trazer a cavalaria. Tá?

— Não sei — murmurou Blaise.

— Achei que você fosse meio takisiano — sussurrou Jay com todo o sarcasmo que tinha. — Vocês prestam para alguma coisa além de chorar?

Blaise piscou, lutando contra as lágrimas, e assentiu devagar.

— Vou tentar.

O rosto maltratado do garoto se franziu, concentrado. Jay prendeu a respiração. O canto continuou pelo que pareceu uma eternidade. Então, uma cadeira foi empurrada para trás e ele ouviu uma voz fraca anunciar, com muita formalidade:

— Vou ver como estão os prisioneiros.

O canto parou. Jay ouviu passos.

Muitos passos.

O centopeia atravessou o porão como um sonâmbulo, ajoelhou-se diante de Jay, levou às mãos às costas dele e começou a serrar as amarras com uma faca. Pelo som que fazia, Jay percebeu, com mal-estar, que as mãos estavam presas por um arame, não uma corda.

Rouxinol veio logo atrás dele, avançando numa marcha pesada e cambaleante. Uma das cabeças olhou para Jay e para o homem-centopeia e os ignorou. Todos os outros olhos permaneceram cravados em Blaise.

— Não — choramingou o garoto quando a sombra vasta do curinga caiu sobre ele. Tentou recuar, rastejando pelo colchão, mas não havia onde se esconder.

Uma das mãos de Rouxinol se estendeu para a tubulação do teto e voltou com um taco de beisebol. O primeiro golpe atingiu a cabeça do garoto com um *crack* que deixou Jay nauseado.

14h00

Desta vez, a abordagem de Brennan foi objetiva. Sabia aonde estava indo e sabia o que queria fazer. O jardim de Quinn era belíssimo à luz da tarde. Ou o sujeito tinha habilidades extraordinárias em horticultura ou contratara um serviço de paisagismo espetacular.

Brennan não se importaria em conversar sobre jardinagem com o Esquimó e, se tudo desse certo, teria essa chance.

Atravessou o canteiro de papoulas e se aproximou da sentinela-lagarta por trás. Como fizera da primeira vez que se deparara com ela, a máquina virou a cabeça devagar, sorriu, deu-lhe as boas-vindas e então emitiu uma nuvem ondulante de gás em sua direção.

Brennan caiu artisticamente, ou assim esperava. Estremeceu quando o braço direito atingiu o gramado e se virou de forma que a mão esquerda ficasse debaixo do corpo. Segurou o fôlego enquanto o gás se dissipava e inalou em respirações rasas e cuidadosas quando necessário. Ficou um pouco zonzo com os resíduos do gás, mas, de todo modo, ainda estava levemente tonto por causa do tratamento médico.

Ficou deitado ali por dez minutos antes de ouvir passos que se aproximavam e uma voz descontente.

— Domingo à tarde — dizia a voz. — Domingo à tarde. Não podem deixar um homem se divertir em paz nem nos fins de semana? Onde é que este mundo vai parar?

Os resmungos cessaram e, por entre as pálpebras semicerradas, Brennan viu Quinn olhando para ele.

— Agora, quem é esse? — continuou o monólogo. — Quem foi pego na teia tecida pela minha lagarta? Espere aí. Lagarta não tece teia, tece?

— Isso mesmo — respondeu Brennan, sentando-se e apontando a arma para Quinn. — Quem faz isso é aranha.

— Você está inconsciente — disse Quinn. — Não pode falar. — Brennan conseguiu perceber que o Esquimó estava muito intoxicado, mas isso não era incomum. O homem olhou Brennan, incerto, parecendo não tomar conhecimento nem da arma que ele lhe apontava.

— Tomando algum depressor esta tarde, Quinn?

Ele assentiu tranquilamente.

— Metaqualona.

— Sorte a minha. Agora, eis o que vamos fazer. Vamos entrar na sua casa, chamar mais uma pessoa e dar uma festinha. Tudo bem por você?

Quinn balançou a cabeça, aquiescendo.

— Claro. Os domingos são entediantes mesmo. Normalmente, não há nada digno de atenção na TV.

— Você primeiro — disse Brennan, abanando a arma. Não queria se colocar ao alcance do doutor, caso este percebesse o que estava acontecendo e tentasse cravar de novo as agulhas dos dedos nele.

Pôde ver o interior da mansão melhor do que da última vez que estivera lá. O bom gosto de Quinn para o paisagismo não se estendia ao design de interiores. Seu Reino Mágico estava decorado no que poderia se chamar, na melhor das hipóteses, de um gosto exoticamente eclético. O hall de entrada estava repleto de retratos de famosos viciados do passado, incluindo Edgar Allan Poe, Sherlock Holmes, Elvis Presley e Tom Marion Douglas.

O cômodo ao qual Quinn o levou tinha uma série de vitrines que abrigavam, entre outras coisas, uma coleção de garrafas chinesas de ópio e narguilés turcos de antiquário. Junto a uma das paredes havia terrários com espécies delicadas de fungos e cactos e, em outra, aquários com diversas espécies de baiacus.

— Belo lugar você tem aqui — comentou Brennan, impressionado com o que via.

— Obrigado. — Quinn sorriu. — É temático, sabe.

— É. Agora, quero que você faça aquele telefonema.

— Para quem vamos telefonar?

— Transluz. Quero que você o mande vir aqui rápido. Diga a ele que descobriu uma novidade. Uma coisa importante que ele precisa ver agora mesmo. Consegue fazer isso?

— Ei! — Quinn se endireitou. — Sou esperto feito uma raposa! — Mas parou e encarou Brennan. — Mas por que eu faria isso?

— Porque eu tenho uma arma — respondeu ele, apontando-a para Quinn. — E porque eu quero.

— Ei. — Quinn recuou. — Foi só uma pergunta.

Andou até o telefone, e Brennan o seguiu, mantendo-se fora do alcance.

Espiou o número que Quinn tentava discar. Era diferente daquele que lhe fora dado, como o arqueiro havia suspeitado. Não achava que Transluz entregaria seu número secreto a qualquer um.

Enquanto isso, Quinn estava tendo dificuldade para discar, mas finalmente, na terceira tentativa, conseguiu. Brennan se posicionou diante dele, onde o Esquimó pudesse ver a arma.

— Ei, ei! — disse ele ao receptor. — Adivinha quem é?… Isso mesmo. *Coo-coo-ka-choo.*… Não, espera aí. Isso é de "I am the Walrus"… Enfim, sou eu, Quinn. É, escuta, meu velho Phil, eu estava mexendo no laboratório hoje e inventei uma coisa que você tem que ver… Claro que tenho certeza… Todo mundo vai pular de alegria… Ei, alguma vez o Esquimó já te decepcionou?… Bom, quero dizer, nos últimos tempos… Tudo bem… Tudo bem… Quando puder… Claro… *Adiós*.

Desligou o telefone.

— E então? — perguntou Brennan.

— Ele tem umas coisas para fazer, mas estará aqui dentro de uma hora. Ei, quer ver minha estufa? Tenho uma ótima coleção de pés de maconha.

— Claro. Por que não?

15h00

O som de passos na escada fez Jay abrir os olhos.

Estava muito silencioso. Ele estivera dormindo… ou perdendo e recuperando a consciência, era difícil saber. Olhou para o colchão e viu Blaise fitando-o. Os olhos do garoto arregalados, fixados de horror. Uma espuma sangrenta saía da boca, onde Rouxinol havia quebrado alguns dentes seus. Ele não parecia consciente disso. Não parecia consciente de nada.

O som dos passos ficou mais alto. Jay se remexeu no sofá, as mãos inúteis ainda presas às costas, e tentou se deslocar para dar uma boa olhada na sala seguinte.

Hiram Worchester entrou no porão.

Jay piscou. Por um momento, pensou estar alucinando.

Então, reuniu todas as forças que lhe restavam e gritou:

— *Aqui!* Hiram, estou aqui atrás!

A cabeça de Hiram se virou de uma vez. Rouxinol ficou de pé e saiu lentamente das sombras.

— Cuidado! — gritou Jay.

Ouviu Ezili rir.

Hiram trazia uma mala enorme e preta, trancada com três fechos de metal. Era tão grande que parecia quase um baú, mas ele a carregava com a facilidade que um homem normal levaria uma maleta, e Jay percebeu que a tornara leve. Rouxinol pegou a mala dele e a colocou no chão, reverente. Seis mãos começaram a trabalhar simultaneamente nos fechos.

Jay Ackroyd ficou gélido.

Hiram olhou para ele do outro lado do porão. O ás parecia amarrotado e exausto, o terno de corte impecável manchado de suor. Jay o olhou nos olhos; estavam cheios de pavor e vergonha, além de algo que poderia ser terror. Parecia a ponto de chorar. Quando ergueu a mão num gesto que se tornara familiar demais para Jay e esfregou alguma coisa do lado do pescoço, foi o detetive quem quis chorar.

Sascha entrou em seu campo de visão. Apareceu ao lado de Hiram, movendo a cabeça lentamente de um lado para outro em gestos curtos,

semelhantes aos de uma ave, enquanto sua telepatia sondava o ambiente. Estava seguro; Sascha meneou a cabeça.

— Abra.

Rouxinol abriu a mala.

Dentro dela havia uma garotinha que não passava dos 4 ou 5 anos. Era pequena, de pele clara, loira e nua. E sorria.

Agarrada a ela num abraço obsceno estava uma coisa que parecia um cruzamento entre um feto abortado e a maior larva que Jay já tinha visto. A boca estava colada ao lado do pescoço da menina, e na súbita quietude Jay pôde ouvir leves ruídos de sucção.

Mas os olhos estavam abertos e alertas. Encontraram Jay na escuridão e o observaram avidamente.

Meu pesadelo, pensou Jay loucamente. Quase esperou que a criatura uivasse. O calor se espalhou por suas calças quando a bexiga cedeu.

— Ele está com muito medo, mestre — disse Sascha.

— Depois hei de saborear o medo dele — respondeu a garotinha. Saiu desajeitadamente de dentro da mala e pôs a mão delicada em Rouxinol para se equilibrar. Sua voz parecia saída de um filme de Shirley Temple, mas as palavras pertenciam à coisa em suas costas.

— Hiram — implorou Jay. — Faça alguma coisa.

— Não há nada a fazer, Jay — respondeu Hiram Worchester numa voz suave. — Sinto muito.

Impotente, Jay se debateu e lutou contra as amarras, tentando libertar as mãos. Foi em vão. Não conseguia nem *sentir* as mãos; a sensação era de que tinham caído do corpo uma hora atrás.

— Eles são fortes, mestre — disse Ezili.

— Os dois são ases — confirmou Sascha.

Hiram pareceu prestes a dizer alguma coisa, mas, em vez disso, virou-se para a parede. Jay gritou para ele:

— Porra, Hiram, reage! Esses caras não são nada perto de você. Joga o peso neles até essa sanguessuga maldita virar uma poça no chão!

— Você não entende — disse Hiram. — Ti Malice é meu mestre. Eu não poderia viver sem o beijo dele. Como poderia feri-lo? — O corpo enorme estremeceu. — Eu nunca… poderia… machucá-lo.

— Experimentarei o garoto primeiro — anunciou a garotinha.

Se Blaise ouviu ou entendeu, não deu sinal disso. Entraram na sala um

por um; a menina primeiro, com a criatura que Hiram havia chamado de Ti Malice brilhando colada à pele dela, depois Sascha, Ezili, o centopeia, até Rouxinol e os outros. Só Hiram continuou na outra sala.

Blaise olhou para eles sem expressão e depois pareceu acordar, como se de um sono profundo.

— Não! — gritou, recuando por cima do colchão imundo, afastando-se tanto quanto pôde de Ti Malice. Não foi longe o bastante. — Não, por favor.

— Interessante — disse a garota. — Posso senti-lo tocar a mente deste cavalo, tentando afastá-la. — Membros vestigiais atrofiados se estenderam fracamente enquanto Ti Malice se preparava para passar a um novo hospedeiro.

— A menina, não — gritou Jay —, a coisa nas costas dela!

Blaise olhou para ele rapidamente, desesperado, e nesse instante Jay conheceu de fato o significado de medo.

— Segure-o para mim — disse Ti Malice para Rouxinol com a boca da criança. O curinga enorme se aproximou cambaleando.

Os olhos violeta do garoto voltaram a mirar Ti Malice e se estreitaram num último e desesperado ato de coragem quando sua mente buscou a do parasita.

Então, Blaise começou a berrar.

16h00

Brennan espiou pelo olho mágico quando a campainha tocou. Era Transluz, parecendo aborrecido e impaciente. Brennan sorriu e abriu a porta.

— Muito bem, Quinn — disse Transluz ao entrar no hall do Reino Mágico —, do que… se trata…?

A voz sumiu quando ele avistou Brennan diante de si, e logo em seguida ele sumiu também. Mas Brennan estava preparado. Bateu a porta atrás de Transluz, e, quando este desapareceu, o arqueiro jogou nele o conteúdo do recipiente metálico que estava segurando. Um pó fino e branco voou da vasilha, cobrindo o ás da cabeça aos pés e salpicando todo o chão ao redor.

Transluz piscou os olhos aturdidos e espirrou. A língua surgiu e lambeu o canto da boca.

— Jesus Cristo! — explodiu ele. — Isso é cocaína!

Brennan assentiu.

— Sabe quanto dinheiro acabou de jogar em mim? Jesus Cristo! Estamos falando de milhões!

Brennan deixou a vasilha cair e sacou seu .38, mirando bem no meio dos olhos de Transluz.

— Estamos falando de morte — disse, numa voz impassível.

Transluz recuou; havia suficiente pó branco grudado nele para fazê-lo parecer uma rosquinha de açúcar de pouco mais de um 1,70 metro.

— Você está zangado — disse ele a Brennan.

— Isso mesmo. Me acalme.

— O que você quer?

— O diário de Crisálida. — Brennan gesticulou com a arma. — Ou então a sua cabeça. Imagino que já tenha lido tudo. Imagino que eu possa encontrar Miolo em algum lugar. Ele deve estar faminto.

Transluz mal pôde reprimir o tremor à menção de Miolo, o ás psicótico que podia acessar as lembranças de uma pessoa ao comer o cérebro.

— Bom, tudo bem, acho que podemos chegar a algum tipo de acordo. O diário está no meu apartamento. Podemos ir pegá-lo…

— Você pode telefonar e mandar alguém entregá-lo.

— Pode ser também.

— Por ali. — Brennan indicou a direção com a arma, e Transluz foi andando na frente dele, devagar e com cuidado. — Estou aqui — avisou.

Foram até a combinação de alcova com sala de recreações onde o próprio Quinn já se instalara na cadeira em que, uma vez, Brennan estivera preso.

— Que chato — disse Quinn quando eles entraram. Ao que parecia, o efeito da metaqualona estava passando, e o cérebro dele voltava a funcionar quase normalmente.

Transluz o encarou com firmeza, dizendo:

— Conversaremos depois — disse.

— Sente aí — mandou Brennan.

Transluz se sentou numa cadeira ao lado de Quinn, e Brennan jogou para ele uma camisa de força que encontrara na coleção de artigos para *bondage* de Esquimó. Transluz a vestiu sem falar uma palavra, e em seguida Brennan prendeu os fechos desajeitadamente. Por garantia, ainda amarrou Transluz à cadeira usando algumas cintas de couro que também faziam parte da coleção peculiar de Quinn.

— Agora, aquele telefonema — disse Brennan.

Transluz, que já tinha desistido de qualquer pretensão de estar invisível, resmungou, mas fez conforme era ordenado.

Brennan se sentou e observou os dois enquanto esperavam que a entrega fosse feita. Uma ou duas vezes, Transluz tentou começar uma conversa com desculpas e pretextos, mas Brennan não quis saber. Um olhar bastou para que o ás calasse a boca.

Finalmente, a campainha tocou, e Brennan foi atender. Havia um Lobisomem com uma máscara de Mae West à porta, que lhe entregou um livro encadernado em couro e o olhou com expectativa.

— É só isso — explicou Brennan. — Você não é entregador, não ganha gorjeta.

O Lobisomem foi embora desapontado enquanto Brennan voltava ao quarto de Quinn.

— Bom, foi entregue — disse Transluz. — Que tal nos soltar?

Brennan se voltou para Quinn.

— Você tem empregados?

— Tenho, cara. Domingo é o dia de folga deles.

— Quer dizer que eles voltam amanhã?

Quinn confirmou.

— Então, eles soltam vocês — disse ele, e se virou para sair.

— Por mim, tudo bem. Acho que vou sintetizar um ácido e meditar sobre as lições que aprendi hoje.

Transluz, porém, não foi tão compassivo.

— Ei, Caubói! — gritou. — Me solta!

Brennan balançou a cabeça.

— Não exagera. Você tem sorte por não estar morto.

— Deixa disso! — implorou ele, mas Brennan continuou a andar. — Desgraçado! — berrou Transluz, desatando a gargalhar em seguida, estridente e zombeteiro. — Você se acha muito esperto! Vai ver o bem que esse livro idiota vai lhe fazer!

Brennan prosseguiu e saiu da casa, deixando a porta aberta, esperando, contra todas as possibilidades, que algum assaltante passasse por ali e a esvaziasse. Parou diante do BMW novo em folha de Transluz e decidiu voltar à cidade com ele. Lembrou-se das palavras sarcásticas do ás enquanto fazia a ligação direta do carro, e sua curiosidade o compeliu a abrir o diário.

Enquanto olhava as páginas, percebeu que, de certa forma, Transluz tinha razão. Não havia um único fato ou informação concreta no livro todo. Era um diário particular no qual Crisálida anotava pensamentos, onde escrevia em palavras claras, simples e emotivas sobre dúvidas, medos e ansiedades.

Brennan se voltou para a anotação das datas e regrediu para um ano e meio antes, quando havia oferecido a ela proteção e amor e fora rejeitado. Aquele tinha sido o último dia em que ele a vira com vida.

“Do que”, escrevera ela, “tenho tanto medo? Não tenho medo de mostrar minha horrível deformidade ao mundo todos os dias — na verdade, me deleito com o desconforto que minha aparência causa, com a repulsa que evoca. *Eu* tenho que viver com isso todos os dias; então, que os outros também tenham.

“Faço os homens fazerem amor com minha feiura como preço pela informação que procuram. Por que não posso me entregar a alguém que talvez me ame por quem eu sou? Será medo? Medo de que ele na verdade não se importe, de que esteja me usando, de que me descartará no momento em que conseguir o que quer?

“Sou tão covarde.

“Adeus, meu Arqueiro. Sentirei sua falta. Sentirei falta do que poderia ter

existido entre nós.”

As mãos de Brennan seguraram o diário sem firmeza. Não queria mais ler. Não tinha esse direito. Ninguém tinha. Só folheou as últimas anotações para ter certeza de que não havia nada que pudesse se relacionar de alguma forma à morte dela. Então, pegou o isqueiro da BMW nova em folha de Transluz e queimou o diário até virar cinzas ali, no gramado espesso e verde de Quinn.

♠

— Tão jovem — disse Blaise. — Intenso. Primoroso.

Estava nu no colchão, Ezili deitada debaixo dele, as coxas cor de cacau abertas, as pernas enroscadas na cintura dele enquanto estocava o interior quente dela. Estava coberta por um fino orvalho de transpiração e gritava a cada vez que o garoto investia.

— Devagar, minha preciosa — mandava Blaise, mas é claro que não era ele, e sim a criatura aferrada às suas costas como uma sanguessuga pálida, a boca colada ao pescoço, os olhos minúsculos fechados para melhor apreciar as sensações que inundavam o corpo do garoto. — Este cavalo nunca conheceu uma fêmea. Está muito excitado. Devagar, Ezili-je-rouge, devagar.

Obediente, Ezili relaxou embaixo deles. Exibiu os dentes ao rir.

— Vou fazer mais devagar — prometeu. Ergueu os dedos e brincou com os mamilos do rapaz.

Jay desviou o olhar daquela cena e encontrou Hiram Worchester de pé próximo a ele. O enorme ás parecia mais angustiado e impotente do que nunca.

— Me desamarra — sussurrou Jay. — Agora, enquanto os outros estão ocupados.

Ezili estava gritando outra vez, a voz rouca de prazer.

Por um longo tempo, Hiram Worchester não disse nada. Ouvia-se apenas o som úmido e voraz de carne contra carne, e a cantoria gutural de Rouxinol na sala ao lado. Finalmente, Hiram lhe deu as costas e se afastou sem dizer uma palavra.

— Agora! — disse Ti Malice com a voz de Blaise. O corpo do garoto se arqueou com o orgasmo. As pernas de Ezili o apertaram, e ela riu.

17h00

Jennifer estava acordada quando Brennan voltou à casa de Padre Lula. Ela e o padre estavam jogando xadrez. Quando o viu, ela se levantou, o abraçou e o beijou.

— Por que me deixou dormir durante toda a ação? Você quase se matou sem mim!

— Quase — concordou ele. Jogou-se no sofá e suspirou profundamente.

— Qual é o problema? — perguntou Jennifer.

Brennan balançou a cabeça.

— Acabou. Já fui atrás de todas as pistas possíveis. Não resta nada para investigar. Pancada, Estranheza, Vermis, Morkle, Quasim. Não foi nenhum deles. O diário não ajudou. Os… arquivos dela… foram queimados. Tudo e todas as outras pessoas desapareceram. Sascha, Ezili, o mestre dela…

Jennifer se sentou ao lado dele e passou a mão no rosto do amado.

— Você não tem mais ninguém a quem interrogar? — perguntou Padre Lula.

Brennan balançou a cabeça, cansado.

— Acho que não, padre.

— Tem a mim — piou uma voz miúda.

Todos se voltaram para ver um dos homúnculos sair timidamente de trás do sofá.

— Há quanto tempo está aí? — perguntou o padre.

— Há algum tempo. Eu estava observando. Não há mais nada que eu possa fazer.

— Pode ajudar? — perguntou Brennan, desesperado por qualquer informação. — Já ouviu algum desses nomes?

— Ezili — respondeu o homúnculo. — Ouvi esse nome.

— Sim. Muitas pessoas ouviram. Só que ninguém sabe onde ela está.

— Talvez esteja no loft.

— Loft? — perguntou Brennan, endireitando-se de repente no sofá.

— Sim. Quando Sascha começou a agir de forma estranha, a Senhora quis saber sobre essa mulher com a qual ele foi visto. Nós a seguimos até um

loft perto do rio East. Dois dos meus irmãos foram até lá, mas nunca voltaram.

— Lembra-se do endereço? — perguntou Brennan, em voz baixa.

— Acho que sim — respondeu o homúnculo.

Jennifer olhou para Brennan.

— Desta vez você não vai sozinho — disse ela.

O arqueiro concordou. Só faltavam algumas horas para o anoitecer.

♥

— Vou fazê-lo levantar e dançar — havia dito Blaise ao ver Rouxinol pela primeira vez no Piedmont Park. A lembrança continuava ali, no fundo da mente do garoto, e seu mestre a encontrara, ficando deliciado.

Rouxinol já estava dançando havia quase quarenta minutos. Um dos pares de pernas, ligado ao corpo feminino no meio, havia parado de se mexer fazia vinte minutos, mas o resto do curinga continuava seu grotesco bailado.

Quando Rouxinol finalmente desabou de exaustão, o corpo imenso caiu no sofá, movendo-o quase trinta centímetros para um lado. O silêncio que se seguiu foi profundo e assustador.

Sascha e o homem-centopeia entraram na sala.

— Ele o agrada? — perguntou Sascha.

— Muito — respondeu Ti Malice através de Blaise. — Ele sente com intensidade e, quando sua mente domina outra, sente as emoções alheias tanto quanto as sensações físicas… Há muito a saborear, tudo de uma só vez… Sabores, cores… As texturas de dois ou três corpos… Primoroso…

— Um tesouro — disse Ezili. Estava sentada no colchão, um braço agarrado à perna magra do garoto, ambos ainda nus.

— Os poderes dele serão úteis, mestre — afirmou Sascha. — Qualquer montaria que o senhor deseje agora será sua, até o mais poderoso dos ases. O garoto pode trazê-los para o senhor, mantê-los parados e indefesos, enquanto o senhor os toma.

— Sim — a criatura fez Blaise responder. — Você agiu bem. Receberá o beijo em breve, meu querido.

Sascha parecia um cachorro que acabara de ganhar um osso.

— Este cavalo conheceu a morte de um modo que eu jamais havia

experimentado — disse Blaise em nome do mestre. — Ele se uniu às mentes dos moribundos… Experimentou o doce e o amargo, o matar e o morrer… Bebeu da própria escuridão… Sim. — Blaise se virou lentamente, observando os outros no porão. A coisa que o cavalgava abriu os próprios olhos, claros e fracos.

— Ele — disse o homem-centopeia, ansioso, apontando para Jay com meia dúzia de facas. — Mate-o. Ele mandou embora todas as suas outras montarias, mestre. É perigoso.

Olhos se fixaram em Jay; os de Blaise, violeta e estranhamente arregalados, e os do mestre, vagos e assustadores. Jay o encarou sem vacilar, até que Hiram se colocou no caminho.

— Não — disse ele. — Jay, não. Ele é um ás.

— Ackroyd é poderoso — concordou Sascha. — Um teletransportador projecional. Quando ele for seu, mestre, nunca mais será ameaçado. Ele pode apontar o dedo e mandá-lo para um lugar seguro sempre que um inimigo se aproximar.

— Isso é bom.

Os olhos começaram a se mexer. Pararam no homem-centopeia.

O curinga levou um longo tempo para perceber o que estava acontecendo.

— Não, mestre — pediu ele. — Eu, não. Eu… também sou útil…

— É só um curinga — disse Ezili. — E queria matar seus dois novos tesouros.

— Eu estava com medo — argumentou o homem-centopeia. — Eles são ases, perigosos, eu não queria que o senhor se ferisse. Não, por favor… Eu só não queria que o senhor se ferisse, mestre.

— Ele queria o seu beijo só para si — declarou Ezili.

— Daqui a pouco ele o atacará com essas facas — relatou Sascha, em tom prático.

Os olhos de Blaise se estreitaram; as facas fizeram um estardalhaço no piso de pedra ao caírem dos dedos frouxos.

— Hiram, faça alguma coisa — disse Jay.

Hiram desviou o olhar.

A centopeia humana ficou imóvel, o corpo congelado pelo poder mental de Blaise. Mas o garoto deve ter deixado a boca do curinga livre do domínio, pois ele ainda suplicava.

— Não, por favor, pegue um dos outros! — gritou, naquela voz aguda e

áspera. — Pegue a mulher… ou a menina. Sim, a menina. Ou Rouxinol, pegue Rouxinol, ele nem sabe falar, ele é burro, pegue ele. Por favor, não me machuque, mestre. Eu te amo.

— *Blaise!* — berrou Jay. — *Solta ele!*

O garoto nem se dignou a olhá-lo.

O homem-centopeia ergueu meia dúzia de mãos direitas e segurou o braço esquerdo superior.

— Eu te amo, mestre — choramingou ele. — Eu te amo, eu te quero bem. — Então, as palavras se tornaram um grito estridente de dor quando ele arrancou o braço direito do corpo. O sangue jorrou.

— Bem te quer — disse Ezili, sorrindo, conforme as mãos ensopadas de sangue do homem jogavam o braço decepado no chão e seguravam o outro logo abaixo. O segundo braço não saiu com tanta facilidade. O homem começou a usar as unhas, rasgando a própria carne com toda a força que lhe restava.

Hiram foi até um canto do porão e vomitou.

Jay não conseguia assistir. Olhou para Blaise. Havia uma expressão naqueles olhos escuros que ele nunca tinha visto num rosto humano. O pênis do garoto subiu levemente e começou a inchar, até que uma monstruosa ereção se exibisse no emaranhado de pelos pubianos vermelho-cobre.

Ezili notou isso também, e o cobriu com a boca.

Mas, quando o segundo braço do curinga foi arrancado, ela afastou os lábios apenas o bastante para dizer:

— Mal te quer.

21h00

Alguém já havia invadido esse lugar.

Enquanto avaliava a janela do quarto, Brennan olhou para Jennifer, que o esperava na escadaria de incêndio deteriorada mais abaixo. Um dos painéis fora parcialmente removido com um cortador de vidro. Ele respirou fundo e descansou por um momento. O braço direito, coberto do pulso ao cotovelo pelo molde de plástico duro, latejava horrivelmente. Tomara cuidado ao escalar a escada de incêndio, mas não pudera deixar de batê-lo aqui e ali.

Experimentou empurrar a janela, que dava para o loft do segundo andar, acima de uma gráfica fechada. Estava destrancada. Respirou fundo mais uma vez, ergueu a janela e entrou no quarto — escuro e silencioso. Gesticulou para que Jennifer ficasse lá fora. Ela assentiu, e ele atravessou o cômodo até uma parte do loft que fora subdividida em vários quartos menores. Percorreu a escuridão, espiando no interior de cada um. A maioria era de dormitórios, mas um tinha recebido instalações à prova de som e fora transformado numa câmara de tortura. Todos estavam vazios.

Uma cozinha luxuosa ficava do outro lado, oposta ao conjunto de quartos. Uma sala de estar enorme com carpete branco formava a outra metade do loft.

Brennan continuou pelo corredor e olhou para a sala de estar. Também parecia vazia. Ligou o interruptor de luz. As paredes estavam cobertas de pinturas estranhas.

Brennan se aproximou de uma para olhá-la em detalhes, e um naco de carne achatado e pavoroso se ergueu no ar de onde estivera repousando, fora da vista, no sofá, e se jogou contra ele com a velocidade de um falcão em ataque. O rosto do curinga, localizado na parte de baixo, era quase humano, exceto pela genitália masculina que pendia abaixo dos olhos verde-claros.

Brennan se abaixou, erguendo o braço por instinto para proteger o rosto, e o curinga o atingiu, lançando uma onda de agonia por todo o corpo. Ao cair, a arma escapou da sua mão.

A coisa fez uma curva fechada e voltou a atacar Brennan, a pele pálida e purulenta, um esporão ereto que saía da parte de baixo apontado para

Brennan como uma lança.

Ouviu-se uma explosão alta que reverberou infinitamente pela sala, e a coisa se desviou, soltando um grito alto de raiva e dor. Brennan olhou para o corredor e viu Jennifer, que estava posicionada ali, a pistola em mãos e fumegando.

O curinga, que parecia uma arraia, investiu contra ela como um avião em parafuso, e ela se desmaterializou. Ele passou através dela e foi parar no quarto pelo qual haviam entrado. Ouviu-se um som de vidro se quebrando quando ele atravessou a janela e fugiu.

— O que foi isso? — perguntou Jennifer com voz trêmula.

— Não sei. Um guarda?

— Bom, ele não é dos melhores — disse ela, vindo do corredor e ajudando Brennan a se levantar.

Trêmulo, ele recuperou a arma e se concentrou nos desenhos pintados na parede da sala.

— O que são essas coisas? — perguntou.

— *Veve* — respondeu Jennifer. — Desenhos religiosos haitianos. Símbolos dos *loas*, os deuses do vodu.

— Sei — disse Brennan, embora não fosse verdade.

O que menos sabia era o que isso poderia ter a ver com a morte de Crisálida. Andou pela sala sem objetivo, cansado e desanimado pela dor e pelo fracasso.

— O que devemos procurar? — perguntou Jennifer.

— Qualquer coisa — respondeu ele, numa voz que demonstrava pouca esperança. — Qualquer coisa que possa, de alguma forma, jogar luz sobre esses acontecimentos insanos. Qualquer coisa que possa nos levar a Sascha.

Abriu uma porta e se deparou com um closet lotado de roupas, a maior parte casacos de todo tipo para ambos os sexos e em todos os tamanhos. A Estranheza, lembrou-se, vasculhara o closet do quarto de Crisálida, talvez em busca do misterioso paletó mencionado no testamento.

— Me ajude aqui — disse para Jennifer, que estava atrás dele. — Talvez haja alguma coisa…

Estava pegando um casaco de pele de marta quando notou um paletó leve de linho pendurado no gancho interno da porta do closet. Pegou a peça de roupa, franzindo o cenho ao examiná-lo. Era de puro linho branco, limpo e imaculado, exceto por um respingo de sangue quase imperceptível perto da

barra. Olhou para a peça por um momento e depois vasculhou os bolsos. O esquerdo estava vazio. O direito continha um baralho antigo. Ele abriu as cartas. Faltava o ás de espadas.

Olhou para Jennifer. A dor, o cansaço e a frustração haviam desaparecido do rosto de Brennan. Seu olhar era duro, e sua voz, suave e ameaçadora.

— O assassino de Crisálida — murmurou ele — está em Atlanta.

22h00

— Traga minha capa — disse Blaise.

A boca do garoto ainda brilhava com os fluidos de Ezili. De olhos vívidos e ansiosos, Ti Malice colava-se ao pescoço, falando com a língua dele. Quando se aquietava, podia-se ouvir um som leve de sucção, como o de um bebê mamando no peito da mãe.

Hiram se aproximou com a capa. Era de lã pesada e púrpura, o interior forrado de cetim negro. Ajudou Blaise a vesti-la, ajeitando o caimento da mesma forma que às vezes ajeitava os ternos de Jay. A capa era longa demais para Blaise; a barra se arrastava no chão. Hiram fez ajustes. Em seguida, ergueu o capuz volumoso, cobrindo a cabeça do jovem, escondendo o cabelo vermelho-vivo e a coisa que o cavalgava. Com as tiras presas ao redor do pescoço e o rosto nas sombras, Blaise parecia um corcunda.

— Cavalgarei esta montaria pelo mundo — anunciou Ti Malice por intermédio de Blaise. — Ezili, você me acompanhará. Vista-se.

Ezili se levantou do colchão, ágil e preguiçosa como um gato. A pele macia, cor de café com leite, ainda estava respingada de sangue. Ela viu Jay olhando-a, sorriu e passou a língua pelos lábios ao se abaixar para pegar o vestido.

— Hiram — implorou Jay —, *por favor*. — Pensar em Blaise vagando pelas ruas de Atlanta, com seus poderes mentais incríveis à disposição de Ti Malice, o deixava louco de medo. — Vocês não sabem como Blaise é poderoso. Não sabem o que estão deixando solto por aí.

Ezili riu ao colocar o vestido, ajeitando o decote em torno dos seios.

— Tem certeza disso, pequenino?

Hiram não tinha ouvido uma palavra.

— Quando vão voltar? — perguntou ele.

— Quando ficar cansado do novo cavalo — respondeu Ti Malice com a voz familiar do garoto. Blaise estendeu a mão, tocou a barba de Hiram e acariciou gentilmente seu rosto. — Você não ficará sem meu beijo — prometeu. Hiram sorriu.

— E quanto a Ackroyd, mestre? — perguntou Sascha.

Blaise virou o corpo. Os olhos púrpura do garoto fitaram Jay, e ele quase pôde sentir outros olhares vigiando-o, aqueles ocultos na escuridão debaixo do capuz.

— Hei de experimentar o outro cavalo quando voltar — disse ele. — Mantenha-o seguro para mim.

Jay tentou mais uma vez.

— *Hiram!* — berrou.

Hiram abriu a porta do porão. Ao se virar, Blaise girou a capa em torno de si e saiu para a noite de Atlanta.

♣ ♦ ♠ ♥

Segunda-feira

25 de julho de 1988

4h00

O pesadelo voltou. A floresta, os degraus, a coisa com cara de cone virando, virando…

Jay acordou na escuridão, gritando.

— Jay? — chamou uma voz profunda. — Você está bem?

Na escuridão subterrânea, mal pôde ver Hiram acima dele, uma vasta sombra. Jay lutou contra as amarras, desistiu e voltou a desabar com um grunhido.

— Não — respondeu num sussurro áspero. Fazia horas desde a partida de Ti Malice. — Não estou. Estou amarrado neste porão fedido, tive que ver um pobre coitado se mutilar com as próprias mãos, Blaise está por aí fazendo só Deus sabe o quê, e daqui a pouco uma larva gigante vai grudar no meu pescoço e chupar o meu sangue, então, não, *eu não estou bem*!

Em algum momento, o sussurro de Jay se transformara num grito. Ele viu Rouxinol se mexer, acordando. Então, o curinga começou a cantar “The House of the Rising Sun”. Era exatamente do que Jay precisava.

Hiram se sentou num canto do sofá velho, os ombros caídos.

— Sinto muito — disse com voz fraca. — Se houver alguma coisa que eu possa fazer…

— Pode me desamarrar — respondeu Jay, depressa.

— Sascha saberia no momento em que eu começasse — disse Hiram, desamparado.

— E daí? O que Sascha vai fazer? Rouxinol é forte, mas você é um ás, droga. Você dá conta dele. Esta é a melhor chance que a gente vai ter. Quando minhas mãos estiverem livres…

— *Não posso*, Jay — disse Hiram, interrompendo-o com uma voz embargada pelo desespero. — Eu faria, se pudesse, mas… Jay, me desculpe. Nunca quis que nada disso acontecesse, tem que acreditar em mim.

— Acredito — respondeu Jay gentilmente. Hiram parecia exausto, deprimido e cheio de dor. Houve um longo silêncio. — Quanto tempo? — perguntou Jay, finalmente.

— Um ano e meio. Aconteceu na turnê, no Haiti. Ezili foi o chamariz. Eu me iludi a ponto de pensar que eu a estava seduzindo, mas é claro que foi o oposto. Depois que adormeci, ela abriu a porta e o mestre me pegou durante o sono. Depois que passei a ser dele, ele me usou para contrabandeá-lo para os Estados Unidos. Eu tinha dinheiro e influência. Não foi nada difícil.

— Esta é a sua chance de se libertar — incentivou Jay. — Aproveite.

— *It's been the ruin of many a poor boy* — cantava baixinho Rouxinol. — *And me, by God, I'm one.*

Hiram balançou a cabeça, incapaz de encará-lo.

— Me desamarra — sussurrou Jay. — É só o que você precisa fazer. Simples. O resto é comigo, só solta as minhas mãos. Não precisa nem olhar. Eu te mando para a Clínica do Bairro dos Curingas, para você se tratar de… do que quer que ele tenha feito com você. Faça agora, Hiram. Não sei quanto tempo ainda temos.

— Você o machucaria — disse Hiram, com voz fraca. — Não entende… O beijo dele é como… Não há palavras para descrever, Jay. Quando você é parte dele, é como se estivesse vivo pela primeira vez na sua existência. Sente um prazer tão intenso. Comida, bebida, sexo, até o simples ato de respirar, tudo se torna inebriante… Mas, quando ele se separa de você, quando vai para outro cavalo… é como *morrer*, Jay. O mundo fica cinza e, depois de cerca de uma semana, a abstinência física se manifesta. Não imagina como

dói. Você *anseia* por ele. É uma fome, que, se não for suprida… — Ele ergueu o olhar, os olhos implorando por compreensão. — Além disso, ele não é mau, não da forma como você e eu entendemos a maldade. Sem os cavalos, ele morreria. Precisa de nós assim como precisamos dele. É só que a moralidade do mestre é… diferente da nossa.

— Em Nova York — disse Jay —, depois que Sascha fugiu para Atlanta com o seu amiguinho, encontrei uma câmara de tortura no apartamento dele. Para não falar do cadáver no banheiro.

— Sim — confirmou Hiram, desviando de novo o olhar. — Um cavalo. Um dos curingas. — A voz estava tão baixa que Jay mal podia ouvi-la com a cantoria de Rouxinol. — Às vezes… a dor é diferente do prazer, o mestre diz, mas tão… interessante quanto. As sensações de morte são… especialmente… Especialmente…

— Já entendi. Ele tortura os cavalos mais descartáveis até a morte só para se divertir um pouco, né? Mas não é mau, só incompreendido. — Fungou com desprezo. — Hiram, aquela coisa é a *definição* do mal.

Hiram não disse nada por um longo tempo, e apenas se ouviu o canto gutural de Rouxinol na outra sala. Mas, finalmente, os lábios se moveram, tão fracos que Jay não conseguiu distinguir as palavras.

— Quê? — sussurrou ele.

Hiram virou a cabeça.

— Imundo… Ah, meu Deus, Jay, você não sabe como tem sido… Tantas vezes, eu só desejei que acabasse… que ele me matasse da próxima vez… Mas sou poderoso demais, entende? Sou um ás. Ele quer os ases… Quer os poderes… Eu nunca serei livre. E com você… será igual…

— De jeito nenhum — disse Jay. — Hiram, não deixe ele me pegar.

— Não posso machucá-lo! *Já disse!*

— Então machuque a mim. Me *mate*, se for preciso. Mas não deixe ele me pegar.

Nunca havia pensado que suplicaria pela morte, mas sentia a pele arrepiar de nojo só de pensar em Ti Malice. Seria como o pesadelo, mas desta vez ele nunca acordaria; desta vez, seria para sempre.

Hiram Worchester o fitou com um ar de surpresa no rosto largo.

— Matar você — murmurou ele. Flexionou os dedos, fechando-os devagar, depois abrindo-os. — Ele ficaria irritado, Jay… tão, tão irritado, você nem imagina. Talvez… talvez ele chegasse… a me *libertar*.

Jay entendeu o que ele quis dizer com “libertar”.

7h00

Passaram a noite toda no aeroporto esperando o próximo voo disponível para Atlanta. Jennifer adormeceu perto da meia-noite, mas Brennan não conseguiu. Passou a noite em claro, meditando sobre a carta de baralho, um ás de espadas, deixada para ele num testamento.

Quando chegou a hora de embarcar, ele a guardou no bolso do peito da jaqueta jeans, onde ficaria ao alcance da mão.

9h00

Quando a porta se abriu, Jay teve um vislumbre rápido da luz solar, pálida e fraca, vinda do alto. Blaise entrou no porão, tropeçando no último degrau, quase caindo por cima da barra da capa. O garoto parecia um morto-vivo, o rosto retorcido e lívido. Fora cavalgado além da exaustão.

Sascha se aproximou para remover a capa pesada de lã.

— Estávamos preocupados com o senhor, mestre — disse ele, enquanto desamarrava a capa. — Ouvimos sirenes… Gritos na noite…

Na entrada, Ezili riu.

— A noite foi mágica, Sascha — disse ela, lambendo o lábio inferior. — Hartmann enlouqueceu. Vimos na televisão. Foi um banho de sangue. Então, os curingas também enlouqueceram. Vagamos pelo parque e brincamos com eles a noite toda. Ninguém notou. — Ela fechou a porta do porão ao entrar, e a escuridão retomou seu reinado.

— Este cavalo está cansado — anunciou Ti Malice na voz rouca e cansada de Blaise. — É hora de experimentar o outro. Tragam-no.

Todos olharam para Jay.

Sascha dobrou a capa, deixou-a de lado e se voltou para Jay. Talvez houvesse pena em seus olhos, se ele os tivesse. Balançou a cabeça para Rouxinol, e o curinga enorme avançou.

— Não dá pra gente discutir isso? — perguntou Jay.

Rouxinol o ignorou. Mãos agarraram as pernas, os ombros e os pés, erguendo-o no ar. O curinga o jogou por cima do ombro e o carregou pelo porão. O lugar ainda cheirava a açougue. Moscas voavam em torno dos pedaços apodrecidos de carne humana. Rouxinol jogou Jay no colchão. Ezili se inclinou sobre ele e o beijou de leve, os lábios úmidos e quentes.

— Em breve — disse ela.

— Prepare-o para mim — mandou a voz de Blaise.

Rouxinol pegou Jay pela camisa e puxou com força, rasgando o tecido com um som alto, até os restos ficarem pendurados no casaco.

— As amarras estão no caminho — notou Ti Malice. — Desamarre-o. Tire a roupa dele.

— Mestre — alertou Sascha —, ele é perigoso com as mãos livres.

— Não consigo nem sentir as mãos, porra — reclamou Jay. Tentou não pensar no que estava pensando.

Sascha captou logo o pensamento que ele tentava não ter.

— Ele acha que terá uma chance quando estiver desamarrado.

— Está com medo? — perguntou Ti Malice.

— Muito, do senhor. De ser um cavalo. E há um outro medo, mais antigo… — O telepata franziu o cenho. — Um sonho que teve. O senhor o faz se lembrar desse pesadelo, mestre.

— Solte as mãos — mandou Ti Malice. — Este jovem cavalo tem o poder de contê-lo.

Rouxinol o virou, jogando-o com força no colchão, e o prendeu com uma das botas enquanto manipulava as amarras. Os pulsos de Jay estavam presos havia tanto tempo que ele não conseguiu sentir nenhuma diferença quando foram soltos. Rouxinol chutou um dos braços com força, e ele caiu pesadamente ao lado do corpo. O ombro doeu horrivelmente. *Role e levante a mão*, pensou Jay, mas Rouxinol o apertava no colchão. Não conseguia se mexer.

Então, outra coisa o pegou, algo mais forte e mais pesado e mais poderoso do que o corpo retorcido de Rouxinol jamais poderia ser.

A mente de Blaise.

O curinga tirou o pé do braço do ás. Jay se esticou, mas foi Ti Malice quem mexeu seus braços, através de Blaise. Quando ele se virou, os dois estavam bem ali, ajoelhados a seu lado no colchão.

O garoto ainda sorria. O mestre espiou por cima do ombro nu e ferido. Jay pôde ouvir o som baixo de sucção, ver o sangue do garoto pulsando pelas veias pálidas e translúcidas na carne lustrosa da criatura.

— Tirem a roupa dele — falou o garoto.

Rouxinol tirou o casaco de Jay. Estava úmido de suor e respingado de sangue. O curinga terminou de retalhar a camisa; agora, Jay estava de peito nu, a garganta e o pescoço expostos ao beijo do demônio.

— Ele está tremendo — comentou Ezili. — Ansioso pelo beijo.

Jay sentiu um leve formigamento nas mãos e tentou movê-las, fazer uma arma, apontar. Não conseguiu. O poder de Blaise e a vontade do mestre o mantiveram perfeitamente imóvel. Os olhos de Jay se voltaram para as mãos. Estavam pálidas, sem circulação, os pulsos feridos e roxos. Era como se

estivesse usando luvas de borracha, e havia linhas vermelho-escuras na pele, cortes profundos feitos pelo arame. Tentou flexionar os dedos, recuperar a sensação. Nada.

— Mestre — chamou Hiram.

Ele veio do canto, assomando sobre o colchão atrás deles, a sombra quase tão imensa quanto a de Rouxinol. Ti Malice olhou para ele com os olhos de Blaise, mas Jay não conseguiu nem virar a cabeça. Sentiu mais do que viu a presença de Hiram. Sentia pregos e alfinetes na pele enquanto o sangue voltava a circular.

— Mestre — repetiu Hiram, parecendo assustado. — Por favor. Deixe este partir.

— Por quê? — perguntou Ti Malice.

O formigamento nas mãos de Jay começara a se transformar em dor. Os pregos e alfinetes foram substituídos por facas e pinças. Ele arfou com a dor súbita, e o ruído o fez perceber que ainda tinha o controle da própria voz. *É claro*, pensou. *Como o homem-centopeia.* Ti Malice gostava de ouvi-los implorar.

— Ele é… um amigo — disse Hiram. — Nunca lhe pedi nada antes. Por favor.

Ti Malice se voltou para Sascha.

— O que ele fará se eu tomar esta nova montaria?

O telepata virou a cabeça para Hiram.

— Nada — respondeu, depois de um momento. — Ele nunca machucaria o senhor.

Ti Malice se voltou para Jay como se Hiram Worchester não existisse mais.

— Deite-se — disse.

Jay se deitou de lado para que o mestre tivesse fácil acesso às costas e ao pescoço. Blaise se esticou ao lado dele no colchão. Estava tão próximo que Jay pôde sentir nele o cheiro de Ezili, perto o bastante para que os peitos nus se encostassem de leve, perto o bastante para um beijo.

As mãos estavam pegando fogo, o sangue correndo pelos dedos como fios incandescentes. Foi difícil não desmaiar.

Ti Malice tirou a boca do pescoço do garoto com um som baixo e molhado. A criatura começou a se deslocar sobre o ombro de Blaise, na direção de Jay. Tinha membros atrofiados; movia-se como um verme imenso,

um centímetro por vez, as minúsculas mãos de três dedos agarrando fracamente a carne do garoto para se apoiarem. Um pouco de sangue escorreu do buraco irregular que deixou para trás. Jay se esforçou para afastar o olhar do horror que vinha em sua direção e olhou nos olhos do garoto. Blaise parecia atordoado, perdido, e Jay se lembrou do que Hiram havia dito. *Quando ele se afasta, é como morrer.*

— Blaise — disse ele em tom urgente. — Me solta.

Os olhos profundos e violeta piscaram uma, duas vezes, tentando se focar.

— Ele… — disse Blaise. Eram sua própria voz, suas próprias palavras, e por uma fração de segundo Jay ousou ter esperança. — Ele mandou… segurar você.

Sentiu o toque úmido e frio da carne de Ti Malice na sua quando a mão murcha da coisa tocou seu ombro. *Não olhe*, disse Jay a si mesmo. *Como no sonho. Nunca olhe para a lua; se olhar, estará perdido.* Tivera aquele sonho centenas de vezes; sabia que não devia olhar.

Olhou.

A boca da criatura era redonda, como a de um peixe, e, enquanto deslizava para a frente aos trancos e puxões, a língua entrava e saía. A língua também era redonda, irrigada de sangue, vermelha e lustrosa, como uma obscena cobra-cega.

Os olhos eram sábios, cruéis e terríveis.

Blaise já era.

— *Hiram!* — gritou Jay.

A voz de Hiram veio de longe.

— Não posso machucá-lo.

As pernas atrofiadas de Ti Malice chutaram o rosto de Blaise ao passar do garoto para Jay. O chute deve ter sido forte demais. Blaise se encolheu. Por um momento, Jay sentiu os dedos flexionarem.

A coisa estava rastejando nele, a pele arrepiada debaixo dela. Mas havia algo importante…

— Merda! — disse Jay.

— *Mestre!* — gritou Sascha, alarmado.

Jay sobrepujou o aviso com um berro:

— *Hiram! Machuca o Blaise, porra! Machuca o Blaise!*

Hiram chutou a cabeça do garoto.

Rouxinol veio avançando, Ezili, Sascha, mas era tarde para todos eles, tarde demais. Jay recuperara o corpo. Rolou para o lado e se deitou de costas, com Ti Malice pendurado ao peito, debatendo-se freneticamente, como uma minhoca num anzol.

Jay ergueu a mão, mas os dedos estavam duros como pedra.

Ti Malice se arrastou pelo peito, olhando-o bem nos olhos.

Jay dobrou três dedos, estendeu um, ergueu o polegar, tentou apontar. A mão tremia.

A cobra-cega veio desenrolando.

Jay meteu o dedo no olho de Ti Malice.

Ouviu-se um breve e nítido estalo.

Jay sentiu uma dor aguda, e o sangue começou a vazar do buraco em seu pescoço, mas ele mal notou. O peso sumira do peito.

Ezili gritou.

— Ah, meu Deus — disse Sascha.

Blaise começou a chorar descontroladamente.

E, atrás dele, ouviu Hiram Worchester dizer, numa voz muito baixa:

— Acabou.

10h00

O aeroporto de Atlanta estava lotado de delegados exaustos indo para casa, ainda falando de uma convenção que ninguém jamais esqueceria. Brennan abriu caminho entre eles, sem ver ou se importar, com Jennifer logo atrás. Não pararam nem para olhar um anão ser retirado de uma caixa de transporte para gatos. Ele saiu cambaleando, amarrotado e de olhos vermelhos, ofegando: “Água, água!”

Estavam se aproximando do fim da linha, mas Brennan não sentia nenhum entusiasmo. O sonho provocado pela anestesia na noite anterior ainda estava vívido na consciência. Intelectualmente, não se culpava pela morte de Crisálida, mas percebia que, emocionalmente, sim. Lembrava-se da frase no discurso de Tachyon durante o velório sobre as expectativas exigentes que o fantasma de Crisálida teria, mas sabia que não era este fantasma que o impulsionava. Era seu próprio fantasma selvagem, alimentado pelas lembranças implacáveis que tinha dela. Imaginou se um dia conseguiria de fato deixá-la descansar.

Pegaram um táxi para o centro da cidade e pararam numa loja de penhores para comprar duas armas: uma Walther PPK automática para Brennan e uma Smith and Wesson .38 Chief Special para Jennifer. Pagou em dinheiro; o proprietário não pediu explicações.

12h00

O hospital queria internar os três, mas Jay não quis saber. Ficou lá apenas para responder a algumas perguntas, mendigar um novo estoque de analgésicos e garantir que cuidassem bem de Blaise. Então, pegou Hiram e pediu para a enfermeira chamar um táxi.

O porão da ruína incendiada onde Ti Malice havia instalado seu lar ficava a quase uma hora do centro de Atlanta. Enquanto passavam, Hiram olhava pela janela, inexpressivo. De vez em quando, tinha um ataque de tremor incontrolável, e um ar de pânico lhe perpassava o olhar.

— Estou totalmente só agora — disse em certo ponto.

Jay não respondeu. Uma conversa teria exigido mais energia do que tinha no momento. Afundou no banco e fechou os olhos.

Quando se deu conta, o ás o cutucava de leve nas costelas.

— Chegamos — avisou ele.

Grogue, Jay se endireitou e procurou a carteira. Estava vazia.

— Já paguei a corrida — informou Hiram, ajudando Jay a sair do táxi e a entrar no hotel.

Havia um alarme berrando no saguão do Marriott; um dos elevadores estava preso entre dois andares. Jay se encolheu; a dor de cabeça já era uma venda dolorosa ofuscando sua visão, o barulho era a última coisa de que precisava. Socou o botão do elevador enlouquecidamente, e então pegaram outro até o andar de Tachyon.

Jay destrancou a suíte com a chave de Blaise, ligou as luzes e foi até o bar para beber alguma coisa bastante alcoólica. Hiram pôs a cabeça pela porta do quarto.

— Tachyon? — chamou. Não houve resposta. — Ele não está aqui — informou, voltando à sala.

— É — respondeu Jay. — Imaginei. — Sentou-se para esperar.

Hiram foi até o bar e olhou para as garrafas, mas não fez menção de servir um drinque. Só ficou ali, olhando fixamente, como uma criança grande e perdida. Então, começou a arrumação. Lavou uns copos sujos, pegou um cinzeiro cheio de bitucas de cigarro e olhou ao redor procurando um lugar

para despejá-las. Havia um jarro cheio de cinzas no balcão do bar, perto das bebidas. Hiram espiou o interior por um momento, curioso, depois deu de ombros e jogou as bitucas ali.

Ao som da porta se abrindo, os dois se viraram.

Dr. Tachyon estava numa cadeira de rodas, com o coto enfaixado e aninhado no colo. Atrás dele, empurrando a cadeira, vinha Jack Braun.

— Você — disse Braun, olhando Jay com raiva. — Reviramos metade da cidade procurando por você. Onde diabo se enfiou?

— Jay, Hiram — cumprimentou-os Tachyon, levantando-se da cadeira de rodas. — O que aconteceu? Onde está Blaise?

— No hospital — revelou Jay.

Tachyon soltou um ruído sufocado.

— Ele está bem?

— Teve uma pequena fratura no crânio, perdeu uns dentes, ganhou uns arranhões e está em estado de choque. Mas os médicos dizem que ele vai ficar bem. O hospital quis deixá-lo em observação por alguns dias, só isso.

Dr. Tachyon cambaleou como se as palavras de Jay fossem um golpe físico. Jack Braun avançou como uma nuvem de tempestade e veio trovejando:

— Seu maldito imbecil! Ele é só uma criança, que diabo você achou que estava fazendo, arrastando-o para um dos seus…

Jay apontou, Jack sumiu. Talvez Braun terminasse seu discursinho no palco do Freakers. Talvez não.

— Desculpe — resmungou para Tachyon. — Minha cabeça está a ponto de rachar e dar cria, não consigo aguentar mais nada. Você devia se levantar dessa cadeira?

— Foi ideia de Jack — respondeu Tachyon. Jay pôde ver como o homenzinho ainda estava fraco. Quando cambaleou, estendeu a mão para se firmar, mas não havia mão ali. O coto enfaixado se apoiou com força no encosto do sofá, e Tachyon arfou de dor.

— Senta aí — disse Jay.

O takisiano se sentou novamente na cadeira de rodas, segurando o coto no colo. Jay voltou ao bar.

— O que está fazendo? — perguntou Tach.

— Servindo um drinque para você. Vai precisar.

Jay encheu um segundo copo com bourbon e cubos de gelo, levou-o para

Tachyon e o colocou na mão esquerda dele, que não mostrou resistência.

— Eu não… não bebo bourbon — disse Tach.

— Beba — mandou Jay.

Tachyon bebeu, os olhos lilases tomados pelo medo.

— Conte-me — disse ele, depois de esvaziar metade do copo.

Jay contou tudo.

Em sua defesa, o alienígena ouviu sem interromper. As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto quando Jay chegou à parte do homem-centopeia, mas ainda assim ele conteve a língua.

— Depois que Ti Malice se foi, os cavalos perderam a vontade de brigar. Ezili fez uma ceninha, uma bela gritaria, e a outra mulher, a que tinha um bebê, tentou fugir. O resto só ficou nos olhando. Foi como se não conseguissem entender o que estava acontecendo. Eu ia chamar a polícia, mas Hiram me impediu.

— Hiram? — perguntou Tach, olhando para o grande ás.

Hiram confirmou, movendo a cabeça devagar, como se ela fosse quase pesada demais.

— Todos tínhamos feito… coisas erradas. Incluindo eu mesmo. A que propósito serviríamos aprisionando os cavalos? Éramos apenas os instrumentos dele: suas mãos, sua boca e seus olhos. Foi Ti Malice quem matou, não seu neto. Eu disse a Jay que não fazia sentido levar Blaise a um tribunal. O verdadeiro assassino já se fora. E os outros… seriam diferentes? Você conheceu Sascha muito tempo antes de Ti Malice dominá-lo, doutor. Ele nunca foi um homem mau. Ezili era a pior, mas mesmo assim… Quanto daquilo era Ezili e quanto era o mestre? Ela foi a montaria preferida dele a vida inteira.

— De qualquer jeito, a vida de todos vai ser um inferno — disse Jay.

— Como a minha — acrescentou Hiram, sombrio.

Tach olhou de um para o outro.

— Sem o beijo…

Hiram assentiu.

— Você… nem pode imaginar.

— Ah, Hiram — disse Tachyon, a voz embargada de pena pelo velho amigo. — Você deveria ter vindo falar comigo.

— Há muitas coisas que eu deveria ter feito — respondeu Hiram.

— Em todo caso — disse Jay —, deixei os cavalos irem embora.

— Todos eles? — perguntou Tachyon, atônito.

— Achei que não tinha o direito de escolher nenhum — respondeu Jay. — Rouxinol foi o único que me fez pensar duas vezes. Foi ele quem matou Crisálida.

— Rouxinol? — disse Tachyon. — Mas por quê?

— Ela sabia tudo sobre todo mundo. Ti Malice dependia do sigilo para ter segurança. Exposto, ele era pateticamente vulnerável. Ela deve ter descoberto sobre ele, de alguma forma, mas o que não sabia é que Sascha já pertencia a ele. Imagino que o telepata no qual ela confiava tenha contado ao mestre dele que Crisálida estava se aproximando da verdade, então Ti Malice mandou Rouxinol dar cabo dela. Faz sentido. O assassino *tinha* que ser alguém que Sascha conhecesse. Do contrário, nunca teria conseguido entrar no Crystal Palace sem ser detectado. Talvez Ti Malice tenha cavalgado Rouxinol pessoalmente naquele dia, para experimentar a sensação de espancar alguém até a morte. Ou talvez não. Acho que nunca vamos saber.

— Todo esse tempo à procura do homem que matou Crisálida — murmurou Tachyon suavemente —, e ainda assim você o deixou partir.

— Rouxinol já está bem fodido — argumentou Jay. — Além disso, não foi ele, foi Ti Malice. E Ti Malice foi embora.

Dr. Tachyon tomou um gole e pensou nisso por um longo tempo. Por fim, meneou a cabeça rapidamente.

— Tanto sangue — disse ele. — Tantas mortes. Isso tem que parar, Jay.

— É. Talvez Barnett tenha razão.

— Não — respondeu Tach.

Hiram Worchester se levantou de repente.

— Preciso ir. Tenho que fazer as malas… Verificar… — Sua voz sumiu.

— É claro — disse Tachyon.

— Vai nessa — respondeu Jay. — Eu desço daqui a pouco.

Hiram assentiu e saiu para o corredor. Quando a porta se fechou, Ackroyd se voltou para Tachyon.

— Ele vai precisar da sua ajuda, doutor. Está viciado, e, pelo que contou, o beijo é umas cem vezes mais viciante que heroína.

— Hiram terá toda a ajuda de que precisa — afirmou Tachyon. — Tenho com ele uma dívida que nunca poderei pagar. Uma dívida de sangue. A vida de meu neto. Eu poderia tê-lo ajudado. Por que ele não me contou?

— Há uma pergunta melhor. Supostamente, você é amigo de Hiram, e eu

também. Então, como é que em todo esse tempo a gente nunca percebeu que tinha alguma coisa errada?

Dr. Tachyon apenas o encarou. Lágrimas surgiram em seus olhos, e, em seguida, a culpa.

— Merda — disse Jay. Estava cansado de lágrimas, cansado da culpa e da vergonha, do medo e da dor. — Esquece, tá? Não tem nada que a gente possa fazer agora a não ser tentar ajudar Hiram a sair dessa. Ele usou toda a força que ainda tinha para chutar a cabeça do seu neto. Vai precisar de nós.

— Então, não devemos falhar com ele — respondeu Tachyon.

Jay assentiu. De repente, sentia-se exausto.

— É melhor eu descer e fazer companhia para ele — disse. — Ainda está muito abalado.

— Certamente.

Mas, quando Jay abriu a porta, Hiram estava bem ali, no corredor. O corpo imenso tremia, e ele olhou com desamparo para Jay.

— O que houve, Hiram?

— Não… não é nada — começou ele. — Creio que… um ataque de ansiedade. — Ele piscou, como se parasse para clarear a mente. — Jay… se não se importar… poderia… descer até o quarto comigo? É só que eu… preferia não ficar sozinho agora. Entende?

Jay assentiu e pegou Hiram pelo braço. Dr. Tachyon se levantou sem firmeza da cadeira.

— Vamos juntos — anunciou o pequeno alienígena num tom que não admitia discordância. Hiram olhou para os dois com gratidão. Jay imaginou que formavam uma bela cena ao saírem mancando juntos.

Enquanto esperavam o elevador chegar, Tachyon se voltou para Jay.

— Mais uma coisa — disse ele. — Você não contou para onde teleportou Ti Malice.

— Então, é engraçado — respondeu Jay. — Para o meu poder funcionar, tenho que visualizar muito bem um lugar real antes de teleportar alguém para lá. Tenho que ser capaz de formar uma imagem mental nítida, ver de verdade com os olhos da mente. Tenho um monte de lugares assim, lugares que conheço de cor. Às vezes, é só um reflexo. Não tenho tempo de pensar no que estou fazendo, nem para onde vou mandar a pessoa. Só aponto e ela acaba indo parar no primeiro lugar que me vier à cabeça.

— Sim? — disse Tachyon educadamente.

— Dei um monte de telefonemas no hospital. Ti Malice não apareceu em nenhum dos meus lugares de sempre. Mas, de alguma forma, não achei mesmo que apareceria. Olhei bem na cara daquele filho da puta quando ele vinha rastejando na minha direção, e a única coisa que me veio à cabeça foi um pesadelo que tenho desde que era criança. — Jay tossiu como quem pede desculpas. — Aquele lugar eu conheço muito bem. Então, é só ligar os pontos.

Dr. Tachyon pensou no assunto por um momento. Ouviu-se o som de um aviso. As portas do elevador se abriram. Tach meneou a cabeça lentamente para Jay, virou-se e entrou no elevador.

13h00

Brennan ouviu a porta externa da suíte se abrir, vozes cansadas, e então a porta se fechou. Levantou-se, emoldurado no batente de uma porta que levava ao quarto, arma na mão. Tachyon, Ackroyd e Worchester agrupados, a surpresa no rosto ao avistarem Brennan.

— Daniel! O que está fazendo aqui?

Ele sabia que Tachyon havia perdido uma das mãos, mas isso não o preparou para a figura pálida, exaurida e esfarrapada diante de si. O takisiano obviamente passara por muita coisa na última semana, mas, conforme Brennan observou, o sofrimento ainda não havia acabado.

— Rastreando o assassino de Crisálida — disse ele, sombrio.

Os olhos avermelhados de Tachyon se arregalaram de espanto.

— Certamente…

— Do que diabo você está falando? — interrompeu Ackroyd.

Ele também estava em péssimo estado, de rosto inchado e ferido, além de parecer pender para um lado do corpo.

Brennan balançou a cabeça e gesticulou com a arma.

— Sentem-se na cama — disse numa voz fria — e vou lhes contar a história de um assassinato.

Hiram hesitou por um momento, então fez o que Brennan tinha mandado. Ackroyd se postou ao lado de Worchester e teve o cuidado de manter a mão no colo.

— Ah, meu Deus — gemeu Hiram. — Isso nunca vai acabar?

— Vamos dar uma chance a ele — disse Tachyon.

— Por quê? — perguntou Ackroyd, brutalmente.

— Porque eu sei quem matou Crisálida — murmurou Brennan.

O detetive franziu o cenho.

— Foi o capanga curinga do Malice. Crisálida tinha descoberto…

— Não, não foi. — Brennan respirou fundo para poder falar com voz calma e uniforme. — Eu fui amante de Crisálida — disse ele. — Talvez até amigo. Só isso quem sabe já bastasse para que eu voltasse para caçar o assassino. Mas o responsável acrescentou uma ofensa ao mal que fez. Tentou

me incriminar pela morte dela. — Olhou para Ackroyd sem piscar. — Até você admite que foi um trabalho malfeito.

Ackroyd concordou, vacilante.

— Pois é. Me deixou em dúvida no começo, mas não demorei muito para perceber que era armação.

Brennan assentiu, passando a olhar para Tachyon.

— Eu nem imaginava por que Crisálida tinha sido assassinada. Qualquer coisa poderia ter motivado o crime. Não conseguia decifrar o motivo, então me concentrei em encontrar um ás forte o bastante capaz de esmagar Crisálida. Mas isso também se revelou um beco sem saída, pois ela não foi morta por um ás com superforça.

— Quê? — disse Ackroyd. — Isso é ridículo.

Brennan balançou a cabeça.

— Eu soube que havia algo de errado com a cena do crime assim que a vi pela primeira vez, mas levei um tempo para entender o quê. Havia muito pouco sangue no escritório de Crisálida. Ela tinha sido morta antes de ser esmagada. O coração havia parado de bombear sangue, por isso não havia espirros na parede, na mesa e no chão.

Tachyon assentiu.

— Faz sentido.

— Alguém estava cobrindo o próprio rastro novamente, fingindo que Crisálida tinha sido espancada até a morte por um ás com força extraordinária. Mas quem? — Brennan voltou a balançar a cabeça. — Novamente, a lista de suspeitos tinha se tornado infinita, mas pensei que podia diminuí-la se interrogasse Sascha. Ele era telepata, tinha estado na cena do crime e estava agindo de maneira estranha. Imaginei que sabia mais do que estava admitindo. Ele havia desaparecido, mas achei que pudesse encontrá-lo.

— Não teria encontrado — disse Ackroyd. — Ele estava aqui em Atlanta.

— Sim — disse Brennan. — Mas, durante a investigação, descobri que ele estava servindo a um mestre misterioso, alguém chamado Ti Malice. Então, encontrei o apartamento de Malice. No closet dele, havia um paletó, e, no paletó, havia isto. — Usou com cuidado o braço quebrado para tirar do bolso traseiro um baralho. As cartas eram ornamentadas, mas estavam gastas e esfarrapadas; eram muito antigas e pareciam delicadas.

— E daí? — perguntou Ackroyd, fechando a cara.

— Estas são as cartas — explicou Brennan — com as quais Crisálida jogava paciência, o baralho do qual o assassino tirou o ás de espadas para me incriminar. O baralho que ele, distraído, guardou no bolso do paletó e levou consigo depois que saiu do escritório. Não é verdade, Worchester?

Brennan encarou o ás enorme com um olhar sinistro. Hiram tentou falar, mas nenhuma palavra saiu. Gaguejou, cuspiu e cutucou a ferida aberta na lateral do pescoço, o rosto pálido e molhado de suor, as mãos trêmulas.

Brennan deixou as cartas caírem no chão e tirou do bolso da jaqueta o ás de espadas que Crisálida lhe deixara no testamento. Jogou-o para Hiram. A carta voou, atingiu o peito largo do ás e caiu no chão, onde pousou virada para cima, negra e agourenta sobre o carpete.



— Que fofo — disse Jay quando a carta caiu no chão aos pés de Hiram. — Quer dizer que você vai começar a matar gente agora, ou o quê? — Começou a se levantar.

— Mandei não se mexer. — O cano da automática de Brennan deslizou alguns centímetros para a direita, até apontar para Jay.

— Atira logo — disse Jay. Levantou-se, olhando diretamente para Yeoman. — Você tem *alguma* ideia do que Hiram passou?

— Não me importa pelo que ele passou.

— Porra, você é a compaixão em pessoa, hein?

— Não desperdiço minha compaixão com assassinos — declarou Brennan.

— Ah, esqueci, você é a Madre Teresa — retrucou Jay com amargo sarcasmo. — Bom, que diabo, me perdoe. Mas o caso é que, considerando como você odeia assassinos, não dá para deixar de notar que você é o único nesta sala com uma arma na mão.

— Jay, Daniel, *por favor* — suplicou Tachyon. A mão boa amparava o coto enfaixado, e ele parecia fraco e deprimido. — Não podemos resolver isso como pessoas civilizadas?

— Ele está tentando proteger um assassino — disse Yeoman, gélido.

— Você tem uma cara de pau do cacete para chamar alguém de assassino, Dannyzinho — rosnou Jay.

— Isso não tem a ver comigo — respondeu Yeoman.

— *Parem!* — gritou Tachyon. Olhou para Brennan. — Daniel, deve haver algum engano. Eu conheço Hiram Worchester. Conheço-o há quase duas décadas, nos bons e nos maus momentos. Ele é um homem bom. Mesmo que eu acreditasse por um instante que Hiram seria capaz de semelhante ato, quando Crisálida foi morta no Bairro dos Curingas, ele estava aqui, em Atlanta, na convenção. Não *poderia* ter feito isso.

Jay olhou para Hiram, pouco à vontade.

— Bom — admitiu com grande relutância —, isso não é bem verdade. Verifiquei os horários dos voos. Se ele tivesse pegado o último avião para lá e o primeiro para cá, ninguém teria notado. Mas Carnifex poderia estar nos mesmos voos. O mesmo vale para Braun e para qualquer outro.

— Isso pode ser facilmente verificado — argumentou Tachyon. — Mesmo que Hiram tivesse usado uma identidade falsa, um homem do seu porte teria sido notado.

— Então, se precisam disso para se convencerem, podem verificar — disse Brennan. — Eu tenho a prova de que preciso.

— E o motivo? — perguntou Jay. — Ou você não se incomoda com essas coisas? Motivos, provas concretas, julgamentos, quanta baboseira, né? Do seu jeito é muito mais simples. Danny Brennan diz que ele é culpado, hora de matar o pobre coitado.

— Eu tenho provas — respondeu Brennan prontamente. — O suficiente para me convencer de que é verdade.

— Pelo que vejo, você não tem porra nenhuma, só um baralho que encontrou no bolso de um paletó qualquer.

— Jay tem certa razão — argumentou Tachyon. — Você tem alguma prova de que Hiram levou as cartas até esse apartamento?

— Os armários da cozinha estavam cheios de alimentos caros. Havia todo tipo de utensílio que você possa imaginar, tudo de que um cozinheiro gourmet como Worchester precisaria. E o paletó era de linho branco, caro, sofisticado, feito sob medida. Tamanho 68. Crisálida foi morta por um ás. Quantos ases vestem esse tamanho?

O silêncio caiu no quarto.

Jay se virou, olhando para trás. Hiram ainda estava sentado no canto da cama. Não estava usando seu poder de gravidade; o colchão se inclinava ameaçadoramente com o peso imenso do corpo. Tinha o rosto pálido e

úmido, os ombros caídos, os olhos ainda fixos no ás de espadas a seus pés.

Aquela inércia durou toda uma era. Agora, os três olhavam para Hiram. O grande ás parecia alheio até Tachyon, finalmente, chamá-lo com delicadeza:

— Hiram?

Então, ele ergueu o olhar e suspirou profundamente. Os olhos estavam tristes e adoentados.

— Sim, doutor?

— Você está bem? — perguntou Tachyon, em tom gentil.

— Não. Há muito tempo que não estou bem.

— Isso é loucura — disse Jay. — Hiram, não fica sentado aí. Diz que ele se enganou.

— Gostaria de poder fazer isso — respondeu Hiram, com discreta dignidade. — Você não sabe como eu gostaria.

— O que está dizendo? — perguntou Tachyon, a voz cheia de temor. — Não pretende dizer que essas acusações são verdadeiras, não é?

Hiram assentiu, os olhos distantes e cheios de dor. Parecia ter dificuldade para falar.

— Eu… sinto muito.

Foi então que Jay ficou sem palavras.

— Deve haver uma explicação — disse Tachyon. — Não posso aceitar isso. Você é um bom homem; um homem de coragem e integridade.

— Ti Malice — disse Jay, depressa. — Aquela porra daquela *coisa* estava cavalgando você, usando você, seus poderes, seu corpo. — Virou-se para encarar Brennan. — Você não entende a situação. Hiram foi uma vítima. Mesmo que tenha feito isso, foi só um instrumento.

— Não, Jay — interrompeu Hiram com um sussurro. — Aprecio a sua lealdade, mas… não foi assim. Fui eu. Só eu. Que Deus me ajude. — Silenciou novamente, de olhos baixos.

— Hiram, conte-nos — implorou Tachyon.

Por um momento, o grande ás pareceu não ter ouvido; então, começou a falar. Sua voz estava cansada, tão baixa que tiveram que se esforçar para ouvir.

— Eu precisava do beijo — começou, simplesmente. — Foi por isso que peguei um voo de volta a Nova York naquela noite. O último, exatamente como Jay supôs. Vocês não sabem como foi ficar sem o beijo… Eu precisava tanto dele.

“Então, fui para lá vê-lo em segredo. Sempre havia outros… outros cavalos por perto. Ti Malice nunca estava só. Quando cheguei, ele estava cavalgando Sascha. Mas meu… meu mestre ficou feliz em me ver. Deixou Sascha e me deu o beijo.

“Foi então que Sascha me contou. Estava aborrecido. Foi um ato de despeito. Eu havia tirado Ti Malice dele, e não há nada no mundo mais terrível do que isso. Ele queria me magoar, então contou que Crisálida havia contratado um homem para assassinar Gregg Hartmann. Ele sabia o quanto eu havia trabalhado, quanta esperança e fé e confiança eu depositava em Gregg. Sascha tinha captado o pensamento na mente dela naquela manhã. Era um mero pescador, vocês sabem, o tipo mais fraco de telepata, mas o plano dela devia estar bem ali, na superfície.

“Isso não me incomodou, não naquele momento. Quando Ti Malice honra alguém com seu beijo, tudo parece estar exatamente como deveria, e nada pode ser um incômodo. Mas, depois de algumas horas, o mestre concedeu o beijo a Ezili e me deixou sozinho outra vez. Foi quando finalmente absorvi o que Sascha havia dito. Não pude acreditar. Parecia tão monstruoso, tão obsceno. Eu conhecia Crisálida. Não muito bem, mas conhecia; havíamos passado cinco meses juntos no *Cartas Marcadas*. Não podia acreditar que ela faria algo assim. Precisava confrontá-la. Eu me vesti e fui até o Crystal Palace.

“Ela estava sozinha no escritório, jogando paciência. Vocês têm que acreditar em mim; nunca tive a intenção de machucá-la. Contei a ela o que tinha ouvido e exigi saber se era verdade. Ela não negou. Não disse nada. Olhou para mim uma vez, desconfiada, depois voltou a jogar. Quando eu a pressionei, só recebi respostas evasivas e insignificantes naquele sotaque falso e irritante. Se ao menos ela tivesse falado comigo, contado o que sabia sobre Gregg, o que tinha visto… Talvez eu não tivesse acreditado a princípio, mas teria ouvido. Meu Deus, por que ela não quis *falar* comigo?”

— Ela não confiava em você, Hiram — constatou Jay, com uma certeza triste. — Ela era assim. Não confiava em ninguém.

— Tentei fazê-la entender… o quanto era importante. Que Gregg era um bom homem. — Hiram riu amargamente. — Falei dos princípios dele, da coragem, do compromisso para com todos nós, curingas e ases, e que ele era nossa última esperança. Meu Deus, como ela deve ter me achado tolo! Implorei. — Lágrimas escorriam pelo rosto de Hiram. — Se fosse verdade o

que Sascha contou, eu… *implorei* que ela voltasse atrás. E o tempo todo ela só jogava cartas, virando-as uma por uma, colocando-as de volta no lugar. Faziam um barulhinho estalado quando ela as tirava do baralho, eu me lembro disso. Preto sobre vermelho, vermelho sobre preto. O rosto dela… como uma caveira. Eu não conseguia imaginar o que estava pensando. Lembrava a morte, sentada ali jogando cartas enquanto seu assassino contratado matava por ela. Com que direito? Perguntei isso, e ela não me deu resposta. Então fiquei muito irritado. Fiz acusações, ameaças, disse que falaria com a polícia. Ela apenas me olhou e disse que eu não faria nada disso, que sabia algumas coisas sobre mim também, e entendi que ela falava sobre Ti Malice. Depois ela me mandou sair. Eu me recusei. Implorei que falasse comigo, que me ouvisse. Ela apenas riu e começou a se levantar da cadeira. Foi então que… que…

A voz de Hiram Worchester sumiu. Ele olhou vagamente para as mãos apoiadas nos joelhos. Os dedos da mão direita se fecharam devagar, depois voltaram a se abrir com a mesma lentidão.

— Tentei fazê-la se sentar de novo — disse ele, num sussurro áspero. — Só queria falar com ela, só isso. Eu juro. Ela ia me deixar falando sozinho, e não pude suportar isso. Então, fechei a mão e tentei forçá-la a se sentar de novo na cadeira. Já tinha feito esse tipo de coisa dezenas de vezes, centenas… Apenas segurá-la ali com o meu poder, era só o que eu queria, fazê-la falar comigo, fazê-la dizer a verdade… Contar quem era o assassino, para que pudéssemos detê-lo. Só queria fazê-la se sentar e *ouvir*… mas…

Hiram desatou a chorar, engasgado com as próprias palavras, o corpo imenso sacudido por soluços secos. Mas Jay não precisava mais ouvir. Lembrava-se de como encontrara Crisálida. A cadeira despedaçada debaixo dela, os ossos estilhaçados. Podia imaginar o resto. Um punho fechado em fúria, uma mente cega de ira… Quanto ela teria suportado naquele segundo? Quinhentos quilos? Mil?

— Você não contou a última parte — disse Brennan. — Depois que ela morreu, você não parou. Primeiro, reuniu as cartas dela. Todas, exceto o ás de espadas, que deixou ao lado do corpo para fazer todo mundo pensar que tinha sido eu. Mas não bastava, não é? Uma autópsia mostraria como ela morreu e apontaria diretamente para você. Mas os ossos quebrados, a mobília demolida, isso sugeria uma luta, então você quebrou mais algumas coisas no escritório. E por fim, só para garantir, se ajoelhou e deixou seu punho tão

pesado que, quando a atingisse, pareceria que a cabeça dela tinha sido esmagada por alguém com força sobre-humana.

Hiram desmoronou.

— Eu… não podia deixar que me pegassem. Sem o beijo… eu não conseguiria enfrentar isso. E havia a campanha… Eu era um ás, delegado de Hartmann. Se isso fosse divulgado, poderia destruir tudo. Barnett poderia até ganhar a candidatura. Havia muito em jogo, e eu… entrei em pânico. — Os dedos grossos puxaram nervosamente a barba. — Não foi como você disse… tão frio… calculado.

— Não foi? — retrucou Brennan. — Você comete um assassinato, tenta incriminar outra pessoa e agora diz que foi tudo um engano. Não o vi confessar quando achou que escaparia impune. — A arma apontava para o meio do peito de Hiram. — Você estava disposto a me deixar pagar pelo seu crime e, quando, em vez disso, a polícia capturou Elmo, não disse uma palavra.

A voz de Brennan estava calma e uniforme, mas Jay podia ouvir a fúria por trás das palavras, implacáveis e letais.

Hiram baixou a cabeça outra vez.

— Não — murmurou muito baixo. — Não, não disse. — A vergonha estava estampada por todo o rosto. — Se pretende me matar, vá em frente.

Foi então que Jay Ackroyd tomou uma decisão e se colocou entre Hiram Worchester e Daniel Brennan.

— Saia do caminho, Ackroyd — mandou Yeoman.

— Daniel, Jay, por favor — pediu Tachyon numa voz fraca, sentado na cadeira onde se comprimia, angustiado e dolorido. Os dois o ignoraram.

— Você diz que era amigo de Crisálida — continuou Yeoman. — Por que está tentando proteger o assassino dela?

— Foi um acidente — respondeu Jay. — Você ouviu. Ouviu como aconteceu. Tenha um pouco de misericórdia, droga.

— Misericórdia é assunto de Deus. O meu é justiça.

— Conta mais — pediu Jay com escárnio. — Melhor ainda, conta para todos aqueles caras que você matou. Conta para as viúvas e as namoradas deles. Para os pais. Ou para os filhos… que alguns devem ter deixado pra trás.

— Eles sabiam dos riscos que corriam. Os homens que matei teriam me matado com a mesma rapidez se tivessem a menor chance. Nunca assassinei

uma mulher inocente.

— Crisálida era muitas coisas — argumentou Jay —, inclusive minha amiga, não importa o que você ache. Mas nunca foi inocente.

— Eu a conhecia — disse Brennan. — Ela fazia o que precisava fazer.

— Não me venha com essa merda. Ela fazia o que *escolhia* fazer. E o que escolheu fazer foi mandar um assassino de aluguel para Atlanta. Até onde sei, dois agentes do Serviço Secreto, um gerente de hotel e um jornalista morreram como resultado disso, e chegamos *muito* perto de acrescentar o nome de Jack Braun a essa lista. Não estou defendendo o que Hiram fez, mas, para mim, as mãos dele estão muito mais limpas do que as suas.

— Jay — interrompeu Dr. Tachyon suavemente —, as mortes de Brennan são uma questão de honra. Uma dívida de sangue. Em Takis…

— Se olhar pela janela você vai ver a Geórgia, não Takis. Por que diabo está defendendo esse assassino louco?

— Devo uma vida a ele.

— Você deve uma vida a ele — repetiu Jay, enojado. — Que ótimo. Bom, você também deve uma vida a Hiram, lembra? Sem falar na vida que deve a mim. Porra, agora que parei para pensar, você deve uma vida ao *Gregg Hartmann*, se o que rolou na Síria foi mesmo do jeito que os jornais contaram. E tem o Tartaruga, Golden Boy, Flecha Aprumada… Tem alguém a quem você *não* deva uma vida?

— Devo duas a Brennan — disse o pequeno alienígena numa voz débil. — Nunca poderia trair sua confiança.

Ackroyd teve vontade de gritar. Em vez disso, voltou-se para Yeoman.

— Bom, eu não te devo merda nenhuma — declarou ele. — Quer justiça? Ótimo. Vamos levar Hiram para a polícia, e aí ele vai ser julgado. Mas que tal vender dois por um? Você é ótimo em servir justiça para os outros, que tal tomar uma dose dela também? Entregue-se com Hiram. Fique diante da porra do juiz e conte para ele sobre a sua *guerra*.

— Eu respondo à minha própria consciência, Ackroyd, e sinceramente não dou a mínima para o que você pensa a respeito — disse Brennan. — Não vou me entregar. Agora, pela última vez, saia do caminho.

Houve um longo momento de silêncio. Jay encarou Brennan, que sustentou o olhar. Tachyon olhou desesperadamente de um para o outro, depois fez um esforço para se levantar da cadeira. Com apenas uma das mãos, esse era um processo doloroso e desajeitado.

— Posso levantar o dedo rápido pra caramba — disse Jay a Brennan.

— No momento em que você tentar erguer a mão, eu aperto o gatilho — respondeu Brennan. — Quais são as chances de você conseguir teleportar uma bala disparada?

— Uma em um milhão — admitiu Jay. — Mas só se você não hesitar. Meio segundo de indecisão e vai estar atrás das grades no Tombs.

— Pareço o tipo que hesita? — perguntou Brennan num sussurro, e sua mão estava muito firme.

Jay pensou nisso e não gostou muito da conclusão. Arriscou um olhar rápido para trás. Hiram estava sentado na beirada da cama, arrasado, olhando para o nada, completamente alheio. O que quer que acontecesse agora, parecia que o ás enorme não seria um fator lá muito decisivo.

— Há mais uma pessoa — murmurou Tachyon, movendo a cabeça de um lado para outro, procurando. — Outra mente. Na parede.

— Que ótimo — disse Jay, azedo. Sentia-se péssimo, mas deveria ter imaginado isso. — A perua fantasma, né?

— Isso muda um pouco as probabilidades, não? — respondeu Brennan, sorrindo.

Jay flexionou os dedos e olhou para o cano da Walther apontada para ele. Isso o fez lembrar como detestava armas e o tipo de babaca que andava por aí com elas. Pela expressão nos olhos frios e cinzentos de Brennan, o tempo havia acabado de se esgotar. Não havia nada a fazer senão correr o risco.

♦

Brennan sentiu um torno apertar o cérebro. Por um momento de pânico, pensou que estava tendo algum tipo de ataque, mas então percebeu que era Tachyon. O controle mental. Lutou contra ele, rejeitando-o com todas as forças que tinha na mente e no corpo. Mas foi em vão. A única parte do corpo que conseguia mover eram os globos oculares. Olhou pelo quarto e viu Jennifer atravessar rigidamente a parede.

— Bom trabalho, doutor — disse Ackroyd. — Agora…

— Não.

— Olha, porcaria…

— Decisões devem ser tomadas. *Discutidas* e tomadas.

— Já tomei minha decisão.

— E eu discordo — respondeu Tachyon, em tom monótono. — Conceda a *mim* alguma consideração neste momento, Ackroyd. Estou entre três amigos.

O detetive olhou para Brennan.

— Amigos — fungou com desdém.

Tachyon voltou a se sentar lentamente na cadeira. Brennan pôde ver a tensão em seu rosto, mas o aperto mental permanecia.

— Nós vamos conversar — disse o alienígena —, mas a paz reinará neste lugar.

Abaixando-se, Tachyon puxou a adaga da bainha na bota e a deixou no carpete a seus pés. Jennifer caminhou como uma máquina na direção dele e colocou a arma de fogo ao lado da adaga. Tachyon olhou para Brennan.

— Daniel, pode baixar a arma?

Não adiantava ser estupidamente teimoso. Não havia forma de romper o controle mental de Tachyon e não havia como esperar que qualquer coisa acontecesse se ele insistisse em ficar com a arma. Assentiu de modo quase imperceptível.

— E Ackroyd? — perguntou Tachyon. — E quanto a você?

— Detesto essa baboseira takisiana.

— Eu poderia tomar o controle e deixá-lo mudo como um boneco nesta conversa. Preferiria não chegar a esse ponto.

— É, bom, tá legal.

— Mãos nos bolsos, por favor.

Tachyon libertou Brennan. Ele se aproximou e deixou a arma aos pés de Tachyon. Olhou para o alienígena com raiva e amargura.

— Você me traiu — disse ele.

— Impedi um assassinato — rosnou o takisiano.

— Autodefesa…

— *Ah, por favor!* Isso é um mero jogo de palavras. Matar é sempre matar! Você mata Jay porque ele tenta mandá-lo para o Tombs. Mata Hiram porque tem o direito de aplicar justiça. O resultado é sempre o mesmo: morte! E isso há de parar! — Tachyon apertou a cabeça com a palma da mão como se tentasse conter a agonia. Voltou-se para Worchester, que em silêncio testemunhara toda a cena. — Hiram, o que pretende fazer?

— Isso já foi decidido — disse Jay. — Vamos levar…

— *Cale-se!* Hiram?

— Voltarei a Nova York e me entregarei às autoridades.

— Aceito isso — disse Brennan. Era uma solução razoável para o desacordo. Uma solução que Crisálida teria entendido.

— Não me lembro de ele ter pedido a porra da sua opinião — rosnou Jay.

— É melhor que ele a leve em consideração — respondeu Brennan, virando-se para encarar Worchester. — Se você chegar ao aeroporto e mudar de ideia, se decidir fugir, é bom que saiba que nunca mais terá um dia de paz. Vou atrás de você.

— Você me impressiona profundamente, Daniel, com sua certeza soberana e hipócrita — disse Tachyon. — Quem o nomeou Deus? Quem lhe deu o direito de colocar seu julgamento acima de todos os outros?

Brennan deu uma risada breve e áspera.

— Isso é engraçado vindo de você, Tachyon. Solte Jennifer.

— Não. — Tachyon balançou a cabeça.

— Por que não? — perguntou Brennan, inflamando-se com a raiva que não podia mais reprimir. — Temos um acordo.

Jay se aproximou num impulso.

— Não temos acordo nenhum. Hiram vai ser julgado e talvez vá para a prisão por um *erro*, enquanto esse cara sai impune? Vai se foder! Se essa guerrinha é a desculpa dele, então Hiram deveria ser totalmente absolvido.

— Jay — disse Tachyon, balançando a cabeça —, você permitiu que a ira substituísse o raciocínio. Elmo continua detido, acusado de um crime que não cometeu. Hiram confessou ser o culpado. Ele deve ir a julgamento.

— É, mas estamos falando de homicídio culposo aqui. Homicídio sem premeditação, na pior das hipóteses. Hiram pode pegar só liberdade condicional. — Apontou o polegar para Brennan. — E o que o Dannyzinho acharia disso?

— Vamos ter que esperar para ver, não? — disse Brennan, friamente.

— Que se foda. Por que não deixamos Hiram escrever a confissão dele e depois pegar um avião para o Tibete ou para onde quer que ele prefira ir?

— Ele morre antes de chegar ao avião — sussurrou Brennan.

— Não se você estiver atrás das grades.

Hiram se mexeu e se levantou da cama. Não parecia mais perdido e vitimizado. Parecia ter tomado uma decisão e estar determinado a concretizá-la.

— Podem debater até a morte — disse ele. — Cabe a *mim* tomar essa

decisão, e eu vou para Nova York para ser julgado porque esta é a *minh*a escolha. — Olhou diretamente para Brennan. — Não por ter medo de você. Não tenho.

Brennan percebeu que ele dizia a verdade. Hiram caminhara pelo fogo e emergia purificado. Era como se nada mais lhe atemorizasse.

— Hiram… — começou Jay.

— Jay, sua amizade me aquece o coração, mas devo fazer isso. Fui uma marionete por tempo demais. Primeiro com… ele… Depois com Ti Malice. Bom, está tudo acabado. Cansei de ser um fantoche nas mãos do outros.

— Hiram tem razão — disse Tachyon, arrebatado. — Será que nenhum de vocês compreende? O julgamento de Hiram é crucial, não apenas para Elmo ou Hiram, mas para todos nós. A lei é testemunha de nossa vida moral. Sua história é a história do desenvolvimento moral de sua raça. Mas minha raça perturbou o equilíbrio. Criamos super-humanos, e o resultado tem sido um caos crescente. O Tartaruga ataca com impunidade, sendo literal e figurativamente blindado pelo segredo de sua identidade. Eu invado a mente das pessoas. Você, Jay, viola as liberdades civis delas. E você, Daniel, as mata. Se não demonstrarmos nossa disposição para acatar as regras do estado de direito, então seremos tudo o que Barnett afirma que somos: perigosos e negligentes, passíveis de sermos controlados, já que não estamos dispostos ou não somos capazes de obedecer às normas da sociedade civilizada.

— Isso é fascinante — disse Brennan em tom seco —, mas você esqueceu uma coisa. Não sou carta selvagem. Sou só um limpo.

Jay girou para encará-lo.

— Seu desgraçado. Tachyon, só o que você fez foi me convencer de que tenho razão e de que esse assassino deveria estar atrás…

Jay parou no meio da frase. Brennan olhou para Tachyon, pálido e trêmulo, erguendo-se da cadeira.

— Sim — disse Tachyon, cansado. — Estou novamente bancando Deus. Vá, Daniel. Pegue sua dama e vá. Jamais volte. Se fizer isso, saiba que não contará com meu auxílio.

Jennifer oscilou, como se estivesse bêbada, quando Tachyon a libertou. Brennan a segurou, apoiando-a. Olhou para Tachyon mais uma vez antes de sair da suíte, e Tachyon o encarou de volta. O olhar de despedida não foi gentil de nenhum dos dois lados.

♠

Depois que Brennan e a namorada partiram, Tachyon finalmente libertou o corpo e a mente de Jay. O alienígena tremia, a testa lavada em suor.

Jay correu para a porta, saiu pelo corredor, olhou para um lado e para o outro. Não havia ninguém esperando o elevador. Foi correndo até a escada e passou pela porta corta-fogo, escancarando-a, resfolegante. Os degraus estavam vazios e silenciosos. Haviam sumido.

Xingando em voz alta, Jay deu meia-volta e foi ao quarto de novo. Entrou e bateu a porta. O barulho fez Tachyon se encolher. Jay apontou para ele, o braço tremendo de tensão.

— Espero que você perceba o que fez — disse, com amargura. — Acabou de soltar outro Ceifador nas ruas.

Tachyon o olhou por um longo tempo. Então, os olhos grandes e lilases se reviraram, expondo o branco, e o pequeno alienígena desmaiou.

— Ah, inferno — disse Jay. — O fim perfeito para a semana perfeita. — Lançou um olhar exausto a Hiram. — Vem, me ajuda a botar esse cuzão na cama.

22h00

Às vezes, Brennan achava que o dever parecia nunca terminar.

Ele e Jennifer haviam saído de Atlanta imediatamente. Pegaram a van de Brennan no estacionamento do aeroporto e foram até onde costumava ficar o Crystal Palace. Ele saiu e caminhou até as ruínas.

Estava escuro. Havia poucos pedestres nas ruas, e nada que os atraísse para lá agora que a dama de cristal estava morta, e o Crystal Palace, arrasado. O cheiro de queimado ainda pairava no ar, a maré de memórias ainda fluindo na mente. Ele se virou e ficou diante de uma das pilhas de entulhos que se encontravam no local desde o tumulto no Bairro dos Curingas. Esperou até ver olhos piscando dentro dela.

— Como estão vocês? — perguntou.

— Tristes. Nossa senhora se foi, e nosso lar queimou.

— Eu não queria que isso tivesse acontecido.

— Mas aconteceu — respondeu a voz em tom de acusação.

— Sim — disse Brennan —, aconteceu. Vocês têm para onde ir?

A cabecinha balançou, negando.

— Têm, sim — afirmou Brennan num sussurro.

23h00

Digger Downs digitava furiosamente num laptop, tão absorto que não notou quando Jay entrou no apartamento.

— Você se esqueceu de trancar a porta — anunciou Ackroyd em voz alta.

Alarmado, Digger tirou o olhar da tela e encarou Jay com uma expressão culpada. O repórter estava com mais de 1,20 metro, quase 1,30. Parecia uma criança brincando com um Pense Bem.

— Você — disse ele.

— Eu — admitiu Jay. — Você devia mesmo trancar a porta. Nunca se sabe quando alguém vai invadir e estragar todas as suas coisas. — Olhou atentamente ao redor. O apartamento de Digger estava exatamente do jeito que Mackie Messer o deixara.

— Você tem uma cara de pau dos infernos para aparecer por aqui — disse o repórter. — Eu podia ter morrido naquela porcaria de caixa de gato. Eles me mandaram para o *Alasca*!

— Alasca, Atlanta, ei, para o governo é tudo igual. — Jay sorriu. — Pelo menos você não teve que comer a comida do avião.

— Não tem graça! Eu deveria processar você — reclamou Digger. — Quando finalmente cheguei à Geórgia, estava tão grande que tiveram que cortar a porcaria da caixa para eu sair.

— Se servir de consolo, também não me diverti muito — disse Jay. Atravessou a sala, pisando cuidadosamente nos destroços. — Alguém já disse que você é um péssimo dono de casa?

Digger franziu o cenho.

— Não vou tocar em nada até o fotógrafo passar por aqui.

Jay suspirou.

— Eu tinha medo de que você dissesse isso. O que está escrevendo?

O repórter apertou depressa uma tecla, salvando o arquivo no qual vinha trabalhando, e fechou com força a tampa do laptop para que Jay não pudesse ver os nomes dos arquivos na tela.

— Não é da sua conta. Como soube que eu voltei para casa?

— Sou detetive, lembra? — Jay arranjou um espaço numa ponta do sofá e

se sentou. — Não vamos deixar as coisas mais difíceis do que precisamos. Eu só quero dar o fora daqui, ir para um hospital e passar um mês tomando uns analgésicos pesados.

— Quem está impedindo? Vai lá.

— Só depois de deixarmos uma coisa bem clara. Você não vai escrever nada sobre Gregg Hartmann.

Digger riu.

— "Não vou" porra nenhuma. Essa é a reportagem da minha vida. Vou escrever *tudo*… Síria, Berlim, Mackie Messer, o Crystal Palace, *tudo*… Vou enforcar o cara e olhar enquanto ele balança ao vento. Imaginei uma edição especial da *Ases* só desmascarando Hartmann. Ou talvez eu venda a matéria para o *Washington Post*, para mostrar umas coisinhas para aquela perua da Sara Morgenstern. — Deu um tapa no computador. — Quando a notícia sair, Greggie vai ter sorte se não for linchado.

— Que ótimo — disse Jay, cansado. — Então, quantos cartas selvagens vão ser linchados junto com ele? Já parou para pensar nisso?

— Não é problema meu. Sou jornalista, só isso. Só digo a verdade e deixo todas as peças se encaixarem.

— Pois é — disse Jay. — Engraçado, a verdade não era assim tão importante quando havia uma chance de essas peças serem partes do seu corpo. — Jay ergueu a mão antes que Downs pudesse interromper. — Só me escuta — pediu. — Já passei por essa conversa com Tachyon. Ele tinha razão: essa é uma história que nunca poderá ser contada. Existem motivos, Digger.

Enumerou todos eles. O repórter continuou imperturbável.

— Está me pedindo para ajudar a abafar um escândalo — disse, quando Jay terminou.

— Que ótimo. Você entendeu.

— Sem chance — respondeu Downs, com justa indignação. — Tenho ética. Além disso, e *eu*? Por que deveria deixar Hartmann escapar dessa? Ele tentou me *matar*! Pode esquecer, Ackroyd.

— Sei quem matou Crisálida — contou Jay. — Ele vai se entregar amanhã de manhã na delegacia do Bairro dos Curingas. Se você concordar em não expor Hartmann, pode ficar com essa história. Vou garantir que o assassino lhe dê uma confissão completa antes de falar com a polícia. — Jay já havia conversado com Hiram no voo para casa. Ele tinha concordado;

estava disposto a aceitar praticamente qualquer coisa que pudesse impedir mais derramamento de sangue. — É uma baita matéria — garantiu Jay. — Tem chantagem, drogas, sexo, morte, ases, curingas e tudo mais. Delícia. — Ele bem que sabia. Tinha ajudado Tachyon a refinar os detalhes. O que não havia era qualquer menção a Gregg Hartmann ou James Spector. Ti Malice era o vilão que bastava. — Você pode conseguir uma exclusiva — prometeu Jay. — Na verdade, que tal se eu combinar que o assassino vai se entregar a *você*, e você pode entregá-lo à polícia?

Por um momento, Digger pareceu tentado. Então, seu rosto infantil se franziu.

— Pareço burro ou o quê? O lance sobre Hartmann é manchete no país inteiro, convites para talk shows, livros. Mas que droga, com certeza um Pulitzer, talvez um Nobel. De jeito nenhum vou trocar isso por uma mixaria de assassinato no Bairro dos Curingas. Quero dizer, dá um tempo, *Crisálida*? Quem liga? É só mais uma curinga morta.

— Vai rolar um dinheiro para você — anunciou Jay.

Digger ficou indignado.

— Escuta aqui, não aceito suborno, entendeu? Pode ficar com a porcaria do seu dinheiro. O público americano tem o direito de saber a verdade.

Jay suspirou profundamente. Estava ficando sem munição.

— Tá bom — disse ele, levantando-se. — Faça do seu jeito. Depois que publicar sua bomba, o mundo vai ficar bem perigoso para os cartas selvagens. Mas, se você acha que aguenta, quem sou eu para discutir? — Foi em direção à porta.

— Eu? — respondeu Digger. — Por que eu teria que aguentar?

Jay se virou e o olhou.

— Você é um ás, né? — disse, em tom inocente. Tocou o lado do nariz com um dedo e ergueu a sobrancelha enfaticamente.

— Mas ninguém sabe disso — respondeu Digger.

Jay sorriu.

— Você não faria isso — disse o repórter, horrorizado. — Eu te contei isso confidencialmente, cara. Se alguém descobrisse, eu estaria na merda.

— Tem razão — concordou Jay, simpático. — Sabe, se dependesse de mim, eu deixaria quieto, mas… — Deu de ombros. — O público americano tem o direito de saber a verdade.

Já estava com a mão na maçaneta quando Digger gritou atrás dele:

— Ackroyd.
Jay olhou para trás.
— Sim?
Downs o observou, pensativo, e perguntou:
— Quanto dinheiro? — perguntou o repórter.

0h00

Pararam no Apple Rest, um restaurante 24 horas na Rota 17. Brennan saiu do carro e entrou.

— Preciso de dezessete cheeseburgers, doze cachorros-quentes tamanho-família com chili, três com mostarda e chucrute, 26 porções grandes de fritas, quinze Cocas, dez Seven-Ups e um café grande. Preto.

— Nossa, moço — disse o atendente —, o que tem na van? Um bando de bicho esfomeado ou coisa assim?

— Só uns amigos — respondeu Brennan, deixando o dinheiro no balcão.

Virou-se enquanto o atendente ia registrar o pedido e olhou para o estacionamento. A lua já quase desaparecera. À beira do horizonte, parecia uma caveira, sorrindo para Brennan. Não precisou de muita imaginação para acrescentar-lhe olhos do mais profundo azul e lábios vermelho-coral. Enquanto a lua se escondia no horizonte, ele sorriu para ela e disse, num sussurro:

— Adeus.

♣ ♦ ♠ ♥

QUER SABER MAIS SOBRE A LEYA?

Fique por dentro de nossos títulos, autores e lançamentos.

Curta a página da LeYa no Facebook, faça seu cadastro na aba *mailing* e tenha acesso a conteúdo exclusivo de nossos livros, capítulos antecipados, promoções e sorteios.

A LeYa também está presente em:

www.leya.com.br


facebook.com/leyabrasil


@leyabrasil


instagram.com/editoraleya


google.com/+LeYaBrasilSãoPaulo


skoob.com.br/leya

GEORGE R.R. MARTIN nasceu em 1948 em Nova Jersey e é formado em jornalismo pela NorthWestern University, em Chicago. Publicou sua primeira história de ficção científica, *The Hero*, em 1971, e logo se firmou como escritor de rara qualidade, ganhando três Hugos, dois Nebulas e o Prêmio Bram Stoker. Passou dez anos em Hollywood como roteirista e editor de histórias nos seriados de TV *The Twilight Zone* (no Brasil, *Além da Imaginação*) e *Beauty and the Beast* – neste último como roteirista e produtor. Depois, iniciou sua fantástica série "As Crônicas de Gelo e Fogo", que deu origem ao sucesso da HBO – *Game of Thrones*. A série conta até agora com os títulos *A guerra dos tronos, A fúria dos reis, A tormenta de espadas, O festim dos corvos* e *A dança dos dragões*, todos publicados pela LeYa. Outros livros do autor lançados pela LeYa são: *A morte da luz, A filosofia de Tyrion Lannister, O cavaleiro dos Sete Reinos, O dragão de gelo, Sonho febril*, a série "Wild Cards" e as graphic novels *O cavaleiro andante, A espada juramentada* e *A guerra dos tronos* (vol. I, II, III e IV).

Um assassinato no Bairro dos Curingas pode mudar drasticamente os rumos da disputa eleitoral norte-americana… Mas para que lado?

Editada e coescrita por George R.R. Martin, a série “Wild Cards” conta a história de um vírus alienígena que invadiu o planeta e dizimou grande parte da população. Os sobreviventes sofreram deformidades terríveis ou ganharam superpoderes – e ficaram conhecidos como curingas e ases, respectivamente. Mais de quarenta anos após a catástrofe, a sociedade americana continua enfrentando os desdobramentos dessa repentina mudança no curso de sua história. Quando surge pela primeira vez um candidato que traz a esperança de acabar com a marginalização dos curingas, um assassinato no Crystal Palace ameaça embaralhar de vez o cenário político. A vítima é um dos curingas mais importantes da região, e suspeitos não faltam. As investigações desse sangrento homicídio trazem à tona verdades até então desconhecidas e nos conduzem às vielas escuras do Bairro dos Curingas.

wildcards.leya.com.br



omelete.com.br

Índice

Capa Página
Página de Título
Direitos Autorais Página
Dedicação
SUMÁRIO
Nota do editor
Segunda-feira: 18 de julho de 1988
- 5h00
- 7h00
- 8h00
- 12h00
- 15h00
- 16h00
- 19h00
- 20h00
- 21h00
- 22h00
- 23h00

Terça-feira: 19 de julho de 1988
- 2h00
- 9h00
- 11h00
- 13h00
- 14h00

- 20h00
- 21h00
- 22h00
- 23h00

Quarta-feira: 20 de julho de 1988

- 5h00
- 6h00
- 9h00
- 11h00
- 12h00
- 13h00
- 14h00
- 19h00
- 21h00
- 22h00

Quinta-feira: 21 de julho de 1988

- 1h00
- 3h00
- 4h00
- 6h00
- 8h00
- 17h00
- 18h00
- 19h00
- 22h00
- 23h00

Sexta-feira: 22 de julho de 1988

- 6h00
- 9h00
- 10h00
- 11h00
- 12h00
- 13h00
- 15h00
- 16h00
- 18h00
- 19h00
- 20h00

Sábado: 23 de julho de 1988

- 8h00
- 9h00
- 10h00
- 11h00
- 13h00
- 16h00
- 18h00
- 20h00
- 21h00
- 22h00
- 23h00

Domingo: 24 de julho de 1988

- 3h00
- 11h00
- 12h00

- 14h00
- 15h00
- 16h00
- 17h00
- 21h00
- 22h00

Segunda-feira: 25 de julho de 1988

- 4h00
- 7h00
- 9h00
- 10h00
- 12h00
- 13h00
- 22h00
- 23h00
- 0h00